

ESTUDOS ETNOECOLÓGICOS DOS IMPACTOS NAS TIs
PARABUBU-CULUENE, AREÕES, PIMENTEL BARBOSA e
MARECHAL RONDON

POVO XAVANTE

VERSÃO FINAL

ABRIL DE 2013

Sumário

Índice de Quadros	6
Índice de Tabelas	6
APRESENTAÇÃO	8
1 Introdução: dzomõri, a territorialidade Xavante no Ró	38
2 O processo de fragmentação do território Xavante	58
2.1 Histórico e modalidades de Contato entre os Xavante	58
2.2 Limitando o território: as demarcações da FUNAI	69
Os processos de delimitação oficiais	72
3 O modo de vida <i>A'uwê</i> -Xavante: organização social e demografia	83
3.1 A caçada e a caça (<i>hômônu</i> e <i>abadzé</i>)	103
3.2 A pesca (o marã, os rios e os lagos).....	119
Estratégias de captura e tecnologias usadas	124
3.3 Homens e mulheres: as roças.....	130
3.4 As mulheres e a coleta: andar no Ró	131
3.5 O marã e a avifauna	143
3.6 A ictiofauna e o <i>Öwawe</i> (rio das Mortes).....	153
4 Caracterização ambiental das Terras Indígenas	180
4.1 Estado atual do Ró no interior das TIs Xavante aqui envolvidas	180
4.2 Estado atual do Ró no entorno das TIs e atividades modificadoras do ambiente	187
Principais pontos de vulnerabilidade das TIs aqui consideradas.....	195
Microbacias da Terra Indígena Areões.....	196
Microbacias da Terra Indígena Pimentel Barbosa.....	198
5 Uso dos recursos na área de influência do empreendimento e lugares de importância histórico-cosmológica.....	200
6 Cenários: o empreendimento, o desenvolvimento regional e os Xavante	215
6.1 O empreendimento e a indução de investimentos na infra-estrutura regional: prognóstico dos efeitos sobre as TIs Xavante.....	228
6.2 Passivos ambientais nas Terras Xavante: as estradas (BRs e MTs)	229
BRs 158 e 070	229
MTs	232
Processos de negociação e encaminhamentos atuais não-concluídos	233

7	Descrição, Caracterização e Avaliação dos Impactos.....	234
7.1	Métodos e Conceitos.....	234
7.2	Descrição dos Impactos	238
7.3	Avaliação dos Impactos Identificados	250
7.3.1	Expectativas dos Xavante sobre o Empreendimento e o setor de transportes.....	251
7.3.2	Perda de Fragmentos Florestais no entorno das TIs e pressão sobre os recursos naturais das TIs Xavante	253
7.3.3	Perda de áreas tradicionais relevantes para os Xavante e alteração da paisagem do Ró no trecho entre as TIs Pimentel Barbosa e Areõesatravessado pela EF 354	254
7.3.4	Perdas de áreas de uso atual de caça e coleta	256
7.3.5	Aumento do valor da terra e da especulação imobiliária e a conseqüente pressão sobre as áreas reivindicadas	256
7.3.6	Aumento do risco de acidentes com pessoas Xavante	257
7.3.7	Alteração na dinâmica de deslocamento da mastofauna terrestre	258
7.3.8	Alteração nas populações da mastofauna terrestre provocada pelo desmatamento direto na ADA ou indireto nas AID e AII	259
7.3.9	Alteração no padrão de circulação da fauna em função da modificação dos seus habitats.....	260
7.3.10	Risco de mortandade de peixes durante a realização de obras de arte em córregos que drenam as TIs Pimentel Barbosa e Areões e naqueles utilizados como locais de pesca dos Xavante habitantes destas TIs	260
7.3.11	Aumento da caça e pesca predatórias nas TIs Xavante em pontos de uso dos A'uwẽ em função do aumento populacional na região em função do empreendimento.	261
7.3.12	Riscos de acidentes com composições carregadas com produtos químicos e conseqüente contaminação dos corpos d'água que drenam as TIs	262
7.3.13	Atração de migrantes - aumento populacional nos núcleos urbanos localizados no entorno das TIs em função do aumento da oferta de empregos diretos e indiretos.	263
7.3.14	Incorporação de novas áreas ao “complexo soja” em função da redução dos custos de produção.	264
7.3.15	Aumento nos conflitos entre os Xavante e não índios	265
7.3.16	Áreas de bota-fora e de empréstimo.....	266
8	Análise da Viabilidade.....	267
	Bibliografia utilizada	277

Índice de Figuras

Figura 1: Divisão Culuene/Parabubu do ponto de vista <i>A'uwẽ</i> (nota-se que as áreas chamadas “Chão Preto” e “Öbawawe” estão englobadas na TI Culuene)	10
Figura 2: momentos da oficina preparatória com os pesquisadores indígenas.....	14
Figura 3: momentos da oficina preparatória com os pesquisadores indígenas.....	14
Figura 4 : momentos da oficina preparatória com os pesquisadores indígenas.....	15
Figura 5: reunião de apresentação na TI Areões, aldeia Tritópa	17
Figura 6: reunião de apresentação na TI Pimentel Barbosa, aldeia <i>Etẽhiritipá</i>	18
Figura 7: oficina com os anciãos para elaboração do “mapa falado”, aldeia Marei’a – TI Areões.....	21
Figura 8 : exercício de “mapa falado” na lousa.....	21
Figura 9: “mapa falado” na lousa da escola antes de passar para o papel	22
Figura 10: trilha acompanhada- TI Areões	23
Figura 11 : trilha acompanhada - TI Areões.....	24
Figura 12: Trilha acompanhada (Culuene).....	25
Figura 13 - cartograma com a área de estudo em relação a todas as terras Indígenas Xavante reconhecidas pelo Governo Brasileiro.....	32
Figura 14: O <i>Ró</i> , em desenho de João Lucas Owa’u (2006)	38
Figura 15: Percursos de <i>dzomõri</i> segundo croqui de Maybury-Lewis (op.cit.: 48).....	44
Figura 16: - Migrações Xavante no século XX (apud Gomide, op. cit.: 176).....	64
Figura 17: mapa com a área reservada para os Xavante em 1950.....	67
Figura 18 : “Barreiro” localizado na fazenda Planalto (<i>Etẽwawe</i>) e local de caçada atual	109
Figura 19: Zoneamento do estudo da WWF na TI Pimentel Barbosa (Z1 é círculo mais interior e assim por.....	119
Figura 20: Esquema da pesca entre os Xavante: sazonalidade e regime hidrológico.....	128
Figura 21:Fluxograma - Demonstração das modalidades de pescaria Xavante e sua utilização.....	129
Figura 22: mulheres da aldeia Belém (TI Pimentel Barbosa) coletando cocô e palha de babaçu em local fora da área demarcada, a cerca de 900 metros do traçado da EF 354	132

Figura 23: Material florístico utilizado em sessão de cura (jul 2010)	136
Figura 24: <i>Dawede'wa</i> atuando, por escarificação, com suas plantas (jul 2010).....	136
Figura 25: Calendário “etnoecológico” Xavante.....	139
Figura 26: Desenhos das “formas” de peixes presentes nas pescarias nas TIs Xavante.	170
Figura 27: <i>Pedzató</i> (Anostomidae, piau) com nomes morfológicos na língua xavante (CC - cabeça; CP – comprimento padrão; CT – comprimento padrão; PD – região pré-dorsal). Desenho de Valdeir (pesquisador indígena, TI Sangradouro, aldeia Sangradouro).....	170
Figura 28: A cadeia trófica, segundo os índios mostra o fruto <i>Öpinire</i> como produtor primário e os seus respectivos consumidores nos ambientes aquáticos e terrestres.....	172
Figura 29: A cadeia trófica, segundo índios mostra o fruto <i>Uwai're</i> como produtor primário e os seus respectivos consumidores no ambiente terrestre.	172
Figura 30: Presença de pedaços de frutos e sementes no estômago de <i>Pe'adza'ratató</i> (Characídeo), no período seco.....	174
Figura 31: Peso do conteúdo estomacal	174
Figura 32: Modelo trófico preliminar, segundo os Xavante, com cinco níveis, tendo como consumidores primários espécies que utilizam frutos e sementes na suas dietas (frugívoras).....	175
Figura 33: Mapa dos recursos - TI Areões	180
Figura 34:- <i>Bururã</i> no <i>Ape</i> , entorno da TI Areões – julho de 2011.....	182
Figura 35: Mapa dos recursos - TI Pimentel Barbosa	183
Figura 36– Mapa dos recursos - TI Parabubu.....	184
Figura 37: Mapa dos Recursos da TI Culuene (englobando Chão Preto e Ubawawe).....	185
Figura 38: Mapa recursos da TI Marechal Rondon.....	186
Figura 39: Mapa das TIs e as áreas de soja no Mato Grosso (2007).....	195
Figura 40: Coleta de babaçu (palha, palmito e côco) na área citada	201
Figura 41: Aspecto da coleta de babaçu (palha, palmito e côco) na área citada.	201
Figura 42: Território Xavante em 1984.....	223
Figura 43: Território Xavante em 2011.....	224
Figura 44 - Rede de Impactos.....	246

Índice de Quadros

Quadro 1: Relação dos Pesquisadores Indígenas	12
Quadro 2: imagens e suas respectivas datas de passagem utilizadas no georreferenciamento e interpretação, para esse estudo.	29
Quadro 3: : coordenadas de retângulo envolvente da área de estudo da vegetação.	31
Quadro 4: Equipe Técnica.....	37
Quadro 5: Dinâmica demográfica Xavante	84
Quadro 6: Dinâmica populacional por terra indígena no período entre 1977 a 2010.....	85
Quadro 7: Ciclo das classes de idade entre os "Xavante Ocidentais" e "Orientais"	86
Quadro 8: Tipos de modalidades de pesca, sua categoria, características e descrição utilizada pelos Xavante.....	126
Quadro 9: Nome de algumas plantas, uso e local do cerrado onde são encontradas (Fonte: Maria Lucia Gomide & Daniela Lima 2006).....	133
Quadro 10 : Calendário etnoecológico do povo Xavante e seus principais eventos naturais.....	140
Quadro 11: Calendário etnoecológico Xavante e alguns dos seus produtos da roça.....	141
Quadro 12: Calendário etnoecológico Xavante e alguns dos produtos de coleta, caça e pesca	142
Quadro 13: A avifauna segundo o EIA e os Xavante.....	149
Quadro 14: Valores referentes à riqueza de espécies em cada Área.	154
Quadro 15: – Ocorrência por Terra Indígena Xavante das 182 espécies registradas nos diferentes tipos de ambientes aquáticos com influência do rio das Mortes. (A - TI Areões e PM - TI Pimentel Barbosa).....	159
Quadro 16 – Impacto Identificados	247

Índice de Tabelas

Tabela 1– Número total de espécies por ordem e família da ictiofauna registrada nas áreas das Terras Indígenas Xavante e sua representatividade no período de julho a dezembro de 2010.....	155
Tabela 2– Distribuição do número de espécies por ordem e família dos registros dos peixes por Terra Indígena Xavante (A = Areões; PB = Pimentel Barbosa)	157
Tabela 3: - Uso da Terra na TI Areões (Fonte: Equipe CTI-Warã, 2011).....	181

Tabela 4: Uso da terra na TI Pimentel Barbosa (Fonte: Equipe CTI-Warã, 2011)	183
Tabela 5: Uso da terra na TI Parabubu	184
Tabela 6: Uso da terra na TI Culuene (Fonte: CTI-Warã, 2011).....	185
Tabela 7: Uso da terra na TI Marechal Rondon	186
Tabela 8:Aumento da área de soja plantada em hectares no Brasil – 2008 (FONTE: CONAB, fev. de 2008).....	192
Tabela 9:Aumento (%) da área plantada por estado em 1000 ha	192
Tabela 10: Aumento da área plantada - em hectares fevereiro e agosto de 2008.....	192
Tabela 11: Soja – Comparativo de área, produtividade e produção – Safras 2008/2009 e 2009/2010	193
Tabela 12: Soja: Estimativa de área Safra 09/10.....	194
Tabela 13: Área plantada com soja no Mato Grosso.....	220
Tabela 14: Uso do solo no período 2005-2011 (marco-zero: 1984).....	221

APRESENTAÇÃO

O Componente Indígena do processo de Licenciamento da Estrada de Ferro 354 ou Ferrovia de Integração do Centro-Oeste (FICO) teve dois momentos distintos: em um primeiro momento, a VALEC, empresa estatal proponente do projeto, indicou um traçado que cortava um conjunto de Terras Indígenas; posteriormente, ante o alerta da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) sobre os problemas jurídicos que o traçado proposto poderia acarretar, a VALEC alterou-o indicando um novo, com os devidos desvios das Terras Indígenas. Em seis de agosto de dois mil e dez, a VALEC, por meio do Ofício nº 0930/2010/SUAMB, remeteu a nova proposta de traçado para a FUNAI que, analisando-o, emitiu o Termo de Referência Complementar (TRC – ANEXO 2) encaminhado ao IBAMA em 29 de outubro de 2010 (Ofício nº 824/2010/DPDS-FUNAI-MJ). Este Termo de Referência pautou os Estudos Etnoecológicos do Componente Indígena do EIA-RIMA do empreendimento EF 354. As distâncias do traçado proposto para o empreendimento e as Terras Indígenas Xavante são apresentadas no MAPA 01 do Caderno de Mapas (Anexo 3).

O Plano de Trabalho apresentado pelo CTI à VALEC foi aprovado pela FUNAI e informado ao empreendedor no supracitado ofício nº 824/2010. Os Estudos aqui apresentados contemplam, segundo o Plano de Trabalho, o Diagnóstico Socioambiental das Terras Indígenas *Pimentel Barbosa, Areões, Marechal Rondon, Parabubure, Chão Preto e Obawawe* e aquelas em processo de identificação (*Hu'uhi, I'soupa e Norōsurã*) – e englobam o ponto 5.1 e seus subitens do TRC da FUNAI (páginas 3 a 7), incluindo a análise de viabilidade do empreendimento em vista dos prognósticos e impactos aqui descritos.

Um primeiro ponto metodológico faz-se necessário apontar desde logo: as Terras Indígenas (TIs) chamadas no TR-FUNAI de “*complexo Parabubure*” não correspondem à realidade factual que os Xavante indicaram durante a pesquisa de campo. O que enfatizaram – e que solicitaram que assim fosse feito nestes Estudos – é a separação entre as Terras Indígenas *Parabubu* (“Parabubure” é o nome de uma das aldeias desta TI) e *Culuene*. Por razões que se mostrará adiante (Capítulo II), durante o processo de regularização fundiária

das TIs *Couto de Magalhães* e *Culuene* (eram assim denominadas até o final dos anos 1970) a FUNAI resolveu englobar estas duas áreas em uma mesma denominação: Terra Indígena *Parabubure*. As lideranças Xavante não seguem hoje tal procedimento – e tampouco as bases locais da FUNAI, pois as Coordenações Técnicas Locais (CTLs) do órgão estão divididas entre aquelas que atendem *Culuene* e outra para *Parabubu*. Ao longo destes Estudos optou-se por seguir a realidade local: a TI *Culuene* possui um marco divisor claro para os Xavante de ambas as regiões e que a separa da TI *Parabubu* (ou *Couto de Magalhães*, como os anciãos ainda a designam), conforme descrito na Figura 1 abaixo. Da mesma forma, as áreas de uso e reivindicadas de *I'soupá* e *Norōsurã* são áreas ligadas a TI *Parabubu* enquanto *Hu'uhi* é uma área de uso e reivindicada pelos Xavante de *Culuene*. Como se verá adiante, tais considerações tem suas bases de fundamentação na etnohistória Xavante, no uso atual das áreas reivindicadas e no contexto político das linhagens fundadoras xavante daqueles territórios e, portanto, a reclassificação aqui considerada é relevante para a descrição da territorialidade Xavante que se fará ao longo destes Estudos.

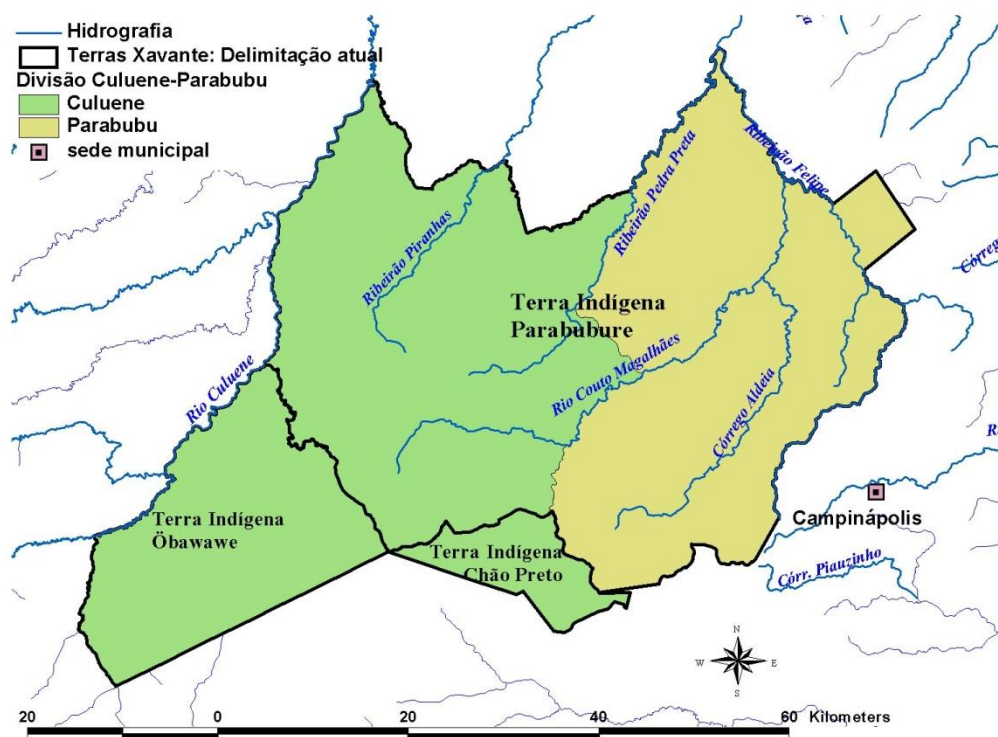


Figura 1: Divisão Culuene/Parabubu do ponto de vista A'uwẽ (nota-se que as áreas chamadas “Chão Preto” e “Ôbawawe” estão englobadas na TI Culuene)

Considera-se nestes Estudos as cinco Terras Indígenas Xavante regularizadas de *Pimentel Barbosa, Areões, Parabubu, Culuene e Marechal Rondon* como estando na área de influência *direta* do empreendimento EF 354; e as outras três TIs regularizadas (*Marãiwatsede, São Marcos e Sangradouro-Volta Grande*) como situadas na área de influência *indireta* – e dar-se-á as razões para tanto no Capítulo VI – apesar de não estarem consideradas no TR-FUNAI. A base conceitual e metodológica para as definições acima das chamadas “áreas de influência” serão explicitadas ao longo deste trabalho, mas antecipadamente se observa que não se aplicam *exclusivamente* às distâncias físicas do traçado proposto para o empreendimento com relação aos limites da TIs regularizadas e admitidos pelo Governo Federal. Dizem respeito, sobretudo: 1) ao modo de ocupação, atual e histórico, pelos Xavante de um território que ultrapassa os limites administrativamente

regularizados; 2) ao conceito de “ impacto global” que utilizar-se-á nestes Estudos para demonstrar que a interação entre a EF 354 e as atuais estradas de rodagem que cortam/margeiam/envolvem o território Xavante como um todo produzirão impactos em cadeia sobre este território. Em outros termos: uma Terra Indígena pode estar mais distante do traçado do futuro empreendimento, porém o uso, atual e futuro, das estradas de rodagem que interagirão com a EF 354 (movimento de carga, condições de tráfego, projetos de asfaltamento e ampliação do leito etc. combinado com projeções de aumento do tráfego que será induzido pela ferrovia) colocam esta TI como mais riscos de impactos do que outra, mesmo que mais próxima do traçado.

Apesar de não ter sido ressaltado no EIA-RIMA, no capítulo dedicado à *Análise Integrada* (Capítulo 6), o projeto da ferrovia com seu “porto seco” ou polo intermodal, projetado para poucos quilômetros da sede do município de Água Boa (um dos “centros” do território Xavante), certamente induzirá um aumento do tráfego de caminhões de transporte de cargas (principalmente grãos e insumos – tais como calcário e agrotóxicos) nas rodovias que levam a este ponto de operação de cargas. E tais rodovias (as BRs 070 e 158 e as projetadas BR 242 e BR 251; as MTs 020, 448, 110, 240, 129 e 414), se verá, percorrem trechos de municípios mato-grossenses onde as culturas de grãos (milho e soja, sobretudo) são o pólo dinâmico das suas economias. Parece, portanto, um prognóstico certo que estas rodovias receberão um considerável incremento no seu tráfego atual. E tais rodovias, como se demonstrará, possuem passivos ambientais sérios para com o povo Xavante.

Isto posto far-se-á uma breve consideração sobre a metodologia empregada nos trabalhos de campo. Um primeiro ponto a ser ressaltado diz respeito à questão, fundamental, da participação indígena nos trabalhos ora apresentados.

Nestes Estudos é apresentada, ainda que sumariamente, a concepção Xavante sobre o que chamamos “ambiente” e como esta concepção caracteriza e avalia os impactos dos empreendimentos no entorno do seu mundo. É uma tentativa de compor um *relatório antropológico* na estrita acepção do termo. Para tanto se adotou a metodologia da “observação participante” consagrada na ciência antropológica desde os estudos pioneiros

de B. Malinowisk na década de 1930¹. E esta participação foi além de se ter o indígena como “informante” (termo clássico na pesquisa antropológica) ao colocar-se um número de pessoas xavante, escolhidos pela Associação *Warã*, como “auxiliares de pesquisa” ou “pesquisadores indígenas” como se autodenominam. Estes pesquisadores auxiliares foram responsáveis pelos trabalhos de tradução *in loco*, pelo auxílio na elaboração dos “mapas falados” (ou “mentais” como preferem outros) e ainda no preenchimento do questionário-base para o levantamento socioeconômico.

A primeira atividade em campo foi justamente reunir os pesquisadores indicados (Quadro 1) para uma oficina de treinamento – acontecida na aldeia Caçula, TI Pimentel Barbosa, durante o período de oito a quatorze de julho (2011). Este treinamento consistiu em aulas didáticas plenárias sobre os passos de um processo de licenciamento ambiental (legislação e temas correlatos), na análise detalhada do Termo de Referência Complementar da FUNAI e na elaboração/discussão da aplicação do questionário socioeconômico. Estas aulas foram ministradas pela equipe do CTI com tradução dos membros da Associação *Warã* presentes na aldeia Caçula. Afora estas aulas plenárias, os pesquisadores foram separados em grupos (por Terra Indígena) cada qual com um pesquisador do CTI e da Associação *Warã* para sedimentar os passos da pesquisa e o papel dos pesquisadores indígenas na terra indígena a qual pertenciam e moravam.

Quadro 1: Relação dos Pesquisadores Indígenas

NOME	ALDEIA	TERRA INDÍGENA
Florestino Tsawa'ade	Sto Antonio	Parabubu
Josias Tsõrõ'roda	S. Mateus	Parabubu
João Bosco Tsirowowê	Natal	Parabubu

¹ Mais do que uma técnica de coleta de dados, a observação participante traduz-se pelo esforço realizado pelo observador (o “cientista”) em colocar-se no lugar do observado (o “nativo” na linguagem de Malinowisk). Esta técnica foi nos últimos anos criticada e, ao mesmo tempo, refinada, indo além da sua proposta inicial: colocar-se no lugar do nativo não basta para a apreensão isenta do universo cultural porque a tradução que realiza deste universo pode ser contaminada pela perspectiva do cientista. A verdadeira prova seria o próprio discurso nativo sobre esta tradução, sua validação necessária.

Márcio Teihidzatsé	S. Domingos Sávio	Parabubu
Ciro José Sahairo	Semente Viva	Culuene
Azevedo Tserebutó	Jacú	Culuene
Martírio Tsereitsé	Cohab	Culuene
Joelino Tsereá	Betânia	Mal. Rondon
Bonifácio Ubnatsewawetsé	Novo Progresso	Mal. Rondon
Leomar Idzawipetsewa	Uirapuru	Mal. Rondon
Leonde Tsõrõ'rada	Caçula	P. Barbosa
Wanderson Tsereu'dzé	Etênhiritipá	P. Barbosa
Reinaldo Tsenhorí	Etênhiritipá	P. Barbosa
Cacau Buruwê	Wederã	P. Barbosa
Robertinho Wawe'ru	Piqui	Areões
Magno Pari'wara	Campo Alegre	Areões
Reinaldo Tsimu'do	Tangará	Areões
Fábio Aptsiré	Campo Alegre	Areões



Figura 2: momentos da oficina preparatória com os pesquisadores indígenas



Figura 3: momentos da oficina preparatória com os pesquisadores indígenas



Figura 4 : momentos da oficina preparatória com os pesquisadores indígenas

Depois da oficina os pesquisadores indígenas foram orientados a: 1) preparar a reunião com os caciques e lideranças da sua Terra Indígena para a reunião de apresentação da equipe do CTI-Warã e do empreendimento; 2) identificar e preparar a reunião com os anciãos para a elaboração do “mapa falado” e 3) identificar os principais caçadores nas Terras Indígenas e entregar para a coordenação da Associação Warã as condições de logística para o levantamento socioeconômico. Esta última tarefa exigiu muito esforço porque nas TIs Parabubu e Culuene o número de aldeias é significativo (55 na primeira e 73 na segunda) – e levantamento deve ser feito casa a casa, aldeia por aldeia. Para cada equipe de pesquisadores indígenas foi entregue um gravador digital e material de escritório para a feitura do “mapa falado” e dois cadernos capa-dura e papel sulfite para o levantamento socioeconômico.

Na seqüência da oficina, como a equipe do CTI-Warã já se encontrava na TI Pimentel Barbosa, foi iniciado os levantamentos naquela TI, com a equipe se estabelecendo na aldeia Belém, onde permaneceu por oito dias. Depois mais seis dias em Areões e depois rumou para Marechal Rondon (seis dias). Findo o campo nesta TI, a equipe se estabeleceu em Campinópolis para os trabalhos nas TIs Parabubu e Culuene, período que tomou 18 dias da equipe. Após este campo, partiu-se para a vila de São José do Couto com os anciãos de

Culuene e Parabubu para visitas a antigos acampamentos e aldeias e ao mesmo tempo, para verificarmos as estradas de rodagem. A equipe chegou a Cuiabá no dia 07 de julho (para pegar a caminhonete ali locada) e a devolveu em 25 de agosto. Nesse período a equipe rodou com este veículo perto de 13 mil quilômetros, afora o rodado por outra caminhonete fretada utilizada na oficina na aldeia Caçula e na etapa final, em Campinápolis e São José do Couto.

Neste período de campo a equipe do CTI-*Warã* iniciava a pesquisa com uma reunião, terra indígena por terra indígena, com os caciques e lideranças em uma aldeia escolhida de comum acordo com os CTLs da FUNAI, *Warã* e lideranças locais. A dinâmica destes encontros consistiu na apresentação da equipe de pesquisadores, *waradzu* e *a'uwẽ*, do empreendimento, do caráter e o processo/etapas da pesquisa e em que etapa se encontra o processo de licenciamento, ressaltando o fato do relatório a ser redigido pela equipe CTI-*Warã* ser submetido a estas mesmas plenárias de caciques, terra indígena por terra indígena, antes da sua entrega à FUNAI, para seus comentários, observações e validação do conteúdo. Esclarecemos o papel da empresa STE na elaboração do EIA-RIMA, do IBAMA enquanto órgão licenciador e da FUNAI para então abrir-se a discussão para os caciques presentes se manifestarem. Estes encontros foram coordenados pelos pesquisadores indígenas das Terras Indígenas a qual pertenciam com contribuição dos membros e representantes da Associação *Warã*. Tais encontros iniciais ocorreram na aldeia *Etênheritipa* (TI Pimentel Barbosa, em 16 de julho); na aldeia *Tritópa* (TI Areões, em 23 de julho); na aldeia Batovi (TI Marechal Rondon, em 04 de agosto); na aldeia Campinas (TI Culuene, em 12 de agosto) e por fim na aldeia São Pedro (TI Parabubu, em 13 de agosto). Circularam listas de presenças nestes encontros e que se encontram anexas a este relatório.



Figura 5: reunião de apresentação na TI Areões, aldeia Tritópá



Figura 6: reunião de apresentação na TI Pimentel Barbosa, aldeia *Etênheritipá*

A metodologia da pesquisa consistiu em entrevistas semi-estruturadas com lideranças e com *i' hi* (anciãos) e em “trilhas acompanhadas” com estes mesmos *ihi* para o mapeamento do território a partir de reunião prévia, terra-a-terra, realizadas com lideranças e anciãos para a elaboração do “mapa falado” – este mapa servindo então como roteiro para as trilhas acompanhadas que se fizeram na sequência. Em geral estas reuniões com os *ihi* duraram um ou dois dias. Havia um pesquisador indígena por TI para acompanhar e traduzir e coordenar estas reuniões e outro para identificar e acompanhar as expedições com os caçadores, por TI.

O percurso metodológico nas aldeias

Para delimitar uma amostra representativa do conhecimento etnoecológico local dos ambientes terrestres e aquáticos e que pudesse ser analisada quantitativa e qualitativamente, investiu-se nos relatos dos pesquisadores indígenas, lideranças e colaboradores indígenas indicados nas próprias aldeias e suas respectivas TIs.

Em cada comunidade buscou-se identificar indivíduos a partir dos seguintes critérios: 1) integrantes mais velhos que ainda realizam atividade de caça e pesca e 2) integrantes em plena atividade de uso dos recursos naturais. Desta maneira, estas classificações foram determinadas não pela idade, mas pela experiência e pelo reconhecimento dos próprios integrantes das comunidades.

Para a realização das entrevistas em cada comunidade utilizou-se a técnica conhecida como “cadeia de informantes”. Este método não probabilístico consistiu no contato inicial com um “indígena consultor” indicado previamente; após a entrevista, solicitou-se que cada participante indicasse outros indígenas residentes em sua aldeia e classificados por ele mesmo segundo as categorias propostas na pesquisa. Esse processo foi repetido sucessivamente até a obtenção das informações desejadas, em cada aldeia. Na oficina realizada em julho de 2011 na aldeia Caçula (TI Pimentel Barbosa), a metodologia

“bola de neve“ surgiu nas atividades dos grupos temáticos orientados pelos pesquisadores do CTI.

Devido à convivência dos pesquisadores indígenas nas diferentes aldeias, optou-se pela entrevista semi-estruturada guiada por um roteiro de entrevistas, evidenciando expectativas (positivas e negativas) do empreendimento (ferrovia), o mapeamento *in loco* do território ocupado/utilizado anterior ao contato permanente com o *waradzu* (não-índio), o atual conhecimento e utilização de recursos naturais existentes nas Terras Indígenas Xavante englobadas no TRC-FUNAI e suas adjacências, assim como a dinâmica destes conhecimentos e usos ao longo dos anos, fornecendo uma idéia clara e concreta do conhecimento e uso do território Xavante, passado e atual. Para tanto, o roteiro de entrevista foi permeado de perguntas referentes ao presente e ao passado dos entrevistados, sem um período pré-definido entre o atual e o antigo, o qual foi delimitado pelos próprios “pesquisadores indígenas” e entrevistados, na medida em que eles mesmos se indicavam, tendo como parâmetro o tempo de atividade e moradia no local.

Os roteiros destas entrevistas foram divididos em quatro partes. A primeira delas (1) referiu-se ao perfil sociocultural do entrevistado como identificação (nome, idade, Terra Indígena, aldeia, número de filhos) e infraestrutura existente na aldeia; a segunda parte (2) fez menção à atividade que pratica relacionada à agricultura e ao extrativismo (roça, coleta, criação de animais, caça, pesca, dentre outras); a terceira (3) evidenciou atividades relacionadas a projetos e fonte de renda e a quarta (4) percepção dos indígenas sobre o empreendimento.

Durante a aplicação das entrevistas, mais de uma vez ocorreu “a inversão de jogo”, quando, motivado pelas perguntas a seu respeito, o próprio informante passa a interrogar o pesquisador, em alguns momentos das reuniões foi interessante algumas exposições dos indígenas, tanto nas aldeias e excursões de campo, como no momento do *warã*, o pátio central público das aldeias xavante. Os questionamentos estavam voltados para os motivos da pesquisa, quem iria participar, até mesmo de cunho pessoal, tais como nossa profissão, onde morávamos e que “parentes” já tínhamos visitado, etc.

Os dados foram analisados pelo modelo de união de diversas competências individuais, no qual todas as informações obtidas nas entrevistas são consideradas. Este método tem sido uma tendência em trabalhos científicos com populações indígenas, no Brasil ou alhures.

O mapeamento das áreas de uso dos recursos naturais

Com o objetivo de documentar os recursos naturais conhecidos e utilizados em cada uma das Terras Indígenas pesquisadas e em suas adjacências, além de entrevistas e observação participante, foram elaborados Mapas de Recursos Naturais, a partir da metodologia de etnomapeamento que consisti em pedir que alguns membros da comunidade representassem graficamente os espaços que ocupavam e os recursos naturais que a envolviam.

Isto permitiu que os indígenas representassem como vêem o ecossistema onde estão inseridos como um todo, apresentando os recursos de fauna e flora disponíveis, por eles conhecidos e utilizados, assim como as localidades que são suas referências de caça/pesca ou de outros tipos de extrativismo. Conforme a possibilidade logística utilizou-se também incursões em campo – com o objetivo de observar as áreas, locais e práticas de uso dos recursos naturais, declaradas na construção dos mapas falado e ter idéia da situação destas áreas, tanto as localizadas próximas como aquelas mais distantes das próprias aldeias ou fora dos limites demarcados pela FUNAI.

Os mapas foram graficamente representados em papel apropriado, e serão posteriormente digitalizados e representados esquematicamente. Nesta reprodução, em ARC-GIS, buscar-se-á a fidelidade às informações e não ao desenho em si, tornando-se uma releitura do mapa representado pelos *ihí* e lideranças xavante, pois as informações obedecem ao conteúdo e localização dos recursos no mapa, mas não à mesma disposição no espaço por uma questão, óbvia, de escala.



Figura 7: oficina com os anciãos para elaboração do “mapa falado”, aldeia Marei’a – TI Areões



Figura 8 : exercício de “mapa falado” na lousa



Figura 10: trilha acompanhada- TI Areões



Figura 11 : trilha acompanhada - TI Areões



Figura 12: Trilha acompanhada (Culuene)

Registra-se que a obtenção destes dados foi favorecida, de um lado, pelo envolvimento dos membros da Associação *Warã* junto às principais aldeias e lideranças das Terras Indígenas Xavante envolvidas. Por outro lado, estes Estudos muito devem às pesquisas levadas a cabo em anos recentes (2005, 2006, 2007 e 2008) nas TIs Xavante da bacia do rio das Mortes com o apoio, ou sob inspiração, da Associação Xavante *Warã*. Com financiamento da Petrobras, esta Associação desenvolveu um estudo sobre o rio das Mortes (2006/2007), que envolveu pesquisadores de confiança dos Xavante para um amplo mapeamento da bacia.² Muitos dos dados levantados naquela pesquisa pela geógrafa Maria Lúcia Gomide foram aqui utilizados, já que esta pesquisadora integra o corpo técnico que

² Projeto “Mobilização das comunidades indígenas e ribeirinhas : Gestão da Bacia do Rio das Mortes”

realiza estes Estudos. Além do projeto apoiado pela Petrobras, outros estudos sob a iniciativa da Associação Xavante *Warã* forneceram dados importantes para estes Estudos³.

Na oficina inaugural na aldeia Caçula os participantes foram esclarecidos quanto às suas obrigações. Foram estabelecidas as seguintes atividades para os pesquisadores indígenas:

- a. Realização de uma pesquisa socio-econômica em todas comunidades (aldeias e assentamentos), através de entrevistas com os pais de família de todas as residências de cada assentamento, bem como observação de informações complementares referentes ao assentamento, tais como número de residências, equipamentos públicos etc.
- b. Localizar, identificar habitantes que utilizam e fazem atividades de coleta, caça, pesca, caçadas rituais, fora dos limites atuais da terra indígena. Desenvolver com eles atividade de mapeamento de tais atividades, com referências de rio, estrada localização.
- c. Identificar anciãos conhecedores do passado de ocupação territorial A'uwe Xavante, as moradias históricas e outros sítios de importância tais como sepulturas, referências geográficas, pontos de acampamento e trajetórias de caçadas rituais (*hõmono*), e longas expedições (*dzomõri*). Com estes ficou combinada a realização de uma reunião de trabalho para realizar um mapa mental onde seria identificadas e representadas as localidades de interesse, bem como o registro de depoimentos sobre o modo de vida e o uso territorial do passado.

A equipe de pesquisadores *A'uwẽ* foi responsável por recepcionar e facilitar o contato durante a visita de estudos de campo da equipe técnica, em cada terra indígena. A realização das atividades contou com a colaboração desses pesquisadores. Em geral, a

³ Projeto “*Öwawe hã wahöimanadzé – Rio das Mortes é nossa vida*” (2005, com apoio da organização *Cultural Survival*)

escolha da aldeia para abrigar a equipe teve como critério principal a facilidade de acesso e deslocamento para as áreas mais próximas do traçado da EF 354, ou por ela potencialmente afetadas de maneira indireta, por exemplo, pelo fluxo de estradas de rodagens que levam aos terminais de carga (“porto seco” de Água Boa).

Foram realizadas reuniões com os anciãos identificados por saberem a história passada de ocupação das vizinhanças de cada terra indígena no passado. Nessa ocasião foi registrado o depoimento de cada um deles, e também foi registrado através de gravador digital todo o debate ocorrido na reunião, com o objetivo de checar a precisão das informações fornecidas. As informações do “mapa falado” ou “mapa mental” foram transpostas (plotadas) para a base cartográfica oficial do Brasil (apoiou-se na hidrografia em escala 1:100.000 existente para o Estado do Mato Grosso), verificando-se a correspondência entre as localidades, rios e acidentes geográficos com topônimos existentes na cartografia oficial e os topônimos *A'uwẽ*. Durante essa investigação, o debate livre, em língua Xavante, foi acompanhado de traduções por parte dos pesquisadores indígenas, para permitir o diálogo com a equipe técnica. A correta indicação em mapa abriu mão da qualidade da representação cartográfica precisa, mas manteve coerência e proporcionalidade nas formas. A prioridade era a indicação das referências conforme relatadas pelos anciãos, de forma a registrar seu conhecimento. Foi orientado apenas para relatar as trajetórias conforme ocorriam, de forma semelhante a como se ensina um caminho para um determinado destino. Os resultados auferidos nas oficinas com os anciãos auxiliaram na determinação dos locais a serem conferidos em campo. As várias localidades foram documentadas em fotos, com coordenadas geográficas conhecidas por sistema GPS.

Produziu-se desta forma um banco de dados com os topônimos correspondentes de hidrografia oficial e Xavante. Para avaliação dos dados coletados, foi observada a ocorrência de pontos utilizados no passado, o conhecimento geográfico sobre essas regiões e seu uso atual.

Foram também detalhadas, junto aos informantes, características específicas dos ecossistemas de cada localidade, geralmente associadas aos topônimos e designações

comuns. Dentro do bioma cerrado há uma variação considerável de vegetação, cujas nuances são captadas pelo conhecimento ecossistêmico do povo Xavante e expresso nas denominações das localidades. O mapeamento resultante foi conferido segundo as compartimentações fisiográficas existentes, tais como a geomorfologia, a pedologia, as bacias hidrográficas (O território *A'uwẽ* localiza-se nas bacias do Araguaia e do Xingu), em busca de lógicas específicas nas distribuições encontradas.

As informações sobre as localidades foram acompanhadas por um minucioso levantamento temporal da situação da paisagem e sua evolução desde que há documentação por imagens de satélite e outros meios de abordagem e interpretação remota da paisagem.

Análise e interpretação de imagens de satélite: evolução da paisagem desde 1984.

As imagens Landsat 5 estão disponíveis para a região desde 1984, pouco depois do seu lançamento, e permitem uma abordagem temporal da paisagem dessa região, sobretudo da cobertura vegetal. Considerando que as principais utilizações dos Xavante referem-se à cobertura vegetal natural, importa saber: 1) qual é a cobertura original de cada terreno, 2) quais locais houve alteração dessa cobertura, por mudança de uso do solo, e há quanto tempo.

As interpretações das imagens de satélite foram realizadas segundo sistemas visuais e semi-automáticos, observando-se os padrões de vegetação encontrados na imagem e sua conferência em campo pôde ser melhor calibrada pelo registro fotográfico das localidades, todas com coordenadas conhecidas por GPS.

Utilizou-se, para marco inicial, o trabalho de MMA-SIPAM, que fez uma revisão da situação da vegetação na Amazônia, disponibilizando-a em tema, com legenda mista, composta de variadas formações encontradas, por polígono. O ano de referência foi 2005. Foi realizada então a interpretação visual de imagens para os anos de 1984-5 e 2010-11.

Quadro 2: imagens e suas respectivas datas de passagem utilizadas no georreferenciamento e interpretação, para esse estudo.

	órb	pto	1984-5	2010-11	
Landsat 5 TM	224	68	19840702	20100726	
Landsat 5 TM	224	69	19840702	20100726	2011-424
Landsat 5 TM	224	70	19840718	20100624	20110526
Landsat 5 TM	224	71	19840718		20110501
Landsat 5 TM	225	69	19840709	20100615	20110501
Landsat 5 TM	225	70	19840709	20100615	20110501
Landsat 5 TM	225	71	19840709		

Foram também georreferenciadas e utilizadas para consulta imagens dos anos 1997, e os mosaicos Landsat/Geocover (zulu.ssc.nasa.gov/mrsid/) de 1990 e de 2000, de modo a compor uma maior convergência de evidências, conferindo maior certeza na identificação das coberturas e suas mudanças. Para obter melhor noção da cobertura original, limites de cerrado e floresta, frequência de queimadas, foram utilizadas imagens do landsat MSS, 1,2 e 3, para os anos de 1973, 1975 e 1978.

O refinamento de características específicas das vegetações, não detectáveis nas imagens, foi indicado conforme a existência de registros fotográficos a partir das referências apontadas pelos informantes; não houve preocupação em delimitar precisamente a extensão das ocorrências (implicando em “vazios de interpretação” no mapa, por falta de informação), mas foram indicados polígonos estimados em função das ocorrências observadas.

Adotou-se a seguinte legenda:

Sistemas antropizados:

Agricultura: inclui agricultura mecanizada,

Agropecuária: inclui pequenas formas de agricultura artesanais, pequenas e grandes criações pecuárias

Área urbana: inclui arruamentos, construções, galpões, quintais, terrenos, loteamentos, áreas adensadas em geral

Sistemas naturais não savânicos

Floresta: floresta amazônica de terra firme, florestas ripárias em sistemas amazônicos

Floresta de transição: florestas dentro do bioma cerrado, sistemas de transição como florestas de palmeiras, matas “secas”, outras formações arbóreas ciliares e de encosta

Floresta/tensão: áreas de tensão florestal onde é difícil definir os limites entre áreas florestais típicas de outras formações arbóreas. Florestas transicionais do Xingu

Influência aquática: áreas sob influência aquática, vegetação pioneira de terrenos sedimentares, alagáveis etc.

Vegetação natural savânica

Savana arbórea c/mata ciliar: são savanas arbóreas, com densidades variando de cerrado “Strictu sensu” a campos cerrados, com matas ciliares. Inclui formação de campos de murunduns densos, e formações planálticas com tal fisionomia.

Savana arbórea s/mata ciliar: savanas arbóreas sem mata ciliar ocorrem principalmente em sistemas dissecados, de encosta, com relevo mais movimentado que as formações com mata ciliar.

Savana Densa: equivalente ao cerradão, permitindo fisionomias de cerrado “strictu sensu”, são comuns em topos de chapada, em sistemas de afinteatro como ampliações de vegetações ciliares em terrenos sedimentares e outros casos de adensamento florestal com composição de espécies típicas do cerrado

Savana Graminosa: inclui sistemas campestres naturais savânicos, de planalto.

Savana Parque c/mata ciliar: sistemas abertos com densidade arbórea intermediária, que podem incluir os campos cerrados em situação de “campos de murunduns”, de áreas sedimentares quase alagáveis, onde a água sub-superficial sazonal é fator limitante do crescimento de vegetação mais densa. Nesses sistemas a proximidade com os rios permitem vegetação arbórea florestal; inclui também sistemas de planalto, de relevo dissecado a ondulado influenciados por estruturas cristalinas, com matas ciliares

Savana Parque s/mciliar: inclui sistemas abertos, sem mata ciliar ocorrentes em geral em planaltos e relevos ondulados, ou influenciados pelo cristalino.

Savanas: inclui áreas de difícil classificação nas categorias savânicas acima, tratadas como savanas indiferenciadas.

Massa de água: áreas permanente ou sazonalmente alagadas, corpos d'água em movimento de largura maior que 60m, corpos d'água parada, lagoas em geral

A área estudada para fins de vegetação e histórico de mudança na paisagem apresentou o seguinte retângulo envolvente, válidos apenas para o Estado do Mato Grosso:

Quadro 3: : coordenadas de retângulo envolvente da área de estudo da vegetação.

retângulo envolvente(gd.ddddddd):	retângulo envolvente(gd.ddddddd):	graus	min	seg
X1	-54.38452435	54°	23'	4"
Y1	-12.82536990	12°	49'	3"1
X2	-50.95451916	50°	57'	16"'''
Y2	-15.78947274	15°	47'	22"

O retângulo confere uma área de 12.064.954.6537 hectares, a descontar ainda a área do Estado de Goiás. Abaixo o quadro com as dimensões, em metros, da moldura da área de estudo.

Extensão X(m)	366153.054
Extensão Y(m)	329509.413

Sistema de informações geográficas

O sistema de informações geográficas foi integrado por informações cartográficas já existentes, tais como a hidrografia e o sistema viário na Escala 1:100.000, polígonos oficiais das delimitações de terras indígenas e outras áreas especiais, o delineamento do projeto de obra em tela e sua área de influência. Inclui-se as informações coletadas durante o trabalho de campo, o conhecimento biogeográfico dos Xavante sendo descrito pelos nomes dos acidentes geográficos e nos recursos usados entre outros atributos culturalmente significativos, os locais históricos relatados representados em temas lineares (caminhadas,

As informações dos ecossistemas, da distribuição atual da vegetação, foram cruzadas com os dados dos locais históricos, locais de uso atual, bem como os locais não utilizados por força dos ocupantes atuais. Tais informações foram coletadas no trabalho de campo.

Tabulações com as classificações de uso e cobertura do solo em 1984, 2005 e 2011 foram realizadas, para identificar que percentual da vegetação foi alterada em cada um desses intervalos de tempo. Percentuais foram aferidos, de forma a entender quais as principais vegetações naturais que perderam cobertura, e quais sistemas agrícolas, dentro da legenda apresentada foram responsáveis pelas alterações. Foram observados visualmente o quanto as alterações na paisagem interferiram nas áreas de ocupação históricas e atuais dos Xavante.

Check-list do Termo de Referência da FUNAI

O TR-FUNAI que embasam os presentes Estudos de Impacto da EF 354 (Trecho Uruaçu-Vilhena) sobre as Terras Indígenas Xavante definidas no citado documento tem como objetivo *“nortear os procedimentos a serem adotados na realização de Estudos de Complementação do Estudo de Impacto para o Licenciamento Ambiental da Ferrovia Uruaçu-Vilhena nas Terras Indígenas situadas na área de influência do empreendimento. A partir da análise dos impactos ambientais e sócio-culturais decorrentes do empreendimento, o estudo deverá avaliar a viabilidade do projeto considerando o Componente Indígena, subsidiando assim a manifestação da Funai ao órgão licenciador”* (p. 2 – ANEXO 1). Trata-se aqui de sumarizar os pontos deste Relatório que atendam o TR-FUNAI.

A *“sistematização do histórico do processo de licenciamento ambiental e caracterização do empreendimento”* (ponto 5.1 – I) está contemplada no início desta Apresentação, com a remissão ao Mapa 01 do Caderno de Mapas anexo, com as distâncias

das TIs Xavante regularizadas. Como as áreas com reivindicação não têm ainda suas delimitações oficializadas pela FUNAI, não se tem como avaliar as distâncias do traçado da EF 354, de modo que o Mapa 01 apenas as indica (como, destarte, o faz o mapa oficial do próprio órgão indigenista). O ponto b) do TR (*“análise e caracterização da relação dos índios com a área do empreendimento, descrevendo, se houver, as formas de uso do espaço e exploração dos recursos naturais”*) é descrito nos Capítulos 4 e 6.

O título II do TR (*“Dados Gerais”*) está contemplado, em todos os seus sub-itens, na Introdução e nos Capítulos 2, 3, 4, 5 e 6. E por fim, no que tange a este Relatório Final, o ponto 3) do título II está descrito no Capítulo 7 enquanto os pontos 4) e 5) (*“alternativas locacionais”* e *“análise da viabilidade”*) do mesmo título 5 está contemplado no Capítulo 8.

O Capítulo 7 destes Estudos contempla a caracterização dos impactos e cujo teor foi aprovado pelos caciques e lideranças Xavante das TIs envolvidas na apresentação, Terra Indígena por Terra Indígena, do Relatório Preliminar e realizada pela equipe CTI-Warã no período de 24 de Maio a 07 de Junho de 2012, conforme Atas e Relatório anexos.

A 2ª Etapa do TR da FUNAI, que contempla o PBA, somente poderia ser iniciada *“caso seja constatada a viabilidade do empreendimento, o relatório desta etapa deverá formular e apresentar diretrizes para a elaboração de projetos que subsidiem ações de mitigação e compensação”* (p 07, item 5.2 do TR-FUNAI). Como se verá no Capítulo 8, o empreendimento EF 354 foi considerado inviável por unanimidade pelas lideranças e caciques Xavante de forma que não se considerou nestes Estudos a mencionada 2ª Etapa do TR-FUNAI.

A Convenção 169 sobre os Povos Indígenas e Tribais enquanto pauta ético-metodológica destes Estudos

A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT foi ratificada pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº143 de 2002 – e, portanto tem força de lei. Basicamente este instrumento legal dá aos povos indígenas do país o direito de

consentirem ou não com o uso de parcelas do seu território para todo e quaisquer empreendimento que os afeta, independentemente destes empreendimentos estarem fisicamente fora das terras indígenas *formalmente reconhecidas* aqui consideradas.

O Art. 6º da Convenção 169 diz: “A melhoria das condições de vida e de trabalho e do nível de saúde e educação desses povos (indígenas e tribais), deverá, com sua participação e cooperação, ser prioritária nos planos de desenvolvimento econômico global das regiões que habitam (grifo nosso)”. O princípio de participação é elementar à aplicação de todo o texto da Convenção 169 e o Comitê de Peritos (CPACR) definiu que “(...) A consulta é o instrumento previsto pela Convenção para institucionalizar o diálogo, assegurar processos de desenvolvimento inclusivos e prevenir e resolver conflitos. A consulta, nos termos previstos na Convenção, pretende harmonizar interesses, às vezes contrapostos, mediante procedimentos adequados” (CEARC, nº169). E o artigo 15 da Convenção explicita que esta consulta deve se dar antes de que os governos estatais empreendam ou autorizem qualquer programa de prospecção ou exploração de recursos existentes no habitat dos povos indígenas.

O artigo 14º reza que a Convenção 169 se aplica sobre os espaços territoriais dos povos indígenas que compartilham com terceiros, e o artigo 15º que se aplica “(à) *totalidade do habitat das regiões que esses povos ocupam ou utilizam de alguma maneira*”. Os procedimentos de consulta previstos na Convenção 169 têm por finalidade chegar a um acordo ou lograr o consentimento; mas “*não é necessário, claro está, que um acordo logre ou obtenha consentimento*” (Informe do Comitê – doc. 16200MEX169B, in Figueroa, 2009: 43). E a consulta deve ser feita pelo Governo (artigo 7º) e é prévia, inclusive se dando na realização dos estudos de impacto ambiental (Figueroa, 2009: 36). “*Os povos indígenas têm o direito de participar em todos os níveis de tomada de decisão enquanto prevalecer a situação criada por decisões estatais tenham aqueles consentidos ou não com a medida proposta*” (Figueroa: 36).

“O resultado de um procedimento de consulta pode ser indicador do seu êxito, mas não da sua legitimidade (...). Ou seja, o processo de consulta não requer o consentimento como condição à sua legitimidade, mas quando um projeto afeta

direitos territoriais de forma substancial, então o consentimento faz-se necessário; não para prestar legitimidade ao processo de consulta, mas sim para legitimar a medida a ser tomada pelo governo” (op. cit: idem).

A Constituição Federal (CF), por outro lado, estabelece que os tratados internacionais têm força hierárquica infraconstitucional, equiparando-se à força da lei ordinária (Art. 102, III, b). E o artigo 5º (parágrafo 2º) determina que os direitos e garantias estabelecidos na CF *não excluem* aqueles estabelecidos em tratados internacionais que o Brasil seja parte. O Supremo Tribunal Federal, ao interpretar ambos os artigos, tem entendido que os tratados internacionais *que versam sobre direitos humanos* (e a Convenção 169 é um deles) têm hierarquia superior a lei ordinária. No tribunal, e sobre esse tema, ainda resta a definir duas linhas de argumentação, ambas baseadas na leitura da Emenda Constitucional 45/2004: uma que interpreta que a discussão sobre o *status* constitucional foi esvaziada pela Emenda e outra que entende que a Emenda equipara a força hierárquica dos tratados internacionais ratificados pelo Brasil àquela da Constituição.

A consequência da primeira interpretação é que, em caso de conflito entre a norma constitucional e a norma internacional, o texto constitucional não seria revogado, mas deixa de “*ter aplicabilidade diante do efeito paralisante destes tratados em relação à legislação infraconstitucional que disciplina a matéria*” (voto do ministro Gilmar Mendes); já a outra interpretação (Ministro Celso de Mello) atribui qualificação materialmente constitucional à normativa dos tratados internacionais que versam sobre direitos humanos. O STF não retomou ainda esta discussão, mas de toda forma e em qualquer caso, para o Tribunal a Convenção 169 possui *status* superior à lei ordinária já que versa sobre os direitos dos povos indígenas – e os direitos dos povos é, por definição, um direito *humano*.

Portanto, dada a explanação acima, o mecanismo de consulta prévia e informada foi adotada pela equipe destes Estudos como variável metodológica. É ética, pois, apesar do desconhecimento da lei não ser razão para sua aplicabilidade, como reza a norma, levar o conhecimento sobre a consulta prévia e informada aos Xavante *enquanto mecanismo previsto em lei e informá-los sobre seu poder legal de consentimento* é uma obrigação

moral. De forma que se espera que os Estudos aqui apresentados sejam entendidos pelos órgãos responsáveis (FUNAI, IBAMA) e empreendedor enquanto um *laudo*, na acepção jurídica do termo – e não como um mero apêndice ao EIA-RIMA da EF 354.

Quadro 4: Equipe Técnica

PROFISSIONAL	FUNÇÃO NO PROJETO	FORMAÇÃO
Gilberto Azanha	Coordenador da Equipe	Antropólogo
Fábio Braga Peixoto	Análise Paisagem/Cartografia	Eng. Agrônomo
Maurice Tomioka Nillson	Análise Paisagem/Cartografia	Geógrafo e Ecólogo
Hiparidi Top'tiro	Modo de Vida/Tradução	Cientista Social
Maria Lúcia Cereda Gomide	Especialista Xavante – Geografia	Geógrafa
Diogo Reggiani	Apoio cartografia e levantamento socioeconômico	Geógrafo
Marco Antonio Carvalho de Brito	Mastofauna	Biólogo

1 Introdução: dzomõri, a territorialidade Xavante no Ró

Antigamente o Ró era assim: havia a aldeia, envolta pela roça, envolta pelas frutas, envolta pela caça junto com os espíritos, envolta mais caça e mais caça sempre junto com os espíritos... (Adão Top'tiro).



Figura 14: O Ró, em desenho de João Lucas Owa'u (2006)

O conceito xavante de *Ró* – “cerrado/cosmos” – subsume um conjunto de definições que engloba o mundo espiritual, mítico, social e territorial do povo *A'uwẽ*-Xavante, contemplando seus rituais, atividades de caça/coleta e sua cosmologia.

“O cerrado não é apenas um tipo de ambiente ou biótopo em si. Ele é também um Cerrado Xavante, apropriado material e simbolicamente pelos Xavante que, através dessa interação, sobrevivem física e culturalmente. Há uma cultura Xavante sobre o Cerrado consolidada, recriada e transmitida através do conhecimento dos animais, seus nomes e classificações, observações detalhadas sobre seus rastros e comportamentos, seus usos e concepções rituais” (CARRARA, 1997:85, grifo nosso).

O conhecimento do *Ró* – as classificações das suas fitofisionomias, a interação entre estas e os seus animais, seus espíritos benfazejos ou maléficos, os mitos que explicam/justificam esta configuração – esse é (era) o “ambiente” *A’uwẽ*, seu cosmos. No andar no *Ró* define-se esse ambiente e as gerações mais novas dos *A’uwẽ* iam/vão conhecendo seu mundo, o cerrado. O andar no *Ró* é o *dzomõri*, a vida xavante propriamente dita. Sem *dzomõri* não é possível a vida plena para os *A’uwẽ*. O movimento pelo território, *dzomõri*, (chamado por alguns antropólogos de “semi-nomadismo”) é a forma de uso do espaço ou a **territorialidade** *a’uwẽ*.

De acordo com Lopes da Silva (1981), os Xavante tinham períodos de “semi-nomadismo”: ficavam nas suas aldeias poucos meses ao ano (na época da colheita das roças) e viviam, como observou a autora, “*com a casa nas costas*”: “percorriam o território, em grandes grupos nas expedições de caça e coleta a maior parte do ano (...) A própria aldeia não tinha uma localização definitiva (...) uma comunidade xavante ocupava um espaço durante alguns anos e depois mudava sua aldeia-base para terras novas, sem detritos acumulados e mais descansadas para o cultivo” (Lopes da Silva, *op. cit.*: 43).

O termo *dzomõri* foi explicado pelo professor xavante Lucas *Ruriõ* como um grande movimento, com duração de vários meses, mas que infelizmente já não existe na atualidade, devido ao tamanho insuficiente das Terras Indígenas que não comportam sua territorialidade: (...) “*esses valores não acontecem mais, esta só na memória, esta só na boca*”. Em seu depoimento, esclarece que o *dzomõri* tinha um período determinado para acontecer, após o cultivo da roça e enquanto as plantações se desenvolvem, a comunidade se dividia e partia em sua longa caminhada de caça e coleta nos cerrados:

“o termo *dzomõri*, quer dizer caçada longa, acontece em época certa, por exemplo, os homens, a comunidade que fizeram a roça. Enquanto a roça está parada, eles fazem, já combina para fazer caçada longa chamada *dzomõri*, antigamente, levava dois ou três meses, assim mesmo embora a distância de 100 a 150 quilômetros; eles mantinham contato com a aldeia. Então antigamente o *dzomõri* começava em fevereiro e voltava em maio, quando o feijão fava vinha amadurecer, também quando plantavam o milho, por exemplo, novembro, para colher em dezembro, janeiro, então

nesse intervalo, é que eles faziam, para quê? para caçar, descansar, porque fazer roça é desgaste, muito grande, força de vontade" (*Ruri'õ*, 2003, cf Gomide 2008: 379).

Ruri'õ explica que o *dzomõri* era um período de aprendizagem, onde homens, mulheres, adolescentes e crianças participavam; assim o conhecimento indígena sobre o cerrado, seu repertório geobotânico e espiritualidade eram transmitidos de geração em geração. Portanto, a transmissão dos saberes tradicionais era feita durante o *dzomõri*.

"É um critério que foi criado há muito tempo onde os meninos adolescentes, padrinhos aprendiam de tudo, era momento propício para se aprender tudo, como se caça, como se cozinha uma caça grande, caçar, assar, por exemplo, assar tatu é diferente de assar carne de veado, é outro jeito, como preparar o jirau para colocar as caças em cima para cozinhar. Então tudo isso as crianças, adolescentes, padrinhos aprendem de tudo, homens e mulheres que vão juntos. Nesse *dzomõri* as mulheres podem (ir) todo mundo vai quem quiser, tem sempre um líder que vai puxar, que vai comandar essa caçada longa, e também, nesse *dzomõri* se for mais de 10 a 15 adolescentes, tem ritual, próprio dos adolescentes. Também na caçada, quando retorna, eles que desperta a comunidade, eles desperta a comunidade com um pedacinho de carne, amarra com embiras, e vai correr para encontro do pátio da aldeia ... para dar um pouco do que eles conseguiram da caça. As mulheres ficam atento, são comunicadas ficam na expectativa elas já correm para tirar, tem que correr, e tirar de qualquer um, é só tirar e comer. Agora os demais, eles vêm por fim, porque é uma carga grande, cesto grande com peso, carregam (...) Mas é fundamental a presença dos velhos: é eles que vão parando os acampamento, eles que fazem orientação, escolhem o local onde eles discutem, como passou, onde passou, o que encontrou, se tinha pegadas de queixada. Toda noite tem reunião na beira do fogo, discute o cotidiano, chegando esses adolescentes, vão na casa dos solteiros, aí que fazem a dança como encerramento" (*idem*).

Outros depoimentos relembram o tempo em que ainda eram possíveis as andanças pelo território. "Antigamente era o tempo da liberdade", quando tomavam conta de seu território que se estendia até o rio Tapirapé, ao norte, o rio das Garças ao sul e o rio Xingu a oeste. Como demonstrado no depoimento do Xavante Paulo César à Iara Ferraz sobre a ocupação e uso dos recursos na região das matas de *Marãiwatsede*:

"Eles penetravam (...) para o lado do Xingu. Nessa floresta aí, eles penetravam a procura de inhame, mas como não dava para fazer deslocamento, fazer aldeia dentro era muito difícil porque não tinha palha para fazer casa, então eles acampavam com uma planta chamada *wesupó*,

igual de bananeira. ... não dava para fazer casa nessa mata, então por isso que os nosso bisavós os nossos pais mesmo saiam para o cerrado; (na mata) só procuravam a pesca, a caça, a fruta que é útil na alimentação. Não ficavam. As vezes acampavam um ano, três anos, depois saiam ... andávamos nessa mata todinha, até o rio Xingu, até lá no rio Tapirapé. (...) até no Culuene. Eles pegavam o território inteiro, andavam tudinho. Depois saía e recolhia para a aldeia chamada *Bo'u*" (*apud* Ferraz, 1992:46).

O depoimento feito pelo cacique Damião *Paridzané* põe em evidência que

(...) os antigos costumavam ir de *Wedeumo're* [aldeia próxima a ex-sede da Fazenda Suiá Missu] e de outras aldeias até o rio Xingu e afluentes. (...) *Wedeumo're* foi construída exatamente na região onde terminava o cerrado e começava abruptamente a mata da Serra do Roncador. (...) os Xavante eram acostumados a percorrer trilhas de longa distância, como a que ligava *Wedeumo're* passando em plena mata, a atual região da cidade de Cascalheira, habitada por outros grupos Xavante " (*idem, ib.*).

Portanto, nos tempos que ainda tinham o domínio sobre a totalidade do seu território, os Xavante tinham a possibilidade das longas caminhadas, que chegavam próximo aos rios Xingu e Tapirapé. Após estas perambulações voltavam às aldeias.

Na citação abaixo, do livro "Nossa Palavra" (1999), é enfatizado ao longo de toda a história *A'uwẽ* a condição do *dzomõri*, do movimento pelo território, a importância da coleta na alimentação diária realizada pelas mulheres e as caçadas pelos homens. Nestes depoimentos salienta-se toda a importância do *dzomõri* para a reprodução da cultura Xavante:

"Antigamente o povo *A'uwe* (...) vivia em *dzomõri*, andando sempre, percorrendo todo o território. Naquele tempo ainda não existiam muitas coisas e os dois *wapté* criadores foram povoando a terra, criando alimentos e animais ... O povo estava em *dzomõri*. O grupo de *wapté* seguia junto com as famílias. (...) Pela manhã as mulheres saíam com seus cestos. Voltaram carregadas de *norõ*! Depois de todos se alimentarem, seguiram em *dzomõri* (...)" (*Sereburã*, 1999: 39,40,43,44).

Maybury-Lewis – antropólogo que estudou os Xavante em uma época com pouca alteração no ritmo de vida tradicional, nos anos 1950/60 – explica a importância do *dzomõri* para a definição da territorialidade Xavante:

"Quatro dias depois de nossa mudança para a aldeia (no final de abril) a comunidade partiu em uma expedição de caça e coleta através da região da Serra do Roncador (...) viajei com eles durante todo o mês de maio e de junho (...) no dia sete de agosto a comunidade partiu novamente para uma expedição de caça e coleta (...)

antes que tivesse chegado a conhecer todos os habitantes da aldeia, a comunidade dividiu-se em três grupos e partiu numa expedição de caça e coleta. Viajei com um grupo, por aproximadamente cinco semanas" (1984: 35).

No período de sua pesquisa este autor, em diversas ocasiões, constatava que em muitas aldeias todos seus habitantes estavam fora em expedição de caça e coleta (Maybury-Lewis, *op.cit.*: 24-25-33) mostrando o quanto as expedições de caça e coleta longa, *dzomõri*, eram uma constante:

"Até os anos 1960, os Xavante eram seminômades (*sic*), a comunidade estava localizada no lugar em que grandes casas cobertas de folhas de palmeiras eram construídas. Todas as expedições de caça e coleta que caracterizavam os períodos de vida nômade tinham ali seu ponto de partida e de chegada, mas seus habitantes passavam a maior parte do ano em regiões mais ou menos distantes."

"Havia pouca variação sazonal na vida dos Xavante, tanto nas águas como na seca era possível caçar e coletar, só era preciso uma condição, as de estarem sempre andando..." (*op.cit.*, 98-99).

Pela experiência de Maybury-Lewis depreende-se que os Xavante percorriam todo o extenso território ao longo de todo o rio das Mortes e formadores do rio Xingu e divididos em grupos familiares, percorriam os cerrados em *dzomõri*. Nestas ocasiões, além dos frutos e raízes, coletavam os recursos necessários para a confecção da ornamentação ritual. É claro que tinham também como objetivo a caça.

O que importa salientar é a existência de uma cartografia *a'uwẽ* de todos os recursos naturais, sua localização e abundância, como se pode depreender das observações de Maybury-Lewis sobre como os Xavante de São Domingos exploravam o território a sua volta, em 1958:

"Em março e junho, a comunidade se dividiu em três bandos. Dois deles viajaram para o oeste e depois para noroeste, partindo de São Domingos; eles juntaram suas forças, novamente no rio São João. Dali, voltaram a São Domingos, completando assim um círculo perfeito. Esses bandos (*sic*) saíram basicamente em busca de seda de buriti, a ser utilizada na confecção de ornamentos para as cerimônias de iniciação já programadas. Buscavam também sementes para o mesmo fim e taquaras para fazer flechas. Durante a viagem, sobreviveram principalmente à base de raízes e frutos que coletavam, ainda que os homens ocasionalmente caçassem alguns caitetus. O outro bando que viajou na direção nordeste, ao longo da margem direita do rio das Mortes, estava também coletando seda de buriti mas nessa região não havia nem sementes nem taquara. Por outro lado, a caça era mais abundante - principalmente veados - e foi isso que os atraiu para lá" (Maybury-Lewis, *op. cit.*: 99, grifo nosso)".

Maybury-Lewis (*op.cit.*:101) também descreve os itinerários que acompanhou nestas excursões, que seguem ao longo do rio das Mortes e seus afluentes, chegando até trechos do Araguaia, assim como de afluentes da bacia do Xingu. Em sua descrição é comentada a existência de vários grupos locais (que o autor denominou de *bandos*) que se deslocam por todo seu território. Portanto o movimento *dzomõri* é essencial para a compreensão daquilo que seria o território xavante.

A indicação de outras rotas prováveis (dezembro de 1958) demonstra como este grupo Xavante se movimentava por extensa área entre os rios das Mortes e o Araguaia, assim como indo em direção ao sul nas terras à margem esquerda do rio das Mortes. Outro percurso citado é o de uma caçada coletiva, *dzomõri*, a qual partindo de São Domingos percorre ambas as margens daquele rio. Observa-se que o subgrupo de Areões tinha mobilidade, isto é, ocupava, ambas as margens do rio das Mortes.

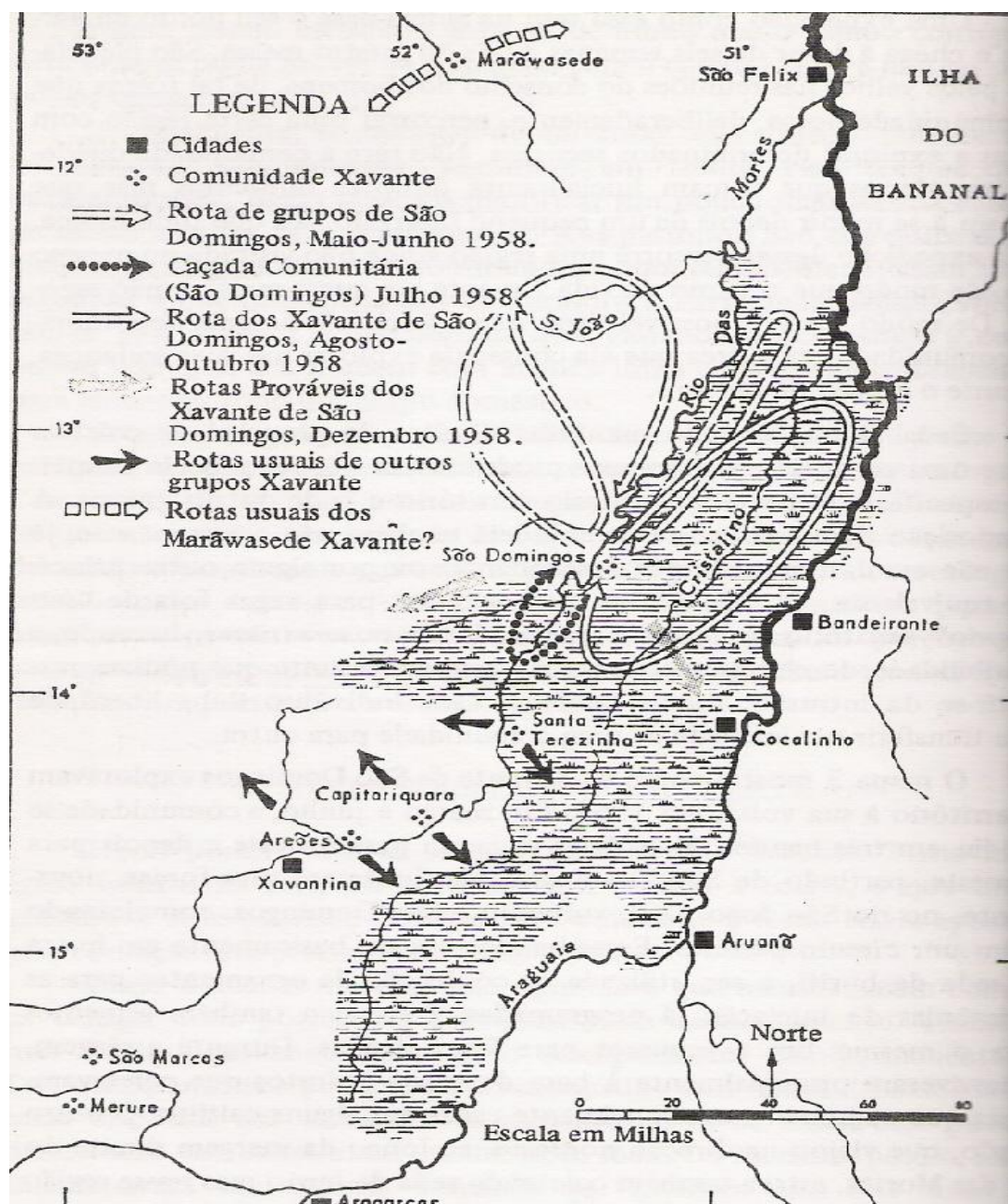


Figura 15: Percursos de *dzomõri* segundo croqui de Maybury-Lewis (op.cit.: 48)

Em 1962 o autor comentava (op.cit.: 50) que estas práticas estavam sendo abandonadas, ainda que este fato fosse negado pelos Xavante. Mas ele constata o início da

grande alteração no padrão seminômade⁴. logo após a sedentarização nas terras indígenas imposta pelo contato mais sistemático e “pacífico” com os *waradzu*, o que ocasionará a ruptura nas atividades coletivas a partir de então.

No mito denominado *Parinai'a* (que pode ser traduzido como aqueles que renovam, ou a “história dos criadores”) é narrada a história da criação dos seres dos cerrados, durante a realização do *dzomõri*. Pode-se entender o *dzomõri* como a recriação/atualização deste mito, pois é durante a realização do *dzomõri* que os Xavante transmitem e renovam seus conhecimentos para as gerações mais novas. Portanto, é no movimento do *dzomõri* que os criadores formam o cerrado e o território e é através desta criação que se pode praticar o *dzomõri*, que se traduz como época de caçada e coleta pelos cerrados e pelo território Xavante. Neste sentido é de fundamental importância investigar o conceito *dzomõri* enquanto um dos caminhos de acesso ao conhecimento do mundo *A'uwẽ*: sua história, geografia, suas relações espirituais com o cerrado, seu território, seu ambiente, seu mundo enfim.

Compreendendo esta dimensão do *dzomõri*, o trabalho em campo da equipe responsável por estes Estudos percorreu, com anciãos (*ihi*) indicados pelas lideranças das cinco TIs envolvidas no TRC da FUNAI, a maioria dos lugares do território Xavante: antigas aldeias (*ri'tu*), percursos e acampamentos do *dzomõri*, lugares marcados (e georeferenciados) por acidentes geográficos (morros e serras, lagos e lagoas), rios e riachos, lugares de conflito com os *waradzu* (não-índios) ou de lutas internas, lugares dos espíritos, das caçadas e da coleta, e de encontro com o “segredo dos homens” (vide Capítulo 07). Em suma, realizou-se o mapeamento do território Xavante para demonstrar o conhecimento que este povo detém sobre os recursos naturais e a paisagem na área de influência da EF 354.

Deste modo, as pesquisas que balizam estes Estudos consideram o território xavante na sua integralidade conceitual – e não somente o espaço formal-legal das *Terras Indígenas*

⁴ De acordo com a antropóloga Alcida Ramos “os movimentos espaciais não devem ser confundidos com a noção de nomadismo arraigada no imaginário branco sobre o primitivo exótico. O conceito de nomadismo tem sido um dos baluartes usados para marcar a diferença entre civilizados e primitivos e reforçar um forte valor ocidental que é o modo de vida sedentário.” (Ramos 1996 :20 *apud* Ladeira 2001)

estas reconhecidas nos seus limites atuais pelo Estado brasileiro após um processo de expropriação e retalhamento daquele território. Este processo ainda em curso, ver-se-á abaixo, é o resultado de uma disputa desigual e de pressões políticas que impuseram aos Xavante os limites das suas atuais Terras Indígenas. Os elementos históricos desse processo interligam a história dos grupos Xavante como também o processo de ocupação pelos *waradzu* (brancos) das terras “devolutas” do estado de Mato Grosso. Este processo de expropriação oficial fragmentou o território Xavante e teve (tem) consequências no modo de vida indígena, tanto de caráter socioambiental como cosmológicas.

Com a fragmentação do território criou-se um distanciamento sociocultural, originado a fragmentação do modo de vida xavante, na medida em que as terras perderam continuidade e a comunicação entre os diversos subgrupos foi impedida. Este processo – que será descrito em seguida – é a síntese da história do contato dos Xavante com o mundo *waradzu*, ou melhor, com os agentes deste *contato* enquanto pontas-de-lança para a imposição de uma nova reconfiguração do seu território: a igreja católica (Sangradouro, São Marcos e Merure), as confissões evangélicas (Areões, Parabubure e Marechal Rondon) e o Estado brasileiro através de suas agências, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) primeiro e depois a FUNAI (Areões e Pimentel Barbosa) e o Governo do estado de Mato Grosso.

“Demarcar em ilhas significa que um mesmo povo fique separado de si mesmo” (Viveiros de Castro, 2008:)

Fazendo eco à frase acima, os Xavante hoje dizem que "*agora cada um está dividido num pedacinho, cada um longe do outro*" (Lucas Ruriõ). Um dos aspectos deste processo é a limitação nas relações entre os parentes, pois fica difícil a comunicação entre eles, inclusive pela falta de continuidade da própria cobertura vegetal do cerrado que, segundo a cosmologia xavante, favorece a comunicação feita pelos espíritos:

"Nenhum governo faz demarcação direito, quem pensou para dividir a terra? nós não vamos vender; tem peixe, água, minerais tiraram tudo e vocês tem vida boa. Vocês tem muito milho, soja, abóbora, gado, cana, nosso animal que tinha no Brasil, acabou ... Xavante está imprensado, nós estamos no meio de vocês..." (Pedro, liderança da TI Areões).

“Porque nessa ruptura nessa separação é as famílias, não se visitam mais, precisam de carro precisa seguir a estrada, porque começa a criar fazenda, esse conceito de propriedade, “você não pode andar na minha fazenda, não pode atravessar pela minha fazenda”, é um problema os Xavante se visitarem, entendeu? O entorno das terras indígenas é uma pressão, (...) o fato de que existe uma cidade no meio, seja longe ou perto, está criando ruptura, destruindo o caminho que se tem, não só do ponto de vista físico, digo caminhadas no meio do cerrado. Não é só isso tem outras coisas, vamos chamar assim que é o ‘lado espiritual’. E que a gente defende muito. Além de não poder caçar e não poder colher as frutas, não é só se alimentar enquanto gente, eu pego a mangaba eu como, não é isso.. tem além. Então sempre essa idéia ... (...) Outro lado muito ruim, é ... você faz um bloco de famílias, porque Sangradouro é uma família, São Marcos é uma família. Mesmo tendo parentes em São Marcos não se conhece tão bem, eu não conhecia meus tios e primos. Por quê? Isso é obra da fragmentação porque distancia e você começa a criar como os *waradzu*, isso é problema sério” (Hiparidi, apud Gomide 2008: 367-8).

"Aqui em Sangradouro não temos saída porque não pode passar nas fazendas ... Por exemplo, Volta Grande [aldeia] quer visitar [as terras indígenas] Culuene ou Öbawawe, já topa na fazenda e não tem como parar [durante a caminhada], difícil ... e às vezes ele atira na estrada [para] matar a ema, aí fazendeiro sai, acontece a briga..." (Tserenhi'omo, apud Gomide 2008: 368).

No depoimento que se segue, um ancião (*ihí*) de Pimentel Barbosa, *Sereburã*, conta uma história aos Xavante de Sangradouro e relata como esta história está guardada por ele e que deve ser contada em Sangradouro. Ele cita como ficou difícil de encontrar as gerações novas que descendem de *Pahori'ware*, uma antiga liderança. Assim ele lamenta como ficaram distantes e, mesmo num caso de assassinato - como o que ocorreu com Xavante de Sangradouro em 2002 - ficou difícil poder chegar até aquela terra nessa ocasião:

"Assim fico contando para meus filhos, como meus pais contavam para nós se preocupando no futuro. Faz tempo que não vejo mais a geração do avô *Pahori'ware* e uma vez encontrei o filho dele *Nômôtsé*. (...) Essas histórias estão comigo guardados, seria para levar em Sangradouro contar aos meus irmãos saberem (...). É isso que quero: fosse bem contada, estamos vivendo sem nos conhecer as novas gerações, como nós, filhos, não estamos nos conhecendo de jeito nenhum! (...) os *waradzu* estão mostrando [ou revelam algumas das entrevistas nossas] como se tivesse [a possibilidade] de... entrar o contato com os outros. (...) Antigamente o Xavante andavam muito como se estivesse perto e é naquele rio Palmeira – *Norowedepa* - que andávamos. (...) Eu sou uma pessoa de última geração do antepassado que estou vivo ainda (...) e eu queria ir para Sangradouro quando soube do meu irmão mais novo, que foi assassinado pelos fazendeiros" (Sereburã, apud Gomide, 2008: 369).

Estas falas remetem à antiga liberdade de ir e vir no território que os velhos Xavante desfrutavam; remetem à vastidão dos cerrados do antigo território xavante em contraste com o confinamento das Terras Indígenas e a fragmentação territorial causando a interrupção dos caminhos e quebra das relações sociais.

"Os Xavante gostam do cerrado por sua amplidão, por ser aberto em comparação à floresta tropical, encontrada em todo o seu território nas matas de galeria (...) os Xavante apreciam essas matas porque nelas sempre encontram água e muita abundância de raízes e frutas que são base de sua alimentação" (Maybury-Lewis, 1984 :76).

O espaço apropriado dos cerrados pelos Xavante se contrapõe ao espaço indiferente e mecanizado das monoculturas:

"Além do limite que nós temos hoje [em referência aos limites da TI Sangradouro] passou para lá é mais plantação [soja] de *waradzu*, então, lá, eu morri, porque eu não me identifico mais com aquilo, eu sou nada. Eu tenho força quando tem a vegetação, se não tiver vegetação, me faz perder tudo, tanto a comida como a espiritualidade" (Adão Top'tiro).

"Nenhum Xavante, como os caçadores antigos, não vão querer andar no meio da soja para visitar os seus parentes, não tem graça, não tem comida, além de ser um calor e além de não ter uma ligação espiritual (...)" (idem).

A interrupção dos caminhos também impede o fluxo dos animais e assim é impedido que se realizem enquanto caçadores e espiritualmente enquanto Xavante.

Vou contar lugar onde caçávamos. No lugar de AROBONHIPÓ caçávamos animais. Quando fomos para AROBONHIPÓ e de lá no MÕ'ONI RÓ, PA'REHÕ'U, fomos fazendo queimada para caçar, caçávamos bandos de caititu e anta. TSO'REPRÉ era uma aldeia grande e daí o povo Xavante se dispersou, se dividiu antes do waradzu existir e nessa aldeia tem um cemitério grande e não é apenas duas sepulturas. No lugar do TSO'REPRÉ e no ETÊ'APA (ou ETÊDZA'IDI, córrego Pedra Branca) MAIBWRIDZÉ é naquela fazenda, branco preguiçoso. E nesses lugares encontrava caçada, mas agora o waradzu está ocupando mesmo ainda não pagando indenização, reclamando da gente em defesa da cerca de arame. A terra é nossa, é para nós caminharmos nela; mas agora andamos pouco, por causa de pequena terra, fomos cercados. Se a terra quebrar, estaremos passando fora de nossa terra em busca dos animais e não irão reclamar, nem se irritar. Os animais é nossa vida, é pra nos fortalecer.

ABAHI (lugar bom pra coleta, com frutas, raízes). Mõ'õni (cará), se as mulheres forem buscar não podem falar mal a elas. Quando as mulheres forem buscar parabubu (batata silvestre), a'ódo (bocaiúva) é nossa alimentação, quando formos passar não podem falar mal (reclamar). Mesmo nós estando nessa

situação ainda estão querendo fazer estrada para nos apertar ainda mais e a gente ficar sem espaço.

Esses lugares de Ape (campo limpo) têm cemitérios. O (rio) Corixão tem cemitério do meu compadre. Antigamente na expedição, no dzomõri, na caminhada, morria gente quando ocorria doença. Morre mesmo gente na caminhada no mato. Agora também na fazenda Pebo tem cemitério da minha mãe e mais, no Própa, aldeia Alvorada, tem mais cemitério dos meus ancestrais, dentro da virilha do Própa.

É assim, caminhávamos e no dzomõri a gente tirava coquinho do babaçu. Agora desse lado no lugar de U'Ã'ËNË ("pedra feita de jaboti") caminhávamos em dzomõri do outro lado do HOPO'REPA. No lugar de ÊTÊ'UWAHUDU caminhávamos dando volta em dzomõri e nesse lugar tem cemitério de meu compadre e por lá tem bastante MÔ'ÕNIHOI'RE e jaboti. No U'Ã'ËNË tem bastante jaboti mesmo assim. O waradzu reclama da gente mesmo que ninguém nunca tenha pagado indenização para ocupar o lugar, mesmo não lhe pertencendo. O waradzu faz queimada nela. A queimada é nossa, nossa vida é as árvores que morrem, secam para nascer novas, capim novo. É assim o processo de regeneração, mas o waradzu pensa que estão morrendo. Mas aquelas que morrem é que já são velhas e nascem novas em outro lugar ou no mesmo lugar. Agora com a gradação e com suas coisas muito quente fazem secar árvores e raízes e essa é mais perigosa. Agora a queimada é melhor para nascer e crescer novas árvores. Agora vocês acabam com a madeira e árvores serrando, e aquela da queimada quando quebra o galho nasce outro lugar. Nesses lugares nós caminhamos para buscar frutas e animais (caititu, anta e veado). Agora as mulheres também buscam frutas que pertencem a esses lugares onde elas andam.

Waradzu, eu falo, vocês dizem para nós que não permitem andar na fazenda, mas se vocês não andam no cerrado! A comida de vocês nos fez enfraquecer, tirou a nossa caminhada e com a nossa cultura somos fortes. Vão ter que começar a pagar indenização. Eu nasci no Arobonhipó" (Tsa'é'ômô'wa – ancião de Pimentel Barbosa, julho de 2011).

Ao longo da pesquisa em campo, como já mencionado na Apresentação, a equipe percorreu com alguns anciãos *a'uwẽ* os lugares do *dzomõri* e de antigas aldeias (*ri'tu*) a partir do mapa mental previamente discutido terra indígena por terra indígena. Estes *ihí'nõre* (Zacarias – de Culuene; Pedrinho – de Parabubu, Francisco – de Marechal; Policarpo – de Pimentel e Zédabeira e Edson – de Areões) são nascidos no período do contato ou no pós-contato imediato (décadas de 1940-50), tempos de *dzomõri*, onde caminhavam pelo *Ró* com seus pais e avós. Transcreve-se abaixo partes destes depoimentos para ilustrar o domínio que os Xavante têm do seu território, o *Ró*.

Essa mata que prá cá chama Wanhô'utu'rã que fica perto do lugar onde os waradzu massacraram os A'uwe. Aí o Hu'uhi fica no outro lado do Wanhô'utu'rã, ainda não esqueci porque eu já era (da classe de idade⁵) ritei'wa; aí sei quando fazíamos dzomôri passávamos aqui. Wanho'utu'rã, Wa'wana'rada, Itsiwadzipa, nesses rios o grupo (classe de idade) Ai'rere atravessou, aí depois de todos atravessarem continuavam caminhando beirando o Wanho'utu'rã. Este rio Wanhô'utu'rã influencia (é afluente do) o rio Wa'wa e o Reb'repa. Esse rio Reb'repa passa na fazenda Arimatéia, passa o Êtêtsinôni e depois se espalha no Amhu (campo cerrado).

Nôrôwedzaitipa passa próximo da cabeceira do Hu'uhi; quando a FUNAI nos transportou, algum de nós fazia artesanato para um boteco para fazer troca com rapadura daí a o nome da cabeceira (Nôrôwedzaitipa) que fica próximo do boteco. Esse Nôrôwedepá cai no rio Böiatôpa onde tem muito urucum nativo que nossos ancestrais coletava na beirada do rio; no Böiatôpa tem cemitério, meu tio está lá, margeando o Wa'ratapá. Daqui da pra vê Uiwedetsirôptô, ao lado tem um lago o Pödzenhõiu; do outro lado se chama Puiunhibró – esse é território dos nosso ancestrais lá se mata cervo, mas os waradzu falam que este é deles.

Ciro (pesquisador indígena, cacique da aldeia Campina Nova, TI Culuene) – qual é o rumo que os nossos irmãos pegam para chegar na fazenda “novo mundo”? Eu tenho duvida porque existe duas estradas que passa na fazenda.

Francisco – tem Êtêtsimarãiré também que fica do lado da estrada e tem ponte e os waradzu passam também nesta estrada. Os waradzu fazem ponte no Ö'wara (literalmente, “rio que corre” = rio Culuene).

Neste rio Wadzahudzepa os nossos wahi'rada (ancestrais) foram massacrados pelos waradzu, aí o resto que sobreviveu seguiu o rastro dos parentes que tinham ido para outro lugar. No outro lado fica itsiwadzepa onde os caçadores atravessaram com corda (o Ö'wara), aí na caminhada eles acharam wedenhörôpré. Para chegar no Paranatinga tem que passar perto do Êtêtsinôri.

Ciro – Como eles acharam wedenhörôpré?

Francisco - Eles acharam num marã, esse wedenhörôpré só existia na região do Kulizevo, aí como eles conseguiram encontrar deram o nome (do rio) de Waiwarepá.

Acho que agora estamos passando na fazenda do César, quando éramos jovens fazíamos dzomôri de São Marcos para cá, imagina só, era muito longe, enfrentávamos todos os trechos até chegarmos aqui no Hu'uhi.

Ciro – Amhu, itehudu, tsira, tserãpré (denominações de fitoficnomias do Ró), no campo só tem árvore baixinha; aqui não jeito de localizar porque toda a terra foi gradeada pelos waradzu. Aqui nós estamos passando o Êtêtsimarã no redor de

⁵ No capítulo 3 (p. 60 e SS) explica-se o sistema de classes de idade Xavante e como seu ciclo serve de marcador temporal.

Marãnhôiu onde os nossos ancestrais vinham caçar, nós também continuamos caçando no Marãnhôiu, como nossos ancestrais.

(Francisco) Antigamente o pai do meu pai o nome dele era Tsirowi, foi amaldiçoado pelo feiticeiro, mas mesmo ele sendo guerreiro foi morto pelos waradzu no Rio Pehoiré. Os waradzu cercaram os A'uwê para matar todos eles, mas de repente a onça captura um waradzu aí eles saíram correndo com medo da onça. Os A'uwê tentaram matar a onça e conseguiram - daí deram o nome de Hu'uhi ("morro do osso da onça")

Tsirowi queria vingança por meu primo que foi massacrado pelos waradzu, aí ele resolveu ir atrás dos waradzu, como eles estavam caminhando na cabeceira do Paranatinga, Tsirowi agarrou um deles para lutar corpo a corpo, mas logo o waradzu atirou e acertou no braço dele.

Quanta emoção no antigo rumo dos nossos ancestrais; sinto-me doloroso com os waradzu porque expulsaram os A'uwê.

Em uma caçada os caçadores estavam se escondendo de uma onça, meu primo 'Waiatsé era caçador de onça, mas não consegui matar ela. Como ele era mais corajoso foi elogiado pelo tio dele. Quando éramos (da classe de idade) 'Ritei'wa fizemos caçada com fogo, aí eu e meu companheiro botávamos fogo para os Iñi. Passei (onde hoje se localiza a vila de) no São José do Couto, ainda não tinha nenhuma casa, botando fogo até no Rio Culuene, cheguei antes do meu companheiro. Isso foi ótimo, maravilhoso, mas hoje mudou tudo não tem mais lugar pra caçar.

Sinto muita emoção ao ver esses lugares onde nossos ancestrais ocupavam (viviam) o território, mas hoje os waradzu desmataram tudo, por isso algumas pessoas (a'uwe) não têm como localizar direito os lugares antigos, porque só tem pasto e roça mecanizada por todo lado (Francisco, 19/08/2011).

É importante enfatizar que, na territorialidade Xavante, as práticas sociais ocorrem no espaço compreendido pelos cerrados, o *Ró* – tal termo entendido como um mosaico de fitofisionomias, entre as quais as matas ciliares – e são de importância crucial na construção do território xavante.

Marã, por exemplo, é um conceito mais complexo do que mata “ciliar” ou “de galeria”; este termo tem significado de interligação pelos cerrados e implica uma dimensão da cosmologia xavante. Nesta concepção estão incluídas as relações entre os diversos seres da natureza e da sobrenatureza que habitam o *Ró*. É no *marã* que ocorrem as relações entre diferentes sujeitos que podem ser confundidos, porque transformados – pode ser um animal, ou

vegetal ou espírito. Isto porque, conforme a mais importante descoberta da antropologia moderna, a teoria do perspectivismo,

"(...) o modo como os seres humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo - deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos - é profundamente diferente do modo como esses seres *os* vêem e *se* vêem. (...) Em suma, os animais são gente, ou se vêem com pessoas" (Viveiros de Castro 1996:116).

O perspectivismo propõe uma nova explicação para o “animismo” do pensamento ameríndio (tudo no mundo indígena tem alma, espírito, ou seja, vida – como enfatizaram os etnógrafos americanistas): nos mitos e nas narrativas xamânicas, os animais se vêem enquanto humanos e quando estão em suas casas e aldeias, seus hábitos culturais são iguais àqueles dos humanos.

A diferenciação entre ‘cultura’ e ‘natureza’ (...) não é um processo de diferenciação do humano a partir do animal, como em nossa cosmologia evolucionista. *A condição original comum aos humanos e aos animais não é a animalidade, mas a humanidade* (...): os mitos contam como os animais perderam os atributos herdados ou mantidos pelos humanos. Os humanos são aqueles que continuaram iguais a si mesmos: os animais são ex-humanos, e os não humanos, ex-animais (Viveiros de Castro, op. cit.: 118-119)

“Indiferenciação entre humanos e animais, que se relacionam como iguais; céu e terra tão próximos, que quase se tocam; viagens cósmicas, homens que voam, gêmeos primevos, incestos criadores, origens subterrâneas, caos, conquistas, transformações (...). É o mundo tomando forma, definindo lugares e características de personagens hoje conhecidos. São os temas míticos, que narram aventuras e seres primordiais, em linguagem fabulosa mas construída com imagens concretas, captáveis pelos sentidos; situadas em um tempo das origens mas referidas ao presente, encerrando perspectivas de futuro e carregando experiências do passado. Assim, complexos, são os mitos” (Lopes da Silva *op. cit.*: 75) .

“Nesse tempo, ainda não existiam os animais. O povo A’uwê podia se transformar em animais. Bastava o desejo. Tinham muito poder.” (Lopes da Silva,

op. cit.: 77). No mito da "História da caçada longa" as mulheres e crianças da aldeia saem em busca dos homens, pois estes estavam demorando demasiado para retornar da caçada. Durante o percurso elas se transformaram em queixadas (uhode).

"Algumas queixadas não estavam completas. Não tinham se transformado de todo. Algumas crianças ainda eram meio humanas, meio queixadas. Tinham parte do corpo coberta de pêlos e parte do corpo ainda com pele. Quando eram flechadas algumas caíam gritando como queixada:

- Ohrrr, Ohrrr, Ohrrr!

E outras ainda gritavam como gente:

- Asai ! Asai!" (op.cit.: 382)

Os animais como ema, queixada e anta vivem num local do *Ró* que os Xavante classificam como *Amhu*, caracterizado por ter uma vegetação fechada com árvores baixas (com alguns dos atributos do "campo sujo" na classificação ocidental). Mas a anta e o queixada também são encontrados no *Marã*, local de reprodução e refúgio destas e de outras espécies. Pelo fato de a mata ser muito fechada, essa parte do cerrado é considerado como o "limite" para os caçadores.

O *marã*, além disso, tem grande importância na espiritualidade *A'uwẽ*, pois lá residem os espíritos denominados *wadzapari'wa* e que são responsáveis pela proteção dos caçadores, avisando-os dos possíveis perigos que venham a ocorrer durante as caçadas. Esses espíritos, com poderes transformadores, ora se manifestam como seres humanos, ora aparecem como animais. É para eles que os caçadores usam suas forças e crenças para solicitar que os animais deixem seus refúgios no *marã* em direção ao *rób'na* (campo limpo) para facilitar a sua caça.

Outra explicação sobre o termo lembra que *marãñä bödödi* é o "caminho dos guerreiros":

"Os guerreiros é que usam essa trajetória (pelas matas) Marãñä bödödi. É para não ser visto e para não ser percebido isto já se trata de uma estratégia. Agora robnä bödödi, caminho no cerrado, todo mundo pode ver, agora no marã não é todo mundo que consegue andar nesta picada, é só os guerreiros ou só os teimosos. Isto é bem claro para os Xavante " (Lucas Ruri'õ, apud Gomide, 2008: 384).

Marã é a “mata”, *marãñã* é “na mata” e *bödödi* é “caminho”: “caminho na mata” – caminho pelas matas do *Ró*. Como salienta Gomide (2008: 366),

“na intersecção entre os conceitos de territorialidade e de natureza, afirma-se que o conhecimento indígena do *marãñã bödödi* define significado e apropriação de um território contínuo que foi fragmentado pela sociedade abrangente. Portanto, o sentido do conceito de território contínuo para os Xavante está relacionado com a territorialidade exercida nos cerrados, *Ró*”.

Alguns destes espíritos vivem nas raízes das grandes árvores nos locais mais baixos próximos às matas ciliares.

Para o tsimihopari, tem que ser sempre uma árvore grande e raízes têm que ser deste tamanho, muito grande, a vida do tsimihopari, só consegue viver embaixo da raiz; agora o amhu, aquele local com pequena queda é onde o tsimihopari vive. Esse contato, e essa comunicação espiritual, por exemplo, se meu parente morre em São Marcos, tsimihopari, me avisa exatamente você vai saber se o parente morreu. Ou seja, se você não tiver esse marãñã bödödi, e a terra contínua não há mais isso, com a ruptura não podemos viver. O pi'u é outro [ser da] espiritualidade Xavante forte, ele só anda além da mata galeria, no cerrado e faz um som usa flauta especial (...). Os espíritos precisam descansar também, precisam ser respeitados.” (Jorge, tradução de Hiparidi, apud Gomide, 2008: 388)

Nos depoimentos acima se enfatiza que o *marãñã bödödi* representa todo o mosaico dos cerrados e assim como a distribuição espacial das fitofisionomias e, por outro lado, que a espiritualidade Xavante faz parte desse todo que é o *Ró* englobando a vida de outros seres que fornece força espiritual ao povo Xavante:

*Quando o Xavante fala, não está falando só dele, mas de todo o conjunto (...) a visão o sonho, a força que nos temos é do cerrado, do *Ró* (...) marãñã bödödi, tem que definir e mapear o conjunto. Deve ter marã, tsaidi, amhu (...) a distribuição do espaço como é feito mesmo.*

Estamos brigando não só pelos Xavante mas pelos outros seres. É no marã que o Xavante se alimenta da força espiritual. Os espíritos onde caminham? Animal sai para comer e volta porque lá é a sua casa. Espírito também sai e volta porque tem água e alimentos; se marãñã acaba todos os animais serão extintos. No marãñã bödödi estão todas as formas do cerrado, não pode deixar nenhuma faltando porque senão está excluindo algum e por isto pode ser tornar uma guerra. Pois tsinhöpari, dahimite, pi'u, tsarewa e outros [espíritos] estão pedindo

para nós, senão é nosso fim enquanto A'uwẽ. (...). As frutas, os pássaros comem e ficam forte, mesmo seja um pouquinho os xavante comem as frutas do cerrado, carne, maranã é importante; o fato dos Xavante casarem com carne de caça, é importante, os rituais - os espíritos ficam felizes. Casamento, rituais, furação de orelha, envolve carne, isso é maranã, o conjunto todo que pode levar a gente. Espiritualidade para os Xavante é muito importante.” (Jorge Xavante tradução Hiparidi, apud Gomide, 2008: 389)

A mata de galeria tem o lado espiritual. A mata de galeria é onde tem anta, queixada, os animais de valor. A mata fechada tem sua vida própria, é uma casa, como é isso para nós. Os animais que estão lá, não são os animais comuns, não são apenas animais. Anta é alguém que se incorporou como gente (...) seria wadzapari'wa, é um ser que cuida dos caçadores durante a caçada, onde a gente pede a força, proteção para poder caçar, conseguir achar. Só que a diferença é muito grande. Por exemplo, se a gente entra nessa mata galeria sempre nós temos que pedir a proteção, tem que pedir licença para você entrar ali. Para isso, antes de você dormir, tem que pedir. Tem uma vida própria a mata galeria, tem os protetores, wadzapari'wa seria Sarewa. Essas são pessoas [para] além da força Xavante; eles podem se transformar em plantas, em animais”. (Jorge Xavante, tradução Hiparidi, apud Gomide, 2008: 390)

O conceito *marãnã bödödi* contempla outras dimensões do *Ró*. Os termos *Norõtsura*, *Apetisere*, *Marãiwatsede*, *Oi'nhudu* – cada um deles é a autodenominação de um subgrupo local Xavante e, ao mesmo tempo, os termos xavante para uma fitofisionomia do *Ró*. Cada um destes termos refere-se à biogeografia local; não são meros descritores da paisagem xavante, mas a definição sociocultural do território *A'uwẽ: Nõrõtsurã* (“povo do babaçual”); *Apetisiré* (“povo do campo limpo”), *Oi'udú* (“povo da vegetação que fica dentro do vale do rio”), *Marãiwatsede* (“povo da mata fechada”). Tem-se, pois, uma biogeografia onde a distribuição espacial dos grupos Xavante é a distribuição das diversas paisagens que formam o mosaico dos cerrados.

*O jeito de classificar a gente sempre tem que estar relacionado com o local (...) por exemplo, por ocupação do território já existe *Norõtsurã*, *Apetewawinhã*, *Oi'nhütüre* e *Marãiwatsede*, já existe, essa classificação é basta olhar nesses nomes, nesta nomeação temos o nosso território (Lucas Rori'õ, apud Gomide, 2008: 392)*

A união destes subgrupos Xavante representa a unidade do seu território e dos cerrados e tal unidade é dada pelo *marãnã bödödi*: esta expressão significa a interligação entre os diversos subgrupos Xavante (*Nõrõtsurã*, *Apetisi*, *Marãiwatsede* e *Oi'udú*) definindo

a territorialidade *A'uwẽ*. Caminhar no cerrado, *dzomõri*, significa, pois percorrê-lo pelo *marãñã bödödi*, o território contínuo Xavante.

Como se verá com mais detalhes adiante, as terras indígenas oficiais não correspondem ao território Xavante como já se antevê. As razões são assim explicadas por lideranças xavante, em depoimentos colhidos por Maria Lúcia Gomide:

Quando o a'uwẽ atravessa o limite do território, ainda pensa que é território no conceito Xavante [pois] para ele não existe o limite que a FUNAI, o governo, implantou, que introduziu, né? Quando o pessoal sai para caçar fora do limite, quando o pessoal sai para pegar as palhas, pegar os materiais e pegar embira e outras coisas ele não está respeitando esses limites, mas por sobrevivência mesmo, necessidade (Cipassé, 2006).

Estamos ficando pobres, de animais que está diminuindo, de matéria prima que tem pouco na terra indígena, por isso nós ultrapassamos os limites, porque nós achamos, pensamos que quem está na nossa vizinhança vai sentir sempre a nossa presença na área (Lucas Ruri'õ, 2004).

Nós vivemos de igualdade, isso não é assim para o branco (...) A natureza é nosso princípio e nos dá tudo o que precisamos (...). Quando a caça esta quase extinta, como fazer? Porque está ligado à cultura. O que a gente deve fazer? Me referi à carne, porque no ritual de agora, vamos estar numa área de fazenda para caçar, colocando a vida em risco. Nosso futuro como será? Até o momento os indígenas não têm voz. (Sergio Tseredzatsú, TI São Marcos, apud Gomide, 2008: 397-8).

As “terras tradicionalmente ocupadas” a que se refere o Capítulo nº 231 da Constituição Federal de 1988 não se restringem às áreas demarcadas e aos limites impostos aos Xavante antes deste diploma legal – e é por isso que os xavante não os respeitam, posto que não correspondem ao território que de fato ocupam hoje e que ocuparam no passado recente.

O rio das Mortes é um rio que dá condição de sobrevivência tanto para animal tanto para vegetal, então é importante para nós. Agora no contexto social para os nós ele é importante porque delimita o espaço onde os guerreiros Xavante, nossos heróis, conseguiam chegar e eles encontraram muita pesca lá. E antigamente as matas que beiravam o rio das Mortes eram riquíssimas de embiras, de animais que consumiam e sempre foi importante. A nossa vida e a continuidade de nossa geração dependia também desse rio, ou seja, protege, por exemplo os Bororo eles vivem do outro lado de cá, né ?(...) então eles, os velhos tem na memória o nosso território tradicional. Como a gente usava comia, caçava com tranquilidade, que os animais em abundância, isso no nosso território tradicional. Agora quando os nossos bisavôs atravessaram o rio Araguaia, aí vieram para outro lado. Aí se tornou um território tradicional, cheio de cerrado. E viviam naquele território

agora quando o meu avô veio para cá contatar com a missão salesiana, aí já emplacaram assim outro território do lado do rio das Mortes, né? Onde antigamente os caçadores atravessavam, pisavam, caçar e guerrear e agora virou um território. Agora Parabubu já é território tradicional, porque falam que é tradicional? Porque ali foram realizados vários rituais, o que marca o tempo de vida de existência de determinada comunidade, o tempo é calculado com os rituais de perfuração de orelha, iniciação do wai'a que duram e demora mais tempo para ser realizado novamente (Lucas Rori'õ, 2006)

Futuramente, conseguindo, tendo o território mesmo, de verdade, aí tem mais liberdade de andar, caçar, buscar as coisas; porque lá é território, onde [desde sempre] buscamos nossas comidas, a nossa caça (Tserenhi'omo, em depoimento colhido por Maria Lucia Gomide na TI Sangradouro em 2006).

Teve divisão de xavante que moravam na mesma aldeia e daí se dispersaram (isso) quando nós éramos adolescentes etêpa do segundo grupo de wapté. Daí foram morar (perto) do Arlinho waradzu com a gente. Neste início de história o meu irmão mais novo faleceu. Outro grupo de divisão foi na direção de ITSE TSUTU'HIRE e depois ninguém os viu – morreram todos. Outro grupo dos nossos ancestrais vieram margeando o rio ÖWARA (Culuene) e fundaram aldeia no encontro dos rios, naquele lugar onde já ia (depois) virar para o povo Bakairi. Ali morreu minha mãe, nome dela Ró'ówadó. E continuou dzomõri e depois para Simão Lopes. Quando voltaram para a região de Paranatinga TSÖROPRE vocês sabem é bem na beira da estrada onde tem buriti. Ali morreu meu avô, ele era antigo do (classe de idade) tirowa. Voltamos e chegamos na aldeia e os dois tsaworo'wa foram lá (ver) e meus compadres i'amo estavam esperando com suas famílias. Mas surgiu epidemia na aldeia e por isso fugimos. Nosso pai faleceu em baixo de ÊTÊ'A nesse dzomõri e sua comadre também, nossa tia faleceu ali também no mesmo lugar, a mãe do meu cunhado Moisés. O lugar é em frente a Água Limpa, do outro lado do rio de cá e na frente tem dois morros. A partir daí o povo se espalhou e eu vim junto com i'amo (compadre), eram só os dois do grupo (classe de idade) hõtörã. De lá viemos escondidos para ÖDZA'ITIRE onde tem muito pé de bocaiúva. Não sei se era mês de julho mas vimos a queimada duas vezes e em seguida Chico Tsimanawé mandou recado que era para irmos para a aldeia Bakairi fazer contato – e fomos. Eu e minhas irmãs éramos wapté e fomos. Chegamos perto de onde faziam tijolo e eles apareceram (bakairi) e eu tive medo deles. Nos cumprimentaram e deram comida para nós, eu achava que a comida não prestava (pois os bakairi) eram (considerados pelos xavante) I'urópa . Depois aos poucos pessoal foi chegando. E fomos fazendo homonu lá no (rio) Jatobá. E fizemos dzomõri também na direção de TSIMARÒPE, apenas uma visita (...). Outra vez aconteceu falecimento e dessa vez foi minha irmã bem no na nascente do (córrego) Casteli afluente do Jatobá. Ali nós wapté saíamos da beirada para matar pónére (veado campeiro). De lá saíamos para o WETSUTEDE e lá fizeram queimada de caça coletiva. Então Xavante sempre dando volta por aqui (Alfredo Tseredze, TI Marechal Rondon, julho 2011)

2 O processo de fragmentação do território Xavante

2.1 Histórico e modalidades de Contato entre os Xavante

A década de 1930 [...] a pior fase para a tribo. Uma fase de expansão pastoril cercou seu território pelo leste, enquanto pelo sul estavam concentrados vários grupos de garimpeiros, nas margens dos rios Garças, São Lourenço e outros. Gradual e sorrateiramente foram transpondo os limites do habitat. Na margem esquerda do Araguaia surgiram povoados como Caracol, Montaria, Lagoa, Mato Verde e, bem próximo à divisa, Santa Teresinha. O número de fazendas também se ampliou. O rio das Mortes, bem no centro da área, era constantemente navegado por barcos cada vez mais sofisticados e estranhos para o silvícola, como as canoas com motor de explosão. Dois novos acontecimentos marcaram este período: a presença de missionários salesianos que intrepidamente se puseram à caça dos Xavante para submetê-los, e bandeirantes paulistas, que levados a reviver a epopéia dos heróis de seu Estado, se lançaram ao sertão mato-grossense, penetrando-o profundamente, movidos pela ambição de riquezas minerais, aventuras e sensacionalismos. Ambos ultrapassaram os limites das frentes pioneiras, adiantando-se aos criadores de gado e garimpeiros regionais, graças às modernas lanchas motorizadas e resguardados pelas armas de último tipo (Ravagnani, 1991: 90-91).

Nos anos 1930-40 tiveram início as tentativas de contatar os Xavante pacificamente, tanto por parte da igreja, quanto por parte do Governo Federal, por meio de seu órgão indigenista, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Datam desse período as mortes dos missionários salesianos João Sacilotti e Pedro Fuchs, em novembro de 1934, e do sertanista Pimentel Barbosa e sua equipe, em 03 de novembro de 1941.

Uma destas tentativas de contato foi realizada pelo padre Hipólito Chovelon que nos legou a descrição da atuação dos missionários salesianos na busca da ‘pacificação’ dos Xavante. Estes relatos contam as aproximações entre a expedição deste missionário e um grupo de Xavante que estava vivendo próximos ao rio das Mortes, na década de 1930. Após inúmeras tentativas consegue realizar algumas trocas de “presentes” com os Xavante; no entanto duas ‘bandeiras’ entram na região e acabam por afastar os Xavante. Alguns anos depois o SPI entra em cena e o missionário acaba por se retirar. Porém, durante sua permanência no local o salesiano levanta na margem direita do rio das Mortes uma vila, que denominou São Domingos trazendo para lá algumas famílias de não-índios que se instalam com o apoio do missionário.

Em relatório datado de 18/02/1938, o padre Chovelon escreve suas impressões onde os povos indígenas são considerados como empecilhos ao avanço do “progresso” e sua intenção de “abrir” o território para a “nossa civilização”:

Realmente o rio das Mortes percorre uma zona riquíssima de campinas e matas, próprias para lavoura e criação de gado. O povoamento depende tão só da pacificação dos índios Xavante que até agora fazem o terror dos moradores das vizinhanças ... daí percorre a necessidade urgente de amparar a missão salesiana que já tem obtido um encontro amistoso, afim de favorecer-lhes os meios de uma penetração mais eficaz, tendendo ao aldeamento e a educação da tribo Xavante, abrindo assim esta imensa zona entre os rios Xingu e Araguaia ao progresso de nossa civilização (Sbardalotto, 1996:11).

Em outro relatório, de 1938, comenta os acontecimentos do ano anterior, descreve a região do rio das Mortes, sua geografia e fitofisionomias e por fim o encontro com os Xavante às margens do rio.

(...) desta vez pudemos passar três longos meses nesse deserto verde, que é o rio das Mortes, pois não há um só morador que tenha coragem suficiente para ali estabelecer a sua tenda. Pela primeira semana do mês de agosto já estávamos sulcando as águas deste grande rio. E desde logo percebemos a presença dos Xavante ao nosso lado. (...) a 17 de agosto chegamos à barreira dos padres, a 55 léguas da barra do rio. A cruz derrubada pelos índios continuava no mesmo estado. Cobrimô-la de presentes . depois acendemos um fogo na margem do rio; os índios responderam fazendo levantar leve coluna de fumaça porem muito longe (Sbardalotto, op.cit: 13).

a 21 de agosto aportamos em São Domingos ... o morro é todo rodeado de matas de babaçu e ao longe estende-se imensa planície que acompanha toda a margem direita do rio das Mortes desde o rio Pindaíba até a barra do rio.

Em diversas ocasiões tivemos ensejo de verificar a continuidade desta planície, recortada de corixos, capões, lagoas, representando assim grande riqueza para criação de gado (op.cit:14). [...]

a 11 de setembro estudamos o rio Pindaíba que nasce na Serra do Fogaça perto da barra do rio das Garças, reunindo águas de diversos córregos como o Fogaça, o Insula, o Taquaral, e corre para o norte até encontrar o rio das Mortes, subimos pelo seu leito umas quatro léguas e logo desistimos pelas dificuldades de navegação.(...) estudamos o rio Santo Antonio (...) à margem esquerda ... entramos nele ... e desistimos pelas muitas fortes corredeiras esbarrando numa cachoeira grande.

A 21 de setembro alcançamos a Ilha do Coco, (..) é abundante coco babaçu (...) a 23 de setembro passamos pelo campo de Araés, ali vimos garimpos à margem direita (...) mais adiante alcançar a barra do rio Noedori (sic), pela margem esquerda, e logo acima magnífico salto de cerca de um metro de altura, no rio das Mortes.(...)

Ali perto da barra do rio São Rafael, a meia légua do rio das Mortes, encontramos dois acampamentos dos índios Xavante. Cada um tinha 15

choupanas pequenas ... agrupadas de três em três com sinais de fogo no meio das três (Sbardalotto,1996:15).

O padre Chovelon registra o primeiro encontro e troca de presentes com os Xavante e a interessante forma de comunicação usadas pelos Xavante numa tentativa de aproximação:

*(...) a 20 de outubro estamos na barreira dos padres e grata surpresa nos espera. (...) vemos flechas e mais objetos (...) taquarinhos próprios de fazer flechas, mais dois cestinhos de palha de buriti, e quatro ventarolas de palmeiras trançadas. Os meus presentes desapareceram (...) os Xavante aceitaram os presentes do missionário e retribuem com os seus próprios, é sinal de amizade. (...) a 27 de outubro olhamos o lugar de onde partiam as flechas os Xavante estavam ali em pé, arcos flechas na mão”
repete-se a cena de trocas de presentes de ambas as partes por cinco vezes neste dia.(...) no outro dias renova-se a cena dos presentes.” (...) a certo momento começaram a imitar algum animal da floresta e meus companheiros logo a remeda -los. Assim neste original exercício vimos desfilar em nossa frente grande número de animais e pássaros.” (...) eis aí o resultado dos nossos esforços durante este ano findo. Vejo confirmadas as minhas impressões do ano inteiro. O índio Xavante vem se aproximando do missionário (Sbardalotto, op.cit.:17,19).*

Neste período, nos finais da década de 1930, Chovelon procura famílias que queiram se mudar para a vila de São Domingos, as margens do rio das Mortes. No ano 1940, o missionário deu continuidade à formação da vila e das estradas e por este tempo os Xavante queimam casas de moradores e expropriam suas ferramentas de metal.

Em seu relatório de 1941 o padre Chovelon destaca que obteve apoio do governo do Mato Grosso, no sentido de doar terras⁶ para moradores em São Domingos com isenção

⁶ “Temos presentemente na sede da missão seis famílias com um total de 20 pessoas, contamos com mais de 30 famílias que já se encontram em movimento para o patrimônio de São Domingos, perfazendo um total de mais de 200 pessoas e que trarão consigo cerca de 2000 cabeças de gado. As vantagens de posse da terra cedida pelo estado de Mato Grosso e a isenção de impostos por 10 anos tem muita influencia para a concorrência do povo que se fixará na região.” (Sbardalotto,1996: 37). “(...) de acordo com o governo de Mato Grosso, esperamos convidar colonos para o povoamento das terras entre o Araguaia e o rio das Mortes, até o paralelo que passa pelo patrimônio de São Domingos, sendo colonizados, também vários pontos elevados nas margens do rio Araguaia. Este programa de povoamento está intimamente ligado ao problema da Pacificação dos índios Xavante. Pelo trabalho constante e pelo exemplo esperamos influenciar o animo do índios que acompanhara, vivamente interessado, o progresso e a ordem dos colonos orientados e amparados pelo missionário. Estaremos bem recompensados vendo esta vasta zona povoada pacificados os nossos

de impostos por dez anos, e que já haviam feito estradas ligando a localidades como Cocalinho e Araguaína em Mato Grosso e Leopoldina em Goiás, e que toda sua obra colabora para ‘marcha para o oeste.’ A missão consegue se estabelecer durante o ano de 1941, na sede em São Domingos e sem incidentes com os Xavante.

Por este tempo o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) estava tentando uma aproximação com os Xavante. Em setembro de 1941 o missionário encontra-se com Pimentel Barbosa chefe da expedição do SPI que entrou “rumo às aldeias nas encostas da Serra do Roncador (Sbardalotto,1996:38)”; entretanto este e parte de sua expedição são mortos em novembro do mesmo ano pelos Xavante – que reagiram defendendo suas terras.

No livro de Cláudio Villas Boas (1988) “*Os Náufragos do rio das Mortes*” é narrada a viagem de São Felix do Araguaia a São Domingos, pelo rio das Mortes para levar mantimentos e ferramentas para a turma de ‘pacificação’ dos Xavante, chefiada por Francisco Meirelles, do SPI. Assim é comentada a morte de Pimentel Barbosa:

(...) o ponto de partida era um pequeno povoado no médio rio das Mortes, São Domingos. Ali havia sido a sede dos padres Fucks e Sacilotti que foram mortos pelos Xavante, na barranca do rio na tentativa de pacificá-los. O missionário padre Chovelon substituiu os inditosos padres massacrados e São Domingos foi também sua sede. Agora o movimento do povoado era bem maior. O Serviço dos Índios tomara a seu cargo a atração daqueles índios. A tarefa não era fácil. A primeira tentativa foi feita pelo inspetor do serviço, Pimentel Barbosa. Tal como os dois padres salesianos o inspetor do Serviço dos Índios foi massacrado com seis companheiros. Só não pereceram dois índios Xerentes intérpretes, que no momento do ataque dos índios estavam fora fazendo uma exploração na área. Pimentel Barbosa na esperança de um contato amistoso com os índios que se aproximavam e, receoso de um imprevisto qualquer, fechou em uma mala as armas de todos os seus homens. Mais tarde constatou-se que nas bordunas deixadas pelos atacantes havia marcas de facão. Sinal de que os homens tentaram se defender.

O padre Chovelon tinha como objetivo principal implantar um plano de colonização para a região e para tanto deveria estar a área ‘livre’ dos Xavante e aberta para os colonos. O padre chegou a obter “*um decreto do Governo de Mato Grosso, criando um*

Xavante impelidos desta forma mais para o oeste os limites econômicos do nosso Brasil.” (25/04/1942 - idem. :40)

'patrimônio agrícola-pecuário' no rio das Mortes, com a extensão de 12 quilômetros por 12 quilômetros, para ser dividido em lotes agrícolas e pastoris, declarando achar-se encarregado de semelhante serviço" (Barbosa, ofício de 29/07/1941, SARQ/MI, f. 381, fot. 0264–0266, in Freire, 2005: 51 – apud Gomide, 2008: 183)." Em 1941 o SPI (por intermédio do inspetor Pimentel Barbosa) pediu a anulação do citado decreto que incidia em território Xavante, conseguindo assim parar com o plano do salesiano. Realiza-se então a expedição de Pimentel Barbosa para a atração dos Xavante, mas quatro meses depois sua equipe foi morta pelos Xavante (Freire, op.cit.: 51-53).

Em fins de 1942, novas 'trocas de presentes' ocorrem entre os habitantes da missão salesiana de São Domingos e os Xavante. Com estes acontecimentos o missionário vê progressos na pacificação dos Xavante e com isto aumentam as casas dos colonos junto à missão. Último relatório do padre Chovelon, em março de 1943, os Xavante buscam nas roças da missão salesiana enxadas, foices e machados (Sbardalotto, 1996:40). Neste lugar, na margem direita do rio das Mortes e identificado pelos Xavante por um morrote denominado *Wed'zê* (nome de uma fruta abundante nas suas imediações), os *a'uwê* da aldeia *Tsōropré* (na atual TI Pimentel Barbosa) passaram a chamar de *hotora dza'radzê* ("lugar onde os machados foram deixados").

Por esta época já estava em curso a política de ocupação do centro-oeste, do governo Vargas, que cria para tanto a Fundação Brasil Central (FBC) no contexto da "marcha para o oeste". A mais famosa das atividades da FBC seria a Expedição Roncador–Xingu, liderada pelos irmãos Villas-Boas. Ao penetrar em território Xavante, a FBC passa a ter um convenio com o SPI, com o objetivo de avançar pelos "espaços vazios" (*sic*), expandindo o território nacional e buscando quebrar a resistência dos Xavante ("pacificá-los"). Tem início o processo de contato com este povo – e a fragmentação do seu território, com a posterior aceleração das divisões das suas aldeias.

A estas tentativas de contato, com intenções amistosas e de certa maneira "oficiais" (porque, no caso dos salesianos, ao menos foi comunicada, nas suas intenções, ao governo do Mato Grosso), se contrapunham, na mesma época, outras, com intenções agressivas e

capitaneadas por “particulares” a mando de especuladores de terras de Cuiabá ou de fazendeiros estabelecidos em Goiás a partir de núcleos urbanos situados nas margens do Araguaia. Existem vários relatos, por parte dos Xavante (porque tais ataques às aldeias Xavante não apareciam nas crônicas oficiais ou nos jornais da época), de aldeias inteiras dizimadas enquanto os homens estavam em expedições de caça. O último deles ocorreu em 1952, em uma aldeia na região da *Lagoa* (altos cursos dos rios Culuene e Couto de Magalhães); os sobreviventes deste ataque é que procurariam, pouco depois, abrigo junto aos salesianos das missões que mantinham ao sul daquela região, no Merure e Sangradouro.

Tais incursões repressivas seriam feitas em represália aos ataques de grupos Xavante às tentativas de estabelecimento de fazendas em seus territórios, pois como dizem os velhos xavante, “*antes a gente caçava waradzu*”: atacavam as moradas para afugentá-los e também para se apropriarem de ferramentas de ferro.

Quando eu era novo morava junto com os Bakairi e os Xavantes de lá, se misturava com eles, se casavam com as mulheres Bakairi e eles se casavam com os Xavante. Eu era solteiro e fui amansando, isso foi no ano de 1954 por ai, mas fui índio bravo, fui amansado e conhecendo os waradzu com amizade.

Essa mata pra cá chama Wanhõ'utu'rã que fica perto do lugar onde os waradzu massacraram os A'uwẽ. Ai o Hu'uhi (morro) fica no outro lado do Wanhõ'utu'rã; ainda não esqueci porque eu era já [da classe de idade] Ritei'wa, sei porque quando fazíamos dzomõri passávamos por aqui.

(Francisco Xavante, aldeia Campinas, TI Culuene – supostos 86 anos, depoimento em agosto de 2011 durante trilha acompanhada com a equipe)

Tal como Francisco, outros anciãos *A'uwẽ* entrevistados na jornada de campo tem a memória viva do contato com os *waradzu*. O grupo de Culuene que buscou refúgio junto ao posto do SPI em Simão Lopes (atual Marechal Rondon) foi o último grupo Xavante a ser contatado, juntamente com o grupo *A'uwẽ* mais setentrional, de *Marãiwatsede*, em 1957.

Em meados dos anos 1950 todos os grupos Xavante estavam “pacificados” – depois de décadas de resistência. Os fatos do contato estão, portanto, ainda presentes na memória do povo Xavante – e as trilhas acompanhadas com estes anciãos, ao longo do trabalho de campo, possibilitaram o mapeamento (localização) e a história vivida daqueles

fatos para se conseguir demonstrar o conhecimento Xavante do seu território e, ao mesmo tempo, o processo de expropriação levado a efeito pelo Governo do Mato Grosso.

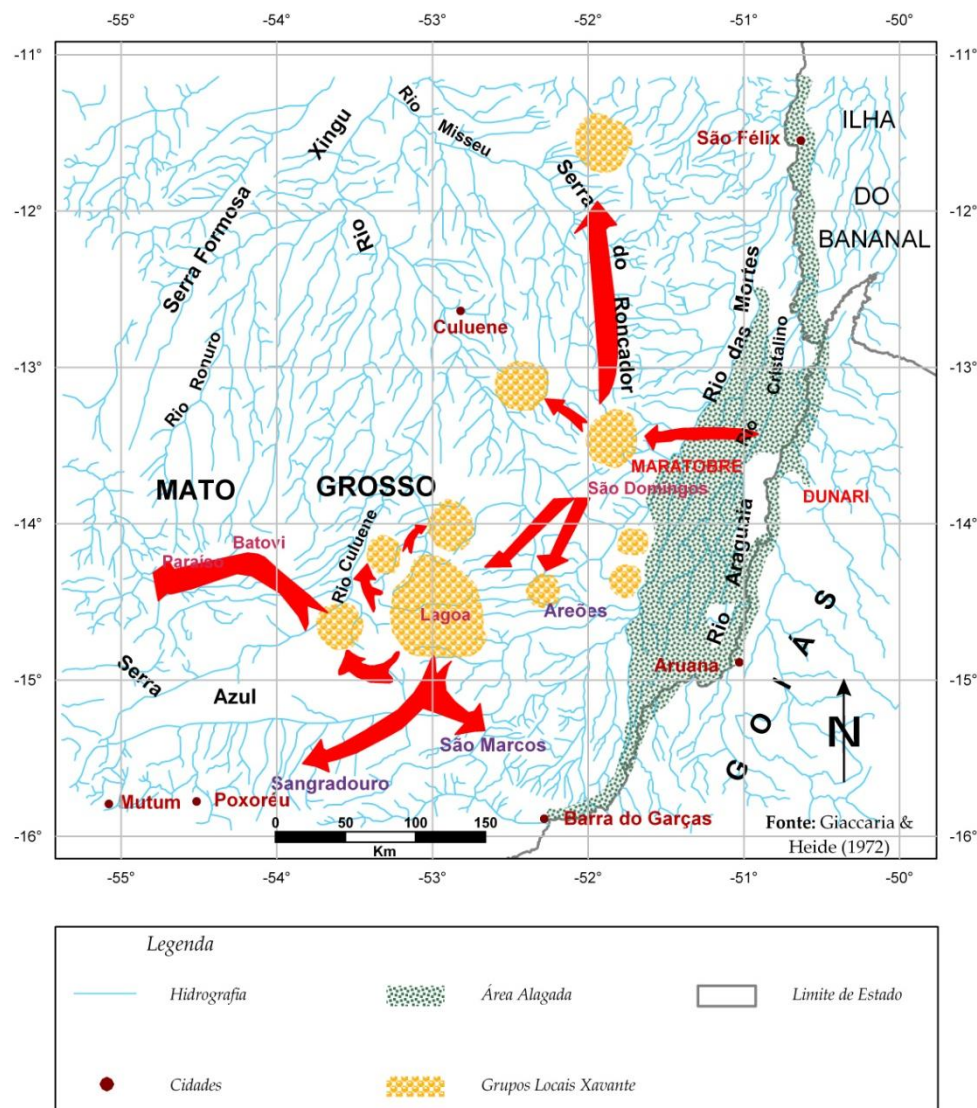


Figura 16: - Migrações Xavante no século XX (apud Gomide, op. cit.: 176)

O grupo de São Domingos (que se encontra hoje na TI Pimentel Barbosa), à época liderado por *Apowê*, estabeleceu relações pacíficas com o inspetor do SPI Francisco Meirelles, em 1946, às margens do rio das Mortes. Entretanto,

Apenas em maio de 1949 aconteceu a esperada confraternização entre os Xavante e os moradores do posto indígena Pimentel Barbosa. “Poucos dias depois os índios voltaram ao mesmo posto, tendo Meirelles realizado a aproximação entre os chefes inimigos Apoena (Apowê) e Uataú, o primeiro Xavante e o segundo Karajá. Houve discursos e trocas de presentes. [...] o contato caminhava lento, mas com segurança e continuidade embora outros grupos continuassem hostis (Ravagnani, op.cit.108) A consolidação da “pacificação” aconteceu algum tempo depois quando o chefe Apowê convida Meireles para visitar a aldeia. Enquanto isto, outros grupos Xavante estão se deslocando e vivendo em outras regiões. Em 1949 aparece um grupo em São Felix do Araguaia, este grande grupo chefiado por Tserasu. Em Xavantina outros grupos Xavante mantém contato com a FBC, “a partir desta data puderam os criadores de gado de Goiás ocupar os extensos campos até então impenetráveis da Ilha do Bananal e do rio das Mortes” [Ravagnani, op.cit.:110] apud Gomide 2008:194.

Em 1950 Francisco Meirelles conseguiria convencer o então governador do Mato Grosso a conceder a este grupo (e ao de Areões) uma gleba contínua de terras “devolutas” para os Xavante no município de Barra do Garças. Apesar do Decreto de 1950 não contemplar todos os grupos Xavante e apenas parte da totalidade do território que ocupavam à época, a intenção de Francisco Meirelles era positiva. Mesmo privilegiando os grupos Xavante do rio das Mortes, sua proposta abrangia alguns grupos da “Lagoa” (altos cursos dos rio Culuene e seus afluentes Couto de Magalhães, Coronel Wanick e Sete de Setembro). Mas, por outro lado, a publicação do Decreto nº 903/1950 certamente incentivou os *waradzu* pretendentes das terras dominadas pelos Xavante – daí a ocorrência de ataques as aldeias Xavante em 1952 e 1953 na região da “Lagoa” (Culuene/Couto de Magalhães), como antes mencionado.

Observando o croqui abaixo, feito por Orlando Villas Boas a partir da proposta de Meirelles, vê-se que os grupos de Mariwatsede, São Domingos e Areões estão contemplados no “território contínuo” proposto então e decretado pelo Governo do Mato Grosso em 1950. As aldeias do Culuene e seus afluentes Couto de Magalhães, Coronel Wanick (então “Cabusala”) e Sete de Setembro estão anotados (por Villas Boas?) apenas como áreas de caça “dos Xavante”. As aldeias deixadas de fora da área contínua foram justamente aquelas que seriam atacadas por jagunços poucos depois do Decreto nº 903; e

em 1952, outro Decreto do Governo do Mato Grosso anularia o Decreto nº 903 liberando as terras Xavante para a “colonização”.

O croqui abaixo acompanha um ofício do então servidor da Fundação Brasil Central Orlando Villas Boas ao General Rondon (presidente do Conselho Nacional da Política Indigenista) reclamando que Meirelles não havia previsto na sua proposta outros grupos indígenas que disputavam com os Xavante áreas de caça nas cabeceiras do rio Xingu.

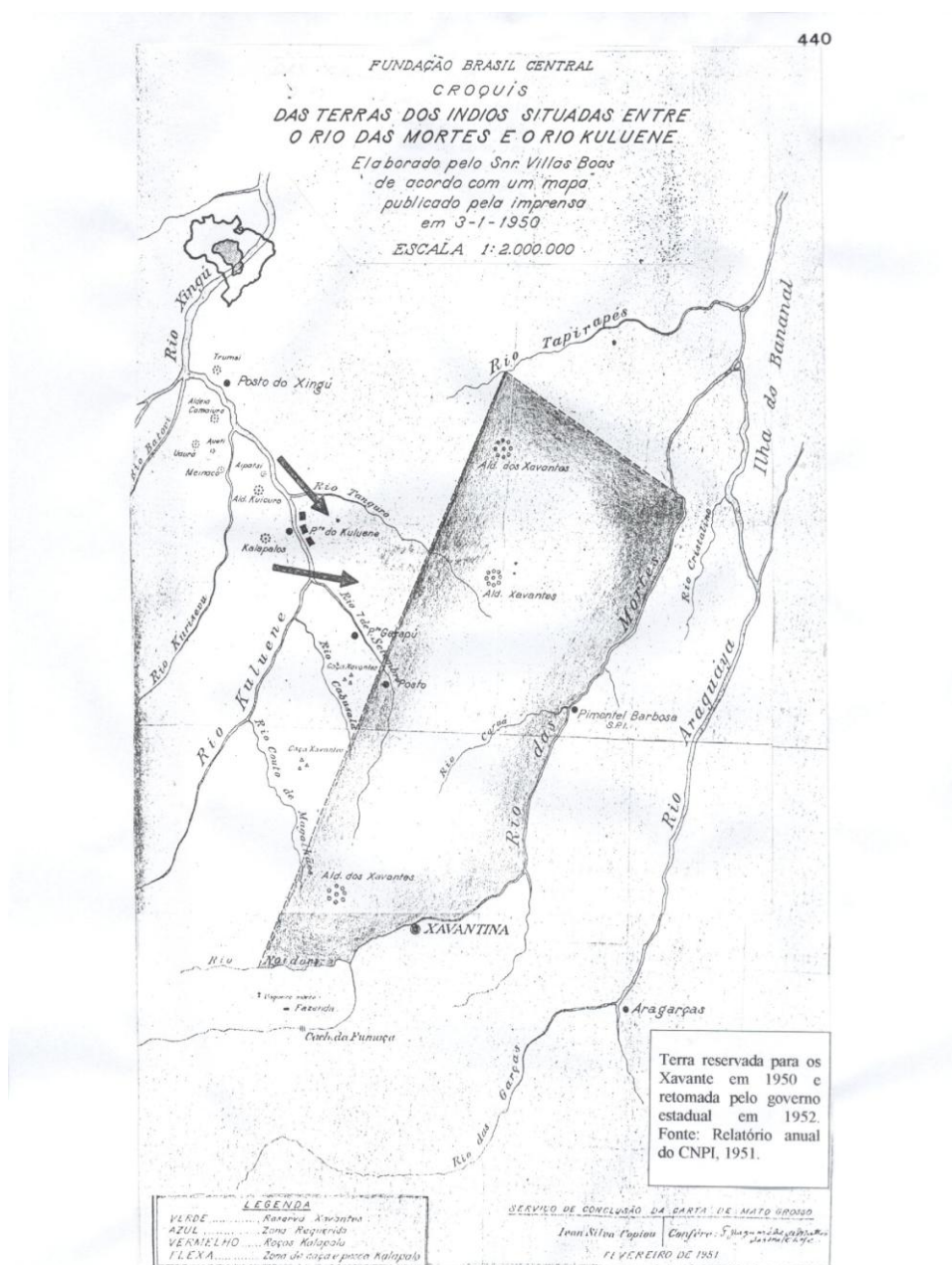


Figura 17: mapa com a área reservada para os Xavante em 1950

“Xavantina, 10 de Fevereiro de 1951

Exmo. Sr. General Rondon

Não sei se o senhor está a par da corrida por terras que anda aqui pela região. É sobre esse assunto que me disponho a escrever ao senhor.

O governo de Mato Grosso, conforme é de seu conhecimento, reservou aos Xavante – sugestão Meirelles – uma área compreendida entre os Rios das Mortes e Kuluene. Com base nessa reserva a Delegacia de Terras e Colonização do Estado passou a deferir todo e qualquer requerimento de compra que fique fora da área reservada. Até aí tudo muito bem. Acontece, porém, que essa reserva só viu o interesse Xavante, como se eles fossem os únicos índios da região. O interesse, ou melhor, a zona de influência de outros índios, não só habitantes do Kuluene, como também dos que freqüentam a mata naquela zona – ainda não bem identificados – não foi levado em conta. E daí resulta o virem a ser prejudicados com os requerimentos deferidos que já atingem aproximadamente 500.000 hectares, na região que se estende dos Rios Couto de Magalhães, Cabusala, 7 de Setembro e Tanguro todos afluentes do Kuluene. Para melhor idéia anexo um mapa (cópia do divulgado pela imprensa) onde assinalo em cores a reserva Xavante, as áreas requeridas, a zona de influência e roças de outros índios.

Há, ainda, a considerar que os Xavante aldeados na altura do rio Noidori (afluente Mortes) não estão ainda em condições de serem agrupados ou obedecerem um limite de influência. Eles em qualquer época do ano, principalmente na estiagem, avançam além da faixa reservada erguendo acampamentos ao longo do rio Cabusala, próximo ao Kuluene.

Esses índios, supomos Xavante, foram os que há poucos dias mataram um vaqueiro de uma fazenda localizada na altura da cachoeira da Fumaça, no Rio das Mortes. E são os mesmos que na “seca” saltam esse rio e incursionam pela margem direita. Não resta dúvida que área reservada foi dada um pouco cedo. Ela seria de grande alcance (aliás como determina as diretrizes do SPI) se fosse concedida depois de estarem os Xavante em geral, em condições de serem agrupados e com possibilidade de atenderem um limite de uma zona de influência. Assim mesmo, dado a vizinhança com as tribos do Xingu, a reserva devia ter sido de forma a proteger aqueles índios, separando numa só gleba a zona de proteção. Os requerimentos que estão sendo deferidos na margem direita do Rio Kuluene, conforme publica o Diário Oficial do Estado, são de causar apreensão. O 1º requerimento surgiu na foz do rio 7 de Setembro e os seguintes avançaram Kuluene acima e abaixo. Os do Kuluene abaixo já frontearam os Kalapalo, Kuicuru e já encostaram no rio Tanguro. Dentro em pouco teremos a região do alto Xingu toda requerida, se não houver com alguma urgência um protesto do SPI. Confesso ao senhor que ignoro se o Inspetor em Cuiabá tomou alguma providência sobre o assunto, protestando junto a Delegacia de Terras. Como vê, Sr. General, a questão está exigindo atenções urgentes por parte do Serviço de Índios (SARQ/MI, F. 355, Fot. 0172 – 0173) (grifos do original) in Freire, 2005: 62-63

O fato é que Orlando Villas Boas conseguiria levar adiante sua proposta de criação de um “parque indígena” para locação e proteção dos índios do Xingu:

Naquele ano, o Vice-Presidente da República, Café Filho, havia promovido uma mesa-redonda para discutir o problema do índio. Dessa reunião participaram, entre outros, o Diretor do SPI, Gama Malcher; a diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres; Darcy Ribeiro, etnólogo do SPI; Noel Nutels, médico do SPI; Orlando Villas Bôas e Major Souza Leão, ambos da FBC. Decidiu-se então

por tentar acelerar a regulamentação do art. 216 da Constituição de 1946, relativo às terras dos índios, e “organizar-se uma comissão destinada a estudar a criação dum ‘Parque Nacional’ nas cabeceiras do Xingu, em local prévia e criteriosamente escolhido. Foram encarregados de tal trabalho o Exm^a Sra. D^a Heloísa Alberto Torres, o Dr. Darcy Ribeiro, como representante do SPI e o Sr. Orlando Villas Boas, sob a presidência do Brigadeiro Aboim” (Relatório anual do CNPI, 1951, p. 35). Surgia o projeto do Parque Indígena do Xingu (PQXIN), sob a chancela da presidência da República, de Rondon e do diretor do SPI. Enquanto isso, o processo para a definição da reserva Xavante proposto por Meirelles (Processo nº 5.346/49), originado da Inspeção do SPI de Cuiabá (IR 6), tramitava no SPI, tendo o apoio de Rondon (Relatório anual do CNPI, 1951, p. 42). As duas reivindicações eram limítrofes, abrangendo uma enorme parcela do Estado de Mato Grosso, tornando difícil a aprovação de ambas. (Freire, op. cit.: 63).

Entretanto, o projeto original do PQXIN, apresentado a Café Filho em 27/04/1952, acabou englobando terras dos Xavante, no seu art. 4º:

*“Fica anexado ao PIX, em caráter provisório, até a pacificação das tribos que a habitam, a área compreendida nos seguintes limites: norte – das nascentes do rio Liberdade, por uma linha geodésica, até a foz do rio S. João no rio das Mortes; leste – e por este acima até a foz do rio Noidori; sul – da foz do rio Noidori e por este acima até suas nascentes; oeste – das nascentes do rio Noidori, por uma linha geodésica até o Posto Curisevu, sobre o rio Batovi (Tamitatoala).
§ único – Após a pacificação de cada tribo que habita nas terras anexadas ao PIX lhe será assegurado um território tribal, na forma da lei, voltando a área que o contorna ao domínio do Estado” (SPI, Relatório anual de 1953, p. 99).*

“No decorrer da tramitação do projeto do PQXIN no Congresso Nacional, o artigo referente às terras Xavante foi suprimido (Menezes, 2000, p. 208). O PQXIN foi criado em 1961 com uma área bem menor do que a inicialmente proposta, enquanto os Xavante só irão conseguir a delimitação (*mas não a demarcação física, ressalta-se*) de suas primeiras “reservas” (*em “ilhas”, observa-se*) no final dos anos 60” (Freire, op. cit.: 64, obs nossas).

2.2 Limitando o território: as demarcações da FUNAI

A formação das terras indígenas Xavante (terras demarcadas pelo Estado brasileiro, via FUNAI) tem elementos interligados, que estão relacionados ao processo histórico de ocupação do Mato Grosso, assim como à história e a espacialização dos grupos Xavante. Estes grupos se movimentavam por um território contínuo, com fronteiras fluidas, e ocupavam a bacia do rio das Mortes e trechos da bacia do Xingu. Portanto, a história da

formação das terras indígenas Xavante atuais é a história da retomada de frações do território e dos embates e violências cometidas por parte da sociedade envolvente, que fragmentou o aquele território em “ilhas” – no sentido de sem comunicação entre elas e cercadas de fazendas por todos os lados.

Os grupos locais Xavante são formados por um conjunto de famílias que se mantêm unidas por alianças políticas e matrimoniais, por linha paterna, e são denominados *A'uwê-Apseniwihã*, *A'uwê-Marãiwatsede*, *A'uwê-Norõtsura* e *A'uwê-O'nhiúdu*. As denominações *Nõrõtsu'rã*, *Apseniwihã*, *Marãiwatsede* e *O'nhiúdu* representam a biogeografia do local onde vivem: babaçu, campo limpo, mata fechada e “mata do peito do rio”, respectivamente.

Os grupos de São Marcos e Sangradouro são fundados por famílias *Norõtsurã* que vieram de Parabubure depois do massacre ocorrido em 1952. Algum tempo depois algumas famílias vieram do Kuluene e se fixaram em São Marcos e Sangradouro.

Os grupos *Ape* vivem atualmente nas TI Pimentel Barbosa e Areões, os subgrupos *Norõtsurã* estão localizados nas terras indígenas Parabubure, São Marcos e Sangradouro enquanto os *O'nhiúdu* estão no Culuene, Ubawawe, Chão Preto e Marechal Rondon.

Maraiwatsede é um caso distinto, uma parte das famílias tinham se unido a *Norõtsurã*, portanto vieram juntos para São Marcos e Sangradouro. Outra parte foi transferida à força para São Marcos (década de 1960) e outro grupo viveu na TI Pimentel Barbosa, em uma aldeia isolada das demais. Atualmente também o grupo de *Maraiwatsede* que vivia em São Marcos retornou para sua terra, com parte das famílias que estavam em Pimentel Barbosa.

Todos os subgrupos citados acima saíram de uma antiga aldeia denominada *Tsõrepré* e migraram para diferentes áreas, apenas *Apetsire* permaneceu na mesma região. Este subgrupo, atualmente vivendo nas TIs Pimentel Barbosa e Areões são considerados os mais tradicionais, e aqueles que tiveram o primeiro contato pacífico oficial, no caso com o SPI. Este grupo permaneceu na mesma área onde se deu este contato da década de 1940 nas margens do rio das Mortes. Seu território, assim como os demais Xavante, foi drasticamente

diminuído, embora atualmente seja a maior área entre os Xavante. Por motivos políticos internos houve uma cisão neste grupo, originando os subgrupos que se localizam hoje na TI Areões.

Quanto ao segundo subgrupo, *Norõtsurã*, na época anterior ao contato (provavelmente na primeira década do século XX), migraram de *Tsõrepré* e passaram a habitar o alto curso do rio Culuene e seus afluentes. O grupo de Culuene por sua vez dividiu-se formando uma aldeia próxima ao rio Batovi e o outro em Simões Lopes, junto aos Bakairi, onde permaneceu até o ano de 1962. As características deste grupo são o abandono e posterior recuperação de seu território próximo ao Culuene e o contato com missionários norte-americanos da *South American Indian Mission*. São Marcos e Sangradouro também abrigam parte do grupo *Norotsurã*, estas terras se diferenciam das demais pela presença da missão salesiana, e por terem um posto de assistência da FUNAI tão somente a partir de 1977.

O subgrupo *O'nhiúdu* é uma subdivisão do grupo de *Norõtsurã* que migrou e ocupou a bacia do rio Culuene, e mais tarde, a do Batovi-Coliseu. Foram os xavante deste subgrupo que foram contatos ou “pacificados” por último e aqueles que mais avançaram no sentido oeste do rio das Mortes.

O quarto subgrupo, *Marãiwatsede*, também formado a partir da divisão de *Tsõrepré*, passou a viver mais ao norte (onde se encontra a atual TI *Marãiwatsede*). Entretanto na década de 1960 este grupo foi deslocado do local onde vivia, próximos ao rio Suiá-Missu, por grileiros que ocuparam suas terras constituindo a agropecuária Suiá-Missú, vendida depois ao grupo Ometto que a revendeu à Agip Petróleo. (Lopes da Silva, 1992: 38-39). Ameaçados, estes Xavante foram removidos da sua terra com o concurso do SPI e da Missão salesiana e levados pelos aviões da FAB para a missão de São Marcos. Permaneceram durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 deslocando-se de uma terra indígena Xavante para outra até reiniciarem a retomada de parte do seu território em 1998.

*Os processos de delimitação oficiais***Terra Indígena Pimentel Barbosa****Situação Jurídica Atual: homologada (Registro de Criação e SPU - 20/08/1986)****Documento: Decreto 93.147 - data de publicação - 21/08/1986****Extensão: 328.966 hectares****Municípios: Canarana e Água Boa****Obras de Infra-Estrutura: BR 158****Fonte: ISA – Instituto Socioambiental**

A demarcação desta TI foi tentada primeiramente pelo Decreto Federal nº 75.426 de 27/02/75 que fixou seus limites em 204.000 hectares; contestado em seus limites pelos índios, em 1979 outra revisão define a área em 300.600 hectares (Decreto 83.262/79). Em 1980 novamente os índios, descontentes com o limite oeste, embargam a demarcação, reivindicando o acréscimo de uma área de 58.000 hectares. Cria-se então um grupo interministerial com representantes da FUNAI, INCRA, BANCO BRASIL e Conselho de Segurança Nacional que, após estudos, procuram um acordo com os Xavante acrescentando 28.650 hectares no limite oeste, em área onde existiam dois cemitérios (ou seja, antigas aldeias). Por fim o Decreto n. 85.025 de 12/08/80 fixa os limites para uma área com 329.250 hectares. O Decreto nº 93.147 de 20/08/86 homologa a TI Pimentel Barbosa com aquela área, nos municípios de Canarana e Água Boa.

Contudo, os limites a leste fixados pelo Decreto 93.174 deixaram fora os locais de antigas aldeias e áreas de caça e coleta na margem direita do rio das Mortes, na antiga São Domingos (ou *Wedêdze*). Em 2010 algumas famílias oriundas das aldeias *Etênhitiripá* e *Wederã* constituíram uma aldeia nesse local, à revelia da FUNAI (MAPA 02).

Além de outras áreas nos cerrados que compunham o território, o limite oeste reconquistado em parte pelos Xavante, estava nas mãos de diversos proprietários entre fazendeiros e colonos, criadores de gado e cultivadores de arroz. Depoimentos dos Xavante contam esta história de seu território. No relato dos índios sobre a demarcação desta terra

indígena colhidos por Gomide (2008), enfatizam que os fazendeiros “eram muito bravos” e as dificuldades que tiveram para retomarem esta área:

Neste território os fazendeiros eram muitos bravos como esse nome da fazenda UTA- União Táxi Aéreo e outros. Somos muito valente de grupo [classe de idade] nodzô'u e como sempre fui chamado, dessa vez o João Nunes da Funai que me indicou. Fui a pé junto com irmão mais novo a noite. As policcias já estavam se unindo todos para nos atacar. Vou contar outro primeiro. Para atacar as fazendas tem que pegar as ervas que os impeça pegar armas e os tornar manso. Primeiro os A'uwe foram expulsar da UTA e não fizeram nada, não reagiram. Na segunda foram atacar Rael e lá da aldeia antiga Tsõ'repré era muito bravo também que se chama Valdenir, mas foi expulso. Do Borecaia foi muito difícil de tirar o fazendeiro, mas finalmente conseguimos tirar daquele lugar, perto onde os A'uwe pescavam tracajás – Wārahopó (apud Gomide, op. cit.: 246)

“Meu irmão mais velho falecido (Dé'wa) que conseguiu retomar esse nosso território, porque os waradzu já estavam nos cercando. Nesta aldeia antiga teve muitas mortes das nossas crianças, por isso ele nos tirou daqui e fomos fazendo a estrada para Pimentel Barbosa da qual nós moramos agora. A Funai não é só hoje que nos rouba, já faz tempo que eles fazem isso e naquela época tínhamos muitas cabeças de vacas. O Jamiro (waradzu), funcionário da Funai, nos roubou e vendeu a metade da cabeça de vaca da comunidade. Por essa razão, eu as levei para o nosso lado deste rio. O padre Pedro que cortou um pedaço de nossa terra acima deste rio e ele que mudou o nome do rio Água Suja para Rio Curuá. Então, nesta caminhada a busca de uma nova aldeia, nós[da classe de idade] 'ritéi'wa fazíamos o canto de noite (Dahipópó) e no fim conseguimos fundar uma nova aldeia. Começamos fazer a roça de toco e era muito grande. Isso temos contado para as novas gerações que eles se tornem como trabalhadores, mas os jovens não estão nem ai para aprender as coisas como trabalho. Nós somos velhos já temos experiência no trabalho, sabemos que essas pessoas são capazes de transmitir para os mais jovens como se tornar trabalhador, eles ensinando, garotos os acompanhando e assim perdem de ter medo do trabalho. Desde daquela caminhada que fundamos a aldeia Pimentel Barbosa moramos até agora e não mudamos mais. Em Etenhi'ritipa as crianças já se multiplicou desde que chegamos da outra aldeia antiga, agora já estou velho, faço esse trabalho aumentar as nossas crianças, porque vejo só o waradzu se multiplicando. Neste 'RITU [aldeia abandonada], não sei porque houve muitas mortes das crianças, muitos anciões falecidos sem assistência da Funai. “ Tsidowi, TI Pimentel Barbosa 2006 - Depoimento coletado por Gomide em 2006 (id, ibd: 151)

Outro depoimento sobre a história da demarcação da TI Pimentel Barbosa conta que “atravessamos porque o Ismael Leitão [do SPI] avisou que os brancos estavam comprando terras, os padres também. Foram os padres que dividiram a terra, compraram um pedaço não ficaram com dó, não. Com conhecimento que eles tinham, escolheram os melhores pedaços. A reserva era para ficar no uiwedehu. Por isso atravessamos para cá,

ficamos poucos anos em Pazaihorepré. O Waródi [chefe falecido] foi fincando marcos com pau, demarcando a reserva. Saíram para dzomõri e Pahori fez um marco com pau e fincou na beira do Etezaitiprépa. Este marco nunca acabou, continua lá mesmo. Aí nós vivemos em Pazaihorepré pouco tempo. Nosso pai Ahöpöwê pensou e decidiu abrir estrada. entrando na mata fizemos pontes, cobrimos com folha, forramos e jogamos terra por cima. O povo antigo era muito trabalhador. Aí veio tempestade, nuvens muito negras, vento (...) fizemos acampamento no Wededzê. Quando terminou a chuva, os homens saíram para caçar; de lá do Wededzê saíram e acamparam no Uiwedwehu. É para lá que os caçadores voltaram com a caça. O costume antigo é bonito! (Sereburã et al. 1999:150)”.

No relato de Hipru ele explica como seu atual território, ainda que uma fração de suas antigas terras, foi duramente (re) conquistado:

Hipru: toda vez que os waradzu apareceram deviam ter sido mortos; hoje o outro clã não deixa mais matar os waradzu. Está proibido, por que os waradzu tem raiva de nós? Por causa da terra; a gente não fica com raiva deles. Nós respeitamos o lugar onde eles estão. Porque eles não nos respeitam em nosso território? Eles só pensam em tomar a nossa terra. Nós não saímos daqui para tomar a terra deles. Vocês podem ver, eles acham que só existem eles no mundo. Mas são eles que estão espalhados por todo lado. Por que? Eles pensam que nós somos incapazes, ignorantes? Eles pensam que nós somos índios incapazes, por isso querem tomar a terra.[...]

(Depoimento coletado por Gomide e traduzido por Tseredzaró Ruriõ, in Gomide 2008: 256)

Em São Felix do Araguaia, Gaspar Ritter, relatou sua versão desta história como um dos ex- proprietários da fazenda UTA (União Táxi Aéreo), que estava localizada em pleno território Xavante. Segundo seu depoimento (coletado por Gomide em 2006), as terras ocupadas pelos fazendeiros tinham titulação e não pertencia aos “índios” e a desapropriação ocorreu devido “a interesses de funcionários da FUNAI”.

“Eu era sócio da UTA, era o pequeno lá, tinha quatro sócios. (...) depois da desapropriação fizemos outra fazenda. Ate hoje temos a área que foi substituir a área nossa lá no Alto Iriri, esta cheio de posseiros e ate hoje não recebemos. No Mato Grosso era titulado, sabia que tinha aldeia... tinha do INCRA normal certificado de não... Foi um decreto do presidente Geisel quando resolveu fazer essa desapropriação, éramos entre fazendeiros e colonos 58 proprietários. Foi uma desapropriação que todos tivemos contato com Incra, Funai e Ministério do interior, foi uma desapropriação que não foi correta, mas foi feita, quem mais

sofreu foram os colonos gaúchos né, que receberam terra no Iriri, terra de mata e eles tinham preparado só para área do cerrado, inclusive as máquinas deles era para o cerrado, problema muito grande. Tivemos em Serra-Dourada e realmente todo mundo tem certeza que até hoje sente. Os gaúchos, todo mundo tinha um título da terra, o presidente Geisel, pelos direitos legais resolve criar no decreto de desapropriação de fazendeiros e colonos próximo da área de Pimentel Barbosa. Não era área de Pimentel Barbosa, nos tínhamos título e pagávamos impostos. Houve que resolveram ampliar área do posto de Pimentel Barbosa. Era só na parte baixa o posto, a parte alta já era da fazenda, era Serra do Roncador. Eu sei que na época ficou 483 mil hectares o posto de Pimentel Barbosa. A área que foi criada, quando inclui todos colonos e fazendeiros. - vocês entenderam que era a terra para o Xavante? Entendemos, inclusive os Xavante trabalhavam conosco, quando era época de colher arroz, eles eram melhores trabalhadores tínhamos bom relacionamentos com eles. Era bom relacionamento, dava assistência para eles, levava para Goiânia e tal. O negócio não partiu de nós não, pelo que fiquei sabendo tinha gente dentro da Funai interessada e ganhando com isso. Quem iniciou o processo era um ex-militar que chefe da Funai, não me lembro mais década 80, acho 81.

- o processo foi surpresa? Foi para todo mundo, uma surpresa, era tudo muito estruturado, todo mundo investiu muito, os colonos produziam muito na época. A maior parte era arroz e gado. Nos tínhamos gado, quase duas mil cabeças era fazenda bem estruturadas, nos tínhamos completo, vários tratores, açudes. Desestruturou todo mundo que estava na região, pessoal ficou apavorado com medo dos índios também. Mesmo na nossa fazenda o capataz tirou o rádio e antena e foi para Ribeirão Cascalheira e nos avisou, foi de surpresa.

-Vocês não sabiam que iam ser desapropriados? Sabia que ia ser desapropriado, eu fui lá na aldeia, eu tive lá de avião, eu o contador da firma em Goiânia da UTA. A avaliação de Funai e Incra de benfeitoria era menos de 50% do valor real. E demoramos mais um ano para receber essa parte de benefícios, tivemos até que dar um cachê para alguém de Brasília para conseguir receber. Ai montamos outra fazenda para lá de Canarana, 70 km na beira do Rio Suiazinho e depois de alguns anos vendemos. A desapropriação foi assim meio bruto conosco. A firma de táxi aéreo UTA era formada por pilotos e mecânicos de manutenção de aviões; chegamos a ter 10 aviões, em Goiânia e Brasília.

- quantos anos a UTA?

Começamos a UTA com 1969, compramos a área e começamos a fazer a fazenda. Era muito bem montada. (Gomide, op. cit.: 249)

A área onde esteve localizada a fazenda UTA, apesar de integrar o território tradicional Xavante, é ainda hoje em parte pasto e fazendeiros vizinhos os têm arrendado para criação de gado.

Terra Indígena Areões

Situação Jurídica: homologada (Registro de Criação e SPU - 03/10/1996)

Documento: Decreto sem data – publicado DOU em 04/10/1996

Extensão: 218.515 hectares

Municípios: Nova Nazaré
Obras de Infra-Estrutura: BR 158
Hidrelétrica de Noidore

Terra Indígena Areões I
Situação Jurídica: em identificação/interditada
Documento: Portaria FUNAI n. 1004 - data de publicação - 18/10/1990
Extensão: 24.450 hectares
Município: Nova Nazaré
Obras de Infra-Estrutura – BR 158

Terra Indígena Areões II
Situação Jurídica: em identificação / interditada
Documento: Portaria FUNAI n. 1.004 - data de publicação - 18/10/1990
Extensão: 16. 650 hectares
Município: Nova Nazaré
Fonte: ISA – Instituto Socioambiental

A história da TI Areões inicia-se com uma divergência entre os Xavante do grupo *Ape*, fazendo com que uma subdivisão se dirigisse ao sul, sob a liderança de *Oribiwe*. Esse grupo instalou-se na margem esquerda do Rio das Mortes, próximo à vila de Xavantina e entraram em contato, em 1953, com integrantes da Fundação Brasil Central ali estabelecidos. Em 1955 o SPI fundou o posto Capitariquara visando a “atração” deste grupo e, no mesmo ano, um missionário americano estabelece uma missão protestante. Por sua parte, missionários salesianos tentam atrair os Xavante para a sua missão denominada Santa Terezinha, também no rio das Mortes. Após vários conflitos internos, os salesianos fecharam a missão em 1961.

A área do grupo Xavante de Areões também estava contemplada no Decreto nº 903 de 1950 e no decreto nº 948/1956, que mesmo reduzindo a área do Decreto anterior, não foram demarcados pelo SPI.

Na década de 1960 superando as rivalidades e problemas internos, os Xavante deste local se unem contra a pressão dos fazendeiros – a maioria empresários paulistas que haviam adquirido terras ilegalmente, por meio da expedição fraudulenta de títulos pelo

Departamento de Terras e Colonização do Mato Grosso. Em 1962 a área entre Xavantina e Areões já estava ocupada por inúmeras fazendas, levando um funcionário da Funai a ser demitido por representar um obstáculo aos fazendeiros que grilavam as terras (Carrara, 1997 :23).

Somente em 1975 parte da terra tradicional deste grupo foi demarcada, com superfície de 227.200 hectares, tendo parte da área estabelecida por uma Portaria da FUNAI de 1972 sido excluída (Calaça, & Lasmar, 1997:17-19). Por fim, a TI Areões foi demarcada pelo Decreto nº 75.426 de 26 de fevereiro de 1977, e posteriormente delimitada com a extensão de 218.515 hectares. No entanto, a área tradicional ocupada pelas fazendas *Dois Corações*, *Santa Maria* e *Santana* e a área da aldeia Tritópa ficaram fora desta demarcação, as quais seriam demarcadas posteriormente.

A partir de 1979 os Xavante de Areões passam a reivindicar áreas que ficaram fora da demarcação e pressionar a FUNAI para que tome as providências necessárias. Em função disso, a presidência daquele órgão, por meio da Portaria nº 2.023/Pres/FUNAI/1986, instituiu um grupo técnico para definir os limites, resultando na proposta das terras indígenas Areões I (referente a área da Fazenda Santa Maria) a oeste; e a Areões II no limite leste (referente a área Fazenda Dois Corações). O parecer nº 036/DID/DAF de 14/05/96 confirmaria a necessidade de identificar as Terras Indígenas *Areões I* e *Areões II* e aprova os limites demarcados da TI Areões, sendo esta TI então homologada pelo Decreto s/nº de 02/10/96.

Terra Indígena Parabubure (nomes anteriores: AI Culuene e AI Couto de Magalhães)

Situação Jurídica: homologada (Registro de Criação e SPU - 30/08/2000)

Documento: Decreto sem data - data de publicação - 31/08/2000

Extensão: 52.234 hectares

Municípios: Campinápolis e Santo Antônio do Leste

Obras de Infra-Estrutura – UHE Paranatinga II

O grupo local que se separou de Areões (*Oribiwẽ*) formou a aldeia *Wabdzerewapré*, localizada na região dos rios Couto de Magalhães e Sete de Setembro, afluentes do rio Culuene, formador do rio Xingu. *Wabdzerewapré* teve a duração de dois

anos, após os quais seus moradores fundaram uma nova aldeia, *Wedetede* ('pau de aricá') (...) onde foram vítimas de uma epidemia que provocou varias mortes (Giaccaria e Heide, 1972: 52). Desta aldeia saíram os grupos que habitaram no *Etêwawe*, no rio Sete de Setembro, e outro na aldeia de *Ö'nhuudu*, no rio Culuene "(estes) subgrupos voltam a cindir-se e novas composições entre os moradores dos três locais, em idas e vindas, resultaram na ocupação de novos sítios, entre os quais estão os que os Xavante chamaram de *Parawadza'radzé* ['lenha seca'] (...) e de *Parabubu* ['folha de cará do mato pequeno']". (Lopes da Silva, 1992: 370)

Em junho de 1951 a aldeia *Parabubure* foi invadida por brancos e em função deste fato regressam para *Parawadza'radzé*. Estes dois grupos, que já estiveram juntos em *Wedetede*, permanecem unidos durante um ano. Após este período nova cisão. O grupo que ficou em *Parawadza'radzé* volta a viver próxima ao rio Couto de Magalhães se estabelecendo lá até o ano de 1956, quando voltam a sofrer nova epidemia. Partem daí para as margens do rio Noidore (afluente da margem esquerda do rio das Mortes); este grupo, juntamente com o subgrupo d *Ö'nhuudu*, buscará, algum tempo depois, refúgio nas missões salesianas localizadas mais ao sul, nas atuais TIs Sangradouro e São Marcos (Lopes da Silva, *op.cit.* 370).

As terras do território tradicional Xavante nas nascentes e alto curso do rio Culuene foram sempre consideradas como "terras devolutas" pelo governo do Mato Grosso, que expediu títulos para terceiros ao longo dos anos 1950 e 1960 e foi sendo gradativamente ocupada por fazendas. As aldeias *A'uwẽ* nesta região sofreram vários ataques perpetrados por jagunços a mando destes fazendeiros e foram alvo de epidemias propositadamente dissipadas por aqueles *waradzu*.

Na luta para retomar este território tradicional, os Xavante tiveram que exercer uma grande pressão sobre a FUNAI – e para conseguirem uma área de apenas 10.000 hectares em 1975, e que passaria a 13.800 hectares em 1976. É nesta pequena área demarcada pela FUNAI que os Xavante do Culuene passaria a viver; parte das famílias que

buscaram refúgio junto às missões salesianas de Merure e São José para lá retornaram (Lopes da Silva, *op.cit.* 371-372).

Entre 1976 e 1980 ocorrem grandes conflitos na disputa pela terra e a FUNAI, tendo o General Bandeira de Mello (1962-72) como seu presidente, expediria uma série de “certidões negativas aos proprietários da fazenda Xavantina S/A e relativas a uma área aproximadamente dezoito vezes maior que a área então recuperada pelos índios.” (Lopes da Silva, *op. cit.:* 373). Em vista da situação, os subgrupos de Couto Magalhães e de Culuene reaproximaram-se e se aliam para enfrentarem os ‘brancos’ da fazenda Xavantina, e passam a pleitearem uma área contínua.

Os proprietários e peões da fazenda Xavantina, estabelecida nesta parte do território tradicional Xavante, destruíram sítios arqueológicos de antigas aldeias e cemitérios com tratores, fatos este que foram notificados (e provados) ao governo federal. Diante da intensificação dos conflitos o Governo resolve ceder uma área maior e em 1979 seria decretada a TI Parabubure, unificando os subgrupos de Culuene e Couto de Magalhães (MAPA 07).

Em 1976 o GT FUNAI/INCRA propõe a criação da Área Indígena (AI) *Culuene* com área de 51.000 hectares e em 1977 famílias Xavante, somando um total de 111 pessoas, deixam o PIN Marechal Rondon, para onde haviam se refugiado em meados da década de 1950, retornando para a AI Culuene. Em 21/12/1979 o Governo Federal delimitaria por fim a Área Indígena *Parabubure* (Decreto nº. 84.337/79) incluindo nesta nova AI as áreas das reservas de Couto de Magalhães e Culuene, totalizando 226.556 hectares.

Mas as reivindicações dos Xavante tanto do Couto de Magalhães quanto do Culuene não ficariam por ai. Depois de vencerem a fazenda Xavantina, pressionaram a FUNAI para que outras parcelas dos seus territórios tradicionais na região fossem reconhecidas pelo Governo Federal.

De 1985 até 2005 foram feitos vários pedidos de revisão dos limites da TI *Parabubure*. Em 1996 foi autorizado pela FUNAI o primeiro grupo de trabalho; houve então uma mobilização regional contra a revisão e suspensão do GT. Foi entregue à FUNAI

o estudo feito pelo GT contendo seis áreas pretendidas pelos Xavante de Culuene e Couto de Magalhães: *Ubawawe*, *Chão Preto*, *Hu'uhi* (Culuene) e *Norõ'tsurã*, *Isou'pá* e *Etërãirebere* (Couto de Magalhães). Entre os anos de 1997 e 1998 a FUNAI atende parte do pedido de revisão e demarca e homologa as TIs *Ubawawe* e *Chão Preto*. A pressão dos Xavante continuou e a FUNAI então constituiu novos GTs em 1999 e 2000. O relatório de identificação e delimitação das áreas de *Norõ'tsurã* e *Hu'uhi* foi entregue à FUNAI, mas a mídia regional fez intensa campanha contra a revisão forçado a “desistência” por parte de algumas lideranças Xavante daquelas localidades. Estes dois processos encontram-se paralisados na FUNAI desde então, assim como os de *Isou'pá* e *Etërãirebere*.

A Terra Indígena *Ubawawe* está localizada próxima ao rio Paraíso e é uma área limítrofe ao sudoeste da TI Parabubure: “Essa área atingiria uma superfície aproximada de 49.576 hectares [...] localizando-se no município de Novo São Joaquim, à margem direita do rio Culuene, se confrontado com o rio Paraíso, de onde por uma linha seca atinge-se o marco demarcatório da TI Parabubure, situado na cabeceira do rio dos Patos.” (Calaça & Lasmar, 2000:27). Esta terra receberia o nome de Terra Indígena Paraíso, mas foi denominada *Ubawawe* (“ponte grande”), pois é assim que os Xavante mais velhos reconhecem o local e que era utilizado em seus movimentos de *dzomõri* pela região. Em agosto de 1997 foi reconhecida a superfície de 51.000 hectares e publicado no Diário Oficial da União em 04/09/1997 e DOE/MT em 30/09/1997. A portaria nº 456/MJ de 25/06/1998 declarou como posse permanente dos Xavante a área de *Ubawawe*.

A TI *Chão Preto* foi homologada pelo Decreto sem número de 30/04/2001 com uma superfície de 12.740 hectares.

Terra Indígena Marechal Rondon

Situação Jurídica: homologada (Registro de Criação e SPU - 03/10/1996)

Documento: Decreto sem data de 04/10/1996

Extensão: 98.500 hectares

Município: Paranatinga

Esta área foi ocupada por subgrupos Xavante oriundos do Culuene após os ataques de suas aldeias por jagunços, em meados dos anos 1950. Enfraquecidos e doentes, muitas famílias buscaram contato e proteção junto aos Posto que o SPI mantinha na região de Paranatinga (Simão Lopes) para os Bakairi – e eventualmente para os Xavante “arredios” que ocupavam a região em movimento de *dzomõri*. Antes deste contato, um subgrupo vindo do Culuene fixou aldeia nas margens do rio Batovi, nos anos 1940.

O grupo, originário do Culuene, dividiu-se em dois: um fez sua aldeia às margens do rio Batovi; o outro chegou a Simão Lopes e construiu sua aldeia junto a sede do Posto, ao lado da aldeia Bakairi, onde ficou até 1962. Nesta época, uma nova aldeia foi fundada, a 12 kms dos Bakairi e dentro da mesma Reserva. Foi instalado no local um Posto do SPI, o PI Paraíso. A primeira característica destes Xavante é, portanto, o fato de terem abandonado o território de origem e, posteriormente, recuperado suas terras no Culuene para onde, a partir de 1974, transferiu-se toda a comunidade do PI Paraíso e uma parte dos moradores do Batovi. Em 1975 e em anos subsequentes, novos grupos de Xavante trocaram definitivamente o Batovi pelo Culuene. A iniciativa da volta e da retomada destas terras partiu dos Xavante e contou com forte oposição dos funcionários graduados da FUNAI [com raras exceções] (Lopes da Silva, op. cit.: 36-37)

Com o Decreto nº 929 de 04/05/1965 inicia-se o processo de regularização desta Terra Indígena reservando 50.000 hectares para “o Posto Indígena Marechal Rondon” (*sic*). No ano de 1972 foi realizada a demarcação e constatou-se uma área de 67.078 hectares; foi observado que havia erros na definição do limite sul: a demarcação deste limite ficou definido pelo córrego Arroz e pelo rio Barreiro, enquanto que o Decreto de 1965 este mesmo limite seria definido pelos córregos das Pedras e Gavião.

Em 1982 quando a FUNAI fez a “materialização dos limites propostos pelo decreto de 1965”, verificou-se que os limites reais conformavam uma área de 98.500 hectares. Os Xavante desta TI reivindicaram então que o limite sul partisse da mais alta cabeceira do córrego Gavião em direção ao rio Batovi, havendo por parte da comunidade indígena tentativa de impedir a demarcação, mas funcionários da Funai entenderam como “ilegal” a

reivindicação dos índios e estes acabam por aceitar a demarcação. Mas nem por isso deixaram de reivindicar o seu direito e a partir de 1985 solicitam à FUNAI alterações nos limites da terra indígena. Nesse mesmo ano a liderança Otaviano Xavante reclama um acréscimo no limite sudoeste entre o rio Curisevo e o córrego Gavião, como também a incorporação da área de 282 hectares de propriedade da missão *South América Indian Mission*, no limite oeste da TI. Novamente em 1987, os líderes Otaviano e Paulo César reivindicam junto à FUNAI a correção do limite sul. Com o Decreto ns/n de 02/10/1996, é homologada a TI Marechal Rondon com superfície de 98.500 hectares.

Outra reivindicação destes Xavante (desde 1997) é para que se revejam os limites norte da TI, entre o córrego Arame e o rio Batovi; este pedido se justificaria pois tratava-se de área doada em 1959 pelo então governador do estado de Mato Grosso Pedro Pedrossian ao Xavante Gregório. Esta parcela da área, ficando fora dos limites demarcados, impossibilitava as mulheres da TI Marechal Rondon coletarem pequi, pois eram ameaçadas pelo proprietário da fazenda *Castelito*. Os missionários da *South América Indian Mission* informaram então aos índios “que tinham liberdade para usar a área enquanto esta não tivesse ocupada por uma entidade Terena (Uniedas) que havia recebido a área como doação (*sic*)”.

3 O modo de vida *A'uwẽ*-Xavante: organização social e demografia

Os Xavante - autodenominados *A'uwẽ* (“gente”) - compõem com os Xerente (autodenominados *Akwẽ*) do Estado do Tocantins e os Xacriabá, em Minas Gerais, um conjunto etnolinguístico conhecido na literatura antropológica como *Akwẽ*, pertencente à família lingüística Jê, do tronco Macro-Jê.

Segundo a versão mais aceita, o nome “xavante” lhes foi atribuído por não-índios visando sua diferenciação dos demais *Akuẽ*, particularmente, em relação aos “xerente”, do qual se separaram por volta de 1820 ainda na Província de Goiás. Durante alguns anos, segmentos já identificados por não-índios pelo etnônimo “xavante” empreenderam travessias sucessivas dos rios Araguaia, Cristalino e das Mortes e refugiaram-se definitivamente no leste mato-grossense até os dias atuais.

Na segunda metade do século XIX, os Xavante já haviam cruzado o Araguaia. Sua população já havia sido reduzida pelos conflitos e doenças trazidos pelo homem branco, de quem procuravam manter distância. Ocupando uma faixa de terra entre o Araguaia e o Rio das Mortes (1820-1890), procuravam viver em isolamento. Mesmo assim, vieram novamente colonos e aventureiros, causando, mais uma vez, medo e insegurança e os forçando a contra-atacar. [...] A pressão constante das diferentes frentes de atração econômica colocou os Xavante em clima de insegurança e guerra, impelindo-os a continuar em processo de migração. Por volta de 1890, alguns Xavante já haviam rumado para o sul e o sudoeste do Mato Grosso, tendo a maior parte atravessado o Rio das Mortes (*Öwawe* ou água grande na língua Xavante) para se estabelecer à sua margem esquerda, próximo à Serra do Roncador (Leeuwenberg e Salimon, 1999: 28).

Como outros povos indígenas, os Xavante sofreram um acentuado decréscimo populacional nas diferentes fases do contato com os “civilizados”. A partir da década de 1970, com o início da demarcação de suas terras, o crescimento demográfico passou a ser constante e a uma taxa média de quase 5% ao ano.

Algumas estimativas populacionais indicam que na época dos primeiros contatos dos *Akuẽ* (“xavante”, “xerente”, “xacriabá”, “acroá”) com a sociedade nacional, por volta de

1.750, sua população seria de dez mil pessoas. Em meados do século XIX teriam sido contados entre três e cinco mil nativos desse conjunto etnolinguístico então localizados no Aldeamento de Pedro III, na antiga Província de Goiás (atualmente TI Carretão, GO). Frei Rafael de Taggia assinala que em 1852 residiriam no aldeamento de Teresa Cristina, hoje município de Tocantínia, TO, à margem direita do Rio Tocantins, cerca de 4.000 índios “xavante” e “xerente”. Dificilmente essas estimativas podem ser incorporadas fielmente, pois a sobreposição identitária e, portanto, territorial, entre os subgrupos considerados *Akuẽ* impede que se tenha de fato um número populacional preciso sobre cada um deles.

Somente a partir dos novos contatos dos grupos locais xavante na década de 1940 e 1950, no leste mato-grossense, com as missões católicas Salesianas, o Serviço de Proteção aos Índios e o etnólogo Maybury-Lewis é que podemos vislumbrar dados mais precisos sobre a dinâmica demográfica xavante

Quadro 5: Dinâmica demográfica Xavante

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	FONTES
1958	1.100	SPI-MISSÃO, M.Lewis 1984
1963	1.465	SPI-MISSÃO, M.Lewis 1984
1969	2.160	Giaccaria e Heide, 1972
1977	3.340	FUNAI, in Lopes da Silva 1986
1983	4.412	FUNAI
1984	4.834	FUNAI, in Graham, 1995
1996	7.985	FUNAI
2000	9.601	FUNASA
2004	11.231	FUNASA
2007	13.470	FUNASA

Atualmente, são 189 aldeias (FUNASA, 2010) espalhadas de maneira bastante desigual por cada uma das 07 terras indígenas delimitadas pela FUNAI. Parabubu, por exemplo, tem hoje 55 aldeias e uma população de 3.725 pessoas, enquanto Pimentel Barbosa possui 09 aldeias e 1.505 pessoas.

Quadro 6: Dinâmica populacional por terra indígena no período entre 1977 a 2010

Terra Indígena	1977 FUNAI	1984 FUNAI	1988 FUNAI	1996 Gov. MT	2000 Funasa	2003 Funasa	2010 Funasa
Areões	303	511	594	759	913	1.028	1.353
Marãiwatsede							725
Mal. Rondon	111	215	237	376	433	500	694
Parabubure	1.066	2.104	2.697	3.162	3.883	4.502	3.725
Culuene							2.247
P. Barbosa	266	526	673	1.068	1.361	1.570	1.505
Sangradouro	548	446	524	807	933	1.188	1.764
S. Marcos	1.010	1.032	1.366	1.813	2.078	2.443	3.286
Totais	3.304	4.834	6.091	7.985	9.601	11.231	15.299

Organização Social

Como ocorre em todas as sociedades de língua Jê, a organização social xavante consiste em agrupamentos binários, ou seja, um conjunto de "metades" que se entrecruzam. Um desses arranjos binários, determinado por descendência patrilinear, organiza todos os *a'uwẽ* em duas metades matrimoniais, chamadas *poredza'õno* e *õwawe*. O arranjo determina que um indivíduo se case com alguém do outro grupo ou metade. Outro ordenamento binário que expressa a filosofia dualista xavante organiza as pessoas também em duas metades. Entretanto, o critério neste caso não é mais o matrimonial, mas sim o da distinção por faixas etárias. Formam-se, assim, dois grupos que se pode chamar de "metades agâmicas". Cada uma destas duas metades agâmicas é composta por quatro grupos denominados "classes de idade" na literatura antropológica. Portanto a sociedade Xavante está organizada em oito classes de idade, sendo cada uma delas composta por pessoas de mais o menos a mesma idade.

Como será ilustrado a seguir com maior precisão, o ciclo das classes de idade na sociedade Xavante envolve uma complexa ordenação de sucessão no tempo: a formação das classes de idade, ou seja, suas sucessões no tempo, não se dão dentro da mesma metade agâmica, mas sim, de maneira alternada, articulando o conjunto das oito classes de idade e, portanto, das duas metades agâmicas. É importante notar ainda que o ciclo das classes de idade seja diferente entre dois grandes conjuntos de aldeias que possuem maiores semelhanças dialetais e sociológicas entre si, aos quais o antropólogo David Maybury-Lewis (1974), pioneiro dos estudos sobre os Xavante, denominou como "Xavante Ocidentais" e "Xavante Orientais".

Na tabela abaixo está representado o ciclo das classes de idade entre os "Xavante Ocidentais" e "Orientais". O nome de cada classe de idade é o mesmo em ambas as regiões, só mudando a ordem de sucessão daquelas que compõem as respectivas metades ágamas identificadas pelo número 2. As flechas indicam que a constituição de cada classe de idade se alterna de uma metade para outra dentro de um ciclo que pode durar até 40 anos. O ciclo se reinicia com a formação daquela classe de idade que tinha sido a primeira a ser formada. Ou seja, encontraremos na sociedade Xavante pessoas que pertencem à mesma classe de idade – por exemplo, *Abare'u* – independentemente de serem adolescentes ou velhos (que já vivenciaram o ciclo completo previsto pelo sistema).

Quadro 7: Ciclo das classes de idade entre os "Xavante Ocidentais" e "Orientais"

XAVANTES OCIDENTAIS		XAVANTES ORIENTAIS	
METADE AGAMA 1	METADE AGAMA 2	METADE AGAMA 1	METADE AGAMA 2
SADA'RO	AI'RERĒ	SADA'RO	ANARÒWA
Hötörã	TIRÓWA	Hötörã	AIRERE
ETĒPÁ	ABARE'U	ETĒPÁ	TIRÓWA
NODZÔ'U	ANARÒWA	NODZÔ'U	ABARE'U
SADA'RO		SADA'RO	

Fonte: Maybury-Lewis (1974)

É importante compreender um dos princípios que orienta a constituição do sistema de classes de idade xavante que se relaciona, justamente, ao ciclo de amadurecimento da pessoa xavante, as categorias de idade. No caso masculino, os meninos tornam-se membros de uma classe de idade aproximadamente entre 07 e 10 anos de idade, quando são introduzidos na “Casa dos Solteiros” – *Hö*. Nesse período, eles passam a ser conhecidos como *wapté* (pré-iniciados). Os *wapté* vivem conjuntamente no *Hö* (“Casa dos Solteiros”) durante um período que varia de um a cinco anos e ali são orientados principalmente por um grupo de homens mais velhos, seus padrinhos, necessariamente da mesma metade agâmica. Na sua vivência no *Hö* os *wapté* apropriam-se de habilidades e informações que serão fundamentais para suas vidas como homens iniciados. As meninas também participam, assim como os meninos, do sistema de classes de idade, entretanto, diferente deles, as meninas não se separam de suas famílias, continuando assim a viver normalmente em suas habitações.

Depois do período de residência na “Casa dos Solteiros”, um elaborado e complexo cerimonial - que culmina com o ritual de perfuração de orelhas - transforma os meninos pré-iniciados em adultos iniciados. As meninas tornam-se adultas quando dão a luz ao seu primeiro filho. A vida adulta para ambos – meninos e meninas – é dividida em quatro

fases: iniciados recentes (*'ritai'wa*); jovens adultos (*ipredupté* ou *da-ñohui'wa*); adultos maduros (*iprédu*) e velhos (*ihí*). Depois que um xavante morre passa a pertencer à categoria dos *hoimana'u'ö* (“ancestrais”, também conhecidos como *sare'wa* ou *wazapari'wa*, dependendo do contexto), que pode renascer num contínuo ciclo de vida.

No caso dos homens, é justamente quando os meninos entram na “Casa de Solteiro” – identificados então à categoria de idade *wapté* – que o seu ciclo de formação como pessoa se articula ao sistema de classes de idade. Se a classe que está sendo constituída naquele período na aldeia é, por exemplo, a dos *Hötörã*, todos os meninos – independentemente da sua filiação às metades matrimoniais – pertencerão para o resto da vida a essa classe. A próxima classe, portanto, a próxima geração de *wapté*, necessariamente, fará parte de uma classe de idade pertencente à outra metade ágama, conforme apresentado anteriormente na Tabela 5. Os dois agrupamentos exógamos (as metades matrimoniais fundadas na patrilinearidade) e as duas outras metades ágamas (compostas cada qual por quatro classes de idade e fundadas no critério etário) são a base de grande parte da vida social xavante. Eles são criados, bem como exibidos publicamente, por numerosas atividades cerimoniais.

Os Rituais

Wai'a

Em se tratando dos homens há um terceiro conjunto de agrupamentos – portanto, diferente das metades cerimoniais e das metades ágamas – que se associa ao cerimonial *wai'a*, importante complexo ritual masculino e que gera mais divisões e intersecções grupais. No *wai'a*, os homens têm acesso e repassam conhecimentos considerados “sobrenaturais”, diretamente relacionados às dicotomias vida/morte, bem/mal, doença/cura. Diferentemente dos demais rituais descritos abaixo, o *wai'a* é uma cerimônia na qual somente os homens participam.

Cerimonial do Oi'ó

A primeira cerimônia pública em que os meninos pequenos se engajam é a contenda com clavas chamada *ói'ó*. Dela, os garotos participam desde a época em que já dão conta de portar uma clava e de dirigir-se por conta própria ao ringue de combate até quando estão prontos para serem conduzidos à casa dos solteiros, o que ocorre em algum momento entre os seus sete e dez anos de idade. A luta põe em evidência a oposição entre as metades exogâmicas patrilineares (as metades matrimoniais), pois cada menino é pintado no rosto com o sinal da sua respectiva metade. O *ói'ó* também cultiva e demonstra o espírito combativo dos meninos e sua capacidade de enfrentar desafios físicos, duas importantes características masculinas na sociedade xavante.

Wa'i e Uiwede: lutas corporais e corrida de tora

Duas outras competições esportivas cerimoniais que os Xavante apreciam são as lutas corporais *wa'i* e as corridas de revezamento com toras de buriti, chamadas *uiwede*. Elas incitam e exibem rivalidades jocosas entre as metades ágamas opostas, também cultivando e demonstrando qualidades muito importantes para o tradicional estilo de vida xavante: a força e a resistência físicas.

As lutas *wa'i* enfatizam publicamente as divisões tanto exógamas como ágamas, ao passo que as corridas de revezamento enfatizam as últimas, na medida em que colocam como adversárias classes de idade de metades ágamas opostas. As lutas *wa'i* ocorrem antes da condução dos garotos à casa dos solteiros, momento em que se tornam oficialmente membros de uma das oito classes de idade xavante. Em cada luta se opõem indivíduos das duas metades exogâmicas (*poriza'õno* e *öwawê*). Nas lutas, meninos da mesma idade, assim como meninas, reagem a troças e provocações de um homem. Em pé, ambas as partes engalfinham-se vigorosamente, e os combates terminam quando uma delas, em geral o homem, consegue derrubar a outra. Há nesses descontraídos desafios uma considerável vantagem de tamanho dos homens em relação a seus oponentes infantis. Isso se explica porque esses homens, que se tornarão os “padrinhos” da nova classe de idade em formação, são sempre de uma classe de idade mais velha, mesmo sendo da mesma metade agâmica. Ou seja, quando os *wapté* pré-iniciados entram na “Casa de Solteiros” e formam uma nova

classe de idade – por exemplo, a dos *Hötörã* -, seus padrinhos serão os membros da classe de idade *Sada'ro* que já passaram para a categoria de idade “jovens-adultos” chamada *ipredupté* ou *da-ñohui'wa* e que pertencem a mesma metade ágama.

Quando ocorre de meninas serem convocadas ao ringue para lutar o *wa'í*, é muito freqüente que se juntem para arremeter coletivamente contra um único homem, a quem perseguem numa divertida batalha – postados logo ao lado, os espectadores emitem incentivos.

Nas corridas de revezamento de tora, cada participante esforça-se ao máximo ao longo de trechos curtos, portando sobre os ombros uma enorme e pesada tora de buriti (aproximadamente 80 quilos para os homens e 60 para as mulheres). Em seguida, trata de transferi-la aos ombros de algum outro membro de seu “time”, da mesma classe de idade ou da mesma metade ágama que fica à espera. Essas toras extremamente pesadas são transportadas pelos corredores ao longo de trajetos de extensão aproximada entre seis e oito quilômetros, que terminam no centro da aldeia. As corridas sempre envolvem pessoas do mesmo sexo e opõem times compostos, cada qual, por classes de idade das metades ágamas. Apenas adultos podem transportar as toras. Contudo, essas corridas são acompanhadas por todos os membros fisicamente aptos da comunidade, o que faz delas eventos excepcionalmente animados e divertidos. O correr com toras é, sem dúvida, uma das atividades esportivas favoritas dos Xavante.

Da-ño're: desempenho coletivo de canto e dança

Assim como ocorre em outros cerimoniais, membros das principais classes de idade que participam das corridas de toras dedicam-se, depois delas, à prática do *da-nho're*: desempenho coletivo de canto e dança. Os times de cada metade ágama começam suas respectivas performances em extremidades opostas do anel de casas dispostas em forma de ferradura. A partir daí, seguem direções contrárias, parando para cantar e dançar nos pátios de determinadas residências. Acústica e visualmente, a performance põe em destaque a oposição e a rivalidade entre classes de idade de metades ágamas opostas, particularmente

quando os dois grupos cantam e dançam em frente de casas vizinhas próximas aos vértices do semicírculo de casas.

Como forma de comportamento expressivo, o *da-nho're* é masculino por excelência, ainda que as mulheres também o executem em certas ocasiões. Constitui a mais importante das atividades públicas específicas em que os pré-iniciados moradores da casa dos solteiros (conhecidos como *wapté*) e os rapazes recém-iniciados (conhecidos como *'ritai'wa*) se envolvem, por serem membros de classes de idade. Performances *da-nho're* engendram laços emocionais extraordinariamente fortes entre os que delas participam.

Os *da-nho're* são composições que homens iniciados “recebem” em sonho dos ancestrais. Na cerimônia de perfuração das orelhas, ponto alto do complexo de iniciação masculina, um novo iniciado obtém seus primeiros brincos: pequenos cilindros feitos de madeiras que os Xavante consideram possuir poderosas capacidades indutoras do sonhar. Atualmente, homens jovens estabelecem uma analogia entre os brincos e antenas de rádio: os brincos tornam os homens aptos a “sintonizar” os ancestrais enquanto sonham. Esses objetos apontam para a aptidão de um jovem do gênero masculino a “reapresentar” seus sonhos como cantos, habilidade que constitui um importante critério de determinação do *status* social de homem adulto. Quando mulheres e garotas executam *da-nho're*, elas cantam e dançam junto com homens, em certa cerimônia que faz parte do complexo de iniciação masculina, porém, um grupo feminino de classe de idade executa *da-nho're* sem os homens. Como não possuem brincos, as mulheres são, em geral, consideradas incapazes de sonhar *da-nho're*. Algumas delas, contudo, são conhecidas por sonhar- *da-nho're*, constituindo exceções.

Adaba: celebração do casamento

O casamento preferencial entre os Xavante é realizado entre um grupo de irmãos e irmãs, do qual também deriva a possibilidade – sempre aberta pelo sistema – da poliginia sororal. (o casamento de um homem com diversas irmãs reais e/ou classificatórias). Um homem xavante, após o casamento, passa a morar na casa do sogro, portanto, trata-se de uma sociedade que pratica a uxorilocalidade.

A celebração xavante do matrimônio, *adaba*, se realiza depois de o casal haver vivido junto durante certo período, quando a união será considerada estável. A cerimônia consiste em troca solene de alimentos de dois dias de duração, que representa as contribuições do homem e da mulher à união matrimonial. No primeiro dia, o noivo ornamentado com pintura corporal atravessa o pátio central da aldeia carregando uma enorme cesta repleta de carne de caça e a deposita no pátio doméstico dos parentes da noiva. Por tradição, obtém-se essa carne em prolongadas excursões de caça conhecidas como *da-basa*, à qual concorrem o noivo e homens aparentados. Usualmente, as caçadas nupciais *da-basa* duram de três a quatro semanas, ou até que se consiga carne suficiente, que é defumada. Hoje, por conta da escassez cinegética, os grupos de homens aparentados saem em caçadas de um único dia de duração chamadas *sérére* e, em vez de retornar à aldeia com presas defumadas, trazem carne fresca.

Na participação feminina na cerimônia nupcial *adaba*, os parentes da noiva fazem e distribuem um enorme bolo para os demais membros do grupo. Noutros tempos, esse bolo era preparado com farinha de milho. Hoje, o normal é que seja feito de farinha de trigo comprada. A massa é embrulhada em folhas de bananeira e assada em forno de barro. Quando o bolo está pronto, a noiva, totalmente pintada com o vermelho do urucum e usando um colar de dentes de capivara, põe-se de joelhos sobre uma esteira de palha no centro da aldeia. Uma jovem da outra metade lhe traz uma pequena prenda, que é trocada pelo colar de dentes de capivara. A noiva retorna a sua casa e o bolo nupcial é dado à família do noivo, para distribuição. Nem a noiva nem o noivo compartilham dos alimentos da cerimônia nupcial.

Nominação

O processo de nominação xavante é parte de um sistema complexo de trocas cerimoniais entre as metades, sendo que a literatura registra, inclusive, disputas entre indivíduos pertencentes às metades opostas pela posse de grandes nomes de prestígio. O

conjunto de nomes masculinos xavante não só identifica um indivíduo determinado, como se trata de um critério importante para distinguir o pertencimento às linhagens que compõem cada uma das duas metades exogâmicas xavante. Muitas vezes, um homem xavante se identifica a uma linhagem através do reconhecimento de sua filiação a um ancestral que tenha adquirido bastante prestígio político durante a vida. Em muitos casos, o nome de maior prestígio desses ancestrais fundadores (um homem xavante pode adquirir até oito nomes durante a sua vida) é o mesmo que denomina uma das inúmeras linhagens xavante. Antes da segunda fase de seu processo de socialização – quando se tornam *wapté* (pré-iniciado, morador na casa de solteiros) – um “menino” xavante é identificado à “linhagem” do pai, da qual é “herdeiro nominal” por ser o primeiro nome que recebe, por volta dos cinco anos.

Na maioria dos casos, esses nomes são “sonhados” por membros da sua linhagem paterna. Essa herança será reforçada quando o “menino” passar a ser classificado na categoria de idade dos *wapté* (pré-iniciado), já que será novamente batizado com outro nome, na grande maioria dos casos, também “sonhado” pelos membros de sua patrilinearidade.

A cerimônia de nomeação das mulheres, *Pi’õ-nhisi*, é uma celebração exclusivamente para elas. Por envolver contatos extraconjugais, sua prática foi desaprovada por missionários e abandonada por muitos grupos xavante após o contato. Na área de Pimentel Barbosa ela continuou a ser praticada até meados dos anos 1980, mas não logrou continuidade depois de ser realizada em 1986. Noutras partes, em aldeias que estão afirmando sua independência da influência missionária, ela vem sendo restabelecida.

Associações Xavante

Desde o final da década de 1980, tirando partido de mudanças promovidas pela nova Constituição brasileira, grupos xavante começaram a formar associações civis. Essas entidades permitem que recebam apoios financeiros diretos de ONGs, do Governo Federal e de outros doadores, para desenvolverem projetos em prol da melhoria das condições de vida

nas comunidades. Seus esforços vão desde projetos visando à promoção da educação, das condições sanitárias, da atenção à saúde e da nutrição até planos para geração de renda. Entre os últimos, estão projetos como os de turismo eco-cultural, de manejo de caça sustentável, de criação de abelhas para a produção de mel, até a negociação de músicas xavante para a produção de alertas sonoros de telefones celulares. As Associações e comunidades xavante também estão fazendo esforços para divulgar informações sobre seu modo de vida e as dificuldades que hoje enfrentam – como campanhas pela preservação do cerrado, bem como para induzir respeito por sua cultura entre os não-Xavante. Além de realizar seminários em escolas e outros ambientes educacionais, sobretudo em eventos relacionados ao Dia do Índio em abril, alguns deles têm aproveitado oportunidades abertas em meios de alta visibilidade, que lhes permitem atingir públicos maiores, via *sites* na internet e produção de vídeos de autoria indígena.

Associações xavante (hoje são cerca de 30) também estão envolvidas em campanhas para promover a consciência e a compreensão quanto aos programas governamentais de desenvolvimento, como a construção de represas hidrelétricas e da hidrovía Araguaia-Tocantins. Trata-se de tentativas de instruir os Xavante sobre como a implementação desses projetos, do mesmo modo que a agricultura intensiva que se pratica na região, irá afetar suas terras, os cursos de água de que eles dependem e seus meios de vida.

Panorama das condições de saúde e políticas públicas

Os Xavante estão em processo de recuperação demográfica, com elevadas taxas de natalidade e um crescimento populacional que se vem mantendo regular desde fins da década de 1960. A mortalidade infantil, no entanto, é relativamente alta – significativamente superior à média brasileira. Um estudo realizado no início desta década (*in* Coimbra Jr, 2003) mostra que apenas 85% das crianças sobrevivem até os dez anos de idade. Em muitos casos, as causas de

morte resultam de doenças tratáveis, de precárias condições sanitárias, que poderiam ser melhoradas com medidas básicas de saúde pública, ou da contaminação da água. Doenças gastrointestinais (gastrenterites) e infecções respiratórias respondem por uma significativa proporção de mortes de crianças. Em várias aldeias, excrementos humanos chegam às fontes de água de que se servem os membros da comunidade. Agrotóxicos de fazendas vizinhas também contaminam os estoques hídricos.

O acúmulo de lixo e de excrementos humanos nas aldeias e suas imediações, bem como a contaminação das fontes de água conformam, hoje, sérios riscos de saúde pública nas comunidades xavante. Esses problemas resultam, em parte, da mudança do padrão de vida seminômade ao sedentarismo. No passado seminômade, como o local de instalação das aldeias era freqüentemente trocado, o hábito de depositar dejetos perto das casas não apresentava sérios riscos de saúde, como ocorre atualmente. Ademais, o acúmulo de lixo se vê exacerbado pela introdução de materiais que, à diferença dos tradicionais resíduos orgânicos, não se decompõem com rapidez. Plásticos e produtos tóxicos, como pilhas elétricas, entulham as aldeias contemporâneas.

O sedentarismo, a carência de caça e de outras fontes de proteína, assim como os planos desenvolvimentistas da FUNAI da década de 1970 resultaram em dramáticas mudanças na dieta xavante, que têm levado à desnutrição e a problemas de saúde a ela relacionados, como a anemia. As mudanças na dieta, em especial o gosto recentemente adquirido pelo açúcar e pela farinha de trigo refinada, também se expressam numa alarmante incidência de diabetes. Como este, o consumo de álcool e o alcoolismo, que se relacionam com situações de tensão social e são mais graves em comunidades situadas perto de cidades, colocam novos problemas. O diabetes, o alcoolismo e também a hipertensão – de incidência relativamente alta em algumas comunidades – são, para os Xavante, doenças novas.

O acesso aos serviços de saúde é um sério problema para os Xavante contemporâneos. O ato administrativo que, em 1999, transferiu a responsabilidade pela saúde indígena da FUNAI à Funasa (Fundação Nacional de Saúde) não melhorou a situação. A Funasa presta

seus serviços aos povos indígenas, muitas vezes em colaboração com ONGs locais e prefeituras, por meio dos chamados Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs).

Em 2010 foi criada a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) vinculada diretamente ao Ministro da Saúde e decretada a autonomia financeira dos DSEI, como tentativa de resolver os problemas burocráticos do atendimento. Mas este tempo agora é de transição e os Xavante, como outros povos indígenas, estão na expectativa de melhora dos serviços.

A atenção à saúde nas aldeias xavante continua a ser deficiente, quando não inteiramente ausente. Na maioria dos casos, os postos de saúde nas comunidades contam com equipes treinadas em graus mínimos – auxiliares de enfermagem não-índios e Xavante que atuam como monitores de saúde. É sobretudo nos centros urbanos, e não nas terras xavante, que fica o pessoal treinado. Os profissionais da área médica e odontológica que atendem os Xavante trabalham à base de intervenções curativas; a falta de recursos impede o desenvolvimento de programas preventivos. Quando tratados nos postos de saúde que servem à população em geral, os Xavante sofrem, muitas vezes, discriminação dos profissionais responsáveis, que carecem de treinamento e sensibilidade para lidar com povos indígenas. O racismo que prevalece nos centros urbanos e entre os trabalhadores da área da atenção à saúde exacerba a relutância dos Xavante em procurar a atenção da medicina clínica ocidental, desanimando-os, mesmo quando se trata de casos graves, a dirigir-se a hospitais.

Os levantamentos realizados pelos pesquisadores xavante incorporados nestes Estudos, no âmbito da saúde e para as 04 TIs aqui tratadas, mostram que 90% dos partos são realizados nas aldeias e ainda que o uso de raízes e cascas do conhecimento tradicional são amplamente empregados para o tratamento da diabete, leishmaniose, diarreias e afecções das vias respiratórias e outras (“cansaço”, “dores nas juntas”).

A qualidade da água e o saneamento são precários em todas as aldeias levantadas pela equipe. Do universo de 53 aldeias hoje estabelecidas nas quatro TIs aqui consideradas (Sangradouro/Volta Grande, São Marcos, Areões e Pimentel Barbosa), 18 contam com poços artesianos – as demais se servem da água dos córregos que cercam as aldeias. Contudo, das aldeias servidas por poços artesianos, muitas ficam sem esta água por períodos variáveis,

devido a problemas nas motos-bombas (falta de manutenção) ou ainda porque os poços não tem a profundidade necessária, ficando inutilizado no auge da estação seca (agosto/outubro). E em todas aquelas aldeias seus habitantes resistem em utilizar “banheiros” (fossas sanitárias) onde existem: os cerrados ao redor das aldeias são utilizados pela imensa maioria da população xavante em todas as aldeias. Como consequência, logo nas primeiras chuvas, surtos de diarreias ocorrem em todas as aldeias, sobretudo em crianças de 03-10 anos.

Tabela 4 – Condições sanitárias por Pólo Base, DSEI Xavante, 2002.

Pólo Base	N.º aldeias	Água potável	Água sem nenhum tratamento	Destino dos dejetos/lixo
Água Boa	18	15	03	18/ Céu aberto
Campinópolis	70	37	33	70/Céu aberto
Paranatinga	28	09	19	28/Céu aberto
São Marcos	24	10	14	24/Céu aberto
Total	140	71	69	140/Céu aberto

Fonte: Lima, Daniela – Relatório Projeto Petrobrás

Estes números não se alteraram significativamente de 2002 para cá, pelo que pudemos observar nas campanhas de campo e pelos poucos dados fornecidos pelo DSEI.

Os levantamentos da nossa campanha de campo, com auxílio dos pesquisadores Xavante, feitos casa a casa e depois comparado com os registros dos Postos de Saúde locais mostram, apontam números assustadores para os casos classificados como “anemia”, sobretudo na faixa de idade 01-15 anos. Os registros do DSEI Xavante (Distrito Sanitário Especial Indígena) em Barra do Garças, para o ano de 2009, computa 918 atendimentos na morbidade “doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas” – e considerando que a maioria da população xavante das aldeias NÃO se desloca para os grandes centros ou Polos-Base para atendimento

quando se trata deste tipo de agravo. Por certo tais agravos estão diretamente ligados às mudanças dos hábitos alimentares dos Xavante nos últimos 30 anos/

A questão alimentar é certamente uma das transformações mais intensas que os Xavante vêm sofrendo ao longo de sua história de contato. De caçadores-coletores e agricultores de milho e tubérculos nos anos 1950 e 1960, hoje praticam atividades de subsistência muito pouco diferente daquelas dos pequenos agricultores. Uma citação do Maybury Lewis ilustra essa transformação brusca no modo de subsistência do grupo.

“A maneira pela qual os Xavante fazem uso de seu ambiente aparentemente tão pobre, tirando seu sustento e satisfazendo suas necessidades é um dos aspectos de sua vida que impressiona forçosamente qualquer observador. Em resumo(...) a vida dos Xavante era tão bem adaptada ao seu ambiente que, mesmo já em 1958, um visitante ficava com uma impressão de abundância e eficiência em suas aldeias que contrastava intensamente com a sensação de pobreza e inadequação transmitida pelos vilarejos da população não índia do Brasil Central.” (1984: 106)

A base alimentar da maioria das aldeias Xavante provém hoje das compras feitas nas cidades e cujos produtos (industrializados) mais consumidos são a farinha de trigo, óleo (de soja), macarrão, extrato de tomate, sal e açúcar. Mas muitas aldeias ainda plantam para consumo o arroz, o feijão (xavante), o milho (xavante), abóbora, mandioca, batata, e algumas frutas como banana, melancia, abacaxi, mamão e cana.

O valor da renda familiar, comumente de um salário mínimo por pessoa em muitas residências e advinda de aposentadorias, salários de agentes de saúde e professores, é insuficiente para alimentar todos que habitam o mesmo espaço, sendo necessária a contribuição dos parentes. Na maior parte dos casos, os cargos remunerados são exercidos pelos homens. A renda das mulheres provém de aposentadorias, função de merendeira e faxineira das escolas. Seu trabalho concentra-se na roça, cuidado das crianças e da casa. Outros bens de consumo necessários, como roupas e sapatos, por exemplo, são normalmente pedidos pelas mulheres às

pessoas da cidade ou amigos que os visitam, visto que o recurso financeiro é extremamente limitado e o número de crianças é bastante elevado (Lima, op. cit.: 24).

Algumas aldeias tem as suas roças muito distantes (por vezes quilômetros) do local de moradia, dado a necessidade de haver mata apropriada para plantação. Este fator provoca dificuldade quanto à colheita, pois muitas aldeias não possuem carros grandes e em alguns casos não há diesel, o que obriga as mulheres caminharem de quatro até nove quilômetros para buscar e carregar os produtos da roça.

Um dos maiores problemas que se observa em relação à dieta alimentar é a carência de proteína animal. Praticamente todas as aldeias reivindicaram projetos de criação de galinhas, porcos, bois e peixes. Em algumas a caça foi mencionada como uma atividade ainda praticada, porém a maioria das comunidades demonstrou preocupação quanto à escassez dos animais, particularmente os velhos.

Os produtos comprados na cidade compõe o equivalente à uma cesta básica: arroz, macarrão, óleo, farinha de trigo, feijão e carne. A proteína animal é consumida esporadicamente quando os homens vão à caça, quando pescam, aos finais de semana (piauí, pintado, cascudo e matrinxã) ou nas compras mensais da cidade, onde adquirem frango e carne bovina. Apesar do consumo de produtos da cidade ser hoje geral em todas as aldeias – e com peso elevado na dieta – é unânime a preferência da comida tradicional Xavante por parte dos anciãos que criticam a dieta alimentar da população mais jovem.

A renda gerada nas TIs aqui pesquisadas advém de aposentadorias rurais, cargos de professores, diretores, secretários, merendeiras, motoristas, auxiliares de enfermagem, agente indígena de Saúde, agente indígena sanitária, funcionários da FUNAI e das prefeituras. Em muitas moradias existem eletrodomésticos (geladeira, televisão, vídeo e aparelho de DVD) cuja energia elétrica provém de várias fontes (motor-gerador da comunidade, micro-usinas construídas pelos salesianos, rede da CEMAT-REDE).

Nos anos 1980, quando a antropóloga Aracy Lopes da Silva realizou sua pesquisa entre os Xavante, a pesquisadora apontava problemas com relação ao abastecimento alimentar,

proveniente da história de contato e o conseqüente sedentarismo territorial intensificado com o incentivo da missão e da FUNAI às práticas agrícolas:

“Sempre se consegue caçar alguma coisa , ainda que com dificuldade e muita demora. Porcos e galinhas são criados em várias aldeias, como propriedade individual. Alguns indivíduos têm uma ou outra cabeça de gado.” (1986: 46).

Atualmente, a situação alimentar pouco difere da situação apontada por Lopes da Silva. Diversas aldeias possuem criação de galinha, gado e até avestruz (Aldeia Sagrada Família). O boi, insistentemente solicitados pelos caciques à FUNAI e às prefeituras, nos dias de hoje vem substituindo os animais caçados, de forma a garantir o abastecimento de carne para os casamentos e para a realizaçãodos grandes rituais.

Por outro lado a caça na sociedade Xavante, ver-se-a adiante, não é apenas uma forma de suprimento alimentar. A atividade está prenhe de outros significados e que envolvem a resistência, o prestígio, a força e o domínio do território, sendo essencial para a realização dos rituais e do *dabatsa*. Mesmo a atividade sendo exclusivamente masculina, as mulheres exercem papel fundamental na distribuição e preparação da caça. Maybury Lewis define as caçadas para os Xavante “*como uma oportunidade de fazer uma exibição pública de sua masculinidade*” (1984:80) Esta definição está relacionada com a valorização das mulheres por um bom caçador.

Diversas aldeias possuem suas galinhas e que na maioria das comunidades são criadas soltas, o que torna o crescimento dos animais mais gradativo, pelo fato de eles buscarem seus próprios alimentos. Mesmo as aldeias onde as galinhas ficam presas durante a noite , estas não são alimentadas tal como deveriam para ter um crescimento acelerado e estarem prontas para o consumo mais rapidamente.

As frutas consumidas são aquelas plantadas na roça e/ou nos quintais das casas: abacaxi, melancia, banana, cana, ou aquelas coletadas pelas mulheres em determinada época do ano; tinini , mangaba, titopré , uaire, buriti , entre outras.

Notou-se que em algumas aldeias das TIs Sangradouro e São Marcos há uma maior preocupação e iniciativa dos moradores quanto ao provimento alimentar oriundos dos produtos da roça. As aldeias Namukura (São Marcos) e Abelhinha e Bom Sucesso (Sangradouro) merecem destaque com seus roçados bem cuidados e diversos, hortas, galinheiros e pomares. Em contraste, muitas aldeias destas TIs vivem apenas dos produtos das cidades. Nas aldeias das TIs Areões e Pimentel Barbosa nenhuma delas ficam se colocar seus roçados anuais.

A dependência aos produtos industrializados (carboidratos e açúcar) e a falta de alimentos à base de proteína é um dos principais causadores, como ilustram dados abaixo, do alto índice de desnutrição e óbito entre as crianças Xavante e do crescimento no número de diabetes entre os adultos, onde o Pólo de São Marcos apresenta a maior porcentagem em comparação aos outros três locais de atendimento à saúde Xavante.

Tabela 5 – Crianças menores de cinco anos, avaliadas segundo o peso, DSEI Xavante, 2002.

Pólo Base	Crianças avaliadas	Desnutrição*						Obesa		Bom	
		Leve		Moderada		Grave					
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Água Boa	445	64	14,4	63	14,2	35	2,5	02	0,4	281	63,1
Campinápolis	12	02	16,7	01	8,3	02	0,4	01	8,3	06	50,0
Paranatinga	157	12	7,6	10	6,4	20	8,3	11	7,0	104	66,2
São Marcos	65	14	21,5	07	10,8	08	7,0	03	4,6	33	50,8
DSEI	679	92	13,5	81	11,9	65	9,6	17	2,5	424	62,4

Padrão NCHS * Fonte :DSEI Xavante- Barra do Garças *apud* Lima, 2005

No início da década de 1980 o endocrinologista João Paulo Botelho Vieira Filho (1998) não constatou nenhum caso de diabete em Sangradouro e São Marcos; em 2002 foram detectados 70 casos “(...) onde 95% concentram-se em Sangradouro, São Marcos e Parabubure” (in Coimbra Jr 2003).

Tabela 6 - Distribuição absoluta dos óbitos por Pólo Base, segundo a localidade, DSEI Xavante, 2002.

Pólo Base	Total	Aldeia	Trânsito/ Remoção	BGS	GY N	BSB	Água Boa	Campin ópolis	Poxoré o	P. Leste	Para n.
Água Boa	31	13	02	02	06	02	06	-	-	-	-
Campiná polis	57	16	05	09	10	09	-	08	-	-	-
Paranati nga	17	3	02	01	04	01	-	-	01	04	01
São Marcos	44	4	10	13	10	07	-	-	-	-	-
Total	149	36	19	25	30	19	06	08	01	04	01

Legenda: BGS – Hospital em Barra do Garças; GYN – Hospital em Goiânia; BSB – Hospital em Brasília; Água Boa- Hospital em Água Boa; Hospital em Campinápolis; Hospital em Poxoréo; Hospital em Primavera do Leste; hospital em Paranatinga. Fonte:DSEI Xavante- Barra do Garças *apud* Lima, 2005.

As taxas brutas de mortalidade e a situação de saúde, sobretudo nas TIs São Marcos e Sangradouro, está relacionado a diversos fatores, dentre os quais destacam-se a restrição territorial, o crescimento demográfico, o uso intensivo e esgotamento dos recursos naturais no entorno imediato, o saneamento básico precário nas aldeias e poluição dos rios por agrotóxicos. A sedentarização e a dificuldade na busca de alimentos, aliados aos fatores acima, geram o que atualmente poderíamos chamar de uma “crise nutricional” com um quadro geral paradoxal cuja tendência aponta para cada vez mais por adultos obesos e crianças desnutridas. Essa a realidade da situação de saúde entre os Xavante observada nestes Estudos.

3 O modo de vida *A'uwẽ*-Xavante e o uso dos recursos

3.1 A caçada e a caça (*hômônu e abadzé*)

Caçar – *aba* – é a atividade mais importante do homem xavante, pois expressa valores como resistência, agilidade e a própria masculinidade (Maybury-Lewis, *op.cit.*: 205). As relações entre o caçador e o espaço são importantes para que se possa propor a conceituação da territorialidade Xavante. Para os Xavante as “costas” dos humanos são como as matas ciliares, no sentido que dão “proteção”, pois estas matas são uma proteção aos animais – como exemplo dado pelos Xavante: quando uma pessoa está com bebê no colo e sente algum perigo, ela vira de costas a fim de protegê-lo – este seria o sentido da relação entre a mata e as costas. O “nariz” são os locais onde a caça se esconde, porque o caçador não é capaz de sentir o cheiro do animal; os braços também são utilizados para designar os afluentes dos rios – desta forma os termos utilizados pelos caçadores xavante se dão nos espaços do *Ró*.

Uma explicação sobre o discurso dos caçadores: quando um caçador fala sobre a caçada, a narrativa é expressa em forma de diálogo, ou seja, como se estivesse entre outros caçadores no próprio ato da caçada e os atos estão relacionados com o próprio corpo humano, enfatizando algumas partes deste como costas, peito, braços, nariz.

“Os caçadores falam das caçadas se forem atrás, na costa, na beira e de qualquer que seja o lugar, como a localização do *Ró*, mas os jovens têm usado pouco essa expressão antiga e os padres são culpados dessa mudança de nosso idioma para nova expressão” (Adão Tsamri, 2006, apud Gomide 2008: 204).

Um velho caçador xavante, ao explicar como se localizar nos cerrados durante uma caçada, observa que é o corpo humano que empresta sua anatomia ao espaço:

“(…) quando ele (o caçador) for para o rio, (…) não é um caminho como a gente fala, seria um risco ou uma linha para determinar, por exemplo, aqui é o rio das Mortes, mas ele começa a dizer, é pelo corpo humano (...). Quando se imagina o corpo humano, se imagina, porque se você se perde você sabe que se sair para baixo, ou pra lá encontra x, então eles dividem assim para facilitar se alguém perder para achar (...). Eles começam a criar a essa divisão de espaço, mais ou menos como se fosse calculado. Tal lugar você caça, mas não caça porque o vento está vindo nesta direção, eles começam a imaginar além do vento e além da vegetação e além dos animais sentirem o cheiro, começam a ver tudo... É importante dividir [os caçadores entre si] por vários motivos, depende do vento ta vindo, o animal pode sentir e você por isso começa a divisão de fato, mas para

quê? Não é só para caçar, às vezes o caçador fala 'eu quero caçar sozinho deste lado' - na verdade para ser mais fácil de identificar se outro responde no mesmo tom, ele vai assobiando e fazendo a comunicação com os animais. Se alguém responder, ele vai pensar '*tem mais alguém além de mim, não são caçadores, ou seja, outros seres além de mim estão em ação*'. Então nós não podemos caçar assim doidamente, não pode ser doido caçando. Sempre tem que estar imaginando que tem mais gente além de nós. Por isto é importante dividir, não só os caçadores, mas outras pessoas são também que não faz parte deste grupo, que são outros seres" (Adão Top'tiro, traduzido por Hiparidi, apud Gomide 2008: 373-4).

Os animais têm habilidades para se disfarçarem, assim como os humanos, pois, de acordo com a visão indígena o "animal sendo um de nós" (têm origem humana) são sujeitos de uma relação social (cf. Viveiros de Castro, 2002; Descola, 1999). É esta concepção "animista" que está expressa nos depoimentos acima e neste abaixo:

"Normalmente os animais (se) juntam no nariz, o que é o nariz? É onde eles acompanham o leito do rio, os animais eles juntam aqui, nesses blocos de mata, parece que não tem nada, mas são os esconderijos onde eles podem se esconder e que eles (os animais) chamam de nariz, porque o caçador não é capaz de sentir o cheiro do animal quando está no nariz. Quando está no seu nariz como vai sentir? de muito perto você não consegue sentir a mesma coisa de longe – é isso que está dizendo. É a capacidade de diminuir o sentir; os animais entendem por ser um de nós, têm sua habilidade de manobrar a gente. Então eles começam a se distribuir cada um com sua região, com sua vegetação ou eles trocam (...); normalmente os animais quando se refugiam por saberem (dos caçadores) então vão para a costa, atrás das pessoas do corpo humano, quando você está de costas você não sente o cheiro (...) por isso que a mata tem a sua importância para formar costa humana e formar corpo humano e ao mesmo tempo ele te dá aquele mistério todo o que está por dentro de tudo isso, se você está de costa para o *Ró* tem segredo, o que está por dentro? A vida sempre está em movimento" (Adão Top'tiro, traduzido por Hiparidi, apud Gomide 2008: 374).

Os caçadores se movimentam pelos cerrados, observando e acompanhando os percursos dos animais, portanto existe uma caminhada pelo *Ró*, uma "forma de andar" que não segue numa direção linear, mas está relacionada à formação dos cerrados (as fitofisionomias) e à antropomorfização do espaço.

"O caçador está pensando na lógica do animal, e a anta vai na mata galeria, (...) a partir do momento em que o Xavante constrói sua caminhada nos cerrados, ele não vai assim reto, ele abre o caminho todo, uma forma de andar. Isto significa o quê? que precisa de mais terra para

achar os animais. Ou seja, a gente volta a discutir a fragmentação" (Hiparidi, apud Gomide 2008: 375).

Durante uma caçada, a divisão do espaço está estritamente relacionada com a biogeografia dos cerrados, ou seja, com a ocorrência e distribuição da vegetação e dos animais, e, ao mesmo tempo, ligado à cosmologia xavante. A distribuição do grupo de caçadores no *hõmonu* (caçada coletiva dos homens e das quais participam os jovens *wapté* para conhecerem os cerrados) é feita de acordo com sua especialidade, aqueles que têm mais habilidade em caçar em áreas abertas ficam nos campos ou cerrados e outros vão para dentro das formações de matas. Aqueles que ficaram nas áreas de campos e cerrados ficam atentos aos chamados dos caçadores que estão nas matas, para ajudar quando matam um animal.

"Aqueles que andam no *Ró*, na vegetação mais baixa, procuram os animais pequenos, aqueles que andam na mata galeria são pessoas que vão pegar a anta e bichos maiores. Esses que estão andando no *Ró* é que eles tão caçando e estão de olho também que outro caçador que está vindo pela mata para ver se ele faz o grito. Faz uma comunicação para ver o que ele matou e então vão para lá, entendeu? Então ele começa a falar que aqueles que caçam animais pequenos, vão no *amhu* entre outros e aqueles de mata galeria; então, além de dividirem o espaço aqueles que vão para o *marã* para caçar, eles começam a dividir cada um com sua especialidade. Na verdade ele está falando que a distribuição da caça é o mais importante, se sabe o que está caçando ... Todos os caçadores não têm mesma habilidade, aqueles que conseguem caçar melhor no *Ró*, e essas coisas todo [classificações do *Ró*] e outros eles vão na mata galeria e segue o rio tanto à direita e à esquerda, dependendo de como o rio vai, para cima ou abaixo" (Adão Top'tiro).

A divisão do grupo de caçadores está relacionada com a classificação xavante dos cerrados, na fina observação que associa determinada composição florística aos animais. Na divisão dos caçadores pelo espaço é como se fizessem um cálculo, cada caçador anda vários quilômetros "*porque cada caçador tem que andar dez ou mais quilômetro (...) tem que andar; então muito mais do que a gente está falando e volta essa mesma idéia de marãñä bödödi: é um conjunto todo, vamos dizer assim...*" (Hiparidi, apud Gomide 2008: 376).

Nas descrições da caçada observa-se como os cerrados são uma formação complexa na qual as diferentes fitofisionomias são indispensáveis para a vida dos animais e para a vida dos Xavante, como se dá a interdependência entre cerrados e os Xavante. Além disto, são

lembradas as relações cosmológicas, pois a própria espacialidade dos animais está relacionada com o mito de origem de cada espécie – e assim que se pode compreender, por exemplo, porque a anta vive grande parte do tempo nas matas, pois o mito de origem da anta é o mito do incesto (do “escondido”). Também é observado que não são todos os caçadores que podem ou conseguem enfrentar a mata fechada, pois aí também é a morada de outros seres e espíritos que se relacionam com os Xavante:

"Então o caçador segue o leito do rio – no *marãã bödödi* – e combina com todos que vai sair daqui a muitos quilômetros, ele faz em duas horas, e eles segue e fala: ‘se eu não achar nada a anta, por que a anta nunca vai dormir fora, por quê?’ Tem que entender a história da anta A anta atravessa o rio, ela nunca fica fora, sempre dentro da mata, e aqui dentro, então esse sujeito, se não achar nada, ele sai aqui no leito do rio (...) Então além de seguir o corpo humano ele vai fazendo ligações, porque esses são as vegetações com suas especificidades, e ele começa a falar, esses que andam no *amhu* e outras coisas vão acompanhando esse sujeito, se ele se comunicar com eles vão até lá. Qual é o objetivo de tudo isso? Na verdade, quer dizer que não tem capacidade de só sobreviver do *marã*. Porque não tem tanta riqueza, fartura, você precisa mais do *Ró*. Não é somente dez ou vinte km - a vida depende do *Ró*, do *amhu* que dão sustentação para os animais que saem para comer e tomar sol, namorar... Além de tudo isso, o *marã* não dá a sustentação de alimentação para todos, tanto para os Xavante quanto aos animais. Por isso é importante dominar o *marã* e o *Ró*, porque um depende do outro. O Xavante que tem sua especialidade no *marã* e *Ró* sempre reverte, mas nem todo mundo tem condições de encarar o *marã* além de ser muito difícil, perigoso e tem mais coisas da vida está em jogo ... esse espanta, outro devolve, vai acompanhando um ao outro" (Adão Top'tiro, traduzido por Hiparidi, *apud* Gomide 2008: 377).

O valor do ato de caçar está relacionado tanto à identidade espiritual e, portanto, cultural, quanto à territorialidade, pois enquanto se caça "mapeia-se" o território e identifica-se o lugar – mas o caçador também se identifica com estes lugares: cria uma afinidade. Como bem observado por Maybury-Lewis "(...) os Xavante se lembram do lugar exato em que há vários meses ou estações um animal fora morto e narram detalhadamente todas as circunstâncias da caçada" (Maybury-Lewis, *op.cit* :77).

"Caçar é coisa muito boa, porque é mais difícil caçar, porque precisa correr e ter resistência e tem toda aquela coisa que tem que fazer incorporar [aos animais]. Agora hoje, os jovens não entendem como foram para caçar, vocês jovens só vão entender se experimentar, se não viver aquilo, a gente jovem só imagina... pra que serve andar e caçar? Não serve para nada (a caça é andar no *Ró*)? Serve sim, pois senão vai acabar de nossa força espiritual que depende disso, não

depende daquilo que os *waradzu* trouxeram, isso não resolve. Mas ser caçador sempre tem uma ligação espiritual.. é diferente. É muita diferença, senão nós vamos morrer. A força da identidade espiritual é essa aí, por isso é importante caçar, essa divisão da mata e de cada um se distribuir [andar nos cerrados], enquanto caçador a gente sempre está imaginando, nossa terra, essa assim que eu vivo e quero viver mais, esta distribuição [dos caçadores nos cerrados] tem que entender, não é uma distribuição simples. Por exemplo, daqui [aldeia *Idzou'hu*] para aldeia Sangradouro, não é só o caminho que anda da estrada que existe, aquilo ali não é nada, tem uma vida que você está perdendo cada vez mais [pois não se caminha pelos cerrados somente pelas estradas]" (Adão Top'tiro, traduzido por Hiparidi, *apud* Gomide 2008: 377).

Atualmente, os jovens estão caçando muito pouco e com isto já estão perdendo o conhecimento sobre o comportamento dos animais; na visão dos mais velhos, esta mudança complexa do mundo está também afetando os animais, pois todos fazem parte de uma mesma interdependência, os Xavante e o *Ró*.

"tem que entender que hoje os jovens não caçam e, portanto não entendem o comportamento dos animais (...) os animais também estão mudando seu comportamento, isso os jovens não vão saber por que não caçam. Assim tudo muda, tudo se comporta mudando [...] Todos seres mudam, porque é uma coisa só que está acontecendo com todos os seres" (Adão Top'tiro, *apud* Gomide 2008: 377-8).

Vê-se, pois, que a importância dos animais de caça, assim como das caçadas, está intimamente ligada ao cosmos, à espiritualidade e a própria continuidade da sociedade Xavante.

Métodos de caçar e estratégias atuais frente à limitação territorial

Embora as caçadas sejam uma atividade central na cultura xavante, na maioria das Terras Indígenas estas atividades não têm ocorrido mais com a intensidade e frequência requeridas tradicionalmente. No entanto, os Xavante ainda se esforçam para a realização de caçadas, sobretudo em função de rituais ainda importantes para a reprodução sociocultural do grupo, como o *dabatsá* (casamento), o ritual de cura (*datsiwāiwére*), o da iniciação masculina (*danhöno*) e o *wai'a*. Animais como a anta, o queixada, o caititu, os veados e aves são caçados em razão de prestações/trocas cerimoniais envolvidas nos citados rituais (Carrara, 1997: 66). E, claro, são buscados no *homonu* para alimentação.

Os Xavante praticam a caça hoje exclusivamente com espingardas, eventualmente utilizando-se do arco e a flecha nas caçadas com fogo; contudo este método de caça está hoje praticamente restrito às caçadas para o casamento e os grandes rituais acima mencionados. Tal hipótese foi confirmada pela equipe na pesquisa de campo: nas Terras Indígenas envolvidas neste Estudo, a “*caça com fogo*” é praticada hoje quase (verificou-se exceções) exclusivamente dentro da terra demarcada e tem por finalidade o cumprimento das obrigações cerimoniais. O *hômônu*, a caçada cinegética, vem ocorrendo preferencialmente *fora dos limites* das terras oficiais, e há muitos anos segundo apurou-se. A hipótese a considerar é que essa alteração no padrão tradicional estaria relacionada aos novos tempos, onde a limitação territorial se impõe – e pode-se até considerar uma estratégia para superar tal limitação.

Averiguou-se que, em geral, estas atividades de caçada são acordadas com os proprietários, informalmente (a equipe presenciou um destes momentos quando o proprietário aparece momentos antes do grupo de caçadores Xavante, o qual a equipe acompanhava adentrar a mata; ele apenas avisou/recomendou: “olha lá, cuidado com o fogo”!). Entretanto os caçadores Xavante sabem onde a caça se concentra no *seu* território e avaliam aquelas propriedades cujos donos raramente aparecem ou que as deixam nas mãos de serviçais, com os quais os Xavante facilmente negociam. Evitando-se o fogo, é pouco provável que o proprietário se incomode – dado que eles não disputam esse produto com os índios. A sensação é a de que as placas de “proibido caçar e pescar” vista na maioria das propriedades não se aplica aos Xavante.



Figura 18 : “Barreiro” localizado na fazenda Planalto (*Etêwawe*) e local de caçada atual

Foi feito um sucinto levantamento destes territórios de caça fora das áreas demarcadas e picotados no MAPA 08 do Caderno de Mapas. Observando o mapa vê-se *em que medida e como* o empreendimento EF 354 vai afetar o modo de vida Xavante no que diz respeito às suas atividades de caça.

Etnoclassificação da caça

Os ‘animais de caça’ se sobressaem dentro do conhecimento xavante da natureza; existe uma categoria, *abadze nōri*, que significa “animal de caça” (Carrara, *op.cit.*:60) e que se refere tanto a alimento ou quanto a prestação cerimonial. Na classificação de animais e plantas os Xavante ordenam seu conhecimento por meio da seleção e da relação entre os traços morfológicos, usos, classificação alimentar e as concepções cosmológicas - e não apenas distinguindo os agrupamentos e “descontinuidades naturais” (Carrara, *op.cit.*: 32)

A classificação dos animais formando as etnofamílias *A’uwẽ*, de acordo com Carrara (*op. cit.*: 58-68), é a seguinte:

Uhō nōri: agrupamento de anta, capivara, queixada: uhodo (tapirus terrestris), uhō (tayassu albirostris), uhore (tayassu pecari), uhobo (porco doméstico).

Podze’nōri: agrupamento das espécies de veados: podzé (ozotocerus bezoarticus), poné (mazama americana), ponére (mazama simplicornis), aihō (Dorcephalus bezoarticus).

Wārã nōri: agrupamento dos tatus (família *Dasypodidae*) que também inclui o tatucanastra **Wārã wawe** (tatu grande) e são bastante apreciados como carne de caça.

Wa’ō nōri: etnofamília dos quatis (família *procyonidae*) que também servem como caça.

Pati nōri: são os tamanduás-bandeira e mirim, apreciados como carne, especialmente pelos mais velhos.

Ro’o nōri: são os primatas e incluem a preguiça. A carne de macaco somente é consumida pelos mais velhos. Pertencem à “etnofamília latente” dos canídeos, o lobo- guará e o papamel, que não são caçados como alimento.

Hu nōri: etnofamília das onças e jaguatiricas (*Felidae*) incluindo a onça pintada e a parda. A onça pintada tem duas denominações: *hu* ou *waptsã tóro* - este último termo também se aplica significa ao cachorro doméstico (*waptsã*) que tem gula pela carne (*tóro*). Desta forma, a onça é classificada/assimilada ao cachorro, como aliás ocorre entre os Timbira (grupos Jê meridionais). No ritual de nominação das mulheres, os homens usam uma pintura corporal que representa a onça pintada. Matar uma onça confere um grande prestígio ao caçador e o torna muito respeitado por ter coragem e força, podendo trocar de nome (Lopes Da Silva, 1986:87 *apud* Carrara, *op.cit.*).

'Ra'wa nōri é uma etnofamília que inclui a paca (*ra'wa*) e a cotia (*dzohurure*), apreciadas como carne para alimentação; existe restrição quanto ao consumo da paca se a pessoa estiver doente com gripe, pois este animal fica muito tempo na água.

U 'ã nōri: etnofamília do jabuti e das tartarugas, cuja carne é bastante apreciada.

Urutomhō'a nōri: abrange os ratos, que são abundantes nos cerrados.

Etnoespécies isoladas: **ubdö** que é a capivara; **ti'i**, a ariranha e **atsamrô**, o ouriço.

Wahi nōri é a família das serpentes, nesta classificação apresenta 14 etnoespécies e três etnogêneros. Ao gênero *wahi* pertencem a sucuri (**wahi wawe**) e a jibóia (**wahi hōirā**). Os répteis não são considerados animais de caça. O **wahitede'wa** – ou dono da cobra – é aquele que tem conhecimento sobre plantas medicinais para curar picadas de cobra, e também pode enviar cobras para perseguir os inimigos.

Ab'e abrange vários gêneros de serpentes, existem também etnoespécies isoladas como *wanha'u* que é uma sucuri muito perigosa na água. *Waradzu ratare* é a coral verdadeira, *tsidzö* é a cascavel, *ubunãire*, a cobra cega e *rāraiere*, uma cobra encontrada nos córregos.

Apa nōri: etnofamília dos lagartos, que são em grande número nos cerrados, mas dispensados na alimentação.

Estado da mastofauna terrestre nas TIs aqui implicadas

Como visto acima os animais preferenciais para os Xavante, tanto do ponto de vista cinegético quanto espiritual, são os mamíferos terrestres. O esforço de caça envolve não só a alimentação como também (ou, quiçá, sobretudo) o pagamento de prestações cerimoniais implicadas nos diversos rituais que regulam a vida social *A'uwẽ*. A avaliação dos mamíferos terrestres nas Terras Indígenas tem, portanto, alta importância para estes Estudos na medida em que se trata de um empreendimento (ferrovia) que poderá afetar e impactar essa fauna em particular.

A mais recente revisão da fauna de mamífero no cerrado aponta para 194 espécies, divididos em 30 Famílias e 09 Ordens (Marinho-Filho, 2002), das quais 18 são endêmicas (MMA,1999) e 17 estão incluídas na lista nacional das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção (MMA, 2003). Em geral a mastofauna do Cerrado é composta por animais de pequeno porte: 85% das espécies têm menos de 05 quilos de massa corporal e apenas cinco espécies pesam mais que 50 quilos (Marinho-Filho et al., 2002). Segundo definição de Hayward e Phillipson (1979), mamíferos de pequeno porte são aqueles que não ultrapassam o peso de 05 quilos quando adultos.

Embora não sejam seletivos quanto a caça, os Xavantes caçam preferencialmente mamíferos de grande porte. Em um levantamento da mastofauna feito em 2009 na Terra Indígena Parabubure foram encontradas 30 espécies de mamíferos terrestres, sendo duas de pequeno porte e 28 espécies de médio e grande porte (Rocha e Silva, 2009). Número de espécies semelhante à encontrada em uma reserva de Cerrado no município de Nova Xavantina: 29 espécies de mamíferos de médio e grande porte (Rocha e Dalponte, 2006). Em outro estudo realizado na Terra Indígena Xavante Pimentel Barbosa foram identificadas 13 espécies de mamíferos de médio e grande porte (Fragoso, 2000). Carrara (1997) realizou um levantamento da fauna entre os Xavantes, que nomearam e classificaram 49 etnoespécies.

Tanto para alimentação como para o pagamento de prestações cerimoniais, os chamados “animais de caça” ou, *abadze nōri*, são de especial importância para o modo de vida *A'uwe*. Leeuwenberg (1997a e 1997b) e Fragoso (2000) constataram que as espécies mais frequentemente abatidas são o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), anta (*Tapirus terrestris*), queixada (*Tayassu pecari*) e caitetu (*Tayassu tajacu*). Espécies menores como o tatu-canastra (*Priodontes maximus*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), veado-mateiro (*Mazama americana*) também são caçados pelos Xavantes, mas em frequência menor.

Entre os animais mais caçados pelos Xavantes o tamanduá-bandeira, o cervo-do-pantanal e a anta, além do tatu-canastra, aparecem classificados como espécies vulneráveis na

Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas de Extinção, organizada anualmente pela União Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN). Além disso, o tamanduá-bandeira, cervo-do-pantanal e o tatu-canastra também aparecem na Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA, 2003).

Em estudo realizado na Terra Indígena Pimentel Barbosa, Leeuwenberg (1997 a e b) concluiu que a caça de anta, cervo-do-pantanal, veado-campeiro e tamanduá-bandeira não é sustentável, mas que as populações de queixada e caitetu ainda aparentam estabilidade. No entanto, a baixa proporção de sexos nas populações de queixada e de tamanduá-bandeira indicava uma diminuição da população desses animais no passado. Leeuwenberg (1997a), concluiu que haviam desvios pronunciados na distribuição etária das populações do veado-campeiro e do cervo-do-pantanal. Apesar de não ter uma coleta de caça em excesso, a população de veado-campeiro já está em situação ameaçada. A proporção de 04 fêmeas para cada macho, a falta de adultos com mais de 02 anos e filhotes com menos de um ano na coleta de caça indicam uma população bem abaixo do normal. A situação atual é bem preocupante e poderia ser a consequência da caça em excesso em anos anteriores. Em relação à população de cervo-do-pantanal, a ausência de filhotes e de animais com mais de 02 anos de idade ilustram uma estrutura populacional irregular e instável. Além disso, a proporção de machos e fêmeas de 1:2 sugere que a população está diminuindo.

Em outro levantamento recente da mastofauna na Terra Indígena Parabubure realizado em 2009, houve registro de apenas um indivíduo do cervo-do-pantanal e, da mesma forma, foi identificado apenas um pequeno grupo de queixada, aparentemente, com cerca de dez indivíduos. Na atualidade essas espécies parecem ser raras na Terra Indígena Parabubure; mas, segundo informações de antigos moradores locais, elas já foram comuns nessa área. Além disto, segundo eles, também foi notória a redução nas populações de outros cervídeos, especialmente de *Ozotoceros bezoarticus* (Rocha e Silva, 2009). Já Fragoso (2000) em outro estudo na Terra Indígena de Pimentel Barbosa concluiu que nenhuma população de espécie de mamíferos terrestres utilizadas pelos Xavantes está severamente explorada ou em perigo de extinção local. No entanto alerta que espécies como o queixada, tamanduá-bandeira e a anta já poderiam ser

consideradas em risco de extinção por causa de registros de desaparecimento após distúrbios em seus habitats naturais.

É bem conhecido na literatura científica que a perda de *habitats* e a sobrecaça, inclusive com fogo, são as principais ameaças à manutenção de populações de grandes vertebrados (Redford 1992, Peres 2001, Brooks et al. 2002, Ferraz et al. 2003, Milner-Gulland et al. 2003). No caso do cerrado e das Terras Indígenas Xavantes especificamente, vários estudos indicam que a principal ameaça aos grandes mamíferos terrestres é fragmentação do habitat natural. Fragoso em seu estudo concluiu que nenhuma das espécies caçadas pelos Xavantes na TI de Pimentel Barbosa apresentava indícios de superexploração de caça, mas que algumas espécies corriam risco de extinção devido à redução de seus habitats. Prada e Marinho-Filho (2004) observaram que mesmo com a caça e com o fogo a Reserva Xavante dos Rios das Mortes (TI Pimentel Barbosa) ainda representa uma das maiores áreas bem conservada do cerrado brasileiro. Isso nos leva a pensar que esses dois fatores não são limitantes. Ao contrário, o autor sugere que os Xavantes realizam um tipo de manejo do fogo que contribui para a preservação das espécies. A periodicidade das queimadas faz com que se acumule pouca massa vegetal combustível, de forma que o fogo não alcança grandes proporções. Neste sentido a tradicional caça com fogo empregada pelos índios Xavantes funciona como um mecanismo para a prevenção de incêndios destrutivos. Assim, é provável que a morte de mamíferos de médio e grande porte pelo efeito direto do fogo seja atenuada por este fator

Por outro lado, o avanço das atividades agrícolas sobre cobertura natural do cerrado, especialmente a soja e fazendas de criação de gado, além da urbanização, se apresenta como principal ameaça a mastofauna terrestre do cerrado. Um mapeamento do bioma cerrado mostrou que aproximadamente 47% de sua área já foram convertido em pastagens e agricultura (Sano *et al.*, 2008). Outra consequência do avanço das atividades agrícolas sobre o cerrado é a fragmentação desse bioma.

A fragmentação de *habitat* conduz à perda de espécies nas comunidades biológicas, o que faz com que esta ocorrência seja considerada uma das maiores ameaças à biodiversidade (Diamond & May, 1976; Harris, 1984; 1987; Shafer, 1990; Saunders et al., 1991; Boulinier et

al., 2001; Fagan et al., 2002; Fahrig 2003). A fragmentação de uma área tem duas conseqüências imediatas: a primeira delas é a subdivisão do *habitat* antes contínuo, a outra é a perda de área. A redução de diversidade como conseqüência da fragmentação, por sua vez, ocorre por dois processos distintos que atuam em tempos diferentes. O primeiro, em um curto prazo, é a perda imediata de espécies durante o processo que levou à fragmentação do *habitat* – por exemplo, durante o desmatamento. O outro processo é o de isolamento (“insularização”). Assim, após um *habitat*, antes contínuo, ter sido reduzido a uma série de “ilhas de *habitat*”, são esperadas várias extinções de espécies nestas ilhas. Isto acontece porque muitas populações nelas contidas não são viáveis no longo prazo (Soulé, 1987). Uma conseqüência importante disso é que se for isolada uma população de mamíferos, dependendo do tamanho do fragmento de mata, pode ser apenas uma questão de tempo para que se extingam localmente. Por apresentar um mosaico de fisionomias que englobam formações campestres, savânicas e florestais, a fragmentação do cerrado na região-alvo destes Estudos se mostra particularmente problemática, pois a supressão, ou degradação, de uma das formações interfere diretamente na dinâmica de todo bioma.

O alto índice fragmentação da paisagem no entorno dos territórios Xavante demarcados é um fato crucial, pois a fragmentação interfere na reprodução da fauna terrestre, conforme estudos realizados recentemente utilizando os modelos populacionais de “fonte/vazão” para TI Pimentel Barbosa (Fragoso J.M.V., Silvius K.M. e Prada Villalobos M., 2000: 23 e ss). Neste estudo os autores citados obtiveram os seguintes resultados para as principais espécies de interesse ritual e cinegético para os Xavante, no tocante ao método citado:

Tamanduá-bandeira

Não foi identificada uma área distinta de fonte dentro da Reserva (*i.é.: TI Pimentel Barbosa*), porque não houve diferença significativa de rastros entre as Zonas. Sugerimos que a população de fonte para a Reserva se localiza nas terras adjacentes pertencentes a não-índios. Os brasileiros não-índios não caçam o tamanduá-bandeira, pois acreditam que traz má sorte (Lourival e Fonseca 1997) ou porque não gostam do sabor da carne (Leeuwenberg com pess.).

Veado-campeiro

Fonte-Vazão: Dentro da Reserva Xavante, o número de rastros aumentou significativamente de Z1 para Z2 (para esta repartição, ver Figura abaixo) sugerindo que a Reserva sustenta uma população fonte.

Cervo-do-pantanal

Fonte-vazão: A densidade populacional aumentou de forma significativa de Z1 para Z3, sem qualquer diferença detectada entre Z2 e Z3 (...). Isso sugere que Z3 (e possivelmente Z2) pode estar servindo como fonte populacional para as outras Zonas.

Anta

Fonte-vazão: Dentro da Reserva Xavante Rio das Mortes a abundância populacional variou de forma significativa de Z1 para Z3 (...), indicando a possível existência de uma população fonte na Z3 (...). A hipótese de que a população está sendo superexplorada em Z1 foi apoiada (por) três análises diferentes. Leeuwenberg e Robinson (no prelo) também acharam que a taxa de exploração da população como um todo era mais alta do que sua taxa de reprodução e relataram que a superexploração estava ocorrendo em toda a Reserva. Todavia, a razão sexual e dados de contagem de rastros sugerem que Z3 pode estar servindo como fonte populacional para as antas de Z1 e possivelmente Z2 (Tabela 7). Se supuser que a observação de Fragoso sobre os deslocamentos de uma anta em Roraima (20 km em linha reta) refletem os movimentos de antas na Reserva Xavante (*de Pimentel Barbosa*), então é possível que essas possam perambular por mais de uma zona de caça.

Queixada⁷

⁷ Os queixadas são conhecidos por viajarem longas distâncias (EMMONS, 1990; KILTIE & TERBORGH, 1983; SOWLS, 1987). Alguns autores têm tratado os deslocamentos no contexto de mudanças sazonais, como migratórios (BODMER, 1990; MENDEZ, 1970). Outros sugerem que suas movimentações são irregulares ou nômades, dentro de uma grande área de vida, em função da imprevisibilidade das visitas repetidas na mesma área (KILTIE & TERBORGH, 1983; BARRETO & HERNÁNDES, 1988; PERES, 1996). Estudos sobre queixadas em áreas contínuas de florestas têm atribuído as suas amplas áreas e seus movimentos, a repostas a mudanças na disponibilidade e abundância de manchas de frutos (KILTIE & TERBORGH, 1983; BODMER, 1990; MENDEZ, 1970; SOWLS, 1997). No cerrado brasileiro Jacomo, estudando 13 grupos de queixada, encontrou áreas de vida que variavam de 2.481 a 26.688 hectares, com média de 11.917 ha. Segundo Fragoso, grupos de 100 a 200 queixadas podem manter territórios de 100-200

Efeito da Caça: Houve uma tendência no aumento de rastros de Z1 para Z2 e Z3, sugerindo um efeito da caça, ou pelo menos um decréscimo na taxa de visitação próximo à aldeia (queixadas tendem a abandonar temporariamente áreas onde são caçados, Fragoso obs. pess.). Porém, a grande área utilizada por queixadas sugere que as três Zonas sustentam uma única população e, portanto, Z2 e Z3 seriam impactadas pela atividade de caça em Z1. Dessa forma, a inexistência de uma diferença significativa entre as Zonas não é surpreendente.

Fonte-vazão: Dentro da Reserva Xavante (*sic*: TI Pimentel Barbosa), a abundância populacional não variou de forma significativa entre qualquer uma das Zonas (...), indicando que a Reserva como um todo mantém uma população fonte (*op. cit.*: 34-35).

Na pesquisa de campo realizada pela equipe CTI-Warã para estes Estudos foi feito um levantamento com informantes (caçadores) Xavante sobre as áreas de perambulação daquelas espécies no sentido “fora-dentro” da TI Pimentel Barbosa. Constatou-se que os Xavante sabem identificar com acuidade os “carreiros” (caminhos marcados, de passagem regular) da fauna terrestre e, sobretudo das suas espécies preferidas (anta, queixada e caitetu) responsáveis tais

km², a maior área de que se tem conhecimento entre os mamíferos tropicais (FRAGOSO 1998a, 1999). Queixadas necessitam de grandes manchas de alimento para suportar a permanência de grandes grupos, e são capazes de se deslocar por grandes distâncias para habitats sazonais que dispõem, temporariamente, de abundância de recursos (FRAGOSO, 1998). Por exemplo, um território incluirá a mata de galeria, ecótonos de terras baixas úmidas (brejos) com savanas, florestas de terra-firme, e outros tipos de vegetação. No entanto, este autor descreve que grandes extensões de áreas homogêneas podem não oferecer ao longo do ano os recursos necessários para assegurar a persistência de uma população e, por isso, além da necessidade de grandes áreas, é necessário que estas estejam em bom estado de conservação, mantendo seus diferentes mosaicos naturais de recursos sazonais. O *T. pecari* é classificado como onívoro, alimentando-se de frutos, sementes, raízes e matéria animal, e representam uma das principais presas da onça-pintada (*Panthera onca*) (KILTIE & TERBORGH, 1983; ARANDA, 1994; CRAWSHAW, 1995; ESTES, 1996; SILVEIRA, 1999). Queixadas são importantes na manutenção dos ecossistemas como predadores e dispersores de sementes (TERBORGH, 1988; BODMER, 1991; FRAGOSO, 1997). Por exemplo, o *Tayassu pecari* se alimenta do endosperma restante de mudas da palmeira *Mauritia flexuosa*, o buriti (KILTIE, 1981; 1982; BODMER, 1991; FRAGOSO, 1998b, 1999), e é o fator principal que influencia o recrutamento dessa palmeira (ANTONIK, 2004). O buriti é uma espécie que domina freqüentemente as matas de galerias e as veredas no cerrado, dando origem a formações vegetacionais conhecidas como buritizais, usadas regularmente pelo queixada para se deslocar dentro de seu território (FRAGOSO 1998a, 1998b, 1999). Estas formações vegetais ocorrem em grandes porções entre o rio Cristalino e o das Mortes, no entermeio das TIs P. Barbosa e Areões. Portanto, este tipo de informação mostra a importância do queixada na manutenção e na dinâmica da biodiversidade local e regional.

“carreiros”. Além disso, indivíduos destas e outras espécies (tatus e tamanduás, bandeira e mirim, principalmente) são mortos com regularidade por carros e caminhões que trafegam pela BR 158, o que foi constatado em campo pela equipe de pesquisadores. Esta estrada de rodagem não é necessariamente uma barreira para o fluxo destas espécies.

Pelas informações colhidas em campo entre os Xavante da TI Pimentel Barbosa, o fluxo de espécies da mastofauna terrestre entre as áreas de fragmentos fora da TI para dentro dela (e vice-versa, dado que a TI é área-fonte da maioria das espécies-alvo) vem ocorrendo ainda com alguma intensidade. Mas tal fluxo, com alguma certeza, está diretamente relacionado ao estado atual de *conectividade* entre os fragmentos remanescentes do entorno e a TI Pimentel Barbosa. Em outros termos e usando os dados da pesquisa da WWF acima citados: a TI Pimentel Barbosa e seu entorno é fundamental para a manutenção de populações-fonte das espécies de tamanduá-bandeira, anta, queixada, veado-campeiro e cervo-do-pantanal. A EF 354 causará efeitos, diretos e indiretos, no estado atual dos fragmentos remanescentes – e conseqüentemente, no fluxo das espécies citadas, acarretando impactos nas TIs aqui consideradas e no modo de vida Xavante.

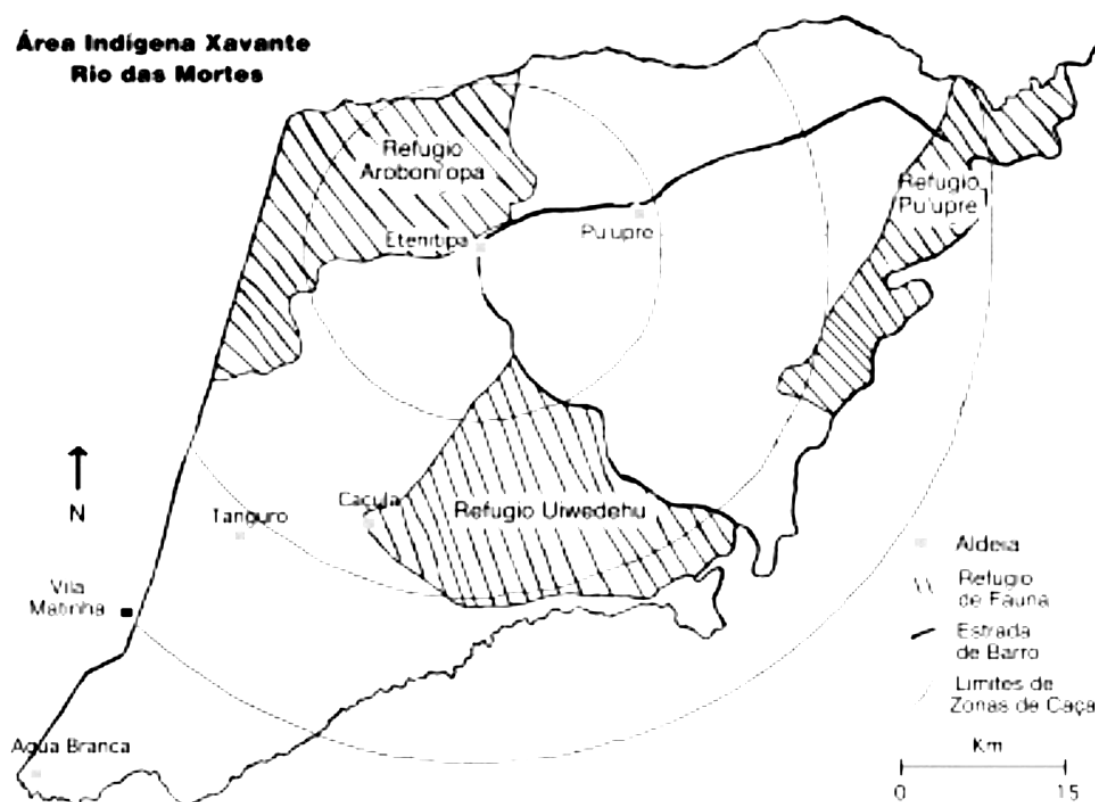


Figura 19: Zoneamento do estudo da WWF na TI Pimentel Barbosa (Z1 é círculo mais interior e assim por diante)

3.2 A pesca (o marã, os rios e os lagos)

Segundo Maybury-Lewis (*op.cit.*), a pesca provavelmente não era importante para os Xavante antes do seu encontro com os brancos. Sua preferência pelas viagens por terra e pelo campo aberto, para aquele antropólogo, significava que não passavam muito do seu tempo nos rios (1960). No entanto, hoje, pode-se claramente afirmar que boa parte da proteína animal consumida nas aldeias é oriunda desta prática. Nos trabalhos de campo realizados nas aldeias para os Estudos do Componente Indígena dos AHEs de Água Limpa e Toricoejo, realizados também CTI, ficou evidente a dependência dos recursos pesqueiros por parte das famílias indígenas.

Nas entrevistas, os comentários dos mais velhos são que a pesca se tornou frequente tão logo surgiram os empreendimentos agropecuários e ocupação de não-indígenas em torno das terras demarcadas, a insuficiência de recursos, somados à diminuição de espaço físico para as longas viagens e caçadas coletivas, o que obrigou as aldeias a aumentar a pressão sobre os recursos pesqueiros, para suprir suas necessidades de proteína animal e, oportunamente, manter a fiscalização do seu território.

Dos arcos e flechas, armadilhas e anzóis rudimentares passaram a utilizar técnicas e utensílios de alta capacidade de captura: redes confeccionadas em nylon com bóias (flutuadores) e com diversos tamanhos e alturas, como malhadeiras, tarrafas e outros. Nos relatos dos homens mais velhos consta que os padres salesianos e funcionários da FUNAI ensinaram as técnicas de uso da malhadeira, anzol e tarrafa. As malhadeiras foram introduzidas na década de 1960 na região e tiveram uma expansão no seu uso muito rápida nos últimos anos, impulsionada pelas lojas de pesca cada vez mais acessíveis, pela variedade de modelos e pela eficácia na captura dos peixes. Não existe qualquer controle sobre o uso das malhas, apenas uma opinião geral de que, quando muito pequenas, causam forte impacto sobre a população de peixes, uma vez que capturam todos, até os pequenos ainda pouco desenvolvidos.

Os Xavante realizam a pesca na maior parte do ano e demonstram conhecimento sobre os hábitos das espécies, além de informações sobre os cursos d'água locais e suas características, sendo estas informações suficientes para a pesca eficiente voltada para a subsistência familiar e, em alguns casos, trocam e ou comercializam entre si ou com famílias de outras aldeias.

A pesca artesanal Xavante demonstra evolução de conhecimentos práticos e habilidade técnica, sendo na maior parte atividade dos homens. A pesca não é encarada como elemento relativo à virilidade ou de força como é a caça, nem provoca discussões nas rodas de conversa no círculo formado pelos homens, o *warã*. Ela é encarada como estratégia de sobrevivência contraposta à caça, que pode ser praticada também por crianças, por jovens e, oportunamente, por mulheres. As mulheres participam de forma esporádica, com maior ênfase

na época do auge da seca, entre os meses de julho a setembro, realizando a pesca nos lagos e/ou lagoas, bem como no leito dos córregos intermitentes.

Nos dias atuais, continua sendo realizada conforme o período sazonal, tanto de dia quanto à noite, explorando a diversidade de ambientes, estratégias e táticas de captura dos peixes. Essas características conferem à atividade acentuada complexidade, muito embora com estrutura e dinâmica menos avançadas que as da pesca (comercial e esportiva) de não-indígenas existente no entorno de suas áreas de pesca.

As Terras Indígenas Xavante abrigam uma grande diversidade de ambientes aquáticos, que vão desde pequenos córregos sinuosos, de água fria e coberta pela mata de galeria, passando por áreas de palmeiras (buritis), até rios com propriedades físicas, químicas e biológicas distintas. Essa diversidade de *habitats* do Cerrado para a fauna aquática inclui também *Öre* (lagos), *Irãpó* (“vargem” ou várzeas - áreas de alagadiços), *Sedarã* (áreas de buritizais) entre outras. Alguns *macrohabitats*, como os rios, apresentam outros compartimentos internos muito característicos e que condicionam a presença de certos conjuntos de espécies adaptadas a condições ambientais muito específicas, como as “corredeiras”, “cachoeira”, “canais” e “poções”. Outros ambientes são fortemente sazonais, ou seja, “lagoas” próprias para uso de timbó e as “praias” disponíveis durante certo período de *Tāpini’rātsudu/Robré* (vazante/seca) e as áreas da “mata de galeria alagada” e “campos alagadiços” durante *Aēta/Utsu* (enchente/cheia).

De acordo com as algumas etnografias (p. ex.: Giaccaria, 1932 e Carrara, 1997) a água aparece como aspecto fundamental na cosmologia *A’uwẽ*. Segundo Castro Oliveira (2005) a água é considerada para os Xavante sob dois aspectos com significados simbólicos: a água dos rios, identificada com água corrente (água viva), representada pela palavra *Ö*; e pela água dos lagos, lagoas, identificada pela água parada (ou água morta), representada pela palavra *U*.

“Existem, portanto, os espíritos associados a esses ambientes, que são os seus donos, mantendo com a comunidade Xavante relações de aproximação ou afastamento. Os donos da água viva dos rios são os Ötedewa, que cumprem um papel na orientação dos adolescentes, alertando contra os perigos dos rios, a cura para certas doenças, controlam peixes e jacarés, mostrando-se generosos. Já os Uutedewa, donos das águas paradas, habitam o fundo de certos lagos e são

hostis aos A'úwê, os quais, nos rituais que precedem a pesca nos lagos, precisam lhes pedir permissão para pescar (Castro Oliveira 2005:217).

Esses ambientes abrigam uma fauna aquática com diferentes graus de diferenciação e especificidade, principalmente as espécies de peixes. Nos diferentes ambientes aquáticos (biótopos) explorados durante a realização das turnês de pescarias para os Estudos das barragens no rio das Mortes (CTI, 2011) apresentaram conjuntos de espécies de peixes característicos, com diferentes tamanhos e similaridade maior ou menor entre si. Embora não seja ainda possível analisar quantitativamente esses dados, pode-se fazer uma breve caracterização dessas associações de espécies de peixes por ambiente. Alguns tipos de ambientes foram visitados: lagos, macrófitas aquáticas, rios, margens e barrancos, corredeiras e pedrais. Outras áreas de pesca, frequentadas pelos Xavante como “praias”, “canal” e “vâgeas” (várzeas) não foram visitados no período dos Estudos citados, mas identificados pelos pesquisadores indígenas, lideranças e colaboradores, através dos mapas georreferenciados e cognitivos.

Na TI Areões (aldeias Mutum e Tritópa), os Xavante mencionaram que no período quando o nível das águas começa a subir, os peixes que aparecem são curvinas, pintado, pacus, mandi, boca larga (*Ageneiosus inermis*), voadeira e papa-terra. Esses peixes continuam a aparecer durante a cheia, só que em menor quantidade. Nas pescarias exploratórias na enchente, foram pescados com malhadeira nos locais de pesca da aldeia Mutum e com linha e anzol na aldeia Tritópa. Ainda como habitante típico das margens em todos os períodos, vale citar a piranha *Serrasalmus rhombeus* e o piau *Leporinus friderici*, pescados com frequência na lagoa “Encantada” e médio rio das Mortes (TIS).

Os Xavante mencionaram o desmatamento dessas margens (“beiradas”) e deixando a “água suja” das nascentes, córregos e rios da região. Durante o período de enchente/cheia foi possível observar a grande quantidade de partículas de solos carregados pelas chuvas, comprometendo a qualidade ambiental do rio Sangradouro, principal recurso hídrico da TI

Sangradouro, causando o aumento na turbidez deste, o que pode estar contribuindo para o assoreamento do rio e afetando a fauna e flora aquática.

Nas entrevistas na aldeia Belém (TI Pimentel Barbosa), os Xavante declararam não pescar mais nas margens do rio Água Suja, devido a inúmeros danos à qualidade ambiental dos recursos hídricos existentes no entorno dessa TI. Entre os vários impactos citados nas entrevistas, estão, por exemplo: a construção das estradas, o lixo do vilarejo e das estradas, o crescimento das lavouras mecanizadas que aceleram o desmatamento (provocando a perda das margens, assoreamento das áreas de nascentes pelo carreamento de sedimentos e contaminação por agrotóxicos) e poluição hídrica através de lançamento de efluentes do presídio existente nas cabeceiras do rio. Na mesma aldeia, os seus integrantes mencionaram o ocorrido no começo das chuvas, quando sentiram dor de barriga, principalmente as crianças, ao consumirem carne de caça do entorno da TIPB e peixes do córrego Areia e rio Água Suja. Segundo o cacique, *“os animais são atraídos pela soja e ao comerem as folhas são contaminados”*. Outros Xavante já presenciaram anta, veado e peixes mortos no entorno da TI Pimentel Barbosa. Nas aldeias Mutum e Cachoeira (TI Areões), seus integrantes mencionaram a preocupação com o rio Areões, pois utilizam áreas desse rio para pescar e, atualmente, está comprometido com o avanço do desmatamento da “mata”, as fazendas com inúmeras áreas de “pastagens” e, principalmente, a poluição do rio através do frigorífico existente no entorno da TI. Entre os itens mencionados como poluentes do rio Areões estão o esgoto, sangue, lixo e até carcaças de animais. Na aldeia Tritópa, citaram o aumento da ocupação do entorno, em decorrência das fazendas e a diminuição da “mata” nas áreas de nascentes dos seus córregos.

Em todas as aldeias Xavante das Terras Indígenas aqui envolvidas, seus integrantes manifestaram preocupação com relação ao aumento da invasão da Terra Indígena, em razão de encontrarem não-indígenas nas margens dos rios e lagos utilizando suas áreas para caçar, pescar e coletar frutos. Essa fragilização do entorno das Terras Indígenas é tão prejudicial quanto a invasão direta, pois compromete os rios e nascentes, degrada o Cerrado (*Ró*) e impede a circulação e manutenção da fauna.

Estratégias de captura e tecnologias usadas

Os Xavante têm os seus locais de pesca os quais costumam utilizar; são locais escolhidos individualmente, ou de forma coletiva e por época. Utilizam basicamente tecnologias de pesca artesanais. Foi registrado o uso de doze tecnologias de pesca, cujas descrições detalhadas estão no Quadro abaixo. As técnicas e seus principais instrumentos de pesca diferem de acordo com os objetivos, sazonalidade, comportamento alimentar e os padrões de mobilidade de cada espécie de peixe e que determinam as estratégias de captura. Além das técnicas e instrumentos, o uso dos recursos naturais e a escolha dos locais de pesca baseiam-se na experiência pessoal de cada indivíduo e na sua capacidade logística de explorar áreas de pesca (*Pe'adzo datsimawara*) mais distantes. O emprego dessas tecnologias difere de acordo com os objetivos da pesca, tipo e sazonalidade dos recursos explorados.

As categorias foram consideradas como i) arremesso, ii) linha, iii) redes, iv) artes fixas e v) venenos. Conforme essa categoria tem-se as seguintes modalidades mais empregadas para a pesca xavante: arco e flecha, caniço, linha de mão (comprida) com diferentes tipos de anzóis, tarrafa, redes (malhadeiras), armadilhas (móveis e fixas) e uso de venenos para peixes como o timbó (*Aba'wadzi*).

O uso de redes de pesca pela comunidade indígena é restrito em virtude do custo de aquisição e são poucos pescadores que utilizam dessa tecnologia. A introdução das tecnologias contemporâneas de pesca, como anzóis, linha, redes de malhar (malhadeira) e tarrafa, ocorreram na década de 70. Essa substituição das tecnologias artesanais por tecnologias modernas tem como consequência a maior produção com menor esforço de pesca; entretanto, a comunidade indígena foi esclarecida, que em muitas comunidades ribeirinhas o uso dessa modalidade de pesca levou os seus recursos pesqueiros à exaustão mais rapidamente.

Os Xavante, quando munidos de anzol e linha de mão, utilizam iscas “vivas” no período vespertino e noturno, sobretudo peixes menores, “bichos” (minhocas) e insetos (larvas e adultos) e, de manhã, utilizam iscas chamadas “mortas”, compostas de sementes e

frutos nativos e outras introduzidas (soja e milho mantidas umedecidas em “garrafa pet” e bola de trigo com arroz), além de flores de algumas espécies, como é o caso do ipê amarelo. No período de enchente e cheia utilizam como referência as matas de galeria, pela presença das flores, frutos e sementes, que atraem os peixes. A pesca de anzol é realizada principalmente no verão, devido ao acesso aos ambientes e a possibilidade de circular com segurança nas margens desses ambientes. A linha de mão lançada ao ambiente aquático (*Ãdzõnhoro nomrĩ*), com diferentes anzóis, consistiu na técnica utilizada com maior frequência, enquanto outras mais especializadas são aplicadas apenas em certos períodos do ano ou em ambientes aquáticos determinados.

De acordo com os Xavante, “o pacu a gente pesca com iscas de diferentes frutos, sementes e soja ou com malhadeiras”, “o matrinchã a gente coloca gafanhoto nos anzóis e amarra nas garrafas jogando no rio com pouca corrente” percebe-se na Tabela abaixo a grande diversidade de iscas (peixes, minhocas, insetos, frutos, sementes entre outros) utilizadas conforme a espécie de peixe-alvo. O registro do uso de diferentes tecnologias de pesca é apresentado abaixo com suas respectivas características e descrições.

Quadro 8: Tipos de modalidades de pesca, sua categoria, características e descrição utilizada pelos Xavante

Categoria	Nome Xavante	Modalidade	Características e descrição da técnica de pesca	Espécie-alvo
Linhas		Canião	Linha e anzol, com chumbo (poita) ou não, presos numa haste de madeira flexível. Bem utilizada durante a seca, na captura de peixes de pequeno porte. São iscados com minhocas, gafanhotos, larvas de insetos ou pequenos frutos. As crianças utilizam com maior frequência.	lambari, mandi, traíra e carás
Redes	Itsõru tedza ãma watsitsini	Espera	Linhas individuais com anzóis penduradas em árvores na beira do rio para captura de peixes (escamas e lisos) e quelônios. Geralmente utilizam anzóis grandes com linha nº 70 a nº 100.	Matrinchã e pintado
Redes	Itsõwadabzé Abatsipara iwapu	Malhadeira	É utilizada em ambientes sem correnteza. Usam as malhas de nº 60 a 80 mm para capturar peixes médios. São colocadas nos principais rios da TI.	papa-terra, pacu, voadeira e outras espécies
Redes	Abatsipara	Tarrafa	Utilizada em áreas rasas com pouca ou sem vegetação.	várias espécies
Redes	Itsõwadana	Batidão Bloqueio	Utilizada em ambientes inundados próximos das margens colocado na forma de cerco do ambiente e o grupo de pescadores realiza movimentos fortes, batendo na água para espantar os peixes escondidos nas pedras, raízes, troncos, galhos e, desta forma, ao saírem serem malhados. Pode ser também uma forma de cerca em locais livres de obstáculos nos córregos e rios de menor ordem, onde se captura certas espécies que estejam em áreas estreitas e as redes são armadas entre as margens.	papa terra, pacu e piau
Arremessos	Ariwede Umhi'ã	Arco e flecha	As flechas são feitas da seguinte forma: i) haste de taquara e uma extremidade com penas de arara e a outra com secção de taquara ou ponta de ferro e o tronco da palmeira denominada tucum.	várias espécies
Arremessos	Ttseru I'wa	Linha de mão (linha comprida)	Uma linha comprida de nylon com um anzol e segura pelo pescador. Utilizam com diferentes tamanhos de anzóis e linha nº 0,30, 0,40 e 0,50. Dependendo da experiência do pescador e fixada em gravetos na margem dos ambientes aquáticos. São vários tipos de iscas associadas a	várias espécies pacus, piau, matrinchã, voadeira, tucunaré

COMPONENTE INDÍGENA DO PROCESSO DE LICENCIAMENTO DA EF 354 - XAVANTE

			essa tecnologia como: gafanhoto (dzödzo), grilo (ridi), minhoca (aiutewhanapré), frutas: i) wabru: mirindiba, öpinire, romrapré're, ii) rätsurã'i're (caju do cerrado) e outros como: carne, mandioca, gongo, milho e soja. Essa técnica é utilizada em locais mais profundos.	
Arremesso		Mergulho livre com ferro	Consiste em mergulhar em locais mais rasos das lagoas e córregos com auxílio de um ferro ou faca.	papa terra e pacu
Arremessos	Umréná ãmrami	Armadilha de garrafa pet	Anzóis iscados com peixe ou gafanhoto e atados a linhas com cerca de 1 metro de comprimento presas a uma bóia do tipo garrafa pet de 2 litros.	matrinchá
Artes fixas	Wa'ra tepedahã	Armação (Tapagem)	Feita com trançados de folhas de buruti e associada à pesca de timbó. Geralmente é colocada abaixo da aplicação do timbó para coleta dos peixes. Hoje alguns Xavante utilizam redes para esse tipo de função.	várias espécies
Artes fixas	Tepéwíwára	Armadilha de taquaras	Uma forma de tapagem que foi bem utilizada no passado	piau e pacu
Venenos	Aba'wadzi	Timbó (cipó)	A "tinguizada", como é chamado o uso do cipó (Jacquinia sp.) nos lagoas e córregos.	várias espécies

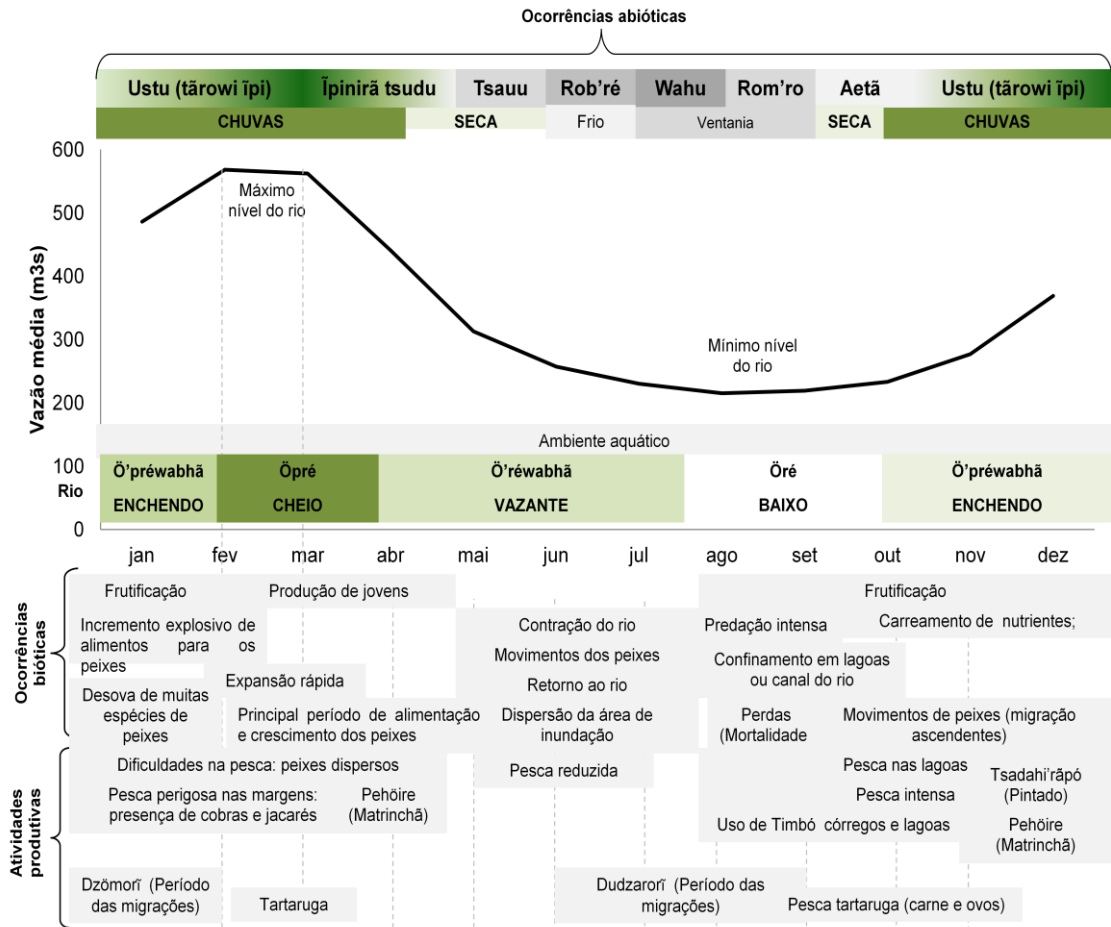


Figura 20: Esquema da pesca entre os Xavante: sazonalidade e regime hidrológico

Foi possível observar o deslocamento da população xavante, onde exploram diversas localidades no cerrado e que abrange uma vasta área de pesca (*Pe'adzo datsimawara*) presente nos recursos hídricos existentes nas Terras Indígenas e no seu entorno. Além do rio das Mortes, os seus afluentes, os rios Culuene e Couto de Magalhães foram declarados pelos Xavante como locais importantes para a pesca. No fluxograma abaixo apresenta-se uma visão geral das modalidades de pescaria e a intensidade de uso nas TIs.

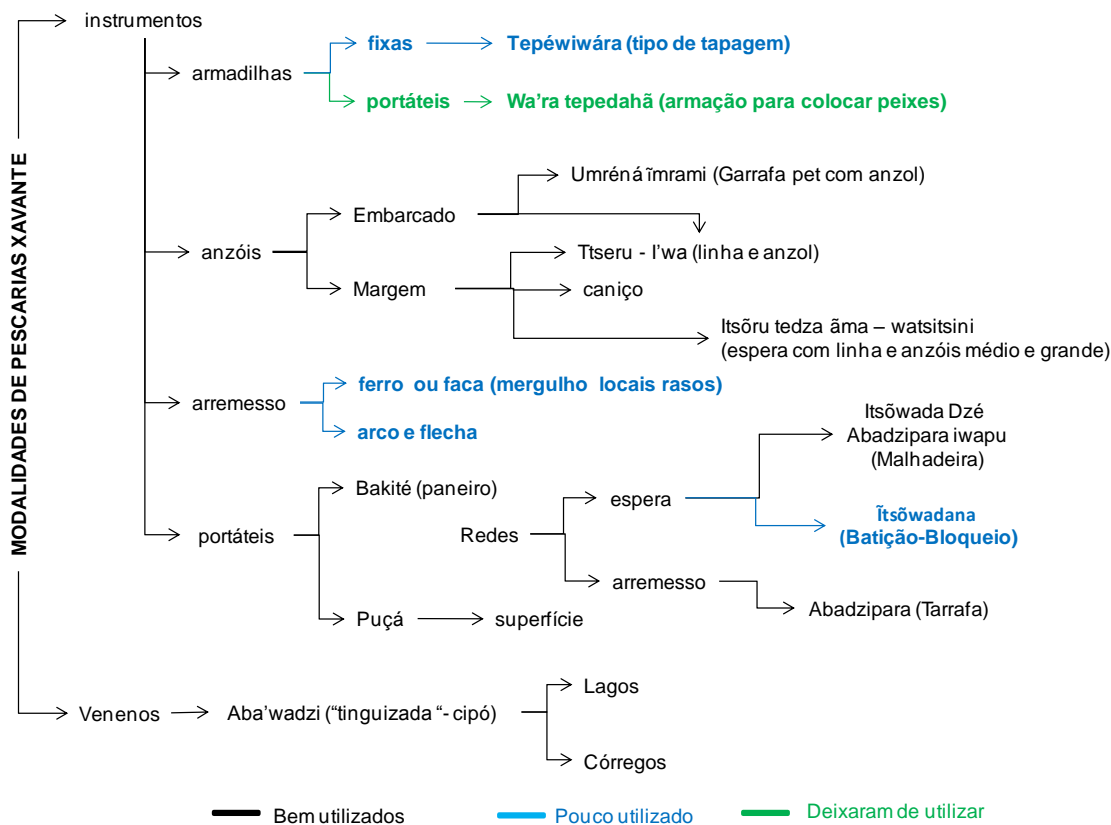


Figura 21: Fluxograma - Demonstração das modalidades de pescaria Xavante e sua utilização.

A pesca está associada a diversos fatores, entre os quais se destaca: i) áreas de pesca mais próximas do rio, ii) distribuição geográfica da ictiofauna e iii) oferta de alimento através das extensas faixas de mata de galeria e vegetação submersa. É provável que as chuvas que inundam os córregos e lagoas temporárias, nas repentinas subidas no nível dos rios, dêem origem a curtos deslocamentos da ictiofauna em contracorrente para atingir “locais” de alimentação e reprodução. Nas entrevistas os Xavante declararam que a “corrida d’água” (o aumento da vazão do rio) e a subida do nível da água durante o período das chuvas favorecem a progressiva inundação das áreas marginais topograficamente mais baixas, que vão se

transformando em verdadeiros canais e localmente denominados em língua xavante (são “locais de desova”, provavelmente). Foi possível observar o deslocamento da população Xavante para estes locais onde exploram diversas localidades (dentro e fora das áreas demarcadas) e que abrange uma vasta área de pesca presente nos corpos d’água existentes nas Terras Indígenas e no seu entorno, declarados pelos Xavante como locais importantes para coletar, pescar e caçar.

3.3 Homens e mulheres: as roças

O cultivo das roças de toco ganhou maior importância para os Xavante após o contato com a sociedade regional e a FUNAI. Os projetos de “desenvolvimento comunitário” deste órgão (1970) contribuíram para modificar a vida cotidiana e alterar as práticas agrícolas em algumas aldeias, ocasionando o abandono das roças tradicionais com o consequente desaparecimento das sementes nativas. Hoje, todavia, há esforços no sentido de reverter tal situação, com a realização de intercâmbios de semente entre os Xavante.

Seguem abaixo relatos registrados pelos Xavante sobre como se cultivava a roça de toco, e como a sua origem está relacionada com os mitos da descoberta das sementes do milho e a descoberta do fogo:

“A origem da roça de toco é desde a descoberta do milho Xavante (nodzo). Quando era adolescente, ou depois de se tornar ritéi’wa [jovem iniciado] começa trabalhar para os sogros. As mulheres ajudam os maridos a trabalhar na roça. Antigamente, se não trabalhava não havia alimentos, só comiam pau apodrecido. O surgimento da roça de toco é só depois da descoberta do fogo. A história do milho Xavante apareceu no pé de jatobá e é a origem da roça de toco” (mulher Xavante da TI São Marcos, 2006, apud Lima 2007).

Os mais velhos comentam do tempo em que “só comiam pau podre”, porque não havia ainda os alimentos cultivados nas roças de toco (não conheciam as sementes) e nem o uso do fogo (os alimentos não eram cozidos). Assim à origem das roças estão relacionadas a origem do fogo e dos alimentos cultivados, histórias relatadas nos mitos ‘O roubo do fogo da onça’, ‘A mulher estrela’ e ‘Os periquitos’ (cf. Gomide, 2008).

Nos depoimentos a seguir mulheres comentam as etapas do trabalho na roça antes do contato permanente com os *waradzu*:

“Queimar as árvores, capinar capim com borduna e depois levar para a beira da roça com baquité (cesto). Trabalhavam junto com o namorado(a). Os capins que já secaram são levados para a beira da roça com baquité. Na roça se faz queimar os pés das árvores e assim se derrubam. Para a roça se derruba as árvores e depois colhem os galhos e leva até a beirada.

Antigamente trabalhavam muito... antigamente os namorados ou recém-casados já se conhecem bem, trabalhavam juntos ... só viam trabalho.

Se a roça está pronta, dividia a roça pra cará, milho Xavante e também tem um terreno de moça recém-casada. E no outro terreno do outro filho, outra plantação e assim o pai dividia a roça. O namorado dessa moça planta milho Xavante com brudu, tipo a borduna. E assim que secarem vão colhendo e trançando, o milho Xavante (nodzo). Dentro da casa tem a madeira para pendurar o milho (nodzo) que já trançaram as palhas. Esse pau onde se amarram os milho é muito alto, chega quase na ponta da casa. E depois debulhavam a semente e armazenavam no tsi'ra e os velhos faziam o tsi'ra. Depois pegavam madeiras com forquilha para pendurar muitos tsi'ra na frente das casas. O feijão Xavante colhiam também junto com o milho Xavante. Os filhos recém-casados levavam para casa em grande quantidade para dentro da casa. Antes tinham muitos alimentos. Quando acabavam, distribuía novamente para cada casa (mulher Xavante, TI São Marcos, 2006)

“Antigamente os Xavante ‘caçavam’ os waradzu e, quando encontravam, tomavam das ferramentas deles. Quando era machado cortavam pedacinho e distribuía entre eles. Depois faziam com cabo de madeira o pedacinho de machado. Se chamava hotoratamá. E com ela trabalhavam sentados muito rápido. Os Xavante que pegavam facas dos waradzu cortavam com rodoi'a'ëtë'a (pedra branca) e mesmo com pedacinho de faca trabalhavam rápido. (...) Atualmente já usam essas ferramentas no trabalho e ficam em pé, mas ao contrário trabalham menos” (Bernardina Renhere, apud Gomide & Lima 2006:9).

Atualmente, as roças das Terras Indígenas Xavante são cultivadas de formas distintas. Há prevalência das roças tradicionais de toco onde são cultivadas as sementes nativas de milho, feijão, cará, abóbora, além de algumas frutas; contudo, as roças mecanizadas também estão presentes em várias aldeias. Essas últimas foram introduzidas pela Fundação Nacional do Índio na década de 1970, com extensas plantações de arroz. Essa atividade foi compreendida pelos Xavante, *a priori*, como relevante meio de subsistência gerador de abundância alimentar e autonomia. Entretanto, anos mais tarde, foi objeto de reflexão e crítica pelos Xavante. Mas a situação observada em campo indica uma queda acentuada nas atividades de abertura e cuidados com novas roças de toco, em todas as terras indígenas, com algumas aldeias tendo abandonado por completo esta atividade há vários anos.

3.4 As mulheres e a coleta: andar no Ró

A gente pega as coisas que comeu, a bocaiúva, jatobá e a gente atira a semente e joga ai que dá, vai brotando ai cresce, ai vai e come. A bocaiúva não foi plantada, a gente joga no quintal ai brota é só isso, para nós não existe viveiro, plantar a gente joga no Cerrado ai nasce ai dá fruta, é assim. Nós não fazemos a plantação, é só jogar. É só isso. (anciã da Terra Indígena Sangradouro).

Os movimentos pelo território, o *dzomõri*, como visto antes, caracterizava-se pelas atividades de caça e coleta no Cerrado, com duração de meses. Ao longo do ano a coleta de frutos e raízes – feitas em geral pelas mulheres – era fundamental para a dieta alimentar

Xavante, complementada com as colheitas da roça e a caça/pesca dos homens. As gerações mais antigas viveram nas amplitudes do cerrado, por conseguinte, detêm uma visão de mundo onde os atuais limites demarcatórios são inexistentes.



Figura 22: mulheres da aldeia Belém (TI Pimentel Barbosa) coletando cocô e palha de babaçu em local fora da área demarcada, a cerca de 900 metros do traçado da EF 354

Por outro lado, a sedentarização forçada não significou a assimilação absoluta de novos hábitos, mas sim uma adaptação que vem sendo re-elaborada pelos Xavante, os quais se autodefinem como guerreiros, caçadores e coletores. Os quintais tradicionais, por exemplo, sofreram alterações quanto à forma de cultivo, dimensões e espécies cultivadas. Como relatado pela anciã acima, nos quintais nasciam frutas que haviam sido consumidas e ali depositadas as sementes, frutas estas que eram resultado das coletas feitas nos cerrados. Aliás, na identificação/localização de um *ri'tu* (aldeia antiga) o que os anciãos observam é exatamente é a composição de pés de bocaiúva, jatobá, pequi etc. em forma de “ferradura” – onde, claro, os *waradzu* não desmataram.

Atualmente cultivam-se diversas espécies exóticas obtidas junto a servidores da FUNAI ou de projetos executados pelas próprias organizações indígenas. As grandes mangueiras existentes nas terras indígenas nos dias atuais foram plantadas na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio).

Quadro 9: Nome de algumas plantas, uso e local do cerrado onde são encontradas (Fonte: Maria Lucia Gomide & Daniela Lima 2006)

N ^o	Nome Xavante	Uso	Local do cerrado onde se encontra - Xavante	Local do cerrado onde se encontra - português
1	Wedé'râpó	Comestível/ alimento	Rob'nã/Amhunã	Campo limpo/cerrado não identificado
2	Wedehu'udzé	Remédio para menino magro. Folha cozida e depois passa no corpo de pessoa fraca.	Marã	Mata ciliar
3	Ratsu	Folha para afiar um pedaço de bambu-Tibu'wa para riscar o corpo.	Rob'nã	Campo limpo
4	Dadzadai'réude	Para dor de garganta	Amhunã e Aptsenã	Cerrado não identificado
5	Dadzerérádzé	Para passar na gestante, na hora do banho. O cabelo do nenê fica bem preto.	Rob'nã	Campo limpo
6	Wedehu'udzé	Passa a raiz na pele	Rowi	Mata seca
7	Dadzépu'u'odz é	Fazer a cama do nenê com essa planta para não ficar doente.	Tsadarã ou Tsôwahunã,	Encontrado ao lado da mata de galeria
8	Tsorona'ratapr é	Cordinha para criança ficar forte. Fibra /que defende contra doença	Rob'nã	Campo limpo
9	Wamari hoi'r é	Para colocar na porta da casa para proteger das doenças.	Rob'nã	Campo limpo
10	Wetsuire	Para limpar e banhar o nenê.	Rob'nã	Campo limpo
11	Wetsuirã	Para banhar nenê	Rob'nã	Campo limpo
12	Parate	Para banhar o nenê	Rowi	Mata seca
13	Wedé'uware	Mistura com óleo de coco para cabelo ficar preto, se usa semente.	Tsadarã ou Tsôwahunã	Encontrado ao lado da mata galeria
14	Sem nome	Grávida passa para o cabelo nenê ficar preto.	-	-
15	Rênhô	Semente se come.	Marã'u ou Öwawe Maranã	Mata ciliar beira o rio das Mortes
16	Wedewa'udzé	Remédio para gripe – raiz	Rob'nã	Campo limpo
17	A'õ	Comestível	Rob'nã/Maranã	Campo limpo/mata ciliar
19	Dadzadairewede	Tomar raiz para dor de garganta	Amhunã e Aptsenã	Cerrado não identificado
20	Wetsutede	Para fazer o bolo. Usa folha como forma	Marã'u ou Öwawe Maranã	Mata ciliar a beira do rio das Mortes
21	Parate	Remédio criança	Rowi	Mata seca

2 2	Wedé'uarã	Remédio para picada de cobra	Rob'nã	Campo limpo
2 3	Wetsuirã tsupá	Para coceira de criança	marã/Rob'nã	Mata galeria /campo limpo
2 4	Wetsuirã	Remédio para gripe	Rob'nã	Campo limpo
2 5	Wedé'uarã	Riscar o corpo	Rob'nã	Campo limpo
2 6	Dzara' re	Pneumonia –usa raiz	Rob'nã	Campo limpo
2 7	Wetsuiratsupó	Para colocar no baquite para nenê dormir	Rob'nã	Campo limpo
2 8	Wedepá	Semente remédio de vomito	Amhunã e Aptsenã	Cerrado não identificado
2 9	A'utenhimiwar awede	Tomar no pós –parto	Rob'nã	
3 0	-	Cama de criança		
3 1	Wetsuirã	Sabonete	Rob'nã	Campo limpo
3 2	Datóptódzé	Remédio para gripe	Rob'nã	Campo limpo
3 3	Wetsuirã	Vitamina para criança	Tsadarã	Encontrado ao lado da mata galeria
3 4	Wetsuirã		Rob'nã	Campo limpo
3 5	Wetsupá	Para dor de costas	Rob'nã	Campo limpo
3 6	Uhötetepa	Dor barriga e para picada de cobra	Rob'nã	Campo limpo
3 7	Wetsuirã tehipré	Para criança	Tsadarã ou Tsōwahunã	Encontrado ao lado da mata galeria
3 8	wamoni hoire	Planta que fica na porta de casa.	Rob'nã	Campo limpo
3 9	-	p/ cabelo		
4 0	Wederãpó	Comestível/alimento	Rob'nã	Campo limpo
4 1	Utötsiri	Pra fazer cordinha para o nenê	Rob'nã	Campo limpo
4 2	Dzörãiró	Para cansaço	Rob'nã	Campo limpo
4 3	Tsipahutihiné	Passa na perna p criança andar	Amhunã e Aptsenã	Cerrado não identificado
4 4	Dzömhupréwe de	p/ passar na mão do menino na luta do oió ⁸	Ubratanã	Mata de bambus
4 5	Wedepáwará	Passa depois de riscar as pernas	Rob'nã	Campo limpo

⁸ **O'ió** – é um ritual de luta onde participam meninos e pré-adolescentes, representados pelos clãs Owawe e Poredza'onõ.

4 6	Wetsuirã	Usa p/ lavar o doente	Rob'nã	Campo limpo
4 7	Wetsunhiptsad a	p/ passar no rosto p/ não dormir	Rob'nã	Campo limpo
4 8	Pôpaihõ	gestante usam para ganhar filha.	Tsadarã ou Tsõwahunã	Encontrado ao lado da mata galeria
4 9	Wede'uware	Para passar no cabelo do homem para arrumar mulher (remédio do homem)	Tsadarã ou Tsõwahunã	Encontrado ao lado da mata galeria
5 0	Umnhi'atsinho rõ'u'rédzé	Para vomito	Rob'nã	Campo limpo

Em relação ao uso das plantas medicinais Carrara (1997) esclarece que este conhecimento pertence ao *dawede'wa* (“curador”), homem ou mulher, e que em geral é o mais velho(a) do núcleo doméstico.

No tocante ao conhecimento e uso que os Xavante fazem das plantas medicinais, pude constatar que eles têm em cada grupo doméstico o chamado *dawede'wa* ou curador. Pode ser homem ou mulher, geralmente o mais velho do grupo doméstico é *dawede'wa* e seus conhecimentos de plantas, usos e terapias de cura de doenças são compartilhados por sua esposa que, apesar de ser do clã oposto ao seu, pode tratar de casos de doença da sua casa ou mesmo de alguma pessoa da aldeia, quando for solicitada e seu marido não estiver presente. Cada *dawede'wa* dos vários grupos domésticos da aldeia conhece plantas medicinais específicas que outros *dawede'wa* não conhecem e por esta razão uma mesma doença pode ser tratada com raízes de plantas diferentes, tornando o remédio ainda mais eficaz (segundo os Xavante), uma vez que pode unir os conhecimentos diferenciados de dois curadores. Este conhecimento do *dawede'wa* é considerado secreto (*tsimi'uripé*) e somente aos parentes de mesma ascendência patrilinear, à exceção da esposa, pode ser transmitido (...). Do contrário, se as folhas, cascas ou raízes, sua mistura e modo de preparação forem revelados, o remédio perde sua eficácia.

(os Xavante dizem) receber seus conhecimentos não somente de seus parentes mas através dos antepassados, nos sonhos, como me foi relatado por um *dawede'wa* que sonha com a planta e o local onde pode ser encontrada e a maneira como deve ser utilizada (*op. cit.*: 57-58).



Figura 23: Material florístico utilizado em sessão de cura (jul 2010)



Figura 24: Dawede'wa atuando, por escarificação, com suas plantas (jul 2010)

Classificação das fitofisionomias do cerrado A'uwẽ

O conhecimento Xavante define uma rica terminologia para a classificação das fitofisionomias do cerrado, onde se podem distinguir vários nuances da vegetação, chegando a número maior de categorias Xavante do que aquelas da nossa botânica. A seguir o levantamento das classificações *A'uwẽ* do cerrado, segundo Gomide (2008: 330-335):

1. Ró: uburé romnori nhitsidzé – *para qualquer lugar da natureza*

Tia (solo): tōtsuparana iwadzani –solo arenoso

2. Amhu:

Wedé (árvore) – rarehu, tsatede, uibró, protetewede, abaretu, tirire, aptsi, wabdzere.

Abadze (caça/animal) - uhöre, padi, hu, uhodo, poné' ere, dzöhuru, wa' ridi, mã, podzé

Tia – tia tsuparana iwadzau

3. Itehudu

Wedé – wedérápó, wederã, watsa

Abadze - u'a, uhore, aiho, uhodo, podzé. padi, wara hobo

Tia – tsuparadza' é

3. Ape:

Wedé - a'ra'y, itsir'are udzé, 'rere, buru'rã, rope aiwa, pasto néhã

Abadze - uhore, padi, aiho, uhodo, uho, warahobo' uã.

Tia – róp'to, ti'arã

4. Tsirãpré: robdzapodo- local onde forma um círculo de arvores , ró'pe- campo

Wedé - nöröre, irãihã

Abadze - uhore, pone' era, poné, uhodo, padi

Tia – tia tsuparana iwadzai

5. Ibanahã (não é um lugar fixo, mas um rumo)

Wedé - ãma damreméhã, mara bana, apetsebana

Tia – tiáhã robdzarina

6. Marã: padzaihöna hütsid

zé, marãhã (mata)

Wedé - a'õ, wa'utömowede, tsihu, wede'a, aptsi, ariwede, ub'rãtãhi, watside

Abadze - uhodo, uho, pone, uhove, padi

Tia – ti'a'rã

7. Tsōwahu

Wedé - õnhimidzahori, marã'remhãitsuru, ariwede, noriwedewa' waõnhitsidzé

Abadze - podzé, aihö, uho, abadzé, uhué,

Tia – rop' tó

8. Tsa'ite're: marãdzapodo (mata circular, “bola de mata”)

Wedé-arvore : wedea, a'õ, wedehöpré, wetsu, uiwede

Abadze- animal : uhodo, uhore, padi, poné,

Tia – solo : ti'a'rã

9. Buru'rã : apetsené aiwa, õnhimidzahori'rénhitsi aptsenahã

Abadze - uhore, uho, uhodo, padi, 'wa'õ, uhure' abadze

Tia – roptó, ti'arã

10. Tsōwahu : õnhimidzahori, marã'remhãitsuru, ariwede, noriwede 'wa'waonhitsidzé

Abadze - podzé, aihö, uho, abadze uhué

Tia – rop' tó

11. Tsa'ite'ré: marãdzapódo

Wedé - wede'a, a'õ, wedehöpré, wetsu, uiwede

Abadze - uhodo, uhore, padi, poné

Tia – ti'arã

12. Tsinõ'rõto: marã'rotõ, uiwede rehã- mata pequena limitada onde tem buriti

Abadze - uhodo, uhore, padi

Tia – rop'tó

13. Papré: padzaihöpre, padzaihöna, ti'a rere'imo, wareipadzaihö'repré, dza'ramononhitsi

Tia – ti'apré

14. Ötö: ötöhã,önhimidzahori,rówa'wa

Abadze - uho, uhodo

15. Owawe: owawe dzaihönahe marã'raiho nori

Abadze - uhodo, ubdo, 'rawa, wa'o ,ro'ore,ho'örã, aihoi're,ti'i, uho,

Tebe - tebe uhuré

A tradução destes termos (segundo Gomide, *id. Ibid.*):

AMHU- é o lugar onde as árvores são baixas e fechadas - muitos animais utilizam este lugar: anta, veado, tatu, queixada, cotia, ema. As frutas do cerrado que são alimentos dos animais: baru, coração de anta e muitas outras frutas no *Ró*.

ITEHUDU- neste lugar as árvores são altas, tem buriti e lago. Os animais que vivem são nele: veado, tamanduá-bandeira, queixada, anta e outros. As frutas que eles comem no cerrado: *wetsu'a*, *uwai're* e outras.

TSA'ITIRÉ fica dentro do *Itehudu* e recebem os mesmos nomes dos lugares dos animais.

APE - é o campo limpo que se parece com pasto. O lugar de veado, anta, ema, tatu, seriema e quase todos os animais ocupam os lugares do *Ró*. Frutas: *uwai're*, *tirire*, *wetsu'a*, *itsadzapó*, *rere* e muitas outras.

TSIRÃPRÉ - o cerrado fechado e grande, mas as árvores são baixas e são iguais. As frutas neste lugar são *tirire*, *wetsuirã* e outras.

MARÃ - são as diversas formações florestais. Este lugar comporta mais animais durante a estação seca (maio-outubro), ficando na sombra; é também lugar de reprodução. Animais típicos desta formação: anta, caititu, tamanduá, veados, tatu e tatu-canastra, macacos.

TSÕWAHU - lugar onde veado costuma ficar e também caititu, queixadas. Os bichos se alimentam no *tsõwahu*.

BURU'RÁ- este lugar se localiza dentro no campo limpo do cerrado – *APE* – é um bebedouro cercado de um capão de mata onde os caçadores e os animais costumam tomar água, como o veado e a anta.

TSINÕ'RÔTÕ - nesse lugar os animais são anta e queixada.

PADZAIHO'REPRÉ - é o barro amarelo, formação que orienta os caçadores.

ÖTÕ – lagoa – é um lugar dos peixes onde se desenvolvem e recriam: piranha, tucunaré, traíra, peixe-elétrico, arraia, jacaré, sucuri e esses são donos desse lago, mas tem outros peixes.

Calendário etnoecológico A’uwẽ

A Figura 25 abaixo sintetiza a interpretação/uso/conhecimento dos Xavante sobre o **Ró**, buscando evidenciar que a reprodução sociocultural deste povo tem conexões estreitas com componentes bióticos e abióticos existentes no território que dominam.

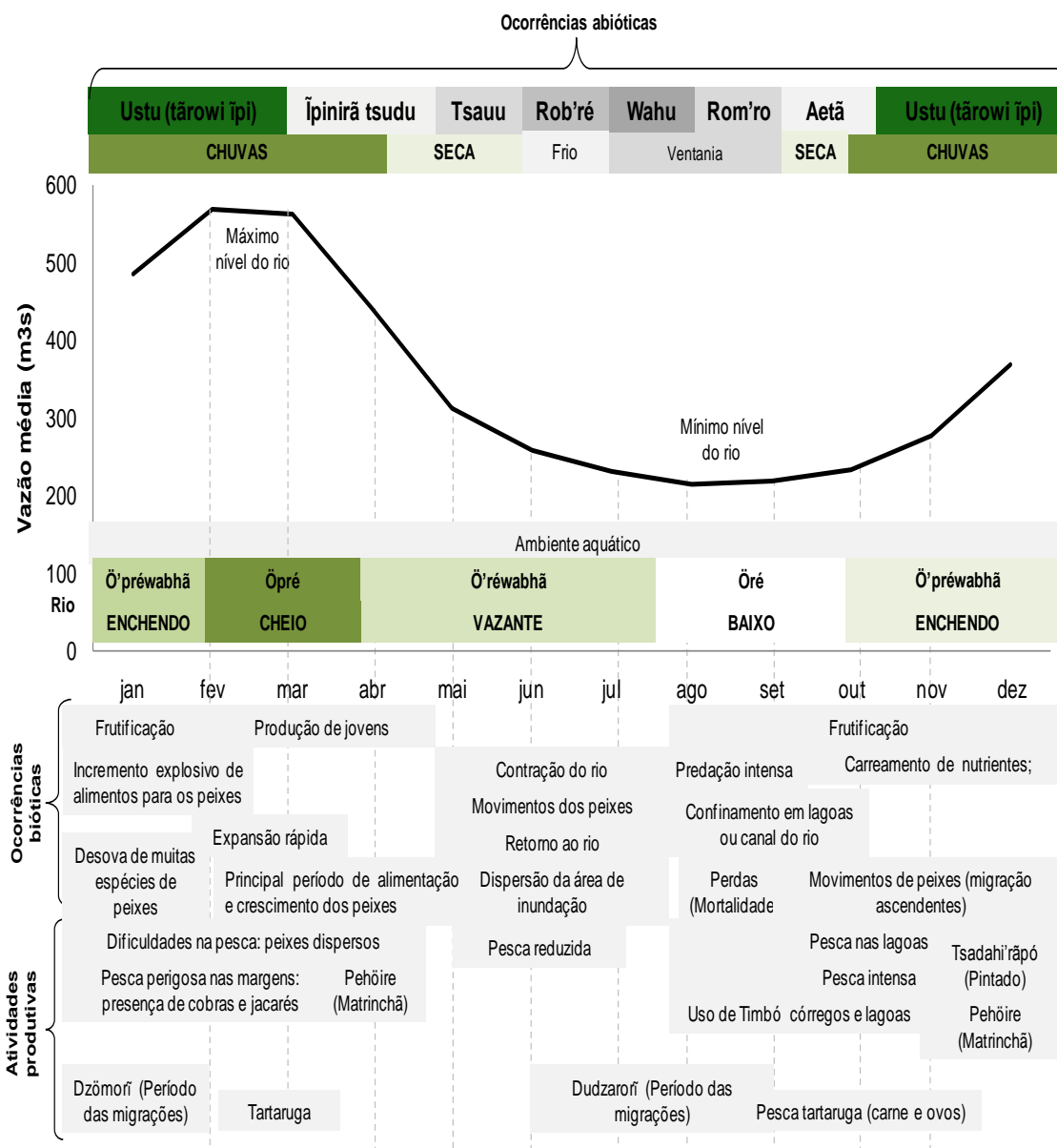


Figura 25: Calendário “etnoecológico” Xavante

Nos Quadros abaixo o conhecimento Xavante da fauna e flora do *Ró*, bem como sua utilização, representam prova concreta sobre o domínio da biodiversidade dos diferentes ambientes que ocupam, assim como oferecem alternativas possíveis de uso e manutenção do Cerrado.

Quadro 10 : Calendário etnoecológico do povo Xavante e seus principais eventos naturais

Atividades		Período											
		J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Eventos Naturais	Ventania						X	X	X	X			
	Aêta (início das chuvas)									X	X		
	Ustu (tãrowi ãpi) (grandes chuvas)	X	X									X	X
	Ïpinirã tsudu (Fim das grandes chuvas)			X	X								
	Tsauu (início da seca)					X							
	Rob're (seca)						X						
	Wahu (grande seca)							X	X				
	Rom'ro (fim da seca)									X			
	Dzömorĩ (Período das migrações)	X	X										
	Dudzarorĩ (Período das migrações)							X	X	X			

Frio (pouco peixe)					X	X						
Subida dos peixes (Desova)									X	X	X	X

Quadro 11: Calendário etnoecológico Xavante e alguns dos seus produtos da roça

		Período											
		J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Produtos de plantação	Nodzö (Milho)			X	X								
	Uhi (feijão)												
	Udzöné (abóboras)			X	X								X
	Upa (mandioca)			X	X	X	X			X	X	X	X
	Mooni (tubérculos)					X	X						

Quadro 12: Calendário etnoecológico Xavante e alguns dos produtos de coleta, caça e pesca

Atividades		Período											
		J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Produtos de coleta, caça e pesca	Pesca	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Caça	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Pesca nas lagoas								X	X	X	X	X
	Pesca Pintado											X	X
	Pesca Matrinchã				X	X						X	X
	Wa'ra tepedahã (Pesca de armadilha)									X	X	X	
	“Tartaruga”	X	X	X	X								
	Pesca de Timbó						X	X	X				
	Tucunaré						X	X	X	X	X	X	X
	Piranha Preta	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Pacu	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Peixe Cachorro					X	X						
	Papa terra						X	X	X	X	X	X	
	Voadeira									X	X	X	X
	frutas de cerrado									X	X	X	
	Aõ (fruto de jatobá)									X	X		
	Wederãpo (cumbaru)								X	X			
	Udzu (coco de buriti)											X	X
	Norõnimña (coco brotado)	X	X										
	Norõtebe (babaçu – óleo/alimento)	X	X					X	X	X			
Tiriwi (coco acuri)							X	X	X	X			
Aodo (coco bocaiúva)	X	X					X	X	X				

Aö (fruto de jatobá)								X	X	X		
Aba're (fruto do piqui)	X											
Ponéére patede (tubérculos)	X	X										
Wededu wö (tubérculos)					X						X	X
Mooni (tubérculos)				X	X	X						
Tse (caule de bocaiúva)	X	X					X	X	X			

3.5 O marã e a avifauna

As matas ciliares/galeria dos rios que drenam as TIs são de fundamental importância para a preservação da avifauna local, com reflexos importantes na cultura xavante, pois muitos rios e córregos nascem e têm parte de seus cursos em fazendas de soja ou de gado, onde são grandes os desmatamentos inclusive destas matas, conforme será mostrado adiante. Por meio do estudo de etnobiologia realizado por Carrara (1997) sobre classificações xavante da fauna do cerrado, é apresentado um levantamento preliminar das aves da aldeia Namunkurá da TI São Marcos (médio rio das Mortes), elaborado pelo ornitólogo Alexandre Aleixo. Segundo este, mesmo para um levantamento preliminar, o número de espécies da avifauna classificada pelos Xavante - 192 (distribuídas em 49 famílias) - é extremamente elevado e comprova a riqueza avifaunística da região pesquisada, que resulta da diversidade das fitofisionomias de cerrados existentes naquela Terra Indígena, assim como o seu estado de conservação. Considera-se que pelo estado atual de conservação dos cerrados, as demais TIs Xavante também mantêm uma grande riqueza em relação à avifauna em seu interior.

De acordo com a classificação xavante de aves registrada por Carrara (*op.cit.*)⁹ foram levantados 237 etnoespécies de aves. As penas de 128 destas etnoespécies são utilizadas nas

⁹A etnoclassificação xavante da fauna foi objeto desse estudo de CARRARA; sua análise enfocou os aspectos dos usos, classificação alimentar e concepções cosmológicas das aves.

flechas e em outros ornamentos e objetos cerimoniais; para as flechas das crianças são usadas outras 97 penas de aves diversas.

As penas são importantes pelo significado simbólico, que adquirem determinados valores de acordo com seus usos. A arte plumária transmite informações simbólicas no uso de acordo com a categoria de idade e sistema de classes de idade, as metades cerimoniais e os ‘donos’ (*tede’wa*) de animais. Observa-se que a “gravata” ou colar *tsõrebdzu*, adorno característico dos homens Xavante, é feito de algodão, em que se prende uma pena na parte posterior. As penas usadas - de gavião, rabo de papagaio, João-bobo, beija-flor vermelho, mutum-de-penacho, arara azul, entre outras - possuem diferentes sentidos de acordo com o usuário, que tem o dever e o privilégio de executar determinada função ritual. Por exemplo, o *aihöubuni* (uma liderança de sua classe de idade quando os jovens estão em reclusão no *hö*) usará a pena do mutum-de-penacho (Müller, 1992:133).

Outras qualidades das penas referem-se a sua adequação nas flechas (*ariwede*) de pescaria, onde as penas das aves (jaburu, cabeça-seca, garças, guará, socós, colhereiro, biguatinga) são usadas, pois estas aves são pescadoras, o que confere aos Xavante a capacidade de pescar maior quantidade de peixes. Assim, o simbolismo das aves está “presente nos nomes das aves, nas classificações alimentares, no ritual e nas concepções cosmológicas” (Carrara, *op.cit.*: 282) e, portanto, os critérios de classificação das aves estão relacionados com seus significados cosmológicos.

Destacam-se como aves com poder de transformação o jaó e o cabeça-seca, que não são apenas aves, mas a transformação dos espíritos *Tsare’wa*. Apenas os velhos que pertencem ao clã *Poredza’õno* têm a possibilidade de conversar com eles, quando o sol está se pondo. Outra ave importante simbolicamente é o *Dza’u’e* (jaburu), que tem papel significativo no ritual de nomeação das mulheres (os personagens desta cerimônia representam esta ave); outra ave também relacionada às mulheres é *Tsinhotse’ére* (quero-quero), representada na pintura corporal.

“Isto mostra a apropriação simbólica das aves como classificadores sociais e, muito provavelmente, também como personificação de qualidades e atributos específicos em um sistema de concepções cósmicas mais amplo, em que se articulam grupos sociais, espécies naturais, personagens, tramas míticas e valores morais”(Carrara, *op.cit.*:286).

(...) as aves estão ligadas com seres sobrehumanos, com a cura de doenças ou mesmo sua origem e a morte (...) Sua presença é inquestionável e imprescindível nos rituais, não só pela sua transformação em ornamentos e enfeites corporais, utilizados na expressão ritual, que representam simbolicamente estes animias (...) mas ao mesmo tempo como veículos de informações sobre noções cosmológicas e a organização social” (*id.*: 287).

Outros atributos das aves são em referência aos seus cantos, que contêm diversos significados, de boa ou má sorte. Determinadas aves têm seu canto relacionado a algum acontecimento, seja como aviso de perigo ou morte, ou de ajuda aos animais de caça. As aves estão ligadas a seres sobrenaturais. Quando o *Wã'ã'hã* (acauã) pára de cantar é porque terá morte na aldeia, ao contrário da *Prorotore* (coruja-do-campo) que, quando cantar próximo da casa, ela vai morrer (assim, os Xavante as matam). O *Pineinhure* (gavião carrapateiro), o *Tsirudu* (joão bobo) e o *Tseptsede* (pica-pau) são amigos dos animais de caça, pois avisam com seus cantos para que esses animais fujam dos Xavante (o gavião avisa a anta, joão bobo a queixada, pica-pau o veado). *Pi'ã* (“alma de gato”) avisa com seu canto o caçador, mas se cantar mais vezes é sinal de perigo. *Hoi'wadzapõriwaire*, trinca-ferro-bicudo, tem função de soprar as nuvens para que o sol apareça. Assim, os critérios de classificação estão relacionados com significados mito-cosmológicos das aves (Carrara, *op.cit.*:287).

“Enfim, o saber xavante sobre aves e outras espécies naturais só pode ser compreendido através da perspectiva da socialização da natureza, isto é, as espécies naturais são nomeadas e classificadas de acordo com critérios sociais e culturais que transcendem o reconhecimento humano das discontinuidades naturais (plano morfológico)” (Carrara, op.cit.:11).

O estudo de avifauna no EIA da EF 354 apresenta considerações relevantes da situação atual da avifauna local, sobretudo nas regiões de Cocalinho (interflúvio Araguaia-Mortes) e Água Boa/Xingú (interflúvio Mortes-Culuene), diretamente implicadas nestes Estudos. As conclusões são as seguintes:

As áreas de ecótono entre Amazônia e o Cerrado são de relevante importância para a conservação da avifauna, pois possuem representantes característicos de ambos os biomas devido à presença de ambientes e fitofisionomias transitórias. Estas áreas correspondem aos limites de distribuição geográfica de inúmeras espécies relacionadas a biomas específicos. Diante disso, o estudo da comunidade de aves nestas áreas transitórias é para o conhecimento destes limites de distribuição e para a expansão dos mesmos diante de registros das espécies em novas localidades. Estes ambientes de transição também são áreas de ocorrência de diversas subespécies de aves e de encontro de raças geográficas que já apresentam significativa diferenciação.

O presente estudo alcançou uma diversidade significativa de espécies de aves (452), estando compatível ou acima de estudos semelhantes na região, o número de espécies de aves estimado para toda a ecorregião das Florestas Ombrófilas do Xingu-Tocantins- Araguaia, que compreende as partes norte e central desse interflúvio, desde o rio Amazonas até pouco ao sul da serra de Carajás, é 527 (WORLD WILDLIFE FUND, 2001). Pacheco & Olmos (2005), encontraram 408 espécies ao longo de um trecho de 700 km da BR-163 (Cuiabá–Santarém).

Além disso, cruzamentos ou intersecções biogeográficas (biogeographic crossroads) criam regiões de rápida substituição (ou elevada diversidade beta) de *habitati* de espécies, aumentando a heterogeneidade ambiental e levando a níveis excepcionalmente altos de riqueza (SPECTOR, 2002), tal como verificado no setor nordeste do Mato Grosso, onde comunidades biogeográficas vinculadas ao Cerrado e à Amazônia estão em contato através de uma ampla zona de transição ou tensão ecológica. É exatamente nesta faixa de transição que se localiza a maior parte dos sítios do presente estudo. **EIA/RIMA para implantação da Ferrovia EF – 354 – Trecho: Uruaçu/GO – Vilhena/RO 5.2-380-381**

Toda a região estudada sofre grande pressão das atividades agropastoris, principalmente pelo cultivo de soja e criação de gado. Isto acarreta a conversão de enormes áreas de vegetação nativa em plantações e pastagens. Dentre os sítios amostrados, o sítio Xingu e o Papagaio apresentam grandes áreas de vegetação nativa em ótimo estado de conservação correspondentes principalmente a ambientes florestais em reservas legais de grandes propriedades, localizadas às margens dos cursos d'água. Porém, apenas o sítio Xingu ainda apresentava áreas extensas e representativas de ambientes abertos característicos do bioma cerrado (*strictu senso*), sendo estes os mais afetados pelas atividades agropastoris. **EIA/RIMA para implantação da Ferrovia EF – 354 – Trecho: Uruaçu/GO – Vilhena/RO 5.2-382**

Outros estudos apontam para a importância dos remanescentes florestais e de cerrados para a avifauna da região. Por exemplo, o EIA para o licenciamento do AHE de *Toricoejo*, no médio rio das Mortes, nas imediações da TI São Marcos, além das análises quantitativas, tece diversas considerações de caráter qualitativo naquele sentido. Nestes estudos foram identificadas 212 espécies de aves, das quais “(...) 60% é formado por aves que têm algum grau de dependência de áreas florestais” (p. 255). As conclusões do EIA sobre a avifauna são as seguintes:

*“5,2% das espécies registradas na AID apresentam alta sensibilidade às alterações ambientais, são elas: gralhão (*Ibycter americanus*), saracura-três-potes (*Aramides cajanea*), arara-vermelha (*Ara chloropterus*), tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*), araçari-castanho (*Pteroglossus castanotis*), pica-pau-de-barriga-vermelha (*Campephilus rubricollis*), arapaçu-pardo (*Dendrocicla fuliginosa*), arapaçu-vermelho (*Xiphocolaptes promeropithynchus*), estalador-do-norte (*Corythops torquatus*) e mineirinho (*Charitospiza eucosma*).*

*Outros 28,2% das espécies registradas apresentam média sensibilidade às alterações ambientais, como japupemba (*Penelope superciliaris*), corocoró (*Mesembrinidys cayennensis*), tuiuiu (*Jabiru mycteria*), sovi (*Ictinia plumbea*), gavião-de-rabo-barrado (*Buteo albonotatus*), pomba-galega (*Patagioenas cayennensis*), periquito-estrela (*Aratinga aurea*), martim-pescador-anão (*Chloroceryle aenea*), bico-de-brasa (*Monasa nigrifrons*), pica-pauvelho (*Celeus lugubris*), bico-virado-carijó (*Xenops rutilans*), papa-toaca (*Pyriglena leuconota*), gralha-do-cerrado (*Cyanocorax cristatellus*), balança-rabo-de-máscara (*Poliptila dumicola*), japu (*Psarocolius decumanus*), entre outros.*

*Outras famílias são consideradas sensíveis à antropização, caso dos piprídeos e dos dendrocolaptídeos, que são mais afetados pela alteração de habitats. Essas duas famílias reúnem grande parte de espécies dependentes e semi-dependentes de ambientes florestais: *Sittasomus griseicapillus* (arapaçu-verde), *Xiphorhynchus**

guttatus (arapaçu-de-garganta-amarela), X. picus (arapaçu-de-garganta-amarela), Neopelma pallescens (fruxu-do-cerradão) e Pipra fasciicauda (uirapuru-laranja). Espécies dependentes de ambientes florestais necessitam, portanto, de habitats contínuos de florestas. No caso da região de estudo, essas áreas estão representadas pelas matas ciliares e de galeria conectadas aos demais fragmentos (e.g. de aves Antilophia galeata, Momotus momota). Aves como os dendrocolaptídeos e picídeos, por exemplo, necessitam de árvores com troncos do DAP significativos para abrigo, nidificação e alimentação. Algumas espécies são fotofóbicas, assim, não toleram ambientes como borda de matas ou mesmo aberturas de clareiras. Nesse contexto, aves de bandos mistos formadas por diversas espécies e sentinelas são dependentes de formações florestais. A semi-dependência está relacionada às aves que toleram ambientes abertos e habitats em transição com florestas. Espécies classificadas nessa categoria são o urubu-rei (Sarcoramphus papa), alma-de-gato (Piaya cayana), João-corta-pau (Caprimulgus rufus), rapazinho-dos-velhos (Nystalus maculatus), pica-pau-branco (Melanerpes candidus), estrelinha-preta (Synallaxis scutata), entre outros. Existe ainda um grande número de aves insetívoras de sub-bosque, principalmente tiranídeos e furnarídeos, que são mais vulneráveis às alterações ambientais, requerendo áreas mais conservadas para sua sobrevivência (Wiens 1995; Aleixo e Viellard 1995) como Corythops torquatus (estalador-do-norte), Xenops rutilans (bico-virado-carijó) e Synallaxis scutata (estrelinha-preta). Considerando a Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção (MMA, 2008), não há espécies de aves ameaçadas - apenas a ema (Rhea americana) consta da Lista da IUCN (EIA Toricoejo, p. 260-261, grifo nosso).

Os estudos do EIA de Água Limpa identificaram espécies que se encontram ameaçadas de extinção; jacu-de-barriga-castanha *Penelope ochrogaster*, a águia cinzenta *Harpyhaliaetus coronatus* e a maria-corrúira *Euscarthmus rufomarginatus*.

Os estudos para o AHE de Água Limpa ainda ressaltam a presença de algumas espécies importantes com raros registros na região (Pato-do-mato, Jacutinga, Mutum-de-penacho, Cabeça-seca, Arara-canindé e Andorinha-do-rio). Algumas dessas espécies foram observadas em apenas um local, evidenciando a territorialidade e a estreita relação entre os diversos *habitats* formados pela vegetação marginal, o ecossistema fluvial e a avifauna.

Outras espécies raras e que apresentam elevada exigência quanto às condições ambientais (jacu-de-barriga-castanha, gavião-branco e gavião-pato) também foram observadas no decorrer do trabalho de campo para estes Estudos. A presença dos gaviões evidencia a boa condição dos fragmentos florestais da região, pois estas espécies necessitam de grandes áreas florestais para estabelecerem seus territórios. Aquele Estudo revelou que “*uma grande diversidade de aves utiliza tanto o leito como a vegetação ciliar e ambientes associados ao Rio das Mortes, sendo este afluente do Rio Araguaia um importante corredor de fauna, com influência amazônica bastante nítida.*”

Outro fato importante diagnosticado no EIA de Água Limpa foi a presença significativa de espécies com hábitos migratórios que utilizam a vegetação marginal do rio

das Mortes como local de reprodução. Outra observação da estreita ligação entre o ambiente marginal do rio e as aves foi a importância da vegetação para a alimentação das espécies frugívoras.

Os buritizais e ambientes alagadiços também abrigam uma avifauna diferenciada, com algumas espécies sendo observadas somente nesses locais. A conclusão do tópico avifauna no EIA de Água Limpa sintetiza a importância da região:

“A região compreendida pela área de influência do empreendimento apresenta uma grande riqueza de aves, limitada pela estreita faixa de vegetação ciliar do Rio das Mortes, que atua como um corredor contínuo de fluxo de populações. Esta faixa de vegetação nativa é extremamente importante devido ao entorno ser uma matriz de culturas de soja. Esta frágil comunidade de aves depende das formações vegetais originais e apenas a manutenção de áreas nativas de florestas, cerrados e campos irá conservar a avifauna local.”

Dentre as aves que são incomuns na região (e apontadas no EIA de Água Limpa, p. VI – 166, Tabela 6.3.3.1.2) e serão diretamente afetadas pelo empreendimento (área de nidificação/reprodução/alimentação) e que têm importância cosmológica e/ou ritual para os Xavante, sobressaem-se a “mãe-da-lua” (*Nyctibius griseus*) ou o *Hô'a* (re):

“(…que) tem importante significado cultural para os Xavante, pois está ligado à origem das doenças, conforme mito relatado por Giaccaria e Heide (1975) e também em outra versão por mim coletada em Namunkurá, que diz respeito (a esta espécie na) origem do funeral Xavante” (Carrara, op. cit.:216).

O mito a que faz referência o pesquisador citado Ihe foi narrado em São Marcos por Adão Tserenhôpré.

O Quadro abaixo correlaciona os dados da avifauna contidos dos EIAs de Água Limpa e da EF 354 (quanto a raridade, endemismo, indicação de qualidade ambiental e ameaçadas de extinção) e os dados Xavante quanto a sua importância cosmológica e ritual. O rico e monumental trabalho de Carrara, antes citado, sobre o conhecimento Xavante da avifauna serviu de base nestes Estudos para compô-lo – contudo não foram explorados todos os aspectos desse conhecimento ali exposto. Não foram indicados, por exemplo, os hábitos alimentares das etnoespécies e aspectos de comportamento – minuciosamente descritos por Carrara. As indicações do EIA sobre a importância das matas ciliares e de galeria remanescentes para a avifauna, ao longo do trecho a ser impactado pelo empreendimento – quanto a fontes de alimentação, nidificação e reprodução – coincidem com os argumentos apresentados pelos sábios Xavante em relação ao mesmo tema.

Quadro 13: A avifauna segundo o EIA e os Xavante

Nome espécie	Nome etnoespécie	Importância no EIA AHE Água Limpa EIA EF 354	Ambiente de ocorrência	Importância cosmológica-ritual p/ os Xavante (in Carrara 1997)
Crypturellus undulatus	Dati'õ'u	Indicador de qualidade ambiental CIN	Mata Ciliar marã	Os tsare'wa ("povo morcego") se transformam em jaó e vivem na mata. Por isso os Xavante não devem imitar o canto desta ave senão os tsare'wa podem matá-los (incorporá-los como um deles). Pena do rabo usada nas flechas para dar-lhes maior velocidade.
Crypturellus soui	Aptoró rãdzapodo	Indicador de qualidade ambiental CIN	Mata Ciliar marã	Procurada para abate no ritual Adabatsa (casamento); pena usada no buru'a'ódo.
Rhea americana	Mã	Quase ameaçada de extinção PRÓX; CIN	Campo Cerrado rob'nã	Pena usada na gravata de algodão (tsõrebdzu'a) como marcador de hierarquia; pena usada no wairó (diadema).
Tinamus tao	Aptoró ubdzu	Espécie incomum CIN	Mata ciliar marã	Pena usada em flechas.
Pilherodius pileatus	Tsõreihô i'tsadzu	Espécie rara ?	Rio das Mortes/Lagoas Öwawe/öto	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Ardea cocoi	Tsõreihô dzatsibiré	Espécie rara ?	Rio das Mortes/Lagoas Öwawe/öto	Penas usadas em vários tipos de flechas e em diademas wairó.
Nycticorax nycticorax	Tsõreihô watapó	Espécie rara ?	Rio das Mortes/Lagoas Öwawe/öto	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Agamia agami	Tsõreihô butupré	Espécie de rara ocorrência PRÓX	Rio das Mortes/Lagoas Öwawe/öto	Penas usadas em vários tipos de flechas e em diademas wairó.
Cochlearius cochlearius	Tsõreihô watapó	Espécie rara TUR	Rio das Mortes/Lagoas Öwawe/öto	Penas usadas em vários tipos de flechas e em diademas wairó.
Mycteria americana	Tsi'rãi'rê	Espécie incomum ?	Rio das Mortes/Lagoas e Mata Ciliar Öwawe/öto e marã	Penas usadas na Ti'pé (flecha do ritual Wai'a); darãum midzé (suas plumas são coladas na pintura de urucum posta nos cabelos para a corrida com tora).
Jabiru mycteria	Dza'u'ê	Espécie rara na região	Rio das Mortes/Lagoas e Mata	Penas usadas em alguns tipos de flechas; as plumas do seu peito usadas no ritual darãumimidzé.

		TUR	Ciliar Öwawe/öto e marã	
Mesemb rinibis cayenne nsis	Tsiröroré	Espécie indicadora de qualidade ambiental ?	Rio das Mortes - öwawe	Nidifica em buritizais; suas penas são usadas em vários tipos de flechas.
Phimosu s infuscatu s	Tsiröroré (dza'u'ê)	Espécie rara ?	Rio das Mortes - Öwawe	Penas usadas em vários tipos de flechas e em diademas wairó.
Platalea ajaja	Tsiba'a'pr é	Espécie incomum ?	Rio das Mortes - Öwawe	Penas usadas na gravata (tsörebdu'a) indicando quem é o dono do maracá; pena usada nas flechas longas do ritual Wai'a.
Anhima cornuta	A'rã'ru	Espécie rara TUR	Mata ciliar - buritizal	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas e na gravata tsörebdu'a.
Dendroc yigna autumna lis	Mã'u (wa're)	Espécie incomum CIN	Rio das Mortes - Öwawe	Penas usadas em vários tipos de flechas e em diademas wairó.
Amazon etta brasilien sis	Mã'u teteré	Espécie rara CIN	Rio das Mortes - Öwawe	Penas usadas em vários tipos de flechas e em diademas wairó.
Sarkidio mis sylvicola	Mã'u aibô	Espécie associada a ambientes alagados Não Consta	Rio das Mortes/Lago as Öwawe/öto	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Sarcora mphus papa	Reb're'ê' u	Espécie indicadora de qualidade ambiental TUR	Mata ciliar - marã; Cerrados - Ró	Penas usadas em vários tipos de flechas; suas plumas são coladas na pintura de urucum posta nos cabelos para a corrida com tora; plumas usadas pelo da'amã do Wai'a.
Buteo albonota tus	Tsi'hörör ã	Espécie rara Não Consta	Mata ciliar - marã	Penas usadas em vários tipos de flechas; suas plumas são coladas na pintura de urucum posta nos cabelos para a corrida com tora.
Buteo albicaud atus	Wanhöh' i'wa	Espécie rara ?	Campo cerrado - rob'nã	Penas usadas em vários tipos de flechas; suas plumas são coladas na pintura de urucum posta nos cabelos para a corrida com tora; pena da flecha do espírito pi'u.
Buteo nitidus	Tsi'u (tsi'ömo' úwa)	Espécie rara ?	Campo cerrado - rob'nã	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Spizaetu s ornatus	Tsi'u (irãihotsui ré)	Espécie incomum Não Consta	Mata ciliar - marã	Penas usadas em vários tipos de flechas
Leptodo n	Tsi'u u'e	Espécie incomum	Mata ciliar - marã	Penas usadas em vários tipos de flechas; suas plumas são coladas na

cayanensis		?		pintura de urucum posta nos cabelos para a corrida com tora.
Leucopternis albicollis	Tsi'õmorã irã	Espécie rara ?	Mata ciliar - marã	Penas usadas em vários tipos de flechas; suas plumas são coladas na pintura de urucum posta nos cabelos para a corrida com tora.
Harpia harpyja	Tsi'u wawe	Espécie rara Não consta	Mata ciliar/galeria - marã	Penas usadas em vários tipos de flechas; suas plumas são coladas na pintura de urucum aplicada nos cabelos para a corrida com tora.
Penelope superciliosus	A'a'pré	Espécie incomum Cin, Tur.	Mata ciliar/galeria - marã	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Crax fasciolata	A'rã 'ru	Espécie incomum Cin	Mata ciliar/galeria - marã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas e na gravata tsõrebdzu'a.
Heliornis fulica	Mã'uwawa	Espécie rara; indicadora de qualidade ambiental ?	Rio das Mortes - õwawe	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas e na gravata tsõrebdzu'a.
Eurypyga helias	Mã'uware	Espécie rara Tur	Rio das Mortes - õwawe	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Himantopus melanurus	Tsáwatare	Espécie rara Não consta	Lagoas	Proximidade com os espíritos ütédewa.
Phaetusa simplex	Tsi'paihi	Espécie rara ?	Lagoas e rio das Mortes	Penas usadas em vários tipos de flechas.
Claravis pretiosa	Utu'u	Espécie incomum ?	Mata ciliar; buritizal	Flechas de crianças e tsõrebdzu'a (gravata).
Uropelia campestris	Nãire	Espécie incomum Não consta	Mata ciliar/galeria	Flechas de crianças.
Ara chloropterus	Rada	Espécie incomum Não consta	Campo - rob'nã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas, na gravata tsõrebdzu'a e na confecção do wairó (diadema).
Orthopsittaca manilata / ara manilata	Hé	Espécie incomum ?	Buritizal	Confecção do wairó (diadema) e na umrénhidurutu (cabaçinha: instrumento musical do ritey'wa).
Diopsittaca (ara) nobilis	Ré wawë bopré	Indicadora de qualidade ambiental ?	Mata ciliar/galeria - marã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas, na gravata tsõrebdzu'a e na confecção do wairó (diadema).
Aratinga	Ré wawë	Espécie	Buritizal	Flechas.

leucopht halma		incomum Com, Tur.		
Pionus menstru us	Tsuiré	Indicadora de qualidade ambiental Com	Mata ciliar/galeria – marã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas, na gravata tsõrebdzu'a e na confecção do wairó (diadema), no popára (tornozeleira usada no uiwedenhõré; e também na flecha ti'pe do Wai'a.
Amazona amazônica	Waihõro bõpré	Espécie rara Com, Tur.	Mata ciliar, buritizal – marã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas, na gravata tsõrebdzu'a e na confecção do wairó (diadema); no cinto de algodão danhono e no cordão vermelho waihõro bõ tede'wa.
Anodorh ynchus hyacinth inus	Tsõinrara/ tsõrara	Espécie rara Vul	Mata ciliar/galeria – marã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas, na gravata tsõrebdzu'a e na confecção do wairó (diadema).
Coccyu a minuta	Piãiré	Espécie incomum Não consta	Mata ciliar/galeria – marã	Flechas; avisa o caçador conforme seu canto (kri-kri: boa caça; picã-picã, algo ruim vai acontecer).
Pulsatrix perspicil lata	Ab'a	Indicadora de qualidade ambiental Não consta	Campos – rob'nã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas.
Nyctibiu s griséus	Hõ'are	Espécie incomum ?	Vários ambientes do cerrado e matas	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas; presença mitológica na origem do funeral Xavante.
Chordeil es pusillus	Pé'ére	Espécie incomum ?	Vários ambientes do cerrado	Suas penas são usadas na gravata tsõrebdzu'a.
Nyctipro gne leucopyg a	Pé'ére	Espécie incomum Não consta	Vários ambientes do cerrado	Suas penas são usadas na gravata tsõrebdzu'a.
Chaetura brachyur a	Buru'õtõr e	Espécie rara Não consta	Buritizal; cabeceiras e veredas	Suas penas são usadas na gravata tsõrebdzu'a.
Lophorn is magnific us	A rã'rãre	Espécie incomum Não consta	Campos – rob'nã	Suas penas são usadas na gravata tsõrebdzu'a.
Pteroglo ssus inscriptu s	Dzu'õre a	Espécie incomum e indicadora de qualidade ambiental Tur.	Mata ciliar/galeria – marã	Suas penas são usadas na gravata tsõrebdzu'a.

Xiphorhynchus picus	Tsadati u'é	Indicadora de qualidade ambiental ?	Mata ciliar/galeria – marã; burutizal	Flechas para crianças.
Berlepsc hia rikeri	Du'bru	Indicadora de qualidade ambiental ?	Mata ciliar/galeria – marã	Carne apreciada pelos iheré (velhos).
Formicivora grisea	Tsinho'utu'uhöre	Espécie incomum ?	Mata ciliar/galeria – marã	Flechas para crianças.
Myrmeciza atrothorax	Tsi'ë'ére/Tsiwatapó	Espécie incomum ?	Mata ciliar/galeria – marã	Flechas para crianças
Tityra semifasciata	Ta'are	Indicadora de qualidade ambiental ?	Mata ciliar/galeria – marã	Flechas para crianças.
Pipra fasciicauda	Tsidzun'ére	Indicadora de qualidade ambiental Tur	Mata seca/mata ciliar	Flechas para crianças.
Antilophia galeata	Wahi'ware	Indicadora de qualidade ambiental ?	Mata ciliar/galeria – marã	Flechas para crianças.
Neopelma pallescens	Tsiwataparé	Espécie incomum ?	Mata ciliar/galeria – marã	Suas penas são usadas em vários tipos de flechas e na gravata tsõrebdzu'a.

Não foram elencadas aqui, à exaustão, todas as etnoespécies de acordo com a tese de Carrara (e no EIA), mas a amostra do Quadro acima indica três aspectos importantes: o conhecimento sofisticado dos Xavante sobre a avifauna; que esse conhecimento advém da relevância que as aves possuem na cultura xavante (não temos uma descrição tão apurada dels para, por exemplo, a hepertofauna) e, por fim, ressalta a importância ímpar da biodiversidade no *marã* e fitofisionomias associadas.

3.6 A ictiofauna e o Öwawe (rio das Mortes)

O empreendimento EF 354 vai interferir diretamente sobre rios e córregos que drenam as TIs Xavante de *Areões* e *Pimentel Barbosa* na bacia do rio das Mortes (Borecaia, Água Suja, São Domingos, Água Limpa e córregos menores tributários destes) e com este

mesmo rio, de importância cultural e histórica ímpar para os Xavante. Daí a importância deste tópico para os presentes Estudos.

O levantamento ictiofaunístico – realizado em 2010 para os Estudos do Componente Indígena para o processo de licenciamento ambiental dos AHEs do rio das Mortes (*Água Limpa e Toricoejo*) – resultou da reunião de todos os registros de espécies de peixes obtidos para as áreas das Terras Indígenas Xavante na área de influência daquela bacia, e representa as observações e pescarias realizadas com uma variedade de métodos de pesca. Ao longo dos trabalhos de campo, procurou-se realizar observações nos mais diversos locais e biótopos identificados pela equipe (técnicos do CTI e pesquisadores indígenas) e pontuados nos mapas cognitivos desenvolvidos pelas comunidades indígenas. Foi incluído lagos, margens de rios, pequenos córregos, bancos de capins e macrófitas aquáticas, barrancos, corredeiras e pedrais dos rios. Para efeitos destes Estudos, se considerará apenas os dados coletados nas TIs Pimentel Barbosa e Areões.

Considerando todas as artes de pesca, ambientes e entrevistas, desde julho de 2010 até fevereiro de 2011, as maiores riquezas de espécies ocorreram no baixo rio das Mortes - TIs Pimentel Barbosa (140 espécies) e Areões (130 espécies). Na Tabela abaixo estão representados os respectivos valores de riqueza das espécies de peixes presentes nas TIs.

Quadro 14: Valores referentes à riqueza de espécies em cada Área.

Áreas	Ordens	Famílias	Gêneros	Espécies
TI Areões	10			130
TI Pimentel Barbosa	10			140

A proporção entre as principais ordens de peixes indica os Characiformes (a maioria dos “peixes brancos”, de escamas como matrinchãs, pacus, lambaris, piaus, etc.) o grupo mais rico em espécies (54%), seguido pelos Siluriformes (peixes de couro e ou liso, cascudos, 24%), Perciformes (acarás, tucunarés, corvinas, 10%) e Gymnotiformes (sarapós, ituis - peixes elétricos, 3%). As demais ordens (7) compuseram 10% das espécies e pertencem ao conjunto de grupos heterogêneos que inclui alguns grupos “rétilos” e “invasores marinhos”.

As proporções entre os grandes grupos taxonômicos mostraram-se ligeiramente diferentes da composição ictiofaunística de outros estudos para a região. Entretanto, devido às

diferenças nos métodos utilizados para a obtenção dessas proporções, não é possível saber se tal diferença representa uma peculiaridade da ictiofauna do Cerrado, ou se é apenas um reflexo das diferentes áreas de estudo, períodos e esforços de pesca. É importante ressaltar que mesmo sendo utilizada somente uma ou duas técnicas na pescaria de alguns ambientes aquáticos, o que poderia ter limitado o número de indivíduos e espécies capturadas, a pesca exploratória empregada foi suficiente para demonstrar a presença de um relevante número de espécies. Na Tabela a seguir está sumarizada a proporção entre as principais ordens encontradas nas Terras Indígenas Xavante.

Tabela 1– Número total de espécies por ordem e família da ictiofauna registrada nas áreas das Terras Indígenas Xavante e sua representatividade no período de julho a dezembro de 2010.

Ordens	Família	S	%
Beloniformes	Belonidae	2	1,1
	Total Beloniformes	2	
Characiformes	Acestrorhynchidae	3	1,6
	Anostomidae	15	8,2
	Characidae	49	27
	Chilodontidae	1	0,5
	Crenuchidae	2	1,1
	Ctenoluciidae	1	0,5
	Curimatidae	12	6,6
	Cynodontidae	2	1,1
	Erythrinidae	3	1,6
	Gasteropelecidae	1	0,5
	Hemiodontidae	7	3,8
	Parodontidae	1	0,5
	Prochilodontidae	2	1,1
Total Characiformes		99	
Clupeiformes	Engraulidae	1	0,5
	Pristigasteridae	2	1,1
Total Clupeiformes		3	
Cyprinodontiformes	Poeciliidae	1	0,5
	Rivulidae	1	0,5

Total			
Cyprinodontiformes		2	
Gymnotiformes	Gymnotidae	2	1,1
	Rhamphichthyidae	1	0,5
	Sternopygidae	3	1,6
Total Gymnotiformes		6	
Myliobatiformes	Potamotrygonidae	4	2,2
Total Myliobatiformes		4	
Osteoglossiformes	Arapaimidae	1	0,5
	Osteoglossidae	1	0,5
Total			
Osteoglossiformes		2	
Perciformes	Cichlidae	16	8,8
	Scianidae	3	1,6
Total Perciformes		19	
Siluriformes	Auchenipteridae	7	3,8
	Callichthyidae	3	1,6
	Cetopsidae	1	0,5
	Doradidae	4	2,2
	Heptapteridae	4	2,2
	Loricariidae	11	6
	Pimelodidae	12	6,6
	Pseudopimelodidae	1	0,5
Total Siluriformes		43	
Synbranchiformes	Synbranchidae	1	0,5
Total			
Synbranchiformes		1	
Tetraodontiformes	Tetraodontidae	1	0,5
Total			
Tetraodontiformes		1	
Total geral de (S)		182	

A família com maior número de espécies foi Characidae com 49 spp, (26,9% do total), em seguida as famílias Cichlidae com 16 spp (8,79%), Anostomidae 15 (8,24%), Curimatidae 12 (6,59%) Pimelodidae com 12 spp. (6,59%) e Loricariidae com 11 spp. (6,04 %). Registrou-se ainda famílias com oito, sete, seis e cinco espécies. Seis famílias foram representadas por três espécies, enquanto a maioria teve duas (12 famílias) ou apenas uma espécie (outras 12 famílias).

Tabela 2– Distribuição do número de espécies por ordem e família dos registros dos peixes por Terra Indígena Xavante (A = Areões; PB = Pimentel Barbosa)

Ordem	Família	TI3_A		TI4_PB	
		S	%	S	%
Beloniformes	Belonidae	2	1,5	2	1,4
Total Beloniformes		2	1,5	2	1,4
Characiformes	Acestrorhynchidae	3	2,2	3	2,1
	Anostomidae	10	7,3	10	7,1
	Characidae	33	24	31	22
	Chilodontidae	1	0,7	1	0,7
	Crenuchidae	-	-	-	-
	Ctenoluciidae	1	0,7	1	0,7
	Curimatidae	12	8,8	12	8,6
	Cynodontidae	2	1,5	2	1,4
	Erythrinidae	2	1,5	2	1,4
	Gasteropelecidae	-	-	1	0,7
	Hemiodontidae	6	4,4	6	4,3
	Parodontidae	-	-	-	-
	Prochilodontidae	2	1,5	2	1,4
Total Characiformes		72	53	71	51
Clupeiformes	Engraulidae	1	0,7	1	0,7
	Pristigasteridae	1	0,7	2	1,4
Total Clupeiformes		2	1,5	3	2,1
Cyprinodontiformes	Rivulidae	1	0,7	1	0,7
	Poeciliidae	1	0,7	-	-
Total		2	1,5	1	0,7

Cyprinodontiformes					
Gymnotiformes	Gymnotidae	2	1,5	2	1,4
	Rhamphichthyidae	-	-	1	0,7
	Sternopygidae	2	1,5	2	1,4
Total Gymnotiformes		4	2,9	5	3,6
Myliobatiformes	Potamotrygonidae	4	2,9	4	2,9
Total Myliobatiformes		4	2,9	4	2,9
Osteoglossiformes	Arapaimidae	-	-	1	0,7
	Osteoglossidae	-	-	1	0,7
Total					
Osteoglossiformes				2	1,4
Perciformes	Cichlidae	13	9,5	12	8,6
	Scianidae	3	2,2	3	2,1
Total Perciformes		16	12	15	11
Siluriformes	Auchenipteridae	7	5,1	7	5
	Callichthyidae	2	1,5	2	1,4
	Cetopsidae	1	0,7	1	0,7
	Doradidae	2	1,5	4	2,9
	Heptapteridae	2	1,5	2	1,4
	Loricariidae	7	5,1	7	5
	Pimelodidae	12	8,8	12	8,6
	Pseudopimelodidae	-	-	-	
Total Siluriformes		33	24	35	25
Synbranchiformes	Synbranchidae	1	0,7	1	0,7
Total					
Synbranchiformes		1	0,7	1	0,7
Tetraodontiformes	Tetraodontidae	1	0,7	1	0,7
Total					
Tetraodontiformes		1	0,7	1	0,7
Total geral		137		140	

A distribuição do número de espécies de peixes nas áreas das TIs observadas revela o aumento da riqueza de espécies no sentido das nascentes em direção à foz do rio das Mortes. A inexistência de barreiras geográficas no trecho inferior da cachoeira da Fumaça (no limite da TI São Marcos) possibilita a livre movimentação de cardumes de jusante para montante, desde a confluência com o rio Araguaia. Essa maior riqueza de espécies verificada nas áreas das TIs Areões e Pimentel Barbosa pode estar associada a essa condição.

A ocorrência das espécies por TI nos ambientes aquáticos com influência do rio das Mortes está representada na Tabela abaixo, na qual pode ser visualizada a situação de que as áreas presentes nas TI Areões e Pimentel Barbosa, localizadas em trechos inferiores da Cachoeira da Fumaça, apresentaram maior riqueza de espécies se comparados com trechos superiores da bacia do rio das Mortes. Nas entrevistas, a “cachoeira” surge como um dos fatores relacionados à menor quantidade de espécies, “tipos” de peixes nas áreas das TIs Sangradouro e São Marcos e, inicialmente, pode ser considerada nesse estudo como uma “barreira” ictiogeográfica para a região.

Quadro 15: – Ocorrência por Terra Indígena Xavante das 182 espécies registradas nos diferentes tipos de ambientes aquáticos com influência do rio das Mortes. (A - TI Areões e PM - TI Pimentel Barbosa)

Nome Científico	Nome	Nome Xavante	A	P
	Regional			M
Acestrorhynchus		Pe'wa'arépre		
falcatus	Peixe-cachorro	Pe'wanhipti	X	X
Acestrorhynchus		Pe'wa'a		
falcirostris	Peixe-cachorro	Pe'wa're	X	X
Acestrorhynchus		Pe'wa're		
microlepis	Peixe-cachorro	Pe'udzé	X	X
Aequidens sp.1	Acará	Hötörã		
Aequidens sp.2	Acará	Pe'wapru	X	X
Ageneiosus				
inermis	Boca larga	Tsadahi'ub'õ	X	X
Ageneiosus sp.	Fidalgo	Tepedzadai'repre	X	X
Ageneiosus				
ucayalensis	Boca larga		X	X
Agoniates				
halecinus	Maiaca	Pe'wapare	X	X

Ancistrinae N.I. 1	Cascudo	Pehöi'ré		
Ancistrinae N.I. 2	Cascudo	Pehöi'ré		
		Pe'wadarare,		
Anodus elongatus	Peixe banana	Pe'wanharare	X	X
Anodus				
orinocensis	Peixe banana	Pe'wado'ubuni	X	X
Anostomoides				
laticeps	Piau	Pedzató	X	X
Apareiodon sp.	Canivete	Pehöpo're		
Aphyocharax cf.				
alburnus	Lambari		X	X
Apistogramma sp.	Acará		X	
	Pirarucu,			
Arapaima gigas	piroasca	Pewawé		X
Archolaemus blax	Ituí	Paipé		
Argonectes				
robertsi	Peixe banana	Pe'wado'ubuni	X	X
Aspidoras cf.				
Belenos	Corredora			
Astyanax				
argyrimarginatus	Lambari			
Astyanax cf.				
abramis	Lambari	Pe'watómódzapotó	X	X
Astyanax cf.				
gracilior	Lambari			
Astyanax cf.				
Lineatus	Lambari			
Astyanax				
guianensis	Lambari			
Astyanax				
kullanderi	Lambari			
Astyanax	Lambari			

symmetricus				
Auchenipterichthy				
s coracoideus	Carataí		X	X
Auchenipterichthy				
s longimanus	Carataí		X	X
Auchenipterus				
nuchalis	Carataí	Tsadahitó'rá	X	X
Boulengerella				
cuvieri	Bicuda	Pepá	X	X
Brachyplatystoma				
filamentosum	Piraíba, filhote	Pewatatsupó	X	X
		Pehoi'are,		
Brycon falcatus	Voadeira	Pe'adza'ratató	X	X
Brycon pesu	Voadeira	Pehöire	X	X
Brycon sp.	Matrinchã	Pehoi'are	X	X
Bryconops				
alburnoides	Piquirão	Pe'apá	X	X
Bryconops				
caudomaculatus	Lambari		X	X
Bryconops cf.				
melanurus	Lambari		X	X
Caenotropus				
labyrinthicus	João-duro	Penhawahoi're	X	X
Callichthys				
callichthys	Tamoatá	Tsinho'ééré	X	X
		Tepetsatsu,		
Cetopsis candiru	Candiru-açu	Petób'rare	X	X
Chalceus epakros	Arari vermelho	Pehopore, Pehöpó	X	X
Characidium sp.1	Canivete	Dzutsuradö'öre		
Characidium sp.2	Canivete	Dzutsuradö'öre		
Charax gibbosus	Cacunda	Pe'anhoitrito	X	X
Cichla kelberi	Tucunaré	Tsiwaratômõné		

<i>Cichla monoculus</i>	Tucunaré	Tsiwaratômõné	X	X
<i>Cichla ocellaris</i>	Tucunaré	Tsiwaratômõné	X	X
<i>Cichla piquiti</i>	Tucunaré	Tsiwaratômõné	X	X
<i>Cichla temensis</i>	Tucunaré paca	Tsiwaratômõné	X	X
<i>Colomesus asellus</i>	Mamaiacu	Tepedupure	X	X
<i>Crenicichla</i>				
<i>johanna</i>		Pepe	X	X
<i>Crenicichla</i>				
<i>lepidota</i>	Joana	Pepe	X	X
<i>Crenicichla</i>	Sabão,			
<i>lugubris</i>	joaninha	Pepe	X	X
<i>Crenicichla sp.1</i>	Sabão	Pepe	X	
<i>Curimata</i>				
<i>acutirostris</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Curimata</i>				
<i>cyprinoides</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Curimata roseni</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Curimata sp.</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Curimatella</i>				
<i>dorsalis</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Curimatella</i>				
<i>immaculata</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Cyphocharax cf.</i>				
<i>gillii</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Cyphocharax</i>				
<i>festivus</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Cyphocharax</i>				
<i>notatus</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Cyphocharax</i>				
<i>spiluropsis</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X
<i>Cyphocharax</i>				
<i>stilbolepis</i>	Branquinha	Peto'mrã	X	X

Doras sp.	Abotoado			X
Eigenmannia cf.				
virescens	Languira	Paipé	X	X
Electrophorus				
electricus	Peixe elétrico	Upi	X	X
Exodon				
paradoxus	Miguelito	Pe'awãtó	X	
Farlowella sp.	Cascudo	Pehöi'ré	X	X
Geophagus				
proximus	Rola pedra	Pe'wapru	X	X
Geophagus				
surinamensis	Rola pedra	Pe'wapru	X	X
Gymnotus carapo	Tuvira	Paipé	X	X
Hassar wilderi	Abotoado			X
Hemigrammus sp.	Lambari	Pe'audzé		
Hemiodus				
argenteus	Peixe banana	Pe'wado'ubuni Pedzado'ubunidzarepep		
Hemiodus gracilis	Bananinha	ré	X	X
Hemiodus				
microlepis	Peixe banana	Pe'wado'ubuni	X	X
Hemiodus	Bananinha,			
unimaculatus	Bulandô	Pe'ubuni	X	X
Hemisorubim		Tsadahitepré,		
platyrhynchus	Jiripoca	Tsadahi'rãpó	X	X
Hoplerythrinus				
unitaeniatus	Jejú	Dzutsu	X	X
Hoplías cf.				
macrophthalmus	Trairão	Dzu'u'é		
Hoplías				
malabaricus	Traíra	Dzu'u'é	X	X
Hoplosternum	Tamoatá	Tsinho'ééré	X	X

littorale				
Hydrolycus				
armatus	Cachorra	Pe'wanhiptidzaré'a	X	X
Hyphessobrycon				
eques	Mato grosso	Pe'apré	X	
Hypostomus				
faveolus	Cascudo	Pehöi'ré	X	X
Hypostomus sp.1	Cascudo	Pehöi'ré	X	X
Hypostomus sp.2	Cascudo	Pehöi'ré		
Hypostomus sp.3	Cascudo	Pehöi'ré		
Jupiaba sp.	Lambari	Pe'audzé		
Knodus	cf.			
breviceps	Lambari	Pe'audzé		
Knodus sp.	Lambari	Pe'audzé		
Laemolyta				
fernandezi	Piau	Pedzató	X	X
Laemolyta petiti	Piau-foguete	Pedzatówatore	X	X
Laemolyta				
taeniata	Piau-caneta	Pedzatódza'wapre're	X	X
Leporellus	Piau	de		
vittatus	corredeira	Pedzató		
Leporinus affinis	Piau flamengo	Pedzató	X	X
Leporinus				
agassizi	Piau	Pedzató	X	X
Leporinus				
bistriatus	Piau listrado	Pedzató		
Leporinus	cf.			
bimaculatus	Piau	Pedzató		
Leporinus	Piau-cabeça-			
friderici	gorda	Pedzató'wanhahu	X	X
Leporinus				
megalepis	Piau	Pedzató	X	X

Leporinus sp. 1	Piau	Pedzató		
Leporinus sp. 2	Piau três pintas	Pedzató		
Leporinus trifasciatus	Piau-açu	Pedzató'wanhahu	X	X
Loricaria sp.	Cascudo	Pehöi're	X	X
Luciopimelodus sp.	Mandi-pintado		X	X
Lycengraulis batesii	Sardinha-gato	Pe'wapa	X	X
Metynnis hypsauchen	Pacu-peva		X	X
Metynnis lippincottianus	Pacu-peva		X	X
Micropoecilia sp.	Barrigudinho		X	
Moenkhausia cf. chrysargyrea	Lambari	Pe'awawe	X	X
Moenkhausia cf. intermedia	Lambari	Pe'audzé	X	
Moenkhausia dichrourea	Lambari			X
Moenkhausia sanctaefilomenae	Lambari	Pe'audzé	X	X
Moenkhausia sp.1	Lambari	Pe'audzé		
Moenkhausia sp.2		Pe'audzé		
Moenkhausia sp.3	Lambari	Pe'audzé		
Mylesinus paucisquamatus	Pacu curupeté	Pedzapódó		
Myleus setiger	Pacu	Pedzapódó	X	X
Myleus torquatus	Pacu prata	Pedzapótówara'are	X	X
Mylossoma duriventre	Pacu manteiga	Pedzapótówara'rã	X	X
Osteoglossum	Aruanã	Pe'uware		X

bicirrhosum				
Oxydoras niger	Abotoado	Pehoi're tsiwamnari	X	X
Pachypops				
fourcroi	Corvina	Petsi'wetepara	X	X
Pachyurus junki	Corvina	Petsi'wetepara	X	X
Paratrygon aireba	Arraia aramaçá	Pebö dzadzu	X	X
Pellona				
castelnaeana	Apapá-amarelo	Pe'aúdzé	X	X
Phactocephalus				
hemiolepis	Pirarara	Petsi'wanhari'ö	X	X
Phenacorhamdia				
sp.	Mandi	Tsadahi		
Piaractus		Pedzapótowara,		
brachypomus	Caranha	Wa'wa'ra	X	X
Pimelodella cf.				
Gracilis	Mandi	Tsadahi	X	X
Pimelodella sp.	Mandi	Tsadahi		
Pimelodina				
flavipinnis	Mandi moela	Tsadahi	X	X
Pimelodus blochii	Mandi	Tsadahi'ubtede	X	X
	Mandi-	Tsadahi'ubtede,		
Pimelodus ornatus	cabeçudo	Tsadahiwawê	X	X
Pinirampus	Barbado, Barba			
pirinampu	Chata	Pewatatsupó	X	X
Plagioscion				
squamosissimus	Corvina	Petsi'wetepara	X	X
Platydoras				
costatus	Bacu-rico	Tsadahi'ubtede	X	X
Potamorrhaphis				
guianensis	Peixe agulha	Pewãihi	X	X
Potamotrygon				
henley	Arraia preta	Pebö uptó	X	X

Potamotrygon motoro	Arraia, Arraia de fogo	Peböpa	X	X
Potamotrygon orbignyi	Arraia branca da lama	Pebö'a	X	X
Pristigaster cayana	Papuda	Pe'otó'wa		X
Prochilodus nigricans	Papa-terra	Petómrã, Petób'nã	X	X
Psectrogaster amazonica	Branquinha	Petób'rã'are	X	X
Pseudopimelodus sp.	Jauzinho	Tsadahirã		
Pseudoplatystoma fasciatum	Pintado	Tsadahi'rãpó	X	X
Pseudotylosurus sp.	Peixe agulha		X	X
Pterygoplichthys sp.	Cascudo	Pehöi'ré	X	X
Pygocentrus nattereri	Piranha vermelha	Wa'wanho'repsé	X	X
Retroculus lapidifer	Acará da pedra	Tepewapru	X	X
Rhamdia quelen	Bagre	Tsadahiböpa	X	X
Rhamphichthys marmoratus	Ituí	Paipé		X
Rhaphiodon vulpinus	Cachorra facão	Pe'wanhiptidzaré'rã, Pe'wapare	X	X
Rhinopetitia myersi	Lambari		1	1
Rivulus violaceus	Pula pula		X	X
Satanoperca sp.	Acará		X	X
Schizodon	Piau-vara	Pedzatópa	X	X

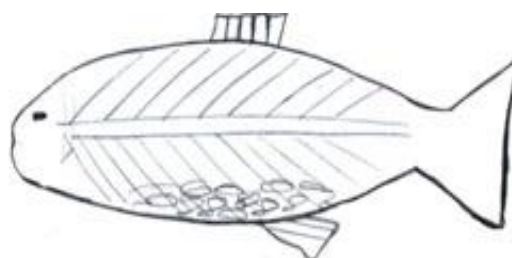
vittatum				
Semaprochilodus				
brama	Jaraqui	Petób'na	X	X
Serrasalmus				
eigenmanni	Piranha	Wa'waré	X	X
Serrasalmus				
rhombeus	Piranha preta	Wa'warã, Wa'warãdo	X	X
Serrasalmus sp.	Piranha	Wa'wa		
Sorubim lima	Bico de pato	Penhadaba'are	X	X
Sorubimichthys				
planiceps	Bargada	Tsadahi'rãpó	X	X
Squaliforma	Acari de praia			
emarginata	Cascudo	Pehöi'ré	X	X
Sternopygus				
macrurus	Tuvira		X	X
Sturisoma				
nigrirostrum	Cascudo	Pehöi'ré	X	X
Synbranchus cf.				
marmoratus	Muçum	Pai'pé	X	X
Tetragonopterus				
argenteus	Pataca	Pe'atómódzapodó	X	X
Tetragonopterus				
chalceus	Pataquinha	Pe'ranha'rupré		X
Thayeria boehlkei	Lambari	Pe'awawire	X	X
Thoracocharax	Peixe-			
stellatus	borboleta	Pedzanho'wa		X
Tometes sp.	Pacu curupeté	Pedzapótówara'rã	X	X
Trachelyopterus	Cachorro de			
galeatus	padre	Tepewatatsupo	X	X
Triportheus albus		Pe'anhore	X	X
Triportheus	Sardinha			
auritus	comprida	Penhu'utu'wa	X	X

Triportheus				
trifurcatus	Sardinha	Pe'anhotó'ware, Tsadahiawawê,	X	X
Zungaro zungaro	Jaú	Tsadahi'õtörã	X	X
			13	14
Total de espécies			7	0

Conforme a diversidade da ictiofauna registrada nas TIs, pode-se observar nos desenhos abaixo a percepção dos Xavante em relação à riqueza desses “tipos” e “formas” dos peixes de preferência alimentar e suas características etnoictiológicas.



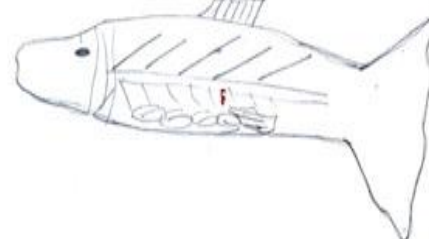
Peböpa (Potamotrygonidae, arraia)



Dzutsu (Erythrinidae, jeju)



Pe'ware (Cichlidae, sabão)



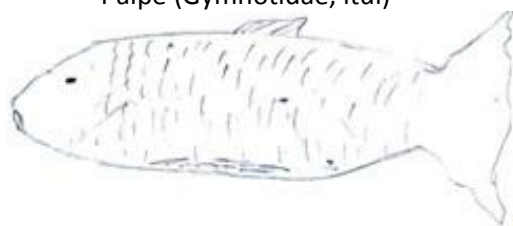
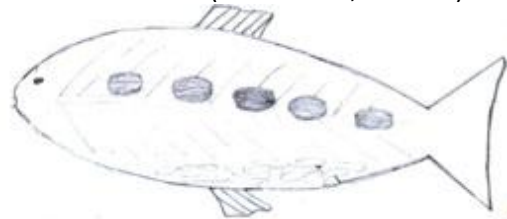
Tsadahi (Pimelodidae, mandi)



Pe'adzaratató (Characidae, lambari)



Paipé (Gymnotidae, ituí)



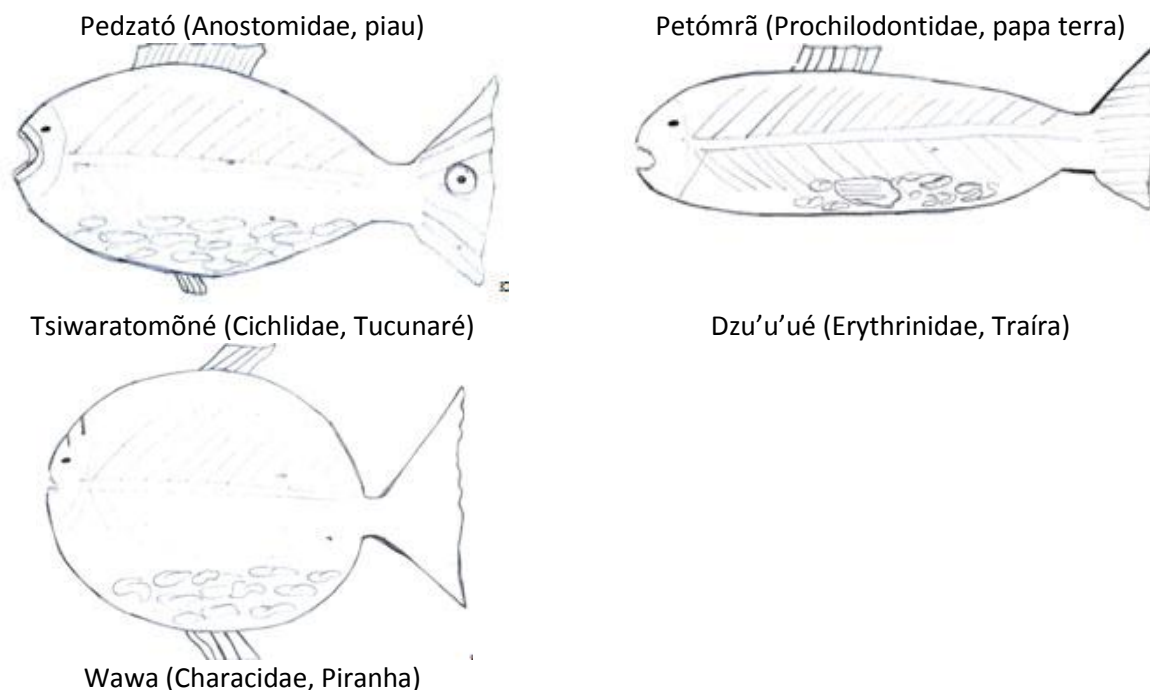


Figura 26: Desenhos das “formas” de peixes presentes nas pescarias nas TIs Xavante.

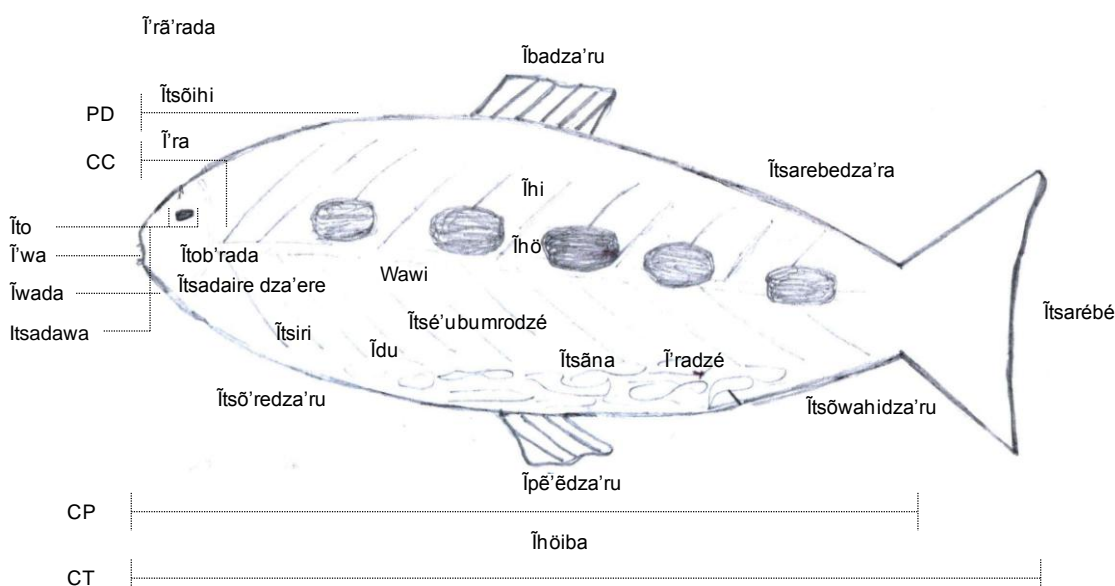


Figura 27: *Pedzató* (Anostomidae, piau) com nomes morfológicos na língua xavante (CC - cabeça; CP – comprimento padrão; CT – comprimento padrão; PD – região pré-dorsal). Desenho de Valdeir (pesquisador indígena, TI Sangradouro, aldeia Sangradouro).

Os Xavante demonstram possuir conhecimento detalhado sobre os hábitos alimentares da fauna e das interações tróficas entre diferentes grupos de organismos. Reconheceram interações do tipo presa-predador, descrevendo “o que os bichos comem” ou “quem os come”. Com as fotografias e com alguns frutos em mãos durante as reuniões nas aldeias com os anciãos foram constituídos os quadros de informações sobre as espécies da

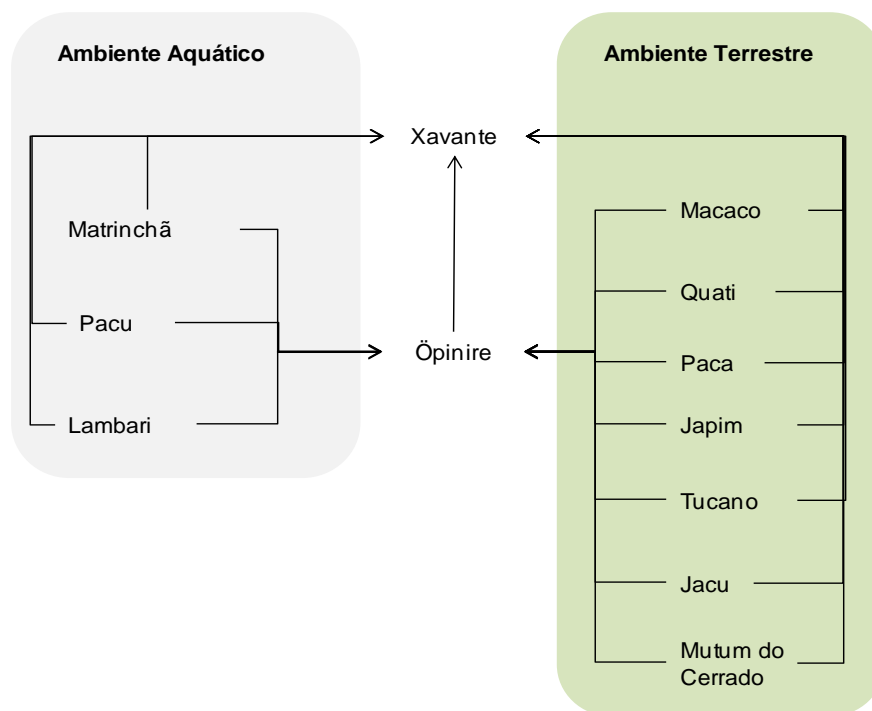
fauna e flora utilizadas pelos animais e pelos Xavante. Além de relacionar os frutos que os animais comem o inverso também foi realizado. Com as fotos dos animais que ocorrem nas TIs Areões e Pimentel Barbosa eram perguntados quais os frutos ou animais (predadores) que eles comem. Desta forma, foi possível construir, juntamente com os pesquisadores indígenas e voluntários, várias cadeias tróficas, estabelecendo relações de consumidores primários, secundários e terciários. Tudo em uma perspectiva xavante de conhecimento das espécies por eles utilizada e/ou conhecidas.

Peixes como traíra, piranha e cará são encontrados frequentemente em áreas mata ciliar inundada e lagos, onde são muitos pescados, pois seus locais são conhecidos pelos Xavante como “águas paradas”. Estes peixes procuram estes ambientes para se alimentar, desovar ou como locais de refúgio e abrigo.

As relações entre peixes e as plantas, citadas pelos Xavante, foram alimentação, reprodução e abrigo. Segundo eles, as plantas possuem função mais importante para a ictiofauna quando lhes servem como locais para alimentação, principalmente no período de frutificação da maior parte das espécies vegetais da região, que ocorre no período chuvoso. A importância destas espécies está no fato de serem elos de transferência de energia entre o ambiente terrestre, representado pela vegetação marginal, e o aquático, no caso os peixes, assim como, em muitos casos, estes animais funcionam como dispersores das sementes destas plantas, fenômeno chamado de ictiocoria, que mostra a interdependência entre peixes e vegetação marginal.

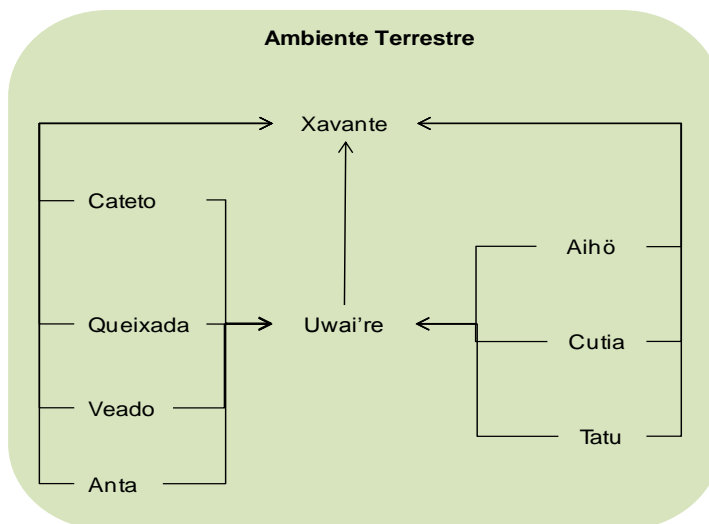
Embora o principal papel desempenhado pelas plantas para os peixes, segundo os Xavante, seja de fornecer alimentação, foi relatado também que a vegetação ciliar periodicamente inundada tem importante valor como local de abrigo e reprodução de peixes. Espécies de peixes como cará, pacu, matrinhã, lambari, voadeira foram citadas pelos Xavante como as que possuem relação com a vegetação ciliar.

Nas Figuras abaixo as informações oriundas do conhecimento tradicional Xavante apontam forte relação entre fauna aquática e terrestre e a vegetação ciliar da região, em especial entre algumas espécies.



Öpinire: Fruto encontrado nas margens dos rios e córregos

Figura 28: A cadeia trófica, segundo os índios mostra o fruto *Öpinire* como produtor primário e os seus respectivos consumidores nos ambientes aquáticos e terrestres.



Uwai're: Fruto encontrado no campo do Cerrado e margens dos rios e córregos.

Figura 29: A cadeia trófica, segundo índios mostra o fruto *Uwai're* como produtor primário e os seus respectivos consumidores no ambiente terrestre.

Como os peixes utilizam praticamente todas as fontes de alimento ao seu alcance, desde invertebrados até peixes e frutos, é possível fazer projeções sobre que impactos sofreria a ictiofauna quando a fonte de seu alimento for de algum modo alterado. Entre os principais itens alimentares explorados pelos peixes estão os próprios peixes, invertebrados (como insetos e

crustáceos), algas, frutos e sementes. Os peixes utilizam tanto alimentos de fontes autóctones, isto é, originados no próprio ambiente aquático, como também aqueles de origem alóctone, principalmente insetos e material vegetal (frutos e sementes) oriundos da vegetação existente nas margens dos rios.

Entre os tipos de hábitos alimentares para as espécies de peixes registrados nos diferentes ambientes aquáticos visitados, são classificadas nas seis categorias tróficas das 182 espécies registradas: onívoros, carnívoros, piscívoros, detritívoros, iliófagos e herbívoros.

No momento, as principais teias alimentares nas TIs dependem mais de fontes de origem alóctones (como, por exemplo, flores, frutos, insetos e detritos provenientes das florestas inundadas ou marginais aos corpos d'água), o que se confirma ao verificar um predomínio de águas claras, pobres em nutrientes, nos corpos d'água estudados. Nestes tipos de ambientes há maior quantidade de espécies com amplos espectros alimentares e oportunistas, como é característico para os peixes de hábitos onívoros e peixes detritívoros.

Em termos de diversidade, os piscívoros foram a categoria mais frequente em todos os ambientes aquáticos visitados durante as turnês de pescaria. Ocorreu uma diminuição da participação das espécies frugívoras na época da enchente. É fato conhecido que durante o período de seca, é comum que ocorra diminuição do teor de oxigênio de lagos e uma queda drástica na profundidade, o que influencia na temperatura, turbidez, oxigênio e outros fatores físico-químicos. Em geral, as espécies piscívoras migradoras são menos tolerantes a estas variações, principalmente aquelas relacionadas ao oxigênio - e são as primeiras espécies a saírem dos lagos no período da seca. Entre os piscívoros frequentes nos lagos estão tucunaré, a piranha e a traíra.

É importante salientar a importância dos insetívoros no lago dos “Patos” na enchente e dos detritívoros na seca. Isto mostra que esses ambientes são ricos em produção secundária e, conseqüentemente, em produção primária. Isto faz desta região um importante local para alimentação dos peixes nas fases iniciais de sua vida (berçário). Segundo Lowe-McConnell (1999), os peixes detritívoros constituem a base da maioria das cadeias tróficas tropicais.

A participação de itens provenientes da mata ciliar também parece ter uma importância fundamental na dieta dos peixes e espécies de pacu (*Myleus* spp., *Tometes* sp.) e voadeira (*Brycon* spp.) apresentaram “frutos e sementes” nas suas dietas.

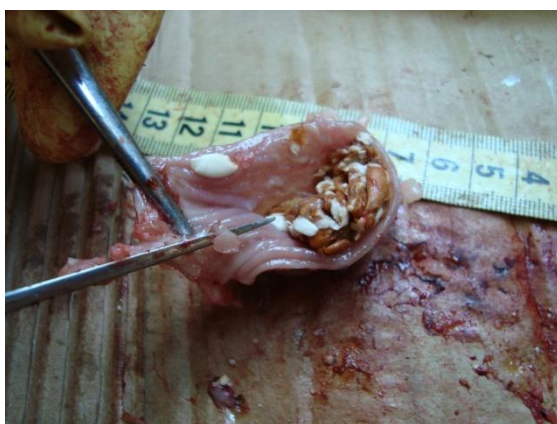


Figura 30: Presença de pedaços de frutos e sementes no estômago de *Pe'adza'ratató* (Characídeo), no período seco.



Figura 31: Peso do conteúdo estomacal

Os herbívoros e insetívoros são espécies importantes nos ambientes e demonstram a importância dos alimentos, que tanto pode ser de origem aquática como terrestre. Em geral, os aquáticos estão associados a substratos como macrófitas aquáticas. As espécies herbívoras foram encontradas na seca e enchente no rio das Mortes.

Os insetívoros foram observados nos rios e lagos em várias ocasiões (seca nos rios das Mortes e enchente na lagoa dos “Patos”). As onívoras podem alimentar-se tanto de frutos ou partes vegetais, quanto de camarão, peixes pequenos, insetos autóctones e alóctones, além de anelídeos localmente conhecidos como “bichos”. Estes itens compõem, em maior ou menor proporção, a dieta de peixes como piau, lambari entre outros.

A supressão da vegetação ciliar acarreta diminuição da disponibilidade de alimentos para os peixes, pela produção de frutos e sementes pelas espécies ciliares e de insetos alóctones relacionados com as espécies da flora e os ambientes ciliares que formam. Ainda como consequência da supressão da vegetação ciliar, pode ocorrer diminuição também da disponibilidade dos locais de reprodução e abrigo.

Os ambientes ciliares de todas as TIs são de grande importância para a ictiofauna, do mesmo modo que os peixes são para a mata e para os Xavante. As relações tróficas e todas essas intervenções negativas serão sentidas pelas partes envolvidas. Essa temática com suas demonstrações práticas é de grande importância para a comunidade indígena, podendo ser utilizada como referência em projetos de educação nas aldeias e do entorno.

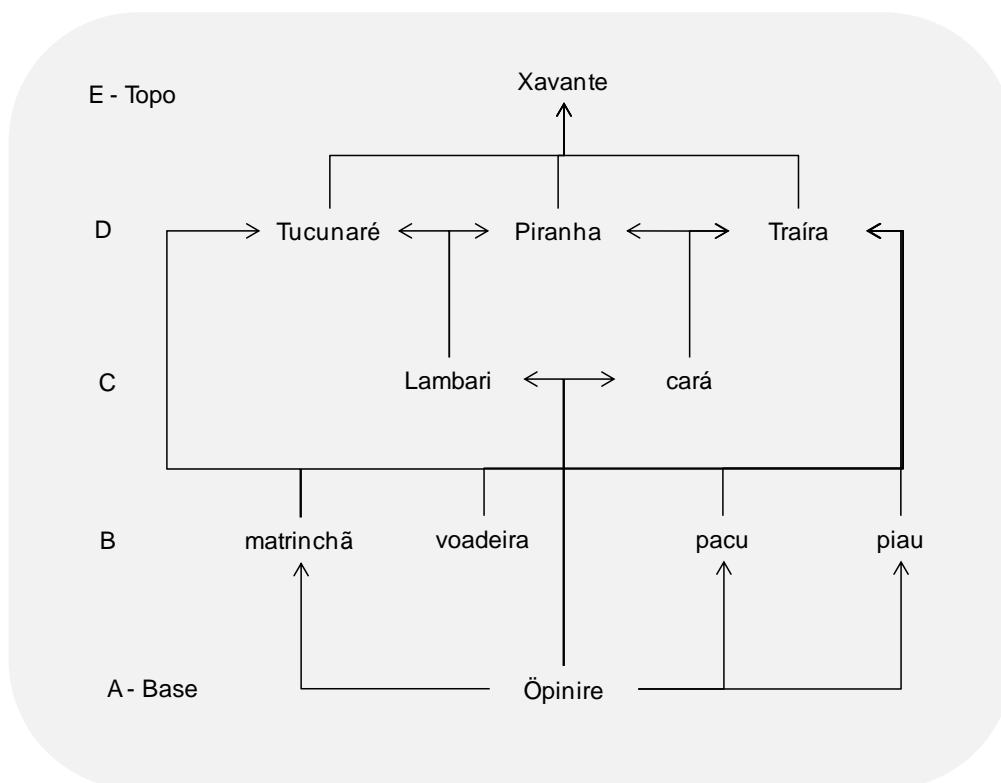


Figura 32: Modelo trófico preliminar, segundo os Xavante, com cinco níveis, tendo como consumidores primários espécies que utilizam frutos e sementes na suas dietas (frugívoras).

Ao longo de todas as turnês de pescarias para os Estudos do Componente Indígena dos AHEs no rio das Mortes (CTI, 2011) foram encontradas espécies reproduzindo-se nas áreas indígenas – e os Xavante mencionam que as reproduções dos peixes aumentam durante a enchente o que se prolonga um pouco durante a cheia. Nas entrevistas nas TIs os indígenas identificaram várias espécies de peixes que realizam desova em diferentes tipos de ambientes aquáticos (lagoa, córrego e rio) e algumas com movimentos sazonais de “piracema” desde os locais com águas “transparentes”, de alta correnteza, nas regiões das TIs Sangradouro e São Marcos, até as áreas mais largas nas regiões das TIs Areões e Pimentel Barbosa.

Na categoria de peixes com hábitos migradores que apresentam desova total, incluem-se várias espécies e, conforme as entrevistas, existem registros de migrações de Characiformes, por exemplo: *Prochilodus nigricans* (papa terra), *Myleus*, *Mylesinus*, e *Mylossoma* (pacu), *Tometes* sp. (curipité), *Brycon* spp. (piabanha e matrinchã), *Piaractus brachypomus* (pirapitinga), *Leporinus friderici* (piau cabeça gorda), *Schizodon fasciatum* (aracu). Entre os Siluriformes, existe registro de espécies conhecidas como peixes “lisos”, pode-se citar: *Pseudoplatystoma fasciatum* (pintado), *Pimelodus* spp. (mandii), *Ageniosus* spp. (Boca larga) e outros bagres de pequeno porte. Outras espécies não mencionadas que

apresentam esse hábito reprodutivo são *Phractocephalus hemioliopus* (pirarara), *Platystomatichthys sturio* (bico-de-pato), *Zungaro zungaro* (jaú), *Brachyplatystoma filamentosum* (piraíba, filhote), *Luciopimelodus* sp. (mandi-pintado), *Hemisorubim platyrhynchos* (jiripoca), *Pinirampus pirinampu* (barbado, barba chata), *Sorubim lima* (bico de pato) e *Sorubimichthys planiceps* (bargada). Conforme registros de ocorrência, todas essas espécies possuem ampla distribuição na bacia do rio das Mortes.

Um segundo grupo de peixes inclui espécies de hábitos sedentários que apresentam desova parcial e grande adaptação às águas lânticas, com pouco oxigênio. Essas espécies às vezes apresentam comportamentos de cuidado parental da prole. Neste grupo estão incluídas espécies das famílias Cichlidae (*Retroculus lapidifer*, *Aequidens* spp., *Cichlassoma* spp., *Geophagus* spp – rola pedra ou cará, *Cichla* spp, tucunaré), Characidae, (*Serrasalmus* spp., Piranhas) e Loricariidae, (*Hypostomus* spp., *Loricaria* sp, chicote). Osteoglossidae (*Osteoglossum bicirrhosum* - aruanã), Arapaimidae (*Arapaima gigas*) e Sciaenidae (*Plagioscion* spp. corvinas) não foram mencionadas nas entrevistas de comportamento reprodutivo, mas realizam esse tipo de comportamento na região do baixo rio das Mortes (TIs Pimentel e Areões). Em geral, os peixes apresentam ampla diversidade de comportamentos reprodutivos, representando o produto de longos processos de seleção natural e adaptação às oscilações sazonais das variáveis ambientais (Wootton, 1984).

A destruição de *habitat* (obstrução de rotas migratórias por barragens, poluição e sobrepesca), pode levar a algumas espécies de peixes a serem consideradas vulneráveis. Danos dessa natureza já estão presentes na bacia do rio das Mortes, considerada uma das áreas pouco estudadas no que diz respeito à ictiofauna. A carência de informações acerca de diversos aspectos do comportamento de espécies de hábitos migradores como os bagres, pacus, papa-terras dificultam a elaboração de estratégias “mitigadoras efetivas” para conter os impactos antrópicos e manejar adequadamente esses recursos na região.

O consumo de proteína animal proveniente de pescados é diário e ou semanal entre os Xavante e, nos relatos sobre a preferência alimentar, os peixes aparecem no cardápio do cotidiano comunitário, sobretudo em Pimentel Barbosa e Areões. Ocasionalmente o peixe é substituído por outras fontes de proteína animal, como carne de caça, gado e conservas, frango, ovos entre outros. Quanto às formas de preparo, o pescado é consumido cozido, frito ou assado e servido no café, almoço e jantar. Em alguns casos, os peixes a serem consumidos pelos “velhos” da aldeia as vísceras (ou “fato”) são mantidas.

Apesar de serem considerados peixes apreciados nas aldeias, algumas espécies de peixes como pacu e pintado foram consideradas com restrições e não são consumidas pelos integrantes de certas famílias, por motivos de tabus e/ou práticas culturais.

Ao se verificar a diversificada preferência alimentar da comunidade por espécies de diferentes níveis tróficos - e com destaque para as espécies pacu, piau, piranha, traíra, cachorra e pintado - existem vários estudos que demonstram os índices de poluentes em populações ribeirinhas relacionando a várias doenças, e uma das formas de contaminação é proveniente da alimentação diária, principalmente de peixes piscívoros como tucunaré, piranha, cachorra, pintado e traíra (predadores de topo de cadeia trófica). Há décadas, as áreas indígenas estão cercadas por diversas ameaças de contaminação, e entre os danos socioambientais que foram mencionados durante as entrevistas e identificados pela equipe um dos mais importantes é o crescimento do agronegócio (lavouras de monoculturas associadas ao ciclo da soja). Essa ameaça torna-se possível com a contaminação dos recursos hídricos por insumos agrícolas como fertilizantes e agrotóxicos. Independente do local das pescarias e grau de ameaças existentes nos diferentes ambientes aquáticos das Terras Indígenas, os xavante continuam consumindo várias espécies de peixes, demonstrando a grande importância para este povo.

O rio das Mortes para os Xavante

Conforme descrito acima, a importância da bacia do rio das Mortes em toda a vida Xavante é fundamental, pois consideram este rio com o seu lugar, o seu território e seu mundo. O rio das Mortes é o rio-marco para o povo Xavante, assinalando a trajetória histórica dos que viveram e vivem em suas margens.

A denominação “rio das Mortes” deve-se aos conflitos ocorridos provavelmente entre bandeirantes e povos indígenas que habitavam a região. Antes, este rio era chamado de rio Manso. Para os Xavante a denominação é *Öwawe* e quer dizer rio Grande. Já o rio Araguaia é chamado de *Öpré*, água de cor avermelhada, o que de fato ocorre e fica bem visível no encontro das águas do rio das Mortes e do Araguaia¹⁰

Fonseca (1948) descreveu a origem do nome rio das Mortes da seguinte forma:

¹⁰ O rio Araguaia é um rio de planície com leito sinuoso e águas permanentemente turvas- indicativas de grande carga de sedimentos transportada, que são depositados em amplas áreas alagáveis em um processo contínuo de grande escala (cf. Radambrasil)

“... o Mortes é um dos mais belos rios que cortam os sertões brasileiros. Grande extensão de seu percurso é de águas tranqüilas sobre as quais se debruça uma vegetação luxuriante e farta. Daí lhe adveio o nome que recebeu: rio Manso. (...) Para encontrar a explicação do nome Mortes, voltamos ao passado, à época das penetrações dos bandeirantes. De São Paulo à cata de ouro e escravos, partiam as monções, cortando os cursos d’água. [...] Anhangüera corta os sertões mato-grossenses e goiano e de suas expedições chegaram as notícias impressionantes da surpreendente riqueza da serra dos Araés, cujo espigão vem morrer e a uma légua mais ou menos, abaixo da maior cachoeira que corta o curso do rio das Mortes, a cachoeira da fumaça, ou seja a oito ou dez léguas do ponto do rio onde se ergue atualmente o acampamento de Xavantina.

Tornaram-se famosas a época, as palhetas de ouro usados como adorno pelos índios que habitavam aquela serra. As notícias chegaram até o governo de Cuiabá que enviou ao lugar uma expedição no intuito de cobrar o quinto [...] os habitantes locais resistiram [...] No ano de 1770 defrontaram-se novamente, os funcionários da coroa e os faiscadores da aldeia dos Araés chefiados então pelo filho de Anhangüera. No combate resultou inúmeras mortes. [...] durante o combate as águas do rio avermelharam-se no sangue dos combatentes cujos cadáveres deslizavam Desde então o rio Manso passou a denominar-se rio das Mortes” (Fonseca, 1948:50, apud Gomide 2008: 96).

Para os Xavante, o rio das Mortes é o local da “raiz” do povo A’uwe Xavante, importante na construção de sua história territorial e cultural. O rio e suas matas ciliares fazem parte do complexo mundo espiritual Xavante, parte de sua cosmologia, locais onde se realizam os importantes rituais como *Oi’ó*, a furação de orelha e o *Wai’a*.

A Origem do rio das Mortes

O rio *Öwawe* surge do sangue do nariz de *Parinai’á*.¹¹ Este rio aparece primeiro e com a respiração chacoalhou a água e formou os seus afluentes. *Parinai’á* criou o grande rio.

“Por isso, diz-se dos afluentes secarem, o rio grande seca, se o rio grande seca os afluentes acabam.”

Compara-se a proteção do rio com a respiração, se o nariz não tem pelo para proteger, a respiração fica cada vez mais seca, assim também o rio, necessita das matas para não secar.

Parinai’á formou “blocos de água” para ser a casa dos peixes, por isso alguns vivem no raso e outros no fundo do rio.

“De acordo com a geografia dos Xavante de Pimentel Barbosa, a localização das cabeceiras do rio *Öwawe* é onde o rio deságua no Araguaia e o final do rio está onde os brancos consideram sua cabeceira, pois em seu conhecimento o rio não tem mais para onde correr o que significa seu fim” (*Tsamri*, 2006, tradução de *Hiparidi*).

Para os Xavante, os clãs ou metades representam “limites de relações”, ou seja, o *Poredza’õno* – girino – simboliza as relações entre as pessoas e *Öwawê* - que significa “rio

¹¹ *Parinai’á* é o mito que conta a criação dos seres dos cerrados como a vegetação, animais, também são os criadores dos alimentos Xavante.

grande” ou o rio das Mortes – é o limite do território onde se dão/constroem aquelas relações. O depoimento de Lucas *Ruri’õ* explica a origem dos clãs e seu significado:

“Falando especificamente do clã rio grande, Öwawe, é que é... nessa andança dos guerreiros dentro do povo Xavante, tinha encontrado um rio que eles nunca viram, então isso se tornou assim é um marcador de limites, até onde o Xavante podia chegar. E também era difícil de acesso para atravessar o rio, então quem caçava chegava até o rio das Mortes, e dali voltava. Não podia atravessar, se quisesse ali tem peixes, tem piranha, assim outros animais que dá medo para os caçadores. Então isso se tornou assim um símbolo de divisão e na cultura, rio grande. Para nós o clã Po’redza’õno é o limite nosso, onde nós podemos chegar que é representado através da pessoa. Mas é assim culturalmente a gente sabe quem é o meu clã oposto, posso manter a relação mantendo aquele respeito. Tendo em vista o relacionamento mais transparente dentro do regimento estabelecido pelos dois primeiros Xavante que desceram através da nuvem. E por isso os Xavante era denominado “os filhos das nuvens”. Porque eles desceram através das nuvens. Então por isso que na tradição nossa a gente evita relações sexuais, não pode ser feito entre parentes somente o clã oposta, assim também o casamento. Quando um dos dois quer fazer ou tem alguma ideia de fazer algo diferente dentro da comunidade, quem dá a palavra final ou entra em acordo sempre é o clã oposto. Sempre tem que ouvir o outro, ne? assim que sucede na organização do Xavante. Por isso é importante esta divisão conforme os estudos (...) O clã Öwawe tem pinturas próprias também e símbolos próprios, que diz que é Öwawe.

“Então é muito importante, a importância que prevalece e continue e somente dela que a continuidade genética Xavante vai continuar depende dessa relação, se não for essa organização aos poucos pode perder sua força, caso a geração nova perder ponto de vista, aí pode virar como a sociedade nacional” (Lucas Ruri’õ, 2006, apud Gomide 2008).¹²

Öwawe tem como tradução literal ‘água grande’, que está associada ao mito *Parinai’a*, onde este herói “criou a água em grande quantidade. Tão grande que cobriu a Terra e que permitiu que seus companheiros matassem a sede” (Lopes da Silva 1986:227). Assim, pode-se pensar que, para os Xavante, os limites da sociedade e do espaço estão associados ao Öwawe (Rio das Mortes, maior rio de seu território) “importante porque delimita o espaço onde os guerreiros Xavante podem andar...”

Os clãs se complementam e durante as lutas que ocorrem nos rituais buscam o “aprimoramento, tanto dos Xavante enquanto povo e como seres humanos. Assim um clã é essencial para a existência do outro, pois o girino não vive fora d’água, e o rio não existiria sem sua fauna” (site Pimentel Barbosa 2008, grifo nosso).

¹² Depoimento coletado pela pesquisadora Maria Lucia Gomide na TI Sangradouro em outubro/ novembro de 2006.

4 Caracterização ambiental das Terras Indígenas

4.1 Estado atual do Ró no interior das TIs Xavante aqui envolvidas

A Terra Indígena Areões (MAPA 03 do Caderno de Mapas) está situada no médio curso do rio das Mortes e está demarcada com 230.000 hectares. A partir da análise de usos da terra dessa TI verifica-se que em seu entorno também predominam plantações de soja e pastagens, que pode ser observado na Tabela 3 abaixo. A característica peculiar dessa Terra Indígena são duas importantes manchas de Floresta Estacional Semidecidual, conhecidas como florestas de *Brosimum*, onde se destaca a espécie *Brosimum*, também conhecida como falso Pau-brasil. A primeira mancha localiza-se na porção central da TI e a segunda ao sul. Estas florestas são ricas em espécies como as pindaíbas (*Xylopia sp*), que apresentam grande altura e diâmetros finos; menciona-se também como dominantes as espécies *Copaifera sp* (pau de óleo) e *Hymenaea sp.* (jatobá). Na região do município de Nova Xavantina estas são chamadas de “matas de pindaíba” e existiam em grande quantidade área, tendo inclusive dado o nome ao rio Pindaíba; no entanto, estas formações florestais já foram degradadas, ficando, portanto preservadas apenas no interior da Terra Indígena.

Em relação ao município de Nova Xavantina, cuja mancha urbana é representada na Figura 33 próxima da TI Areões, com uma urbanização não planejada, certamente causa impactos no rio das Mortes (que atravessa a cidade), com o lançamento de esgotos *in natura* e a ocupação das margens com desmatamento da mata ciliar e processos erosivos decorrentes. A mesma situação definida por pastagens e cultivo de soja pode ser encontrada no município de Água Boa, também representado pela mancha urbana no mapa supracitado.

Figura 33: Mapa dos recursos - TI Areões

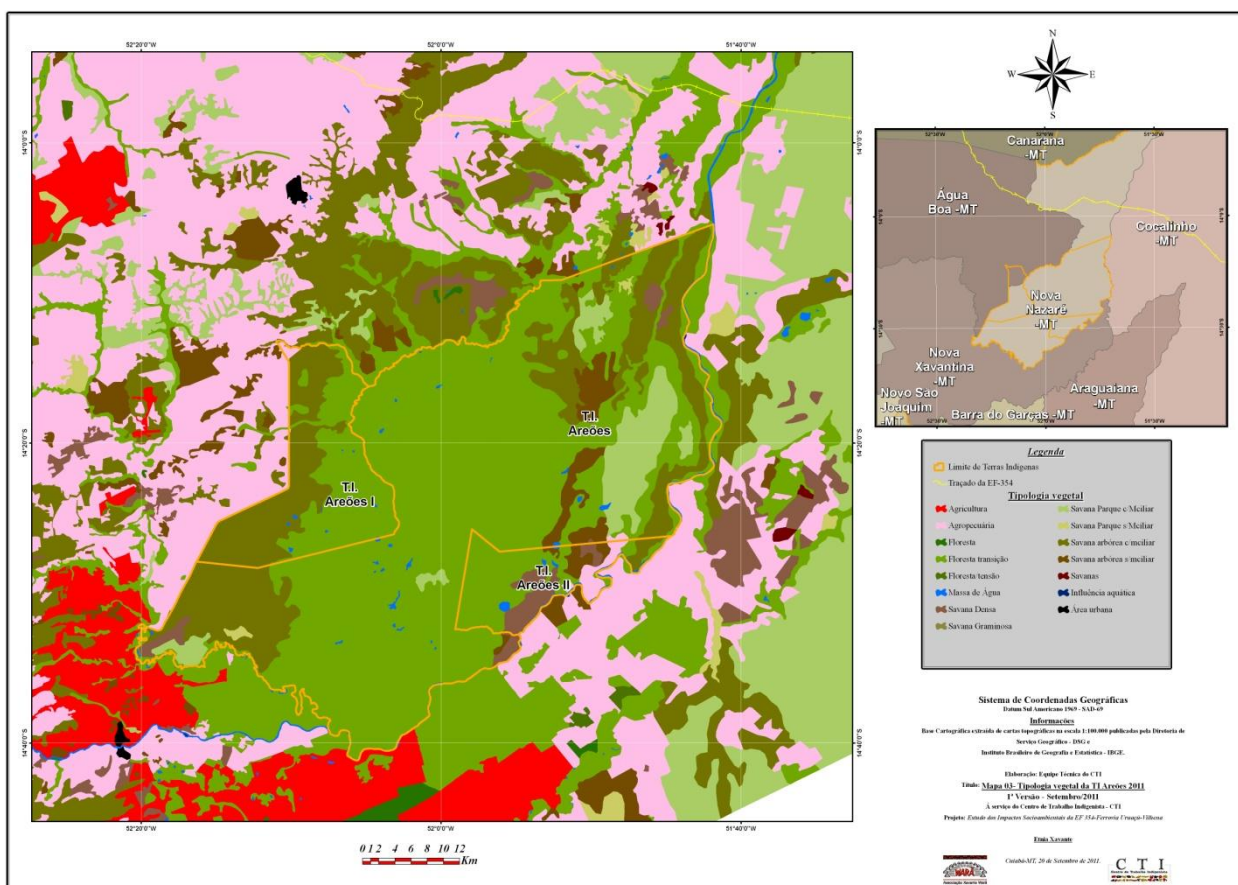


Tabela 3: - Uso da Terra na TI Areões (Fonte: Equipe CTI-Warã, 2011)

USO DA TERRA	HECTARES
Agropecuária	1.796,4108
Floresta	2,7970
Floresta transição	151.144,2501
Massa de Água	1.927,8980
Savana Densa	5.525,5163
Savana Parque c/Mciliar	13.380,6022
Savana Parque s/Mciliar	502,7750
Savana arbórea c/mciliar	47.946,3914
Savana arbórea s/mciliar	7.552,1970
influência aquática	4,7154



Figura 34:- Burrã no Ape, entorno da TI Areões – julho de 2011

A TI Pimentel Barbosa (MAPA 02 do Caderno de Mapas) localiza-se na área do baixo rio das Mortes. Com área de 328.000 hectares. A partir da análise do Mapa de Uso da Terra dessa Terra Indígena (Figura 35) verifica-se um predomínio de cobertura de cerrados, que na verdade corresponde a uma mata paludosa, cuja influência em relação ao regime de inundações é promovida pelas cheias sazonais do rio das Mortes. Justamente por isso essa região é conhecida como Pantanal do Rio das Mortes.

Um fato importante a ser mencionado é que essa área se encontra sob influência das cheias do rio das Mortes e, portanto, já é uma área do domínio da chamada “Planície do Bananal”. Talvez pelas dificuldades demonstradas por esses terrenos, essa mancha representativa do entorno ainda se encontre bem preservada, uma vez que é imprópria para práticas agrícolas, restando-lhe esporadicamente como uso a criação de gado. Essa situação não se repete na porção oeste do entorno dessa área, onde já predominam plantações de soja em sua maior parte.

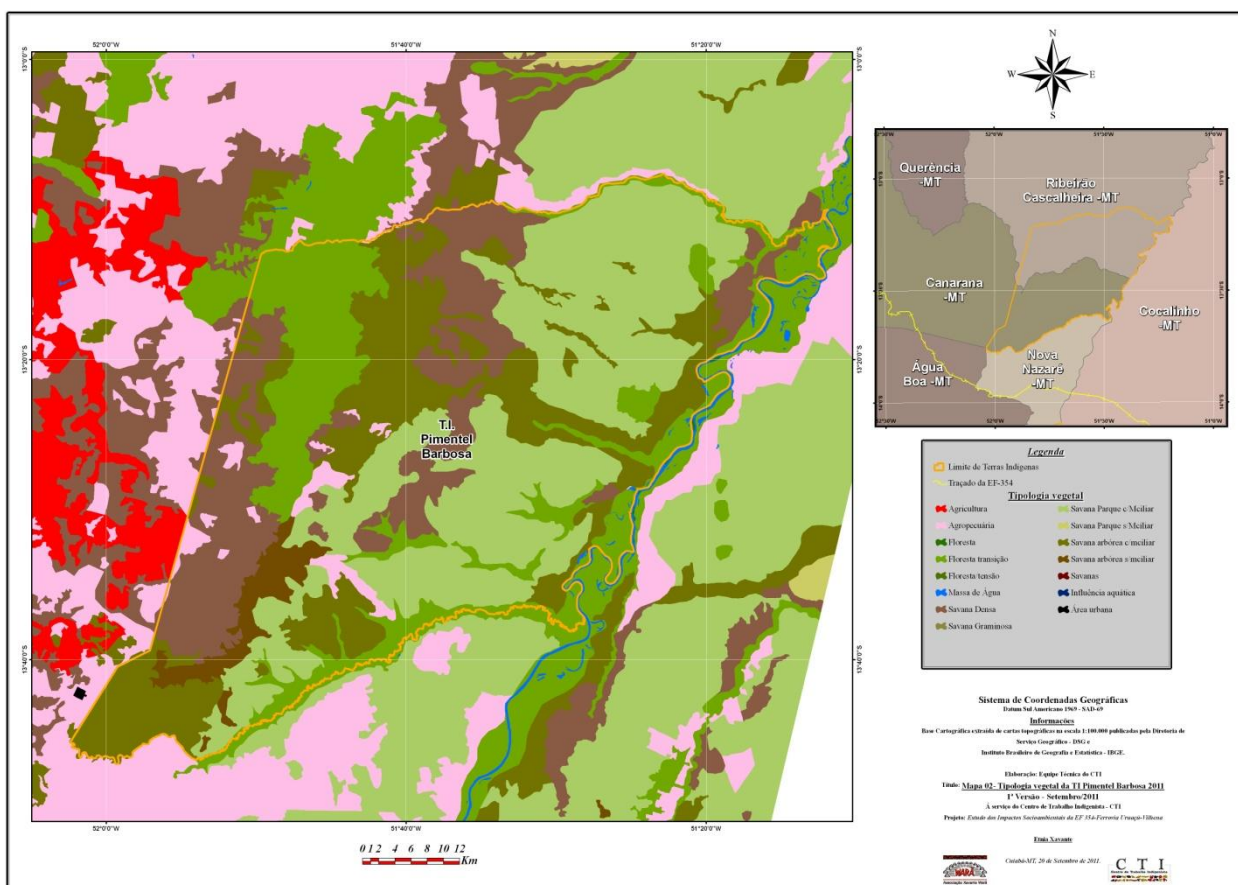


Figura 35: Mapa dos recursos - TI Pimentel Barbosa

Quando se analisa a cobertura de uso da terra dentro da área da TI Pimentel Barbosa, verifica-se maior representatividade por área para o campo cerrado e cerrado *stricto sensu*. Em menor representatividade espacial aparecem matas de galeria e veredas ricas em buritizais.

Tabela 4: Uso da terra na TI Pimentel Barbosa (Fonte: Equipe CTI-Warã, 2011)

USO DA TERRA	HECTARES
Agropecuária	6557,3411
Floresta transição	59542,6443
Massa de Água	732,5162
Savana Densa	61667,6676
Savana Parque c/Mciliar	114582,4896
Savana arbórea c/mciliar	77070,8242
Savana arbórea s/mciliar	9585,8942

A Terra Indígena Parabubure (MAPA 04 do Caderno de Mapas) localiza-se no interflúvio dos altos cursos dos rios Couto de Magalhães e Culuene, na bacia do rio Xingu, portanto, separada da TI Culuene, possui uma área de 113.000 hectares. O mapa de uso da terra desta TI indica a predominância de um tipo de floresta de transição (mata seca com babaquais) que contrasta com as duas TIs anteriores.

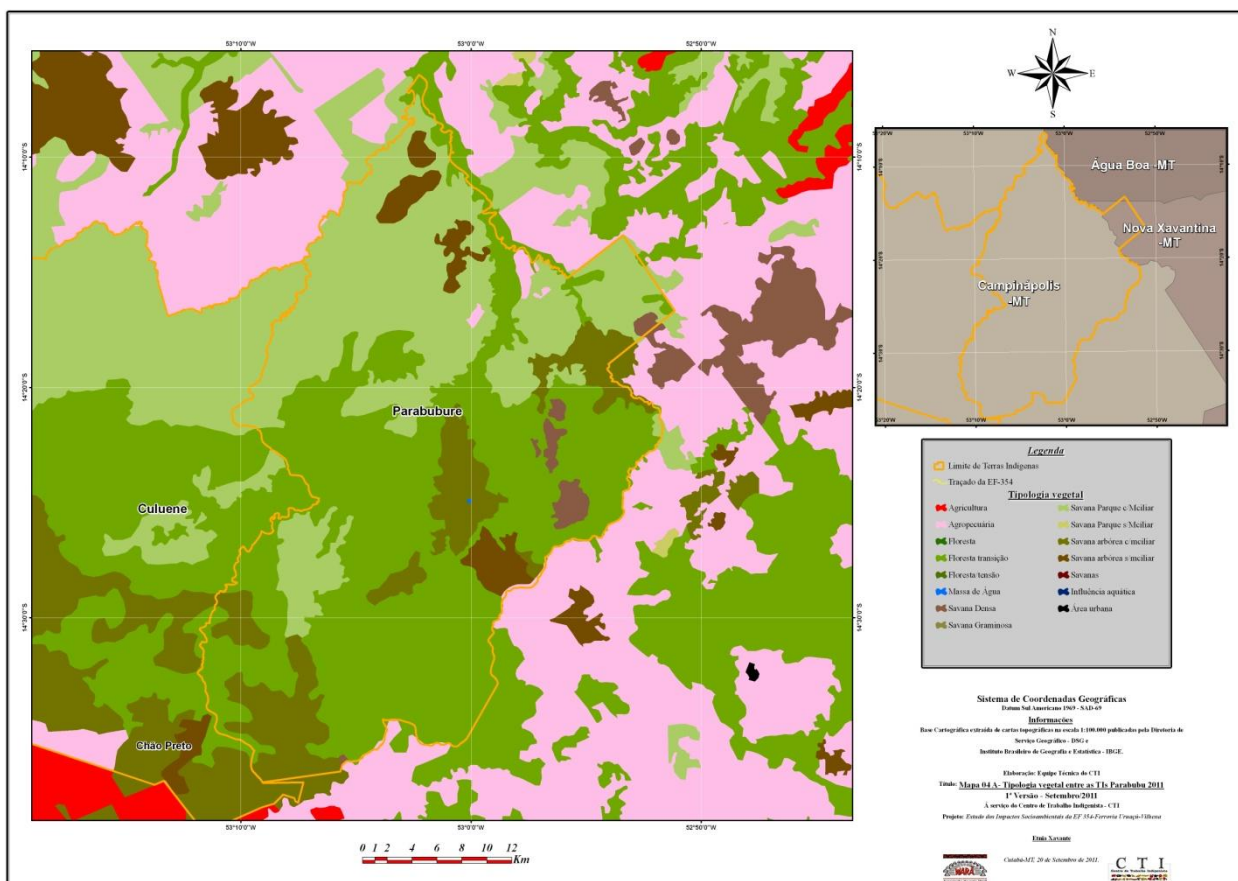


Figura 36– Mapa dos recursos - TI Parabubu

Tabela 5: Uso da terra na TI Parabubu

USO DA TERRA	HECTARES
Agropecuária	785,3034
Floresta transição	57427,8443
Massa de Água	10,5191
Savana arbórea c/mciliar	13625,2864
Savana arbórea s/mciliar	4052,5138
Savana Densa	1739,1963

Savana Parque c/M.ciliar	35389,6875
Savana Parque s/M.ciliar	18,6069

A terra aqui considerada como CULUENE, como justificado na Apresentação, está inserida na bacia do rio de mesmo nome e sua cobertura vegetal difere um pouco daquela de Parabubu, em pese a contigüidade de ambas. A presença de formações florestais (matas secas) com ocorrência de bosques de aroeira é a sua marca. Por conta disso, em anos recentes esta área sofreu intensa exploração ilegal daquela espécie.

Figura 37: Mapa dos Recursos da TI Culuene (englobando Chão Preto e Ubawawe)

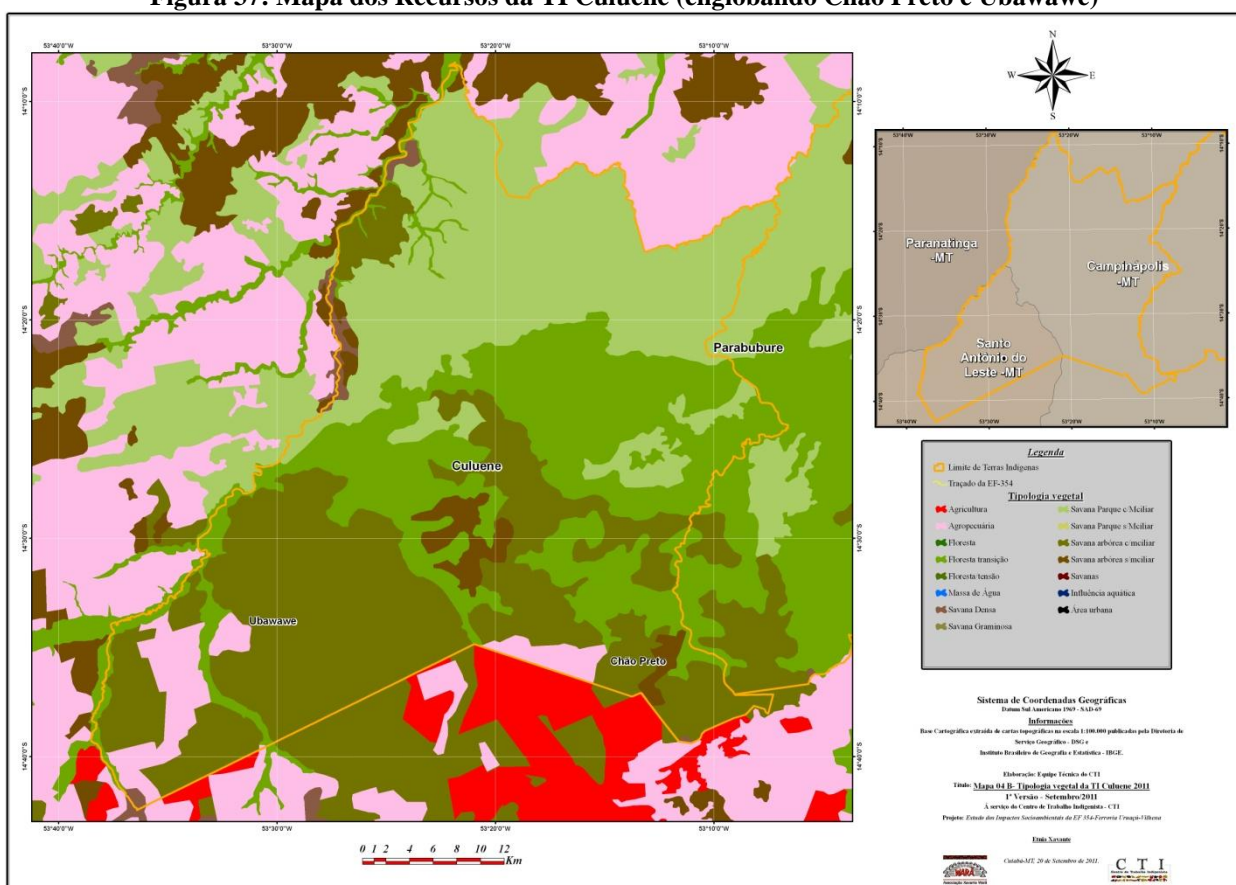
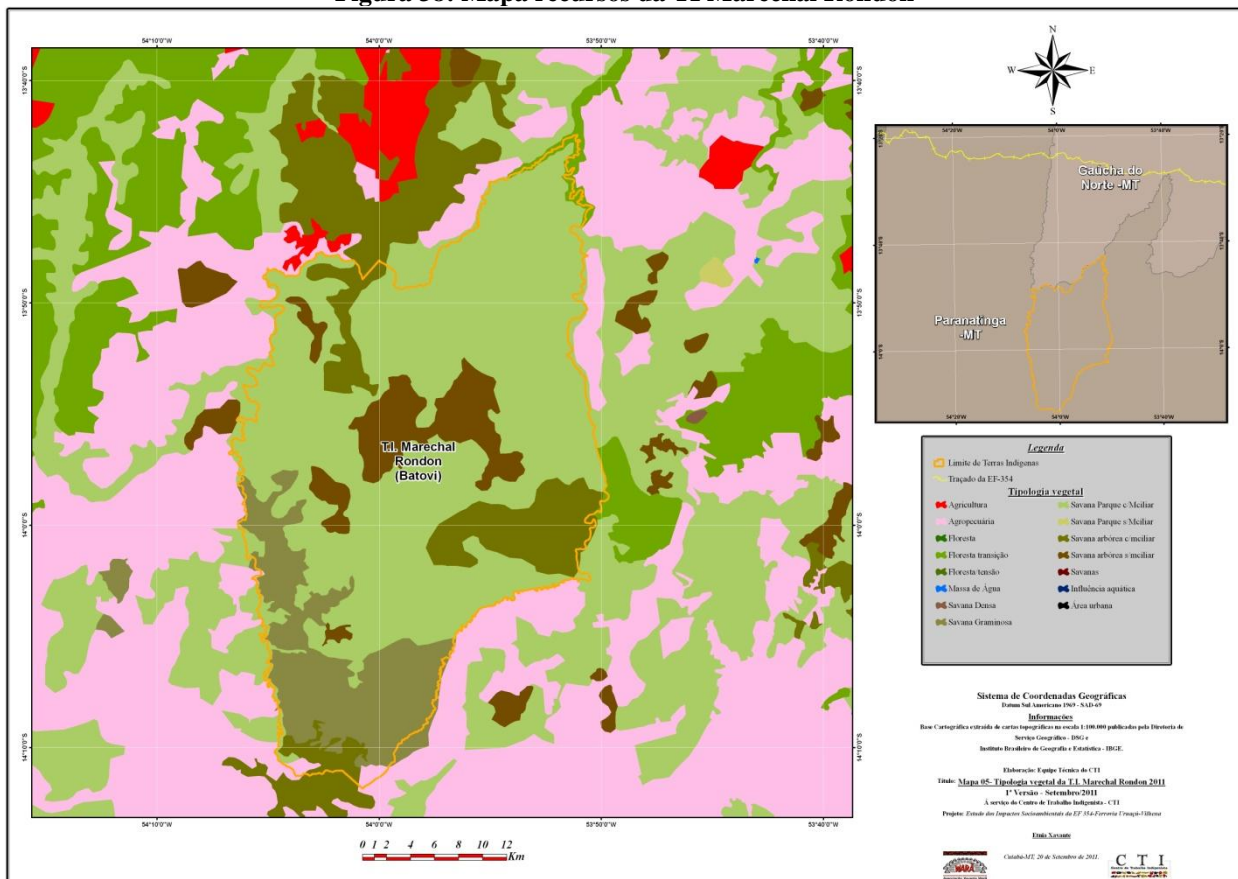


Tabela 6: Uso da terra na TI Culuene (Fonte: CTI-Warã, 2011)

USO DA TERRA	HECTARES
Agropecuária	7872,5543
Floresta transição	49532,2903
Savana Densa	1358,7748
Savana Parque c/Mciliar	50495,4606

Savana arbórea c/mciliar	62525,6612
Savana arbórea s/mciliar	4742,5712

Figura 38: Mapa recursos da TI Marechal Rondon



A TI Marechal Rondon (MAPA 5 do Caderno de Mapas) está situada no interflúvio dos rios Culiveu e Batovi, formadores do rio Xingu. Do ponto de vista fitofionômico é um prolongamento da TI Culuene, com presença marcante de savana parque com matas ciliares.

Tabela 7: Uso da terra na TI Marechal Rondon

USO DA TERRA	HECTARES
Agropecuária	575,6345
Floresta transição	478,3038
Savana arbórea c/mciliar	10730,6423
Savana arbórea s/mciliar	8523,2401

Savana Graminosa	14824,1404
Savana Parque c/Mciliar	64972,9395

Pelo exposto acima, verificou-se que o padrão de cobertura de uso da terra referente aos limites das cinco Terras Indígenas Xavante analisadas é a existência de coberturas florestais ainda significativas, as quais sofrem intensas pressões causadas pelo avanço de pastagens e, principalmente, pelas culturas de soja/milho/algodão. A ocorrência das matas ciliares nas TIs em análise é marcante. Entre suas qualidades ecológicas desta vegetação estão a de conter das águas das enxurradas, evitar o assoreamento do leito dos rios, manter a qualidade da água dos rios e filtrar a água das chuvas que carregam defensivos e fertilizantes; e ainda é inegável sua importância para a conservação da biodiversidade tanto florística como faunística.

Vale lembrar que mesmo reconhecidas sua importância ambiental, e embora protegidas por legislação específica, as matas ciliares foram e continuam a ser destruídas, restando em muitos casos poucos fragmentos florestais nos entorno das Terras Indígenas demarcadas oficialmente.

4.2 Estado atual do Ró no entorno das TIs e atividades modificadoras do ambiente

Os cerrados foram altamente antropizados nas últimas décadas e apresentam-se muito fragmentados, com poucas áreas contínuas de tamanho significativo. Entre estas se destaca as Terras Indígenas Xavante, em especial as TIs Pimentel Barbosa, Areões e Parabubure por possuírem as maiores extensões contínuas de cerrados preservados no estado de Mato Grosso.

A importância dos cerrados destaca-se pela riqueza em biodiversidade. Os cerrados brasileiros são considerados como a mais rica savana do mundo. Esta característica é favorecida pelo fato de os cerrados estarem em contato com outros domínios florestais, como a Amazônia e as Matas Atlânticas. Também mantêm relações biogeográficas com as formações abertas do pantanal e caatingas. Sua flora, considerada como uma das mais antigas existentes em todo planeta, é rica em endemismo, com mais de 10.000 espécies de plantas, sendo 4.400 endêmicas. Nos cerrados, as relações entre o relevo, solo e cobertura vegetal são os fatores importantes que condicionam o mosaico de ambientes (Nogueira 2008)¹³ Os

¹³ Cristiano Nogueira, texto do Projeto Squamata In www.ib.usp.br, acesso dia 14 de agosto de 2008

cerrados também têm importância reconhecida como fonte de água ou “cumieira” do Brasil, pois os rios das principais bacias hidrográficas brasileiras, como as dos rios Amazonas, Tocantins, São Francisco, Prata e Parnaíba, nascem e se desenvolvem neste domínio.

Pesquisas da Embrapa¹⁴ apontam que cerca de 50% dos cerrados já estão degradados; entretanto, segundo outras fontes a área degradada já seria cerca de 70%. Apesar de sua importância biogeofísica foram criadas e implantadas poucas unidades de conservação neste domínio. Em sua totalidade existem somente 2,6% de áreas de cerrados sob unidades de conservação¹⁵

Neste contexto apenas 5% do estado de Mato Grosso estão protegidos sob a forma de unidades de conservação localizadas, entretanto, em diferentes domínios fitogeográficos e não apenas nos cerrados.¹⁶ Assim, as terras xavante assumem maior importância como guardiãs da biodiversidade dos cerrados.

A degradação dos cerrados em números

Entre os levantamentos sobre desmatamentos dos cerrados, destacam-se o realizado por Dias em 1985 (1994 *apud* Conservação Internacional 2004), que estimou em 37% a área dos cerrados já degradada e o estudo de Mantovani e Pereira (1998), que obteve como resultado uma área desmatada de cerca de 50% .

A partir destas estimativas para o período de 1985 a 1993, estes estudos concluíram que a média anual de área desmatada foi em torno de 1,5%, correspondendo a cerca de 3 milhões de hectares por ano. Para o período compreendido entre os anos de 1993 e 2002, ocorreu uma pequena diminuição da taxa anual média de desmatamentos, que ficou em 0,67%, o que seria em torno de 1,36 milhões de hectares ao ano. Assim, ao se considerar uma estimativa de uma taxa média dos dois períodos tratados, tem-se uma taxa de 1,1% ao ano, ou seja, uma área de 2,2 milhões de hectares desmatada por ano (cf. *Conservação Internacional* 2004).

O estudo citado acima baseou-se em um mapeamento do desmatamento utilizando imagens de satélite Modis. Constatou-se que restavam preservados 34% de área original dos

¹⁴ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), in www.embrapa.gov.br

¹⁵ As unidades de conservação federais no Cerrado compreendem: dez Parques Nacionais, três Estações Ecológicas e seis Áreas de Proteção Ambiental (Ibama, 2008).

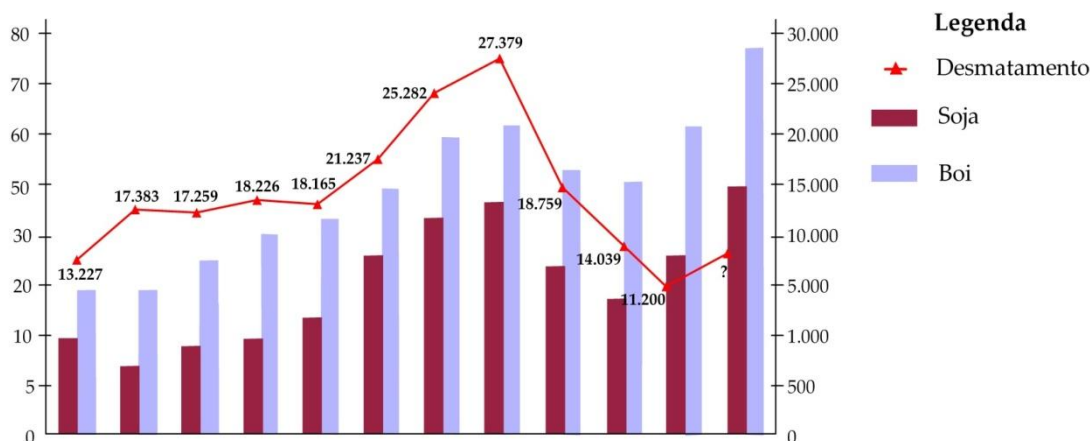
¹⁶ Revista *Ciência Hoje*, dezembro de 2007.

cerrados. Em 2004, cerca de 88 milhões de hectares dos cerrados estavam totalmente convertidos em agropecuária e outros 74 milhões com alguma modificação. Com uma taxa de desmatamento média anual de 1,5%, que representam três milhões de hectares, estima-se que os cerrados desapareçam por volta de 2030.

Os dados levantados por instituições como o INPE, IMAZON e ISA apontam para a correlação existente entre expansão da soja e pecuária e desmatamentos nos cerrados. O estudo realizado pelo Instituto Socioambiental compara a variação dos preços do gado e da soja¹⁷, as duas importantes *commodities* amazônicas, com o ritmo do desmatamento.

As flutuações do preço da soja e as taxas de desmatamento estão intimamente relacionadas. No período 2003-2004 houve grande expansão do preço estimulando desmatamentos que chegaram a atingir a marca de 29.000 km². Em relação à pecuária é menos evidente devido ao fato de que esta atividade sempre foi o “grande vetor de desmatamento, independentemente do período em questão” (ISA, 2008).

Gráfico 1: Ritmo de Desmatamento X Preço das Commodities
Fonte: Instituto Socioambiental, 2008.



¹⁷ Na safra 2007/2008 era estimado que o Brasil ultrapassaria os EUA, assumindo a liderança como maior exportador do grão –soja - 30,7 milhões de toneladas. Os EUA continuam os maiores produtores, mas por volta de 2010/2011 prevê-se que o Brasil ultrapasse a produção americana (Centro de Monitoramento Agrocombustíveis/ Repórter Brasil 2008:5). O desenvolvimento dos cultivos da soja relaciona-se com a indústria de ração para gado e aos agrocombustíveis. As empresas como ADM, Bunge, Cargill, Coimbra e Ammagi são responsáveis por metade das negociações de soja no Brasil (Rel. Agrocombustíveis, *op.cit.*:5-8).

A expansão da agricultura de grãos nos cerrados do Mato Grosso

Como consequência deste modelo de agricultura, as Terras Indígenas dos cerrados vêm sofrendo de forma intensa e os povos indígenas vivem cercados de pressões ambientais, como a contaminação da água por agroquímicos, os desmatamentos, as queimadas e a degradação do solo.

O contraste do uso dos recursos naturais conflita e gera uma situação de risco à sobrevivência do modo de vida dos povos indígenas, em particular dos Xavante. A preocupação com a situação de degradação ambiental advinda desta exploração dos cerrados é apontada pelos Xavante:¹⁸

“E nós entendemos que na medida que você usa você também gasta aos poucos, mas você não depreda como os fazendeiros depredam. Uma pessoa desmata tantos mil hectares para quê? para autosustento? É para produzir para outras pessoas, para exportar - neste contexto que nós discordamos dessa filosofia, deste projeto que se criou pelo governo. Então as reservas indígenas ficam naquela mira, de desejo, de cobiça para até desmatar as terras indígenas...” (Lucas Ruriõ Xavante, 2004).

“(...) falando do nosso território atual de Sangradouro, a nossa situação está ficando mais complicada ainda por causa do desmatamento que está tendo lá, os fazendeiros roubando cada vez mais pedaço de nossa terra e plantando soja, algodão e milho e usando agrotóxico. Isso não serve para nós, não serve ... Porque não há mais riqueza além da riqueza da natureza, não tem mais a riqueza que sirva para o ser humano ... e não conseguimos mais viver andando e nossas aldeias ficam paradas e precisamos caçar no mesmo lugar, diminuindo as caças, os pássaros, as ervas, as frutas” (Tseredzaro Ruriõ Xavante, 2004).

O estado de Mato Grosso é o maior produtor brasileiro da soja, desde o ano 2000. A situação atual de Mato Grosso já é muito divulgada e conhecida pela sua liderança em desmatamentos e queimadas,¹⁹ além de apresentar os maiores números de contaminações do solo e das águas pelo uso abusivo de agroquímicos. Como exemplo, o caso de contaminação por uso indiscriminado de agrotóxicos ocorrido no município de Lucas do Rio Verde, em 2006, que chegou a provocar problemas de saúde na população e nas culturas locais (*Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis/Repórter Brasil*, 2008:19). Além do uso de

¹⁸ Relatos coletados por M.L.C.Gomide em 2004, na sede da Associação Xavante *Warã* e na TISangradouro, em 2006.

¹⁹ Dados do INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - feitos pelo satélite NOAA-15 constataram que em 2006 foram 7.353 mil e em 2007 ocorreram 17.315 mil focos de queimadas (Noticias da Amazônia, 04.01.08).

agrotóxicos,²⁰ a expansão da soja está diretamente relacionada com o aumento do uso de fertilizantes. A produtividade brasileira corresponde a 60 sacas por hectare, este elevado índice é conseguido com o uso de agroquímicos em quantidades igualmente elevadas²¹.

No estado de Mato Grosso, o aumento de áreas plantadas com soja verificado na safra 2006/2007 foi da ordem de 4,9%, enquanto no Brasil a média foi de 2,9% (*id. ibd.*: 10).

Em fevereiro de 2008, o levantamento da safra de grãos (realizado pela CONAB) apontou que em relação à soja houve um aumento de 0,9% (que corresponde a 190,2 mil hectares) na área cultivada comparada à safra passada. Este aumento deve-se ao estímulo provocado pelo mercado favorável. De acordo com dados do governo federal, foi no estado de Mato Grosso onde se deu o maior aumento devido à recuperação das áreas não cultivadas no ciclo anterior. Mas há contradições nestas afirmações, pois outras instituições correlacionam o aumento da produção com aumento da área plantada e, portanto, desmatada.

Em relação à safra brasileira de grãos 2007/2008, de acordo com os dados de agosto de 2008 observou-se um aumento das áreas cultivadas nos cerrados, em relação a soja, algodão, milho e arroz. Para o mês de agosto de 2008 também ocorreu aumento da área cultivada com soja totalizando 21,3 milhões de hectares, correspondendo a 3,0% ou 630,2 mil hectares sobre a safra anterior. Também neste caso o maior crescimento foi em terras matogrossenses, com uma área cultivada de 5,7 milhões de hectares, significando um aumento de 571,4 mil hectares nesta safra.²²

²⁰ A pesquisa do professor Wanderlei Pignati apontou para o “aumento de casos de mortalidade por neoplasia e de malformação congênitas no Mato Grosso”, com possibilidades destas estarem ligadas ao uso abusivo dos agroquímicos nas grandes lavouras da soja. Também é ressaltado que houve aumento da mortalidade por mil nascidos vivos, malformações congênitas no Mato Grosso passou de 2,7 para 4,4 (Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis/ Repórter Brasil, 2008:19).

²¹ Caso emblemático é a produção da soja e o uso de agroquímicos no município de Sorriso (maior produtor de soja no Brasil) com 615 mil hectares da monocultura, onde são utilizados cerca de 5 kg de produtos químicos por hectare, totalizando 3 toneladas deste produto apenas em uma safra (Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis/ Repórter Brasil, *op.cit.* 19).

²² Ainda no estado de Mato Grosso observa-se também em relação à área plantada de milho um aumento de 243,2 mil hectares, o que totaliza 1,66 milhão de hectares, fazendo com que este estado tenha a maior área plantada de milho e de soja do Brasil (CONAB, fevereiro, agosto 2008).

Tabela 8: Aumento da área de soja plantada em hectares no Brasil – 2008 (FONTE: CONAB, fev. de 2008)

Mês	Área em hectares aumento da plantação (1.000 ha)	Porcentagem de aumento de área plantada
Fevereiro	190,2	0,9%
Agosto	630,2	3,0%

Tabela 9: Aumento (%) da área plantada por estado em 1000 ha

Estado	(%) de aumento da área plantada em 1.000 ha
Mato Grosso	6,3 % - 325
Tocantins	12% - 32,2
Pará	10,6%
Rondônia	8,4%
Maranhão	1,1%

Tabela 10: Aumento da área plantada - em hectares fevereiro e agosto de 2008

Mês	Área total plantada em milhões de hectares	Aumento da área plantada em 1.000 ha
Fevereiro 2008	5,2	325
Agosto 2008	5,7	571,4

Fonte: Safra de grãos – CONAB, fevereiro e agosto de 2008.

Todos os dados indicam que a área plantada com soja tem aumentado em todo o país - são 21 milhões de hectares de soja na safra 2007/2008 - especialmente no Mato Grosso, estado que possui a maior área plantada desta leguminosa. Os levantamentos de 2009/2010 também confirmam a expansão contínua da soja. De acordo com o levantamento da CONAB de março de 2010 sobre a cultura da soja:

“a maior concentração está no Estado de Mato Grosso com 10,3% (1,95 milhão de toneladas). Até final de fevereiro, 26,2% (17,7 milhões de toneladas) haviam sido colhidas no País. O maior índice ocorre em Mato Grosso, com cerca de 55,3%, correspondendo a 10,5 milhões de toneladas. A estimativa de produção do Estado totaliza 18,9 milhões de toneladas. Ainda em Mato Grosso, na região meio norte, onde se concentram os maiores municípios produtores da oleaginosa do Estado, como Sorriso com 605,0 mil hectares, Nova Mutum, com 330,0 mil hectares e Lucas do Rio Verde, com 225,3 mil hectares, em final de fevereiro, a área colhida se aproximava de 65%. Em termos de País, a colheita nesta safra está distribuída da seguinte forma: janeiro, 4,1% (2,78 milhão de toneladas); fevereiro, 22,1%, (14,92

milhões de toneladas); março, 39,1% (26,41 milhões de toneladas); abril, 29,6% (19,97 milhões de toneladas) e maio, 5,1% (3,46 milhões de toneladas)”.

Tabela 11: Soja – Comparativo de área, produtividade e produção – Safras 2008/2009 e 2009/2010

Região/ UF	Área em mil hectares		Produtividade em kg/ha		Produção em mil toneladas	
	Safra 08/09	Safra 09/10	Safra 08/09	Safra 09/10	Safra 08/09	Safra 09/10
Centro-Oeste	9.900,1	10.404,6	2.943	3.021	29.134,9	31.434,6
Mato Grosso	5.828,2	6.160,4	3.082	3.078	17.962,5	18.961,7

Fonte: CONAB, março 2010.

O complexo *soja* é responsável direto pelo desenvolvimento de cidades de Mato Grosso e Goiás, denominadas “cidades sem infância” (Seabra & Martins 1993:20). São aquelas que nascem da expansão da soja e transformaram rapidamente os cerrados, frutos da “intervenção do Estado no sentido da ocupação e valorização do território nacional. Adulta, porque é produto e consumação estratégica de adequação do espaço e do tempo da mundialidade” (cf. Seabra & Martins *op.cit.*).

Esta é a realidade de vários municípios em áreas do universo pioneiro da soja num movimento dos gaúchos que se autodenominam “desbravadores e portadores da modernidade” (*op.cit.*). Assim, “conseqüentemente, a base do poder local encontra-se estruturada pelos nexos que ligam a propriedade territorial à sociedade que aí se estabelece, instalando-se nos mais diminutos liames da vida social. [...] os desbravadores transformam-se em agentes de relações complexas” (cf. Seabra & Martins *op.cit.*).

Entre os problemas sociais ocasionados pela expansão da soja, constata-se a concentração fundiária (ver adiante, p. 156 e ss), que é uma característica desta ocupação onde ocorre um ciclo iniciado pelas pequenas propriedades que são substituídas pela pecuária e, num segundo momento, substituídas pela produção de grãos para exportação (Mello, 2002).

Os municípios onde se localizam as terras indígenas Xavante aqui consideradas são, em maior ou menor grau, produtores de soja. De modo geral todos os municípios da bacia do rio das Mortes e Culuene vêm ampliando a área com cultivos de soja, e a tendência, segundo os dados apresentados no próximo tópico (capítulo 6), é sua ampliação.

A Tabela abaixo apresenta os números da soja para as regiões que o Instituto Matogrossense de Economia Agrícola (IMEA) nas safras de 2009/2010 e 2010/2011

(estimativas) com relação à área plantada. As *regiões* do IMEA que englobam os municípios onde se situam as TIs Xavante aqui implicadas (Areões, Pimentel Barbosa, Parabubu, Culuene, Ubawawe, Chão Preto e Marechal Rondon) são a *Sudeste* (Novo São Joaquim, Santo Antonio do Leste e Paranatinga) e *Nordeste* (Água Boa, Nova Nazaré, Nova Xavantina, Campinópolis, Canarana). Vê-se que estas duas regiões tiveram aumento significativo em relação a área plantada, possivelmente em função da substituição de pastagens por cultivos.

Tabela 12: Soja: Estimativa de área Safra 09/10

Regiões IMEA	Participação %	Área08/09	Área09/10 Abril	Área09/10 Maio	Varição Anual
Noroeste	4,1	261.2	261.2	261.2	0,0
Norte	0,6	44	39	39	-11,4%
Nordeste	10,8	628.35	694.2	694.2	10,5%
Médio-Norte	40,1	2.466.000	2.571.400	2.571.400	4,3%
Oeste	14,5	948.2	930.2	930.2	-1,9%
Centro-Sul	6,4	409.1	413.1	413.1	1,0%
Sudeste	23,5	1.460.600	1.504.400	1504.4	2,9%
Mato Grosso	100,0	5.704.160	6.217.450	6.217.450	9,0%

Unidade: Área em hectares

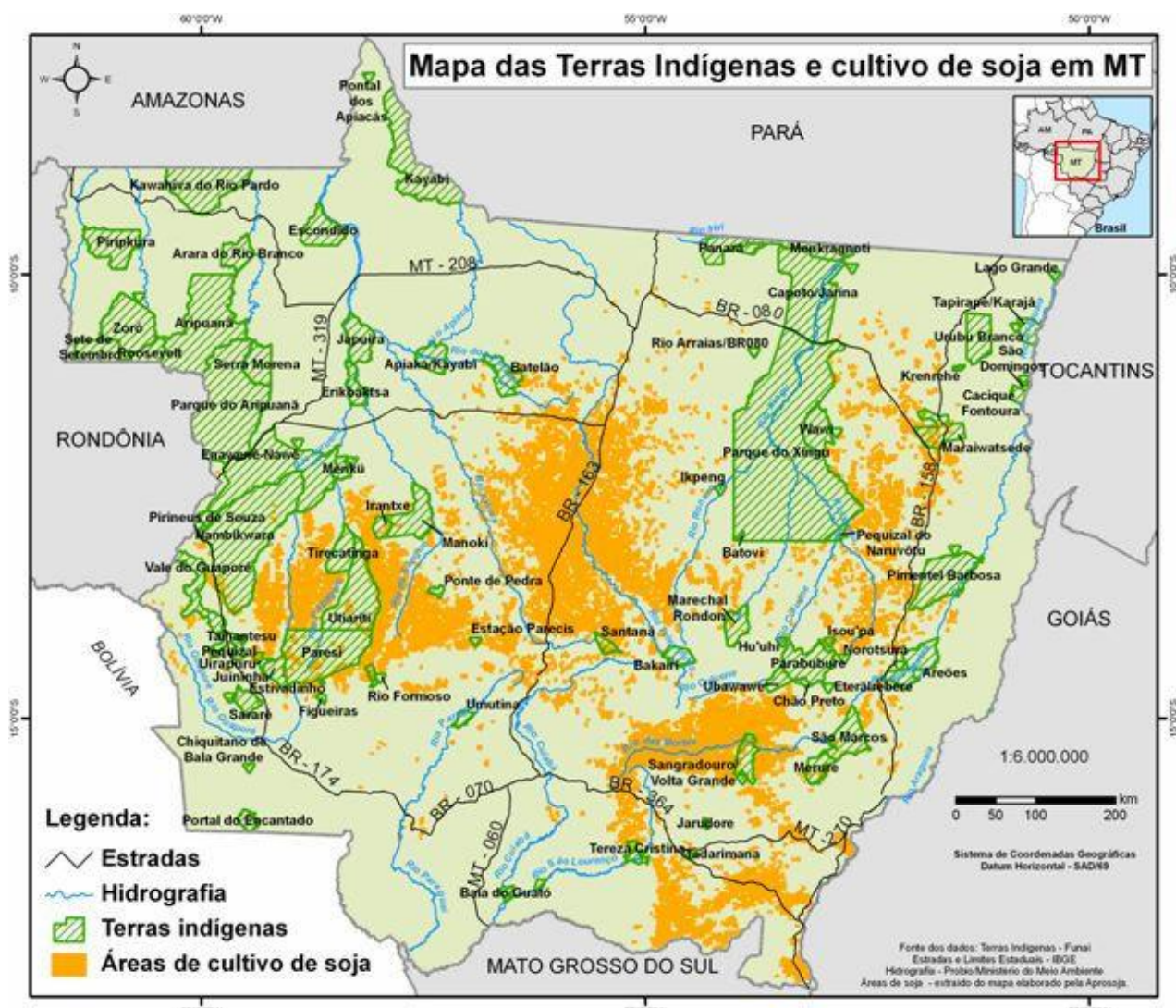


Figura 39: Mapa das TIs e as áreas de soja no Mato Grosso (2007)

Fonte: Impactos da soja sobre Terras Indígenas no estado do Mato Grosso - Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis www.agrocombustiveis.org.br ONG Reporter Brasil www.reporterbrasil.org.br, Julho de 2010

Principais pontos de vulnerabilidade das TIs aqui consideradas

Como acima salientado o empreendimento EF 354 vai interferir diretamente sobre rios e córregos que drenam as TIs Xavante de *Areões* e *Pimentel Barbosa* na bacia do rio das Mortes (Borecaia, Água Limpa, Água Suja, São Domingos, Patos e outros menores) e com este mesmo rio, de importância cultural e histórica *ímpar* para os Xavante, como antes mostrado. E com as matas de galeria/ciliares que protegem estes rios e córregos, o *marãã bödödi* como antes explicado.

“Uma vez que o Projeto básico da Ferrovia ainda não foi elaborado, não foi possível identificar áreas como jazidas, de empréstimos, bota-fora ou outras áreas de apoio, como

canteiros de obra. Logo, até o presente momento, não serão indicados passivos ambientais na área diretamente afetada relacionados a essas áreas do empreendimento. Entretanto, com a diretriz de traçado sabe-se das interferências com as APPs, relacionadas aos corpos hídricos (...) (EIA/RIMA: 5.4-2 – grifo nosso). Esta é a preocupação dos Xavante, entre outras, com a implantação da EF 354. Portanto, é fundamental fazer-se aqui um balanço do estado atual das microbacias que drenam as Terras Indígenas acima citadas.

Microbacias da Terra Indígena Areões

O entorno da TI *Areões* é caracterizado principalmente pela pecuária extensiva apresentando grandes áreas de pastagem; no entanto ocorrem áreas incorporadas ao sistema de produção intensiva de grãos. O Mapa AR 01 do Caderno de Mapas apresenta as duas microbacias onde, durante as etapas de campo, os Xavante relataram a ocorrência de 34 passivos ambientais e indicaram sua importância para a população indígena que ali vive.

Microbacia do rio Areões

A região hidrográfica do rio Areões possui uma extensão de 356.504,86 hectares, dos quais 18.279,71 hectares incidem na TI Areões onde tem seu encontro com o rio das Mortes. O rio Areões traz consigo uma grande carga de sedimentos que pode ser observada visualmente em suas águas. Esta carga de sedimentos é fruto do modelo de uso da terra predominante na região banhada e que tem na pecuária extensiva sua principal atividade.

A área de drenagem do rio Areões apresenta um grau elevado de fragmentação da vegetação natural, sendo a matriz da paisagem as pastagens artificiais, fato que se observa nas imagens de satélite e na quantificação do uso do solo e vegetação exibida no gráfico abaixo.

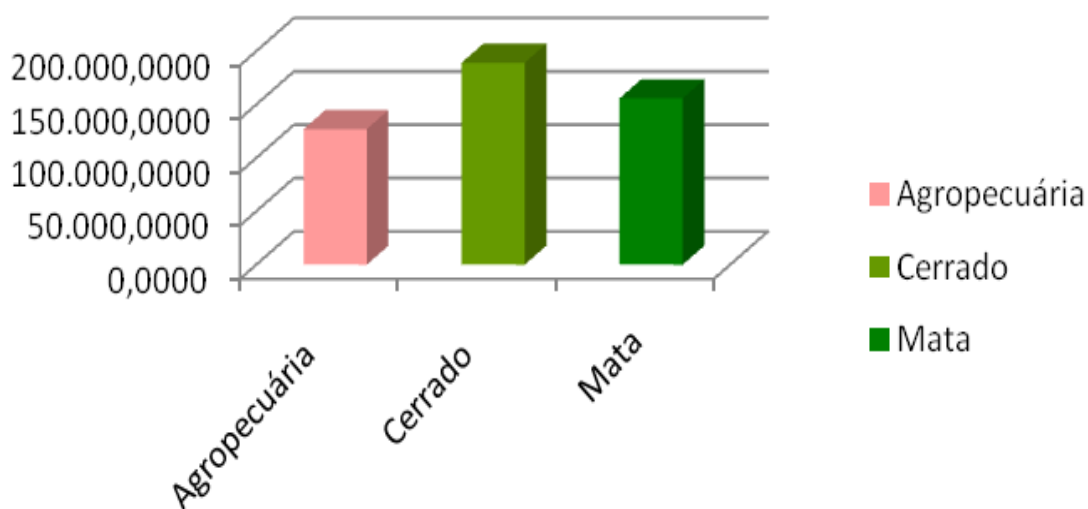


Gráfico 2: Quantificação do uso do solo e vegetação

O Mapa AR 02 do Caderno de Mapas indica que a área de drenagem do rio Areões e seus contribuintes ocorrem em relevo ondulado, fato que explica o atual uso do solo, bem como as áreas ainda preservadas em seu alto curso – o que impossibilita sua mecanização.

A região é fomentada com a atividade pecuarista em virtude da existência do Frigorífico *International Food Company* – IFC, especializado na produção de cortes nobres de carne bovina para exportação. O agravante da atividade implementada pela empresa é o fato, apontado pelos Xavante da TI Areões, que o frigorífico despeja dejetos (carcaças e vísceras não aproveitadas no processamento) no próprio rio. A indústria localiza-se em um afluente do rio Areões nas imediações da TI Areões, conforme se pode ver no Mapa AR 02. A empresa foi recentemente autuada pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente – SEMA/MT (informações constantes no sítio da *web* deste órgão do Governo de MT).

Em relação às Áreas de Preservação Permanente (APPs), constata-se que 5.5664,79 hectares encontram-se com algum estado de degradação, ou seja, tem seus limites mínimos exigidos pelas leis ambientais vigentes desmatados para uso em pastagens. O gráfico abaixo mostra o estado de preservação das Áreas de Preservação Permanente da microbacia do rio Areões.

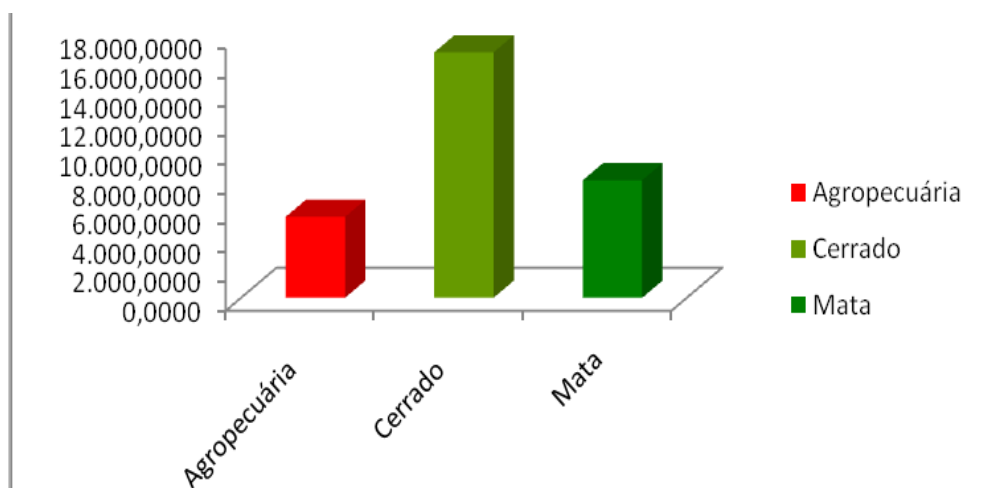


Gráfico 3: Uso do solo e vegetação em APPs

Microbacia do rio Borecaia

A região hidrográfica do rio Borecaia possui uma extensão de 291.023,02 hectares, dos quais 32% incidem na TI Areões. No entanto, o percentual que está fora dos limites atuais

da TI sofre com o processo de antropização, fato que pode ser observado no Mapa AR 04 do Caderno de Mapas e na quantificação apresentada no gráfico abaixo.

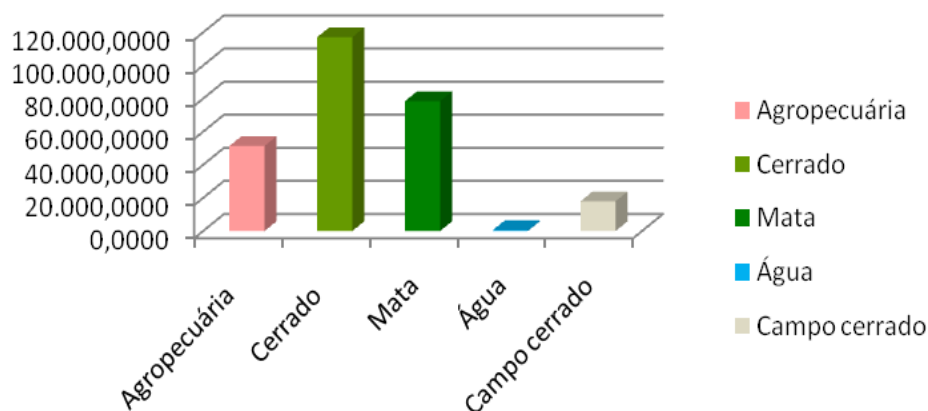


Gráfico 4: Uso do solo e vegetação na Bacia do Borecaia

Para a análise desta microbacia foi realizado um recorte da área de drenagem que possui alto grau de proximidade com as aldeias. Neste recorte, constata-se que 490,73 hectares de APPs estão degradadas, conforme se pode observar no Mapa AR 05 do Caderno de Mapas.

Microbacias da Terra Indígena Pimentel Barbosa

A TI Pimentel Barbosa localiza-se exatamente no divisor de águas da bacia Amazônica/Xingu e Araguaia-Tocantins (que inclui o rio das Mortes). Para efeito das análises das microbacias e sua vulnerabilidade ambiental, foram levados em consideração somente os contribuintes do rio das Mortes.

No Mapa PB 01 do Caderno de Mapas, observa-se que somente as duas microbacias destacadas têm pertinência ao tema em questão, pelo fato de possuírem nascentes fora dos limites da Terra Indígena.

Microbacia do rio Água Suja

O rio Água Suja é o principal afluente do rio das Mortes que drena a TI Pimentel Barbosa. Irriga uma área de 132.235,48 hectares dos quais 57.898,14 hectares insidem na TI.

Como se pode observar no Mapa PB 03 do Caderno de Mapas, a degradação da vegetação nativa começa imediatamente após os limites demarcados da Terra Indígena. Para

efeito das análises referente ao estado de degradação/vulnerabilidade desta microbacia, será utilizado o recorte da área externa ao limite da Terra Indígena.

Constata-se, através do referido recorte, que dos 74.337,34 hectares da área drenada por esta microbacia, 41% foram convertidos em pastagens, conforme se observa no Mapa PB 04 do Caderno de Mapas. No entanto, a pressão por mudanças na modalidade de uso (de gado para soja) já é evidente, pois já está em vias de ocorrer em uma propriedade vizinha à Terra Indígena, segundo relato dos integrantes da aldeia Belém - fato que é perfeitamente possível pelas condições de relevo e solo presentes em algumas regiões desta microbacia.

Em relação às APPs constata-se um alto grau de degradação, dada a grande incidência de áreas de agropecuária. A degradação das APPs é da ordem de 29%, o que corresponde a 2.430,00 hectares conforme pode-se ver no Mapa PB 05 do Caderno de Mapas.

Outro agravante apontado pelos indígenas é a presença da Unidade Prisional Major Zuzi, localizada nas proximidades dos limites da Terra Indígena. A unidade prisional possui cerca de 400 detentos e mais 30 servidores. Segundo vários relatos apontados pelos integrantes da aldeia Belém, e mesmo de moradores da cidade de Água Boa, além de notícias veiculadas pela mídia local, a Unidade Prisional está com seu sistema de tratamento de esgoto danificado desde 2007. O esgoto está sendo despejado em uma vala seca que dá vazão para a nascente de um afluente do rio Água Suja que por sua vez drena para a TI Pimentel Barbosa. Informações veiculadas pela imprensa local estimam que 51 m³/dia de esgoto sem tratamento estão sendo lançados nesta vala.

Outros pontos de vulnerabilidade

Na TI Pimentel Barbosa há ocorrência de pesca ilegal e na TI Areões há também denúncias de pesca ilegal, além de retirada clandestina de madeira. Caça ilegal sistemática vem ocorrendo na TI Parabubu, conforme relato dos índios e, segundo eles, incentivada por autoridades do município de Campinápolis. Há também retirada ilegal de madeira (aroeira) na área de Culuene.

Portanto devem-se considerar os pontos de vulnerabilidade acima descritos como passivos ambientais aos quais a EF 354 poderá potencializar ou, caso implantada, enfrentados com medidas mitigadoras adequadas.

5 Uso dos recursos na área de influência do empreendimento e lugares de importância histórico-cosmológica

A estratégia Xavante atual de superar, em parte, as limitações territoriais que lhes foram impostas pelo Estado brasileiro consiste em continuar as atividades de caça/pesca/coleta fora dos limites das TIs oficiais. Algumas vezes com outras sem autorização dos proprietários atuais, foi constatada em campo uma intensa e sistemática busca por recursos tradicionais em vários pontos, contíguos ou não às TIs, que foram georeferenciados pela equipe e apresentados no MAPA 07 do Caderno de Mapas. Ou seja, a equipe, acompanhada dos Xavante, percorreu os principais locais de uso atual no trecho a ser cortado pela EF 354 em seu traçado projetado.

A EF 354, neste traçado, afetará, diretamente e indiretamente, áreas de coleta, de caça e pesca, no trecho que corta as TIs Areões e Pimentel Barbosa. Há uma zona de ocorrência rara de babaçu, há 18,5 quilômetros do limite sul desta última TI, e que é utilizada pelas mulheres de algumas aldeias. A equipe acompanhou uma expedição de coleta na área feita por mulheres da aldeia Belém (TI Pimentel Barbosa, fotos abaixo). A EF 354 passará a apenas 900 metros em linha reta deste babaçual que é cortado também pela “rodovia do calcáreo” (MT 326).

Este mesmo trecho, cuja fitofisionomia predominante é o *Ape* (savana parque), é o local da principal ocorrência do cervo-do-pantanal na área (dada a presença dos *bururã* – pequenas bolas de mata com poças d’água que ocorrem no *Ape*) e é importante local para o encontro com o “segredo dos homens” (vide Nota 24 abaixo).



Figura 40: Coleta de babaçu (palha, palmito e côco) na área citada



Figura 41: Aspecto da coleta de babaçu (palha, palmito e côco) na área citada.

Os depoimentos transcritos abaixo colhidos pela equipe destes Estudos (e gravados ao longo das expedições feitas pela equipe com os *ihi* de todas as TIs envolvidas) dão a dimensão do conhecimento e uso que os Xavante fazem do seu território, além de expressarem o “sentimento” de perda da identidade *a’uwẽ* – sentimento de frustração dos *ihi’nõré* (anciãos) ao verem lugares importantes da sua história e de referência cosmológica para a continuidade/atualização do *ser a’uwẽ* ocupados e destruídos pelos *waradzú*. O MAPA 08 do Caderno de Mapas expõe estes pontos. Ao longo das expedições de campo, os *A’uwẽ* que acompanhavam a equipe iam reconstruindo os lugares por onde andaram em *dzomõri*,

recordando dos acidentes históricos de cada um dos subgrupos que compõem a sociedade Xavante, os rituais ali realizados, os falecimentos ocorridos e os conflitos, internos e com os *waradzu*.

Em alguns dos depoimentos, tomados sem perguntas dirigidas, os caciques e lideranças Xavante expressam também sua expectativa em relação ao empreendimento em questão.

Pimentel Barbosa

PETORÓPA (rio Sete de Setembro), eles andavam no PETORÓPA e foram margeando, beirando esse rio. Na metade desse rio instalaram uma aldeia que é ETÊ'RÃ'URÃ, no ETÊWAWÉ; ali o grupo de TSADA'RÓ (classe de idade) fez ritual de furação de orelha (danhõnõ). Depois abandonaram essa aldeia foram para outro lugar que é DAHÕ'RÊÑÊ. Ali teve massacre, queimaram casas de nossos ancestrais, nesta ocasião alguns Xavantes foram mortos (pelos waradzu). Depois desse lugar foram para cima, quase no final do mesmo rio que recebeu outro nome: ÔWARA, Água que Corre (o rio Culuene). Depois fundaram outra aldeia WABDZÉREHU, é aquela ri'tu (aldeia antiga) onde ocorreu a guerra civil (conflito interno). Depois voltaram e fundaram a aldeia ATSÉRÉRE e ficaram. Logo depois o pessoal de Marãiwatsedé veio guerrear. Depois dessa aldeia vieram para AROBONHIPÓ/ETÊDZA'ITIPA (rio Corixão).

Depois, A'uwê se dividiu e na aldeia ATSÉRÉRE que o waradzu alcançou e vinha vindo de avião pequeno. A'uwe com medo do avião vieram e passaram por um lugar que tem bastante mosquito MRÄBRERÓ onde fizeram aldeia e moraram um pouco. Desta aldeia mudou de volta para aldeia AROBONHIPÓ e ali aconteceu guerra civil. Por isso o cemitério é perto daquela pedra comprida e vai próximo de ETÊDZA'ITIPA. A essa pedra damos o nome de ETÊNH'I'RITIPÁ que em português é Serra do Roncador. Nesses lugares as nossas mães andavam para pegar MAI'ARE, WEDEDU, buscavam WEDENÔMÔ, pegavam cará no lugar onde é a casa da onça hü. (velho Raul Pini'awê, Aldeia Etênhi'ritipa, 20/07/11)

Quando eles (nossos avós) vieram vindo com a gente, paramos no WEDE'ARE (ri'tu). Depois fomos para o TSIBA'AWAWÊ WÏRÏDZÉ e depois vem para o NÕRÕWEDERE. No dzomõri atravessaram no ABAREWAWÊ e depois para HU'UHI (ri'tu). AIHÕI'RE NHÕRÕWA (casa do jacaré) e na casa do jacaré fomos encontrar com outro grupo para fazer união. O nosso ancestral BUTSÉ morava neste lugar, ele nos pertence e temos que tomar de volta a nossa terra.

(Por isso) não vamos aceitar essa obra não. Ela não pode acontecer e temos que nos defender, se não como vai ficar? A nossa caminhada irá se limitar de vez? Não pode acontecer temos que levantar a nossa força em defesa do nosso povo e é para isso que estamos aqui. Temos que usar nossas cabeças, fazer valer a força de nossa fala e assim o trabalho vai ter força de barrar a obra. Os jovens têm que nos apoiar. Temos que ser fortes eles não podem acabar com nossas vidas. Eles dizem que são governo, autoridade dono das coisas, mas eles não são, as autoridades são nosso ancestrais. Eles não donos do Ró, chegaram bem depois da gente e não carregaram seus netos como os nossos ancestrais carregaram. Antigamente faziam festa em paz e convivência (velho Policarpo, aldeia Belém, 17/07/2011).

Esses lugares nós convivemos e porque não fazem longe da gente? Isso depois da tentação deles de fazer a hidrovía (ITSIDÓTÓDÓ) e agora vem com essa história da estrada de ferro tem que fazer bem longe da gente em outro lugar.

Quem esta fazendo esse trabalho tem que ser forte, tem que ficar forte e unido. Já ouvi falar disso na outra aldeia, já esperava. Retomamos essa área do waradzu onde nós vivíamos que ABARE e WEDE'RÁ'WATSA. Nos fechar com essa obra, onde vamos caçar? Tem pouco espaço e essas fazendas nos deixou com menos espaço, mas vamos tirar eles daqui. Vamos fechar essa estrada de ferro. O waradzu quer fazer para transportar soja, por isso vamos fechar. Vocês que estão aqui se estão fazendo trabalho sério tem que fechar essa obra bem duro, com cadeado. Tem que fazer estrada de ferro para transportar soja em outro lugar. Já tentaram com o ÖWAWE (rio das Mortes) para hidrovia; se quiserem tem que fazer com outras coisas, mas não por aqui, com a nossa terra não. Nessa área nossos pais caçavam para se alimentar. Esse lugar nós amamos porque nós éramos meninos e andávamos por aqui (Milton, Aldeia Etênhi'ritipa, 20/07/11).

Wabuwa Tsa'é'ômõ'wa: Wabi'rata nhitsina - Aldeia Etênhi'ritipa

Vou contar lugar onde caçávamos. No lugar de AROBONHIPÓ caçávamos animais. Quando fomos para AROBONHIPÓ e de lá no MÕ'ONI RÓ, PA'REHÕ'U, fomos fazendo queimada para caçar, caçavam bando de caetetu e anta.

TSO'REPRÉ era uma aldeia grande e daí o povo Xavante se dispersou, se dividiu antes do Waradzu existir e nessa aldeia tem um cemitério grande e não é apenas duas sepultura.

No lugar do TSO'REPRÉ e no ETÊ'APA (ou ÊTÊDZA'IDI, córrego Pedra Branca) MAIBWRIDZÉ é naquela fazenda, branco preguiçoso. E nesses lugares encontrava caçada, mas agora o waradzu está ocupando mesmo ainda não pagando indenização, reclamando da gente em defesa da cerca de arame.

A terra é nossa, é para nós caminharmos nela, mas agora andamos pouco, por causa de pequena terra, fomos cercados. Se a terra quebrar, estaremos passando fora de nossa terra em busca dos animais e não irão reclamar, nem se irritar. Os animais é nossa vida é pra nos fortalecer.

ABAHI (lugar bom pra coleta, com frutas, raízes). Mõ'õni (cará), se as mulheres forem buscar não podem falar mal a elas. Quando as mulheres forem buscar parabubu (batata silvestre), a'ódo (bocaiúva) é nossa alimentação, quando fomos passar não podem falar mal (reclamar). Mesmo nós estando nessa situação ainda estão querendo fazer estrada para nos apertar ainda mais e a gente ficar sem espaço.

No dzomõri --- Esses lugares de ape tem cemitérios. O Corixão tem cemitério do meu compadre. Antigamente na expedição, no dzomõri, na caminhada morria gente quando ocorria doença. Morre mesmo gente na caminhada no mato. Agora também na fazenda Pebo tem cemitério da minha mãe e mais, no Própa, aldeia Alyorada, tem mais cemitério dos meus ancestrais, dentro da virilha do Própa. É assim, caminhávamos e no dzomõri a gente tirava coquinho do babaçu. Agora desse lado no lugar de U'Ã'ÊNÊ (pedra do jaboti) caminhávamos de dzomõri do outro lado do HOPO'REPA. No lugar de ÊTÊ'UWAHUDU caminhávamos dando volta de dzomõri e nesse lugar tem cemitério de meu compadre e por lá tem bastante MÕ'ÕNIHOI'RE e jaboti.

No U'Ã'ÊNÊ tem bastante jaboti mesmo assim. O waradzu reclama da gente mesmo que ninguém nunca tenha pagado indenização para ocupar o lugar, mesmo não pertencendo a ele. O waradzu faz queimada nela. A queimada é nossa, nossa vida é as árvores que morrem, secam para nascer novas, capim novo. É assim o processo de regeneração, mas o waradzu pensa que estão morrendo árvores. Mas aquelas que morrem é que já são velhas, e nascem novas em outro lugar ou no mesmo lugar. Agora com a gradeação e com suas coisas muito quente fazem secar árvores e raízes e essa é mais perigosa. Agora a queimada é melhor para nascer e crescer novas árvores. Agora vocês acabam com a madeira e árvores serrando, e aquela da queimada quando quebra o galho nasce outro lugar.

Nesses lugares nós caminhamos para buscar frutas e animais (caïtetu, anta e veado). Agora as mulheres também buscam frutas e as pertencem esses lugares onde elas andam.

Waradzu, vocês falam para nós não permitindo andar na fazenda se vocês não andam no lugar, ou seja, no cerrado.

A comida de vocês nos fez enfraquecer, tirou a nossa caminhada e com a nossa cultura somos fortes. Vão ter que começar a pagar indenização. Eu nasci no “Arobonhipó”.

O nome daquele lugar que a estrada dividiu é ÊTÊ'RÃ'URA e outro dentro da virilha da cidade Cascalheira é DZUB'ADZE/BRU'RUTUNHÕ'U. Agora atrás da nuca da ETENHE'RITIPA NHIPU'URE. E desse lado é ETENHÕ'REDZA'ARE é na virilha dele ÖDZAIPO. Outro é BÖIÖMÖRA perto dele. E desse lado de cá é PIDZI'IRÉPA. Do outro lado do Rio das Mortes (ÖWAVE) é WAIRE e WA'AWEDE. O rio TEPEBO (= arraia) também tem como bater cipó no rio e pegar peixes e aquele vem de PEWAWÊ conhecido como casa do jacaré ÖTÖPÓRÉ e recebeu o nome de Pato.

Josias Tomonha'rebe

Nós não gostamos que o waradzu tente fazer qualquer obra. Somos xavantes amamos o lugar que andamos, a terra, o Ró. Agora o dinheiro acaba, não vem todo ano a indenização, somos só, gostamos e amamos a terra. Eu era menino crescido um pouco, andei no lugar que era ÊTÊDZUTSÉREHI (aldeia) e fui embaixo também. Fui ver o lugar do Bandeirante onde o Xavante foi massacrado. Só amamos a terra. Dinheiro é terra? Não é! Somente a terra é amada porque é de caminhar, buscar caça, buscar frutas: wede nõmõ, mo'oni, TSE. Assim é a nossa vida.

No UIÃÊNÊ WETSUTEDE meu pai morreu estou esperando o Jurandir (cacique) para chamarmos o fazendeiro com em troca do cemitério. O dinheiro não é nada, acaba na hora. E nas compras devolvemos de volta para o waradzu.

A “estrada de carro comprido” (robduri'wapã = ferrovia) não gosto que passe do nosso lado. Tem que fazer do outro lado do Rio Opré (Araguaia), para termos espaço para caminhar atrás da caça e pescar a vontade no Rio Corixão (Arobonhipó'opá). Assim eu gosto. Porém não gosto que o waradzu nos divide e não queremos que a “estrada de carro comprido” passe na nossa direção, no meio de nós. Não queremos obra nenhuma assim como também não queremos a obra da hidrovía ITSIDÓTÓDÓ. Não queremos mesmo e vai ter que fazer a estrada em direção de Cocalinho. Vai ter que fazer do outro lado do rio perto de Aruanã para eles usarem a vontade. Não queremos que alguém nos divida, já existe a rodovia. Se alguém fizer a estrada no meio de nós, nós vamos queimar. Só queremos ficar em paz, se obra perto da nossa terra não queremos mesmo!

Só isso!

Benedito RUNHAMRÊ/TSADA'RÓ

TSÕ'REPRÉ não é longe, está do nosso lado, era aldeia antiga. Esse lugares é APE e desse lado é Corixão que tem nossas coisas, mas foi cercado com arame por isso a gente não vai mais. Tem o barulho da noite que nós amamos. APE desse lado, mas cercaram com arame mesmo não pertencendo ao waradzu. Fizeram cerca, mas mesmo os pais deles nunca usaram, andaram ou amaram esses lugares.

Quando eu era menino eu andei no ÊTENHO'REDZA'A.

Eles tem que fazer a ferrovia lá no OPRÉ, o Rio Araguaia, porque ali quase não andamos mais. Essa estrada não queremos na nossa direção, somente a rodovia nós damos conta de cuidar. Estrada de ferro não!

Aldeia Wedêdze 21/07/11

Milton

Esses lugares nós convivemos e porque não fazem longe da gente? Isso depois da tentação deles de fazer a hidrovía (ITSIDÓTÓDÓ) e agora vem com essa história da estrada de ferro tem que fazer bem longe da gente em outro lugar.

Quem esta fazendo esse trabalho tem que ser forte, tem que ficar forte e unido. Já ouvi falar disso na outra aldeia, já esperava. Retomamos essa área do waradzu onde nós vivíamos que ABARE e WEDE'RÃ'WATSA. Nos fechar com essa obra, onde vamos caçar? Tem pouco espaço e essas fazendas nos deixou com menos espaço, mas vamos tirar eles daqui.

Vamos fechar essa estrada de ferro. O waradzu quer fazer para transportar soja, por isso vamos fechar. Vocês que estão aqui se estão fazendo trabalho sério tem que fechar essa obra bem duro, com cadeado. Tem que fazer estrada de ferro para transportar soja em outro lugar. Já tentaram com o OWAVE para hidrovía se quiserem tem que fazer com outras coisas, mas não por aqui, com a nossa terra não. Nessa área nossos pais caçavam para se alimentar. Esse lugar nós amamos porque nós éramos meninos e andávamos por aqui.

Só isso!

Simão

Tem que fazer a ferrovia bem longe, não por aqui. Eu voltei pra cá eu segurei essa área apesar da pressão dos fazendeiros. Não vou dar moleza para eles. Se vocês waradzu são ricos então façam em outro lugar.

Nós atravessamos pra cá, estamos aqui por saber da história de nossos ancestrais. Atravessamos para o lugar onde aconteceu o rito de furação de orelha DANHÔNÔ grupo Tirowa. Em que lugar nosso ancestral WADZATSÉ estava pendurado na árvore? Onde fica a casa, acampamento? E por que não recebeu esse nome e nem foi registrado para ser chamado pelo nome?

Atravessamos pra cá e fomos sempre pressionados aqui, estamos em luta. Não podemos aceitar essa obra. Agora tem muito pouco respeito e se um dia eles tirarem o nosso respeito seremos presos todos os dias para que isso não aconteça.

Para hidrovía já penduraram placas em quase todo trecho do rio. Essa ferrovia para transportar soja tem que ser do outro lado, bem longe daqui. Tem que ser na direção de Cuiabá.

Os lugares onde estão construídas as cidades são em cima de acampamento de nossos pais e ancestrais. Tem que traduzir muito bem pra eles. E eles, se for oferecido dinheiro, não podem aceitar. Se eles quiserem fazer mesmo tem fazer bem longe da gente. Aqui essa área era lugar do SPI onde acontecia reunião de nossos pais. Estamos na luta pela retomada dessa área. Vocês tem que traduzir muito bem para que não aconteça a obra e nós ficarmos em paz. Aqui tem bastante criança, nossos netos estão crescendo.

Milton

Já cansei de tanto falar em defesa de nosso território, já sou adulto. Tenho pena de nosso território, os waradzu estão devastando, fechando cemitério.

O início de toda essa história vem lá da beira do mar que o nosso ancestral que ficava na beira do rio fez ao abrir o rio, daí o nosso ancestral veio vindo de lá. Fizeram aldeia onde está o Rio de Janeiro mas o waradzu chegou. Saíram de lá. Depois em São Paulo, os waradzu alcançou de novo. Aldeia antiga onde agora é Brasília, Anápolis e Goiânia. Depois Goiás Velho e ali na beira de ÖPRÉ divisão que ocorreu no Rio Araguaia foi por causa do PEDZAI'U, por isso o waradzu deu outro nome pra quem não atravessou, Xerente.

Nessa área onde estou era grande aldeia que retomei. Aqui o waradzu viu que tem chefe num grupo de pessoas como do Xavante e a partir daí começaram a ter chefe no grupo. Tudo isso era do nosso ancestral.

Aqui, neste lugar, antigamente um menino comeu porco de waradzu e foi preso. Com medo do waradzu foram embora para TSO'REPRÉ. Aqui tinha roça, envolta

dessa pedra, mas o waradzu pegava a mulher do Xavante, por isso foram embora. Aqui teve DANHÕNÕ (ritual de furação da orelha). Daqui atravessara o Rio das Mortes e foram acampando em vários lugares, como em ETÊ'RÁ'URÁ. Teve a divisão dessa aldeia, um grupo foi para NÕRÕTSU'RÁ e outro grupo foi no outro. No lugar onde o ancestral vivia, se ama, por isso voltei pra cá, retomando e pensando na nova geração e netos.

Eu tenho dor, mágoa com o waradzu, porque meus irmãos foram expulsos do rio que tinha bastante peixe e foram pro final do rio seco onde não tem peixes. Morreram de fome com vontade de comer peixes. É nesse lugar que o SPI nos achou e vendeu a nossa área e nem sabemos do dinheiro. O SPI não é ladrão, mas não compraram para nós viatura, e daqui fomos a pé levando nossas coisas.

Tem cemitério dos meus tios aqui, eu também quero ficar aqui na terra. Aqui é o lugar onde os meninos foram presos por comer porco do waradzu. Também aqui foi escolhido um rapaz, WADZATSÉ, para ser chefe, foi pendurado na árvore. O Xavante se dividiu e os waradzu voltaram. Nossos ancestrais dominaram e conheceram bem esses lugares. Se não saíssemos desse lugar o SPI não vendia a área. Mas fez com a nossa ausência.

Esses lugares era só RÕ, árvores baixas e pés de WEDE'RÁ'WATSA, mas o waradzu foram criando coisas e apareceram matas, não sei onde. Nessa área nossos ancestrais viviam quando eram unidos. Terra é feita para o A'uwe, somos donos. O waradzu tem começar a nos respeitar, já começaram pegando o nome de brasileiro que nem eram eles e sim nós. Já nos cercaram tem que parar de fazer.

Simão

Nesta área o Xavante se dividiu pela primeira vez, os que foram massacrados em Cuiabá. Cuiabá tem osso de Xavante. TSINHOTSÉ'ÊWAWÊ chegou de volta porque o irmão dela foi morto. E depois o TSEREDZATUTÉ veio a aldeia TSO'REPRÉ, mataram outro.

Quando o waradzu amigo nos comunica sobre alguma luta, vá junto com ele, não o ameace e não fale que são mentirosos. Força amigos, quando alguém vier pedir alguma obra dessas para vocês, tem que fazer longe, em algum lugar pode trabalhar se é pra fazer para transportar soja, essa não é a única terra. Não pode pegar dinheiro. Quando mais jovem pescamos peixe aqui neste rio, gostei de comer peixe e acostumei, por isso não me retiro mais daqui.

Areões

Aldeia Tritopa, 24/07/11

De manhã do dia 24/07/11, fomos visitar aldeia antiga de Sta Terezinha. Na saída da aldeia paramos no limite da TI Areões.

Edson: Sou cacique, meu nome é Edson Tõmotsu. Essa linha seca atravessa o córrego do Pato, para cima um pouco de balsa encosta no Rio das Mortes.

Fábio: Aqui nessa linha não tem nenhum fazendeiro?

Edson: Não tem.

Fábio: Mas o gado não entra?

Edson: Agora da fazenda, não dessa fazenda Ji-Paraná da balsa, sempre entra e invade até pra cima do córrego da aldeia. Eu to cobrando pra poder pagar e todo ano vai entrando. Se fosse outro cacique já tinha acabado o gado. Eu falei pra ele assim: fecha o gado seu. Polícia falou tantas vezes que está proibido, não atravessar de noite, uma hora da manhã. O delegado já veio aqui na aldeia também. Falei pra ele que não é meu e que cuidado porque aqui tem muita onça.

Edson falando para Tserezaró: Neto, o limite de nossa terra não é aqui é lá onde está a balsa e naquela estrada mesmo era o limite da terra, margeando. Vindo de Água Boa tinha um boteco antigo de Joana e já lá se desvia da estrada. Ela contava tudo da história. A comunidade daqui foram a aldeia Cachoeira participar do DARINI, enquanto isso a FUNAI vendeu escondido parte da terra.

Tserezaró: Vocês já estavam aqui acompanhando isso?

Edson: Sim, a gente já morava na aldeia BABAÇU-TSIPRÉ e o pessoal que está morando nessa aldeia TRITOPA veio antes da estrada ser aberta. Nós viemos se dividir por necessidade de ter um novo lugar.

Tserezaró: Vieram antes de o cerrado ser aberto?

Edson: Sim, bem antes.

José Dabeira: Sou fundador.

Tserezaró: Quem veio junto?

Edson: Bastante gente além da minha família. Mas ainda sobrou um pouco de cerrado. Os jovens nos criticam por ter deixado e abandonado o lugar bonito que vocês vão ver.

Tserezaró: Quando vocês fundaram essa aldeia tinha mais animais?

Edson: Muitos animais, bando de caitetu atravessando o rio.

Tserezaró: Quando vocês vieram já tinha estrada?

Edson: Estrada antiga do waradzu, e por aqui eram casas do waradzu, mas fomos nós que tiramos eles. É assim vamos indo.

Fazenda Água Viva

Tserezaró: Essa igreja é antiga dos padres?

Edson: Sim.

Tserezaró: Vocês conseguem lembrar com era aqui antes?

Edson: Sim, aqui a gente brincava com a bola quando era criança. E essa casa é mesma, mas só reformaram e emendaram a casa. O quarto das freiras era daquele lado e o dos padres era pra lá. O mercadinho era aqui na frente.

Tserezaró: E onde os Xavantes ficavam?

Edson: É ali onde nós vamos. Agora fizeram cerca com arame antes era só com madeira, tipo um curral.

Tserezaró: Tinha bastante salesiano?

Edson: Sim, tinha bastante. Eles vinham pra cá de avião do lugar de onde vocês estão (Sangradouro)

Os padres que moravam aqui eram: padre Salvador, padre Luis Alto, mestre José e o mestre Francisco que já faleceu. Aqui tinha um jirau e a porta. A aldeia era grande por aqui.

Tserezaró: Consegue lembrar em que ano?

Edson: O ano eu me lembro porque já tínhamos aprendido a escrever, foi no ano de 58. Ali a casa e essas árvores são recentes. As casas eram de lá pra cá. Agora o HÖ (abrigo dos jovens iniciandos) era aqui pra trás quase no final da aldeia bem perto da nascente.

Tserezaró: Aqui aldeia era limpa?

Edson: Nossa! Aqui era muito limpa na frente das casas. Essas árvores eram do caroço da fruta que os Xavantes comiam e jogava, daí cresceram.

Tserezaró: É ali que vocês tomavam banho?

Edson: Sim e também do outro lado.

Tserezaró para o gravador: Estou indo para o rio onde os xavantes tomavam banho, rio principal ÖWAWÉ.

Tserezaró: Aqui antes de vocês os salesianos já moravam?

Edson: Sim antes da gente, mas do nosso grupo do clã Öwawe já estavam com eles.

Tserezaró: Que ancestral?

Edson: É daquela família que está morando na aldeia MAI'RE'A. Por isso tenho falado para os nossos colegas tentar retomar essa área. E toda essa área já está gradeada.

Tserezaró: Você se lembra quantos anos você tinha?

Edson: Agora tenho 62.

Tserezaró: Os padres devem registrar e fazer os documentos de qualquer jeito, pelo tamanho.

Edson: Pois é, de qualquer jeito mesmo. Éramos novos, crianças. Neste lugar do cemitério já foi gradeado, por isso está crescendo cupim em cima.

Tserezaró: Tinha outro grupo além do seu?

Edson: Sim tinha era lá no CAPITARIQUARA, mas aquela era só uma família. E agora não existe mais. Esse lugar era Sta Terezinha que os padres fundaram e quem estava aqui com os padres primeiro de nosso grupo eram da aldeia MAI'RE'A

Tserezaró: Em que ano os padres saíram daqui?

Edson: Em 61 os padres se retiraram. E daqui fomos na direção de Cocalinho e em 1961 foi esvaziado de vez esse lugar.

Conversa entre Tserezaró e Pemrã (“Baixinho”)

Tserezaró: Você chegou quando era menino?

Baixinho: chegamos de aldeia WEDEZE eu já era (da classe de idade) RITÉI'WA. Da aldeia WEDEZE o grupo veio vindo pra cá para participar de festa e aldeia grande era pra baixo e achamos que íamos conseguir arrumar mulher, mas já não tinha mais. Nosso grupo Xavante passou para Cocalinho para trabalhar para o waradzu “Avô Pereira” que era polícia.

Tserezaró: Em que vocês trabalhavam para ele?

Baixinho: Plantávamos mandioca, cana, milho, banana e era grande roça de toco. Em Aruanã chegou um waradzu querendo nos levar para o Amazônas, mas Pereira não nos deixou ir e nos trouxe de volta. Só nos deram ferramentas e pegaram de volta arma de fogo, porque não fomos e voltamos para Cocalinho e depois viemos a pé para aldeia. Como já sabíamos um pouco sobre papelada, mais tarde veio um comunicado para a missão para a gente voltar a trabalhar.

Tserezaró: Como eles faziam o pagamento de vocês?

Baixinho: é com papel, dinheiro tipo papel.

Conversa entre Tserezaró e Darcy.

Tserezaró: Esse lago (ÔTÔ), os nossos avôs vinham pescar aqui?

Darcy: Sim, vinham pra cá. Por aqui só tem cerrado pra caça.

Tserezaró: Esse lugar na chuva deve alagar não é?

Darcy: Sim, alaga. Fica debaixo d'água.

Tserezaró: Por que tanta cerca de arame? Vocês tão pescando muito?

Darcy: Mais ou menos, acabamos de subir debaixo pra cá.

Aldeia Tritopa - 25/07/11 (Caça no caminho de WEDEZE).

Zé Dabeira: Toda essa terra era nossa, mas a FUNAI vendeu essa parte.

Tserezaró: Quem era a pessoa da FUNAI que vendeu?

Zé Dabeira: Chico Preto trabalhava na FUNAI. E como ele sabia falar em nossa língua, ele estava sempre envolvido com essas coisas.

Tserezaró: Em que ano você se fixaram nesta aldeia definitivamente?

Zé Dabeira: A fundação dessa aldeia foi em 1985.

Tserezaró: Quem era o cacique?

Zé Dabeira: Eu, eu vim fundar aldeia.

Tserezaró fala no gravador: (agora chegamos na balsa).

Zé Dabeira: Esses lugares todos são de caçar.

Tserezaró: Ainda usam pra caçar?

Zé Dabeira: Sim, às vezes caçamos aqui. Estou falando de agora. Antigamente usavam muito essa área. Andei muito com eles, quando ainda na aldeia WEDEZE. E as mulheres também. De ÊTÊDZUTSEREHI eles vinham por aqui de volta em direção de WEDEZE. Os A'uwe eram fortes antes do contato com a alimentação do waradzu.

Reinaldo: Aqui tem uma nascente, chama-se PÓ'ÖPA.

Zé Dabeira: e desse lado também andamos. Mesmo que o fazendeiro não permita. Pois não é errado pra nós. Vamos esperar se eles nos atacam. Aí nós os atacamos.

Tserezaró: Aquele cara o Flávio já conhece vocês?

Zé Dabeira: Que nada! Não nos conhece.

Tserezaró: Não permite a entrada na fazenda dele?

Zé Dabeira: Não permite.

Tserezaró: Mas vocês entram?

Zé Dabeira: Sempre entramos. Mas uma vez ele me cercou, mas depois nunca mais fez comigo.

Tserezaró: Te ameaçou de morte?

Zé Dabeira: Não ameaçou.

Reinaldo: Ele chegou antes de nós no nosso carro e quando estávamos indo até o carro o waradzu foi falar com ele (Zé Dabeira).

Zé Dabeira: Mandei ele chamar a polícia para tirar a gente de lá.

Tserezaró: Ele chamou?

Zé Dabeira: Não, talvez ele quisesse só me assustar.

Tserezaró: Ele estava armado?

Zé Dabeira: Tinha um revólver.

Aldeia Mai're'a, 29/07/11

Pedro ("cacique geral" de Areões): Esse é Fábio, esse de olhos pequenos. Este que estão aqui vieram trabalhar, nos perguntar e dialogar com esses papéis que estão aqui (mapas). Sobre o que eles nos perguntam? Sobre DZOMÕRI, onde os nossos pais faziam com a gente e também onde se fazia caçada com fogo para casamento. De nossas mães fora tomada a terra. Mas temos que fazer trabalho sério e bem feito. Nós temos que falar pra eles de DZOMÕRI, HÕMÕNÕ onde fazíamos, andando atrás de nossos pais para servir filhos e netos. Vamos tentar fazer bom trabalho porque agora estamos sendo pressionado por água (barragens, hidrovía), rodovia e agora essa ferrovia para o waradzu transportar coisas. Se vamos deixar ou não? Se é bom ou ruim? É ruim, não é bom. Eu estou explicando.

Eles vieram aqui nos perguntar sobre lugares. Por que os empreendedores não nos perguntam sobre a obra? Ainda mais se dizem que são donos da natureza como o IBAMA, SEMA e Valec. São três contra a gente pra fazer obra em nossas terras. Nesse lugar tem cemitério. Nossos pais estão neles. São vários cemitérios. Eles vinham caçando no lugar de TSAHÕBO e iam para ÊTÊ'RÃ'URÃ e para DAHÕ'REÑE e depois voltaram para TSÕ'REPRE.

Nós não temos mais onde sair e caminhar, vocês nasceram dentro dessa terra, esta aqui e ali toda a nossa terra onde está margeando o nosso colega (ÕWAWÊ, rio das Mortes). Já tentaram fazer barragens no nosso colega e agora vem com outra história de estrada de ferro. O IBAMA já deve ter autorizado, aliás o governo todo nos traiu. Somente a FUNAI ainda nos protege. Nesses lugares tem o sangue de nossos ancestrais, de nossos pais, de nossas mães.

Reinaldo: Nós estamos trabalhando em defesa de nosso povo e como vamos agir, jovens e velhos. O waradzu não dorme sempre pensando no que vai fazer sem nós percebermos. Somos pesquisadores de Areões. Pimentel Barbosa já fez reunião com essa.

Denílson: Sou pesquisador e estamos fazendo trabalho em defesa do nosso povo. E sem esse estudo não pode ocorrer a obra. Por isso temos que opinar e falar as nossas ideias, se vamos aceitar ou não, mas para não acontecer.

Fábio: Sou do mesmo grupo fazendo o mesmo trabalho para nos defender. Nós criticamos os velhos mas agora é a nossa hora de participar, lutar e explicar melhor para os velhos nos ajudar. Para que não aconteça a obra da AMIRÓIÓTEDE (nome da TI Parabubu para ferrovia. De Pimentel Barbosa é UBUNÕWAWÊ e de Arões é ANHANAIRÁTÕMRIWAWÊ).

Azevedo Tsere'ubuté

Os nossos pais vinham com a gente do AROBONHIPÓ, ali fundaram aldeia e depois vieram para NÕRÕWEDE. Na aldeia PIDZAIBA o grupo (da classe de idade) Êtepa fez Danhõnõ mas depois os nossos pais quiseram voltar para AROBONHIPÓ e fomos e sem demorar abandonamos aquela aldeia grande PIDZAIBA e viemos para cá, para o UHÕHÃ'RE e continuamos andando e no

lugar da BACABA nos dividimos. Aí fomos morar perto do waradzu TSUPARADZAI'IDI, Xavantina e depois acharam Areões, NÔRÔWEDE NA'RADA. O grupo que se retirou da gente foi morar lá no CAPITARIQUARA. Ai todos nesse lugar anadavam com a gente e eles conhecem muito bem os nomes dos rios e dos lugares. Eles iam para o PETOROPA (rio Sete de Setembro), faziam dzomõri nesse rio.

Pedro

Da aldeia WEDEZE vinham caçando no APE e iam até NÔRÔWEDE e na volta atravessavam o córrego Água Preta (ÖDZAHIRE). Do lugar AROBÓ'RERE o pessoal de Pimentel ia e também para PO'ONA'RADA e para TSIBA'APRÉRE NHÔ'U'U e de lá voltavam.

Agora Areões. Fazíamos dzomõri beirando NÔRÔWEDEPA do outro lado do rio até o ri'tu; ali acampávamos na foz desse rio Areões. No dzomõri chegávamos até APTSIPA e íamos pra cima, para o córrego PEWATÔPA e quando voltávamos parava em Água Boa. Na volta a gente vinha na direção do ÖWARA (Culuene) porque o pessoal de Pimentel estava do outro lado, então nós lá e eles pra cá.

Agora lá no nosso lugar deram o nome de PANHÔ'U que é o rio Pindaíba. Lá paramos num buritizal e atravessávamos no PÓDZENHÔ'U. E íamos para o UIWEDETSI'ROPTÓ tem esse nome do lugar e outro é WEDEPAWAIRO e ali também acampávamos. No WEDEPAWAIRO tem muito sucuri e matrinchã. Foi o waradzu que deu o nome Borecaia, na nossa língua é NÔRÔSUSUPA, dado pelos nososo pais. Tem o U'A'ËNË bem no começo do rio Borecaia.

Marechal Rondon

Alfredo Tseredze

Teve divisão de xavante que moravam na mesma aldeia e daí se dispersaram (isso) quando nós éramos adoslecentes etêpa do segundo grupo de wapté. Daí foram morar (perto) do Arlinho waradzu com a gente. Neste início de história o meu irmão mais novo faleceu. Outro grupo de divisão foi na direção de ITSE TSUTU'HIRE e depois ninguém os viu – morreram todos. Outro grupo dos nossos ancestrais vieram margeando o rio ÖWARA (Culuene) e fundaram aldeia no encontro dos rios, naquele lugar onde já ia (depois) virar para o povo Bakairi. Ali morreu minha mãe, nome dela Ró'ówadó. E continuou dzomõri e depois para Simão Lopes. Quando voltaram para a região de Paranatinga TSÔROPRÉ vocês sabem é bem na beira da estrada onde tem buriti. Ali morreu meu avô, ele era antigo do (classe de idade) tirowa. Voltamos e chegamos na aldeia e os dois tsaworo'wa foram lá (ver) e meus compadres i'amo estavam esperando com suas famílias. Mas surgiu epidemia na aldeia e por isso fugimos. Nosso pai faleceu em baixo de ÊTÊ'A nesse dzomõri e sua comadre também, nossa tia faleceu ali também no mesmo lugar, a mãe do meu cunhado Moisés. O lugar é em frente a Água Limpa, do outro lado do rio de cá e na frente tem dois morros. A partir daí o povo se espalhou e eu vim junto com i'amo (compadre), eram só os dois do grupo (classe de idade) hõtörã. De lá viemos escondidos para ÖDZA'ITIRE onde tem muito pé de bocaiúva. Não sei se era mês de julho mas vimos a queimada duas vezes e em seguida Chico Tsimanawé mandou recado que era para irmos para a aldeia Bakairi fazer contato – e fomos. Eu e minhas irmãs éramos wapté e fomos. Chegamos perto de onde faziam tijolo e eles apareceram (bakairi) e eu tive medo deles. Nos cumprimentaram e deram comida para nós, eu achava que a comida não prestava (pois os bakairi) eram (considerados pelos xavante) I'urópa. Depois aos poucos pessoal foi chegando. E fomos fazendo homonu lá no (rio) Jatobá. E fizemos dzomõri também na direção de TSIMARÔPE, apenas uma visita (...). Outra vez aconteceu falecimento e dessa vez foi minha irmã bem no na nascente do (córrego) Casteli afluente do Jatobá. Ali nós wapté saíamos da beirada para matar pónére (veado campeiro). De lá saíamos

para o WETSUTEDE e lá fizeram queimada de caça coletiva. Então Xavante sempre dando volta por aqui.

Tino: quantas vezes vocês voltaram e forma para lá e para cá (entre o Culuene e o Batovi)

Alfredo: eu só fui uma vez (para o Culuene) e voltei. Ai é só por aqui (Batovi). Puxei os outros para cá só depois que furei a orelha. Quando eu era wapté não sabia se íamos nos dividir, porque não sabíamos para onde o outro grupo foi (...). Os ihi (anciãos) explicavam bem com o nome dos lugares, já conheciam muito tempo quando faziam wadzuri, dzomōri. Por isso contavam do posto (do SPI) instalado para amansar os a'uwē e por isso fomos na direção do posto (...).

Noutra ocasião, na cheia, atravessamos o rio Piranha e o meu sogro foi junto. Tudo isso não é neste lugar, mas lá embaixo (descendo o Batovi) onde os xinguanos dominavam. No dia seguinte continuamos. Naquele Ró tem bastante u'a (pequi) e pegamos e comemos e os kayapó e xinguanos devem ter fartura de pequi. E lá, nesse dzomōri, lá longe, minha irmã faleceu, num rio que vem do Xingu e na beira dele era ri'tu (aldeia velha). Nesta aldeia fizeram wai'a e depois eu adoeci e meu finado tio, Tsere'u'e, me curou (...). Vindo do dzomōri passaram onde termina os pés de babaçu chegando para o rumo da aldeia e os Tsaworo'wa já se preparavam. Ai chegamos. Lá nestes lugares que falei tem muita sepultura: meu tio Ípotó'wa, meu pai Tsitsipi; minha irmã Ró'obe; meu sobrinho Tsere'ubudzé;, filho dela; meu cunhado Nelson Wa'ruprere; e tem também o meu irmão que a cobra picou, nome Jorge Tseredzadai'ré. Lá no ETË'RERE. Fico teimando com o cacique para retomar essa área. Sepultura xavante tem em toda parte por aqui.

Parabubu

Tsimitsute (pesquisador indígena): eu queria que a gente fosse encontrar bando de animal como caitetu e onde eles andam?

Velhos: é a nossa vontade e naquele Tsimi'rāmi Marã - mata cruzando o cerrado do outro lado do rio que ainda tem, ali tem animais e uho (porcos-do-mato).

Antigamente, quando fomos caçar, caçamos bando de porco e paramos naquela final da cerca que não tinha antes e depois foram parar na beira de Ô'parahi ("córrego dedo do pé" = rio Couto de Magalhães).

Tsimitsuté: Qual lugar?

Zacarias: Ali, bem na ponta do morro e aquela estrada está beirando para cá do outro lado do rio e vem da fazenda Xavantina. Essa estrada vai encostar para rio couto.

Darci Neto ou Nascimento segundo informação diz que comprou essa terra e depois o filho dele José Grande e com Jaime fizeram sócio e porque o pai (Mario Arruda) do Jaime já tinha falecido, então, dele era essa herança. E outro José do Diamantino o ajudou e toda essa terra grande pertence a ele. E depois comprou mais fazenda Mata Verde para filho enquanto estava vivo. Com toda dessa área nós fazíamos queimada coletiva de dzamōri e du'tsu e dessa ocasião fui conversar com o finado Arruda. E a gente tinha doença gripe tsib'a'a pe'eho, mas fizemos queimada e por isso nesse momento que estou caminhando, estou emocionado e com saudade lembrando do passado desses lugares. Sei que ninguém tem coragem, alias todos (temos que) pensar para retomar essa área, mas vocês estão aqui me levando nesses lugares e torço que vocês tenha força contra essa obra que estão pensando waradzu construir estrada de ferro.

Penso que explique bem para os autoridades rōti'wa nōri e eu trabalhador, já aprendido falar em português, já estou esquecendo e está ficando mais difícil cada vez mais para mim. Por essa razão espero que explique bem para a autoridade os detalhes que está vendo e ouvindo de nós. Assim termino de falar porque já estou morrendo de sede.

Meu nome é Pedro, eu vou falar, sei que (os jovens) não estão nem aí com essas coisas e sei que estão querendo se tornar waradzu mesmo eles não nos respeita e nem gosta. O Rondon me ensinou muitas coisas e aprendi com ele, porque eles não nos respeitam, vinha expulsando de terra os nossos antepassados e ainda ninguém acordou para essa situação. Eu era sozinho com essa luta em defesa de nosso povo, mas agora a maioria da pessoa xavante fala de si que cuidou o povo, protege e ajuda seu povo, porem isso não é verdade e eu fiz tudo isso porque sou neto de A'UWÊ UPTABI. Fiz tudo seguindo o mesmo caminho, trabalho de nosso ancestral povo autêntico TSA'AMRI, essas comunidades que estão morando aqui, fui eu que salvei e por isso estou perto de ETETSI'RI. Nós que fizemos a demarcação de terra, porque o waradzu vem invadindo terra e se espalhando por aqui. Por isso fiz questão de fazer essa luta contra waradzu em defesa do povo e do Ró, cerrado.

Zacarias: Esse PÓDZÉ NHÕ'U - lugar costuma ter mais cervo - vem de Ö'PARAHI e futuramente você estará explicando bem, e nesse caminho seguindo ITEHUDU vamos atravessar a ponte, esse lugar de ETETSI'RI, já estamos dando volta completa da testa de morro, talvez depois que a gente pare na ponte ou para cima, mas ainda vou vendo os lugares.

Tsimitsute: Onde é Ö'PARAHI e já estamos chegando para ÊTÊTSI'RIRE?

Zacarias: Não já estamos passando o ÊTÊTSI'RIRE, é todo esse lugar já, porque é o morro parecido com a nossa casa e é por isso recebeu esse nome. Esse lugar é de caçada, de fazer DZOMÕRI, não 'RITU, mas tem sepultura, porque sempre acampávamos do lado, assim perto, por isso é mais falado e referência do A'UWÊ.

Zacarias: no lugar de Êtêtsi'ri, já teve guerra civil entre o povo Xavante, por isso é lugar histórico e já estamos dando volta na cintura e todos esses aqui já são PÓDZÉ NHÕ'U. Todos desses lugares eu penso que os waradzu (devem) pagar a indenização para nós A'uwê em troca da terra que estão usando, colhendo frutas nela. Só isso.

Pedro: Nesse lugar caçamos bando de cateto, cervo, anta. Aqui tem sepultura, mas é do outro lado e não tinha 'RITU. É só de fazer (só fazíamos) DZOMÕRI. Quando surgiu a tosse tsib'a na aldeia, pegou muitas crianças e algumas morreram e por isso viemos aqui (para) descansar, caçar e fugir de doença. Daí, fomos fazendo DU DZARÕRI-QUEIMADA, CAÇA COLETIVA.

ETETSI'RI (MORRO FORMATO DE CASA), são bem fileiradas que nem uma aldeia de casa, tem muitos animais como anta, cervo, cateto e tem animais ferozes onça, onça-parda. Mas não tem animais desconhecido como saci, outro MARI PARAPA-PÊ COMPRIDO, não tem leão-hu'u dzérépa, WAHI WAVE-COBRA GRANDE também não tem. Fico com pena desses lugares que estão carecas e waradzu faz destruição mesmo.

Zacarias: eu viajei com finado aqui, lá tem campo de pista e onde vamos atravessar e lá tem capela dos índios, e onde nossos tataravos ficavam e onde vamos parar também, por isso eu falei. Eu vim de lá para cá andando a pé lá do Posto (do SPI), no dia que eu cheguei, pousei aqui onde vamos passar na ponte e no outro dia meu sobrinho chegou, Raul, as crianças tinham adoecido na aldeia...

Zacarias: Primeiro dono era finado José Grande, antes da fazenda (ser vendida para) Banco Safra, mas agora o povo que mora fecha na tela e tranca portões. E tem gente fechando o (rio) Couto com tela.

Zacarias: Esse aí é WABDZÉREHURE e ali é represa, córreguinho e toda essa terra era só cerrado, agora os a tornaram careca só com plantação. Eu vim por aqui porque conheço, se chama wabdzéré'wapré é o mesmo de wabdzéréhu, ali é o local e convivência do A'uwê, mais na frente um pouco era o pátio da aldeia, aqui teve e aconteceu Darini-Segredo dos homens, é aqui pessoal de Tsõ'repré veio

atacar morador daqui e colocaram na casa do avô do meu sobrinho que está com machado no momento. Por isso vim te trazer para saber da historia.

E do outro lado do rio Piranha teve massacre, mas acho que não vou contar, porque é do lado do pessoal de Marechal Rondon, da geração daquele, não sei se é seu avô ou seu tio meu sobrinho A'AMÁ-defensor do grupo, está no local, Zézão. U'reredza'u, Marãiwara e também Wa'ané e outros sobrinhos deles foram massacrados juntos. Um sobrevivente o nome dele é Duiwê, não sei se ele era adolescente quando salvo. Essa pessoa já faleceu lá em Pimentel Barbosa. Esta (aldeia) era 'RITU grande, mas o waradzu não pensa dessa coisa importante e ITÓPÓ'Ó'Õ -NUNCA ACORDA, NUNCA QUEBRA OLHOS, ABRIR OLHOS PARA ENXERGAR.

Aqui que estamos aqui é (a fazenda do) Banco Safra que é era sede do finado José Grande Mararruda. Por aqui tinha sepultura, cheio de pé-de-mancaúba, mas está tudo derrubado e gradeado. Vendo toda essa situação dos lugares históricos nosso, me fez discursar ontem para que esse trabalho seja continuado, com força, sem medo porque somos dono da terra. Só isso.

Pedrinho: Nós dois sempre fazemos o trabalho, outros parentes não vinham com a gente trabalhar, esse trabalho é parecido que fazíamos, ainda bem que nos encontrou é difícil fazer serviço em favor do povo. E outros já são mansos porque são comprados e aí ninguém vai querer defender o povo. Antigamente TSA'AMRI que sempre andou sozinho, cuidando da comunidade, governava sozinho e fazia tudo bem só. Ninguém entende mais da historia desde o contato como ele? Houve uma vez que o waradzu pegou garrafa de querosene e queimou no pátio-warã para assustar o A'uwê e depois jogou no rio e rio com fogo. Ali, A'uwê contou local da garimpagem para waradzu em troca de dinheiro e foram levar ao local os waradzu atrás dos xavante. E com arma de fogo e até entraram no buraco e ali foram mortos pelos waradzu. Ali é o primeiro massacre com o povo A'uwê. Depois disso se reuniram para fugir a noite, chamaram a chuva para enquanto isso fosse embora o povo.

Nós queríamos que o trabalho fosse bem feito em todas as terras, aqui era nossa vez de fazer bem direito, porque tem tudo haver com a situação de Terra Indígena Marãiwatséde, mapear direito e que fosse bem registrados, mas durante percurso nos perdemos e sem comida. Dessa região conhecemos, desse lado de Maraiwatsede, no fim de marãiwawê onde se fazia também queimada e todo RÓ são explorados pelo Xavante. Nós dois agimos, fazendo esse trabalho, porque ouvimos que as estradas irão cortar nossas terras, porque nós amamos o Ró e os a'uwê e será muito perigoso.

Zacarias: Agora estamos indo na direção de PETOROPA, no meio de rio havia aldeia antiga. Aquele ali do outro lado do rio o RÓ e de Pimentel Barbosa, a gente não ocupava, e do outro lado é de Xavantina. E onde eles faziam a queimada era só do NOROTSU'RÃ e do outro lado também é do ONHI'UTURE TE HÃ-PERTENCE AO ONHI'UTURE, é assim era a divisão. Esse RÓ era de fazer DZOMÔRI, aquele ali o nome é de Bru'õtõnhõ'u e o mesmo de ITSÕ'UPA, mas nem sempre é o mesmo nome, porque quando outro ia do mesmo lugar, aí já davam outro nome por isso está com dois nomes. Daqui já é ITSÕ'UPA e BRU'ÕTÕNHÕ'U. Aqui não havia 'RITU e depois recebeu o nome de TSÔTÉ'RÃPU'UDZÉ e por aqui vim correr atrás de caeteto na caçada. Outro esse rio no meio tem bolicho. E outro rio lá em cima que vem de Xavantina e daquele braço do rio no meio tem um bolicho também. E depois dali o nome de Igarapu do lado de ETEWAWÉ, depois de caminhada, caçando voltando de ETEWAWÉ e ETEWAWÉ é um 'RITU onde o grupo unido de A'UWE moravam antes da divisão. O rio de 7 de Setembro é o braço de PETOROPA. O rio de TSÔTÉ'RÃPU'UDZÉ recebeu o nome por motivo de nosso ancestral foi machucado na cabeça. Aptsihu –cheia de espécie de abacaxi e depois vem o nome do rio APTSIPA-CORREGO DE ABACAXI, onde na caçada o bando de cateto entrava no meio e só davam volta sem sair do círculo e era lugar do

esconderijo. Se eu crescesse aqui quando eu era criança, eu ajudava o povo, conhecia todos os lugares, mas assim lembro muito bem dos nomes de RÓ e aldeias. Esse rio é vaniquinha e em nome xavante Tsuwaipópa. Esse território é DAHO'RENE, mas mais pela frente é 'RITU aldeia antiga onde waradzu massacrou o povo A'UWE. Ainda estamos na direção de PETOROPA e na volta vai ser DAHO'RÊNÉ. Esse é fazenda Jaraguá que foi desativada há muito tempo e ninguém sabe o motivo. É aquele ali é pedra, tem 'RITU que é ETEWAVE. E essa estrada principal que chega para PETOROPA e depois vai para outra fazenda. Se eles querem mesmo fazer estrada, vai daquele lado.

Culuene

Francisco: Os wahi'iratanôri (ancestrais) faziam dzomôri na cabeceira do rio ITSIUWADZIPA e acampavam na beira do marã (mata ciliar) para facilitar pegar água e comida.

ITSIUWADZIPA cai no PEHÖI'IRÊPA onde os nossos irmãos gostam de pescar. Perto desse rio tem cemitério do meu tio. Depois que o meu tio faleceu os A'uwe resolveram mudar para outro lugar. Eles atravessaram na TSU'UREHI e na WAPTSÂHIRE. Aí eles seguiram WAPTSÂHIRE até a cabeceira do rio Cachoeira (Ö'A'A). Atravessaram no ÖWARA viram pedra seca como se estivesse fora da água. Alguns deles estranharam.

Ciro: Aquela cachoeira que tem pedra seca fica embaixo da barragem ou não?

Francisco: Fica embaixo da barragem. Perto da barragem. Esse lugar ÖWARA era muito lindo muito gostoso de morar. Sim eles moraram alguns dias lá. Depois mudaram de lugar pro outro lado do rio ÖWARA.

Ciro: Esses rios que espalham são de WA'WARÉPA.

Francisco: É isso que eu estava falando, o RÓ era fechado, mas agora ficou muito aberto. O rio WA'WAREPA começava no rio ÖWARARE antigamente. Pescamos nesses dois rios, mas agora esses rios foram cercados por roça mecanizada e fomos expulsos pelo waradzu. Esse lugar tem bastante U'BIRÁTÂHU (taquara) mas mesmo assim nossos ancestrais caçavam, mas agora não tem mais, só tem pasto de gado. Perto desse morro o waradzu incendiou casa do A'uwe.

TSIUTUHIRE é o lugar que os waradzu pegaram nossa tia. Ela não resistiu e morreu um dia depois.

NÖRÖWEDEPA é mais conhecido entre os A'uwe. A nascente dele começa próxima a nossa região. Quando fizemos dzomôri entramos na mata Grande e ficamos tres dias, e as mulheres aproveitaram pra tirar coco de babaçu, o lugar era mais fresquinho. Depois seguimos caminhando, matamos muito bicho. Isso aconteceu antes de vocês nascerem. Os TSAWÖRÖ'WA iam na frente procurando waradzu e procuravam também um bom lugar para ficar e fazer acampamento.

Quando morava no 'Itehudu, os iprédu estavam fazendo caçada com fogo, depois que todo mundo chegou no local para descanso me disse que esse riozinho cai no Etetsiôni e tem bastante 'Rawa neste rio. Durante Dzomori o nosso tio morreu na beira do Rio Wa'wapa, pois alguns dias antes a esposa dele morreu também chamava-se Wa'râti, aí passou mal e não resistiu. Uma dabatsa (caçada para casamento) aconteceu perto do rio Culuene até Êtêtsi'reri (morro da casa), aí tem um lugar que eles acampavam 'utu'wa'ahö depois de 10 dias eles voltaram, para voltar tem que atravessar no Rio Tsibzibipa e no Wa'wapa.

Antigamente o pai do meu pai o nome dele era Tsirowi, foi amaldiçoado pelo feiticeiro, mas mesmo ele sendo guerreiro foi morto pelos waradzu no Rio Pehoire. Os waradzu cercaram os A'uwe para matar todos eles, mas de repente a onça captura um waradzu aí eles saíram correndo com medo da onça. Os A'uwe tentaram matar a onça e conseguiram daí deram o nome de Hu'uhi.

Tsirowi queria vingança por meu primo que foi massacrado pelos waradzu, aí ele resolveu ir atrás dos waradzu, como eles estavam caminhando na cabeceira do Paranatinga, Tsirowi agarrou um deles para lutar corpo a corpo, mas logo o waradzu atirou e acertou no braço dele.

Quanta emoção (ao percorrer o) no antigo rumo dos nossos ancestrais; sinto-me doloroso com os waradzus porque expulsaram os A'uwe.

Emociono-me ao percorrer os lugares de caçada dos meus ancestrais (também) antiga aldeia, cemitério, acampamento. Por isso os waradzu têm que abrir caminho para itsi'uwadzitede (ferrovia) longe do cemitério dos nossos ancestrais, senão pode trazer muitas coisas ruins para os nossos netos e bisnetos. Como estou sobrevivendo ainda (enquanto eu viver) não deixarei que waradzu façam ferrovia por cima do cemitério xavante (wahi'rata'ru). Eu quero que eles passem para lá do Rio Culuene para não trazerem doenças estranhas. Estou dizendo para os Itõ' mhötsupré ("gaúchos" = "gente de pescoço vermelho"): porque estão querendo fazer Ferrovia dentro das nossas terras? Enquanto nós Ihi (anciãos) vivermos não deixaremos passar na nossa terra, pode ser que os bisnetos deixem passar.

6 Cenários: o empreendimento, o desenvolvimento regional e os Xavante

Produção de soja em Mato Grosso bate recorde. Estado colhe mais de 53 sacas por hectare

14/05/2011

Além de bater o recorde de produção de soja, tornando-se o primeiro Estado do país a superar os 20 milhões de toneladas, Mato Grosso registrou na safra 2010/11 sua maior média de produtividade, 53,3 sacas por hectare. Os números são do levantamento do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agrícola), que aponta aumento de 9,3% na produção em relação à safra anterior, com incremento de três sacas por hectare na produtividade média. "Esse resultado foi alcançado mesmo com os danos causados pelas chuvas ao potencial produtivo no decorrer da colheita", diz a entidade, em relatório publicado nesta semana. Mato Grosso produziu nesta safra, segundo o Imea, o equivalente ao que o país inteiro produzia há 19 anos. O volume de soja equivale, segundo o instituto, a 8% da produção mundial do grão. "O Estado plantou área de 6,4 milhões de hectares com soja e colheu, assim, 20,5 milhões de toneladas. Esses dados consolidados revelam Mato Grosso como o primeiro Estado brasileiro a produzir acima da casa dos 20 milhões de toneladas em uma safra, diz o Imea. De acordo com Otávio Celidônio, superintendente do Imea, o resultado positivo decorre de uma "combinação de fatores". "Um dos principais foi o investimento. Nesta safra, não houve economia com fertilizante e os produtores empregaram a tecnologia adequada." (...)

Rodrigo Vargas
Folha de S. Paulo - de Cuiabá

Produtor quer trocar pastagem por plantio de soja no Mato Grosso

O Mato Grosso deve expandir em 3,4% a área para plantio de soja na safra 2011/2012, que começa a ser preparada no estado. A explicação para o incremento não estaria no fato da abertura de novos territórios mas sim na incorporação e transformação de áreas de pastagens em solos agricultáveis. Ao fazer isso, a área total da cultura deve superar 6,6 milhões de hectares. As regiões nordeste e norte do estado podem registrar os maiores incrementos sobre as pastagens, com percentuais de 9% e 5%, respectivamente, quando comparados à safra passada, pela projeção do Instituto Mato-grossense de Economia e Agropecuária (IMEA). "É uma aposta. Temos muitas áreas de pastagem que hoje estão degradadas e sem uso. Todas elas podem ser utilizadas", explicou a analista de agricultura da Federação da Agricultura e Pecuária do Mato Grosso (Famato), Karine Gomes Machado. De acordo com a analista, as projeções para a próxima safra mostram-se favoráveis no estado. Com o incremento na área de soja, a partir de pastagens, o estado deve

produzir 2,3% a mais em relação ao ano passado. Se o cenário se concretizar, Mato Grosso pode superar 21 milhões de toneladas do grão sendo este o melhor resultado desde 2007, quando foram 17,6 milhões de toneladas.

Nesta safra 2010/11, a produção no estado ultrapassou 20,5 milhões de hectares. "O cenário da safra de 2010/11 foi muito positivo e o da 2011/2012 será bom", pontuou a analista. Há pelo menos três anos o agricultor Gilmar Dell'Ossel aposta na transformação de pastagens em áreas propícias ao cultivo de diferentes culturas. Segundo o produtor, o saldo tem sido positivo. Para o próximo ano, ele pretende utilizar 200 hectares para semear soja, aumentando para 1,4 mil hectares sua área total com a cultura. Metade ainda no primeiro semestre e, o restante, no segundo semestre. A valorização nas terras contribuiu com o cenário porque encareceu a compra de espaços abertos. "Vou transformar os 200 hectares de pastagem em lavoura. É preciso agregar [os espaços], aos poucos, pois nessas áreas de pastagem você colhe menos", explicou. A 'corrida' visando a safra 2011/2012 em Mato Grosso já começou. Segundo o IMEA, a maior parcela dos componentes necessários para o preparo da terra e plantio já foi adquirida. É o caso dos insumos, cuja aquisição atingiu a casa dos 90% no estado. Conforme o Instituto de Pesquisas, para sementes o percentual chega a 94% e, de fertilizantes, outros 90%. "O ano-safra encerra em julho e a partir deste mês os agricultores já começam o preparo para a próxima safra", completou a analista Karina Gomes Machado, da Famato. Fonte: DCI

<http://auroraserios.com.br/imprensa-aurora/noticias-agricolas/265>

Mostrou-se em alguns dos capítulos precedentes que o desenvolvimento do leste do Mato Grosso foi possível por interveniência do Governo Federal nos anos 1940, com a finalidade de estabelecer núcleos de colonização em terras reputadas “livres” – sobretudo dos Xavante.

Apesar de a soja ser o vetor mais recente do desenvolvimento daquela região (e da sua degradação ambiental), o passivo ambiental da região já existia. Está associado à história de ocupação da região, marcada pelos projetos da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), criada em 1966, pelos projetos de colonização do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e de empresas particulares.

O resultado foi a intensa especulação de terras, desencadeada com força nas décadas de 1950-1960, como apontado, e o incentivo ao desenvolvimento agrícola e pecuário, sem qualquer tipo de cuidado ambiental. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada no Mato Grosso passou de 920 mil hectares em 1975 para 6 milhões de hectares, em 1983.

Como visto antes, a história recente do leste do Mato Grosso teve início, do ponto de vista do Governo Federal, nos anos 1940 quando o presidente Getúlio Vargas criou a Marcha para Oeste. O objetivo era desbravar uma parte do Brasil, até então desconhecida e isolada do contexto capitalista nacional, e realizar obras de infra-estrutura para permitir sua ocupação por não-índios e integrar economicamente o Centro-Oeste ao Norte e Sul do país. Paralelamente,

Vargas organizou a Expedição Roncador-Xingu, cuja missão era abrir o caminho e realizar o reconhecimento oficial das áreas ocupadas pelos povos indígenas. O nome foi dado em referência à Serra do Roncador, divisor de águas entre o Rio das Mortes (Bacia do Araguaia) e o Rio Xingu, no leste do Mato Grosso. A expedição era subordinada à Fundação Brasil Central (FBC), criada no mesmo ano (1943) e cuja meta era estabelecer núcleos populacionais. Por força desta política, estabeleceram-se os núcleos de Xavantina e Barra do Garças, em territórios ocupados e utilizados por subgrupos Xavante. O governo estadual por seu lado começaria a liberar glebas de terras devolutas para essa colonização.

Até a década de 1950, grande parte dos cerrados no leste do estado do Mato Grosso estava bem preservada e praticamente intacta; nos anos 1960 a estratégia do governo federal de intensificar a ocupação na região das nascentes do rio Xingu, gerou os primeiros desmatamentos a leste do Parque Indígena do Xingu, cujas terras haviam sido delimitadas pelo presidente Jânio Quadros em 1961.

A ocupação da região das nascentes do Rio Xingu não se restringe, no entanto, aos grandes empreendimentos agropecuários. O outro eixo da estratégia de ocupação e desenvolvimento da região foi a política de colonização dirigida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e contava com incentivos fiscais da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) para projetos privados de colonização. Essas iniciativas foram implementadas nas décadas de 1970 e 1980, destinadas ao assentamento de pequenos produtores do sul, à produção de lavouras alimentares (arroz, milho e mandioca) e ao desenvolvimento da pecuária bovina. Os projetos de colonização de caráter público ou incentivados por políticas públicas tornaram-se marcos importantes na formação de cidades.

Apesar da maioria dos programas governamentais de desenvolvimento da Amazônia estar associados ao estímulo à grande propriedade agropecuária, a política empreendida pela Sudam foi a principal responsável pelo avanço da fronteira agrícola e das grandes propriedades rurais no leste do Mato Grosso. O sistema funcionava basicamente por meio de financiamentos concedidos pelo governo para empresas que estavam dispostas a ocupar e produzir na região leste do Mato Grosso, tendo como enfoque principal a criação de gado. A Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, uma ONG formada por empresas privadas, aponta que até 1985 foram aprovados pela Sudam 950 projetos em toda a Amazônia. Desses, 631 eram de pecuária. Além disso, 44% dos créditos da Sudam eram destinados a essa atividade, somando US\$ 700 milhões até 1985.

O tamanho médio das fazendas beneficiadas pela Sudam era de 24.000 hectares. No total, o governo financiou a compra de 8,4 milhões de hectares de terras em toda a Amazônia. A região leste do Mato Grosso, que compreende as bacias dos rios do Xingu e do Araguaia, foi a que recebeu os maiores incentivos concedidos. Um exemplo é a fazenda Suia-Missu, a primeira a ser criada na região, que, de 1966 a 1976 recebeu US\$ 30 milhões e chegou a ter 560.000 hectares.

De acordo com a Federação da Agricultura do Estado do Mato Grosso a importância da Sudam como financiadora do desenvolvimento agropecuário na região se tornaria ainda maior a partir de 1977, quando teve início a formação do pólo produtor de *commodities* agrícolas, no norte mato-grossense. Nessa época aconteceu a divisão territorial e administrativa do antigo estado do Mato Grosso, que deu origem ao estado de Mato Grosso do Sul. A necessidade de ocupação das regiões do Médio-Norte e do Norte Mato-grossense estimula uma presença maior daquele órgão federal, bem como de outros programas federais, como o Polo Amazônia, o Polo Centro, o Polo Noroeste, o Programa de Integração Nacional (PIN), além da Sudam e da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco). Nesse período ainda o Governo Federal viabilizou a construção da rodovia BR-163 fator decisivo para a formação de cidades como Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso e Sinop. (<http://www.socioambiental.org/esp/soja/shtm>)

Quem nos conta sobre a ocupação do entorno do Xingu pelos projetos de colonização é o pioneiro gaúcho Carlos Mazurek. Ele chegou em Canarana, uma agrovila em 1976, para garantir o “futuro digno” que não poderia dar a seus filhos no Rio Grande do Sul, devido à baixa qualidade e ao alto preço da terra, à falta de crédito e à expansão dos grandes latifúndios sobre as pequenas propriedades. Mas ele diz que o início da vida no Mato Grosso foi bem mais difícil do que imaginava.

“A propaganda era muito boa. Diziam que teria colégio, hospital, pontes (...) mas parece que não teve dinheiro para avançar o projeto”, conta Mazurek. A infraestrutura na região permaneceu extremamente precária de 1972, quando foi inaugurada a primeira agrovila do Projeto Canarana, até o início dos anos 1980, quando o governo do Mato Grosso asfaltou quase toda a estrada ligando Canarana a Barra do Garças (idem)

Essa situação se repetia em projetos de colonização da região, conforme aponta o geógrafo Júlio César Suzuki (2002). Segundo este autor, de 1974 a 1980, duas mil famílias gaúchas foram para a região de Água Boa (MT); destas, apenas 35% tiveram sucesso e permaneceram ali - o que é considerada uma boa média, acima dos 20% a 25% previstos para esse tipo de empreendimento. De acordo com Suzuki, a organização dos trabalhadores rurais e pequenos proprietários do Rio Grande do Sul em torno das cooperativas era um padrão de

colonização na região. O grande atrativo eram os lotes de 400 hectares que recebiam. No Rio Grande do Sul o tamanho médio da pequena propriedade era de 2,5 hectares. É o que a Federação da Agricultura do Mato Grosso classifica de “migração por reserva de valor”, ou seja, com o dinheiro obtido com a venda das terras no sul, os agricultores podiam comprar extensões até 100 vezes maiores no centro-oeste (<http://www.socioambiental.org/esp/soja>).

Simultaneamente à elaboração do projeto Canarana, a empresa colonizadora Coopercol compraria 122 mil hectares de terras para a implantação dos projetos *Água Boa I e II*, *Canarana II e III*, *Garapu*, *Vale Serra Azul* e *Areões* – terras estas integrantes do território Xavante até os anos 1960. O sucesso obtido pelos colonos pioneiros não se repetiu com os que vieram depois, conforme Suzuki: o apoio necessário por parte da colonizadora não veio como prometido e os custos da infra-estrutura básica dos projetos foram assumidos pelos novos colonos. Além disso, não se repetiu o incentivo expressivo do governo federal. Empobrecidos e com dívidas dos empréstimos, a maioria dos colonos desistiu do projeto, voltando para suas terras de origem ou tornando-se assalariados nas cidades e áreas próximas.

Esses modelos de projeto estavam associados à colonização oficial. Contudo, logo após a implantação do projeto Canarana, o governo federal fez concessões em grandes extensões de terra, na forma de glebas, para projetos de empresas privadas de colonização, que vendiam lotes de vários tamanhos. Tal política redundou por estimular a concentração de terras, já que, muitas vezes, os pequenos produtores não conseguiam alavancar sua produção e acabavam vendendo seus lotes para os grandes proprietários.

No final da década de 1970 os projetos de colonização, muitos deles mal sucedidos, já começavam a ser pressionados pelos grandes empreendimentos agropecuários da região, que buscavam comprar novas áreas para a sua expansão, contando ainda com os financiamentos concedidos pela Sudam. Segundo o texto do Instituto Socioambiental citado (*O Xingu na mira da soja*) o já mencionado Carlos Mazurek conta que os pequenos e médios produtores só conseguiram adquirir terras até 1977, pelo projeto governamental Pro-Terra. Depois disso, qualquer novo imigrante acabava se dedicando ao comércio, pela impossibilidade de comprar terras frente à expansão das grandes propriedades. Mazurek afirma que até o financiamento na década de 1980 foi dificultado para os produtores menores, uma vez que os recursos eram direcionados preferencialmente às grandes propriedades.

Tal situação seria constatada pelo Instituto Matogrossense de Economia Agropecuária (IMEA), órgão do governo estadual de suporte ao agronegócio, em 2010. Em

um breve estudo sobre a evolução da concentração da produção de soja em Mato Grosso de 2004 a 2010 – e visando demonstrar o porquê deste acúmulo nas mãos dos vinte maiores grupos produtor de soja no estado – conclui-se que

A escala de produção é um fator determinante quando falamos de margem de lucro. Isso porque com um maior volume o poder de barganha aumenta consideravelmente, tanto para a venda do produto quanto para a compra de insumos. Relatos apontam para descontos de até 20% nos preços pagos pelos insumos de produtores com escala acima de 10 mil hectares, quando comparados com produtores de menos de mil hectares. Além disso, uma modelagem realizada pelo Imea mostra que mesmo sob condições igualitárias de preços para a comercialização de insumos, venda dos produtos, produtividade e eficiência de produção, as fazendas com grande escala têm grande vantagem econômica. A razão desta vantagem está na otimização do uso de maquinários, mão de obra, depreciação de equipamentos e custos administrativos (...).

Para a elaboração deste pequeno, porém elucidativo, estudo, foram levantadas as áreas de cultivo dos vinte maiores “grupos” produtores de soja no Mato Grosso na safra 09/10, dos quais também foram levantados os mesmos indicadores da safra 04/05. Os resultados estão expostos na Tabela abaixo.

Tabela 13: Área plantada com soja no Mato Grosso
(Área em mil hectares – Fonte: IMEA, 09/08/2010)

Ano Safra	20 Maiores Produtores	Participação na área	Total MT
2004/ 05	533.739	6.105.200	9 %
2009/ 10	1.228.863	6.217.450	20%
Evolução	130,24%	1,84%	11 pp

Os dados demonstram que os vinte maiores produtores em 2010 semearam em 2004 pouco mais de 533 mil hectares e que, passados cinco anos, o total de área plantada por estes alcançou 1,22 milhões de hectares, evolução de mais de 130%. Dos 6,1 milhões de hectares plantados de soja em todo Estado de Mato Grosso na safra 04/05 os referidos grupos respondiam por 9% da área. Já na safra 09/10, os maiores grupos alcançaram 20% da área total plantada no Estado. E a conclusão do trabalho é óbvia:

Em Mato Grosso há a necessidade de aumentar a eficiência a fim de competir com as demais regiões produtoras. Isto porque o maior produtor nacional também é o que tem os mais altos custos de produção, maior distância logística dos portos de escoamento e de importação de insumos, deficiências no solo que encarecem os custos de fertilização, entre outros entraves que o obrigam a aumentar a eficiência produtiva. A maneira encontrada pelos produtores de Mato Grosso foi a mesma adotada desde a colonização do Estado: crescer. O ganho de escala proporcionado

pelo aumento de área [com a] diluição dos custos fixos tornou-se uma necessidade e certamente será a tendência para os próximos anos em Mato Grosso, (IMEA “Concentração da Produção de Soja em Mato Grosso” - 09 de Agosto de 2010 – grifo nosso)

Em suma, a concentração fundiária – dos negócios e, por tabela, da renda – é uma estratégia clara para a redução dos custos fixos das empresas produtoras e, como aponta a própria agência de pesquisas do governo do Mato Grosso, sua tendência é avançar nos próximos anos.

O EIA da EF 354, por seu lado, aponta que a relação custo/benefício ambiental deste tipo de exploração é “(...) *enormemente reduzida pelo fato de ser insustentável em longo prazo*” (EIA, 5.2-412-413):

Nas últimas décadas, as atividades rurais nas regiões da Ferrovia EF 354 aumentaram significativamente, trazendo consigo a ocupação rural e urbana. Toda esta aceleração da ocupação humana e da exploração dos recursos naturais resultou no aumento dos riscos ambientais nas regiões do empreendimento em questão. As atividades rurais nessas regiões, como: a pecuária extensiva, as monoculturas de soja, algodão, entre outras, e a exploração mineral, geram grandes impactos ambientais, como: desmatamento, a perda e a fragmentação de habitats naturais, redução da diversidade de fauna e flora, e, ainda, contaminação de rios e lençóis freáticos. Estas atividades podem ser imediatamente lucrativas para empreendedores, mas considerando as perdas ambientais para as gerações futuras, suas relações custos/benefícios tornam-se enormemente reduzidas, pelo fato de serem insustentáveis em longo prazo. A ausência de um planejamento territorial sob abordagem de sustentabilidade repercutirá em custos extraordinários para a futura reversão do quadro de intensa degradação ambiental (MME 2002).

A ocupação desordenada e o uso exploratório dos recursos naturais poderão acarretar sérios problemas em termos de conservação da biodiversidade. Fatores intrínsecos ao aumento da ocupação humana e de atividades degradantes como a diminuição da qualidade da água, as perdas e fragmentação de remanescentes naturais certamente acarretarão impactos diretos para a fauna e flora das regiões do empreendimento, como: 1) redução na diversidade de ecossistemas e espécies, 2) a alteração na composição e estrutura das comunidades florísticas e faunísticas, 3) o isolamento das populações de espécies da flora e fauna, 4) a maior suscetibilidade à perda de variabilidade genética; 5) a redução e remoção de sítios reprodutivos.

Para se ter a exata dimensão do desmatamento na região aqui considerada (um quadrilátero de 200 km por 200 km que engloba todas as TIS Xavante), apresenta-se os números na tabela abaixo:

Tabela 14: Uso do solo no período 2005-2011 (marco-zero: 1984)

VEGETAÇÃO/USO DO SOLO	2011	2005
Agricultura	49,55	11,48
Agropecuária	12,60	11,77
Área urbana	11,07	19,43

Floresta	-2,34	-1,33
Floresta transição	-7,25	0,14
Floresta/tensão	-16,83	-20,20
influência aquática	0,00	0,00
Massa de água	0,00	0,00
Savana arbórea c/m.ciliar	-38,39	-11,71
Savana arbórea s/m.ciliar	-10,23	-34,64
Savana Densa	-44,39	8,45
Savana Graminosa	0,00	0,00
Savana Parque c/m. ciliar	-10,95	-22,26
Savana Parque s/m.ciliar	-1,22	0,00
Savanas	-20,01	-30,31

Como descrito na Apresentação, os dados acima foram obtidos a partir de imagens satélite LANDSAT e outras para 2005 (SIPAM) e 2011 e na contagem dos polígonos foi excluída as TIs Xavante, onde não ocorreu no período qualquer alteração na vegetação que fosse significativa. Constata-se o que se viu em campo: crescimento de 38,7% de áreas incorporadas à agricultura (complexo soja) com abertura de áreas novas – e basicamente naquelas cobertas por *savana densa*, a vegetação de cerrado típica dos “chapadões” de relevo plano. Os Mapas abaixo refletem esta situação (ver MAPAS 17 e 18 do Caderno de Mapas anexo para maiores detalhes).

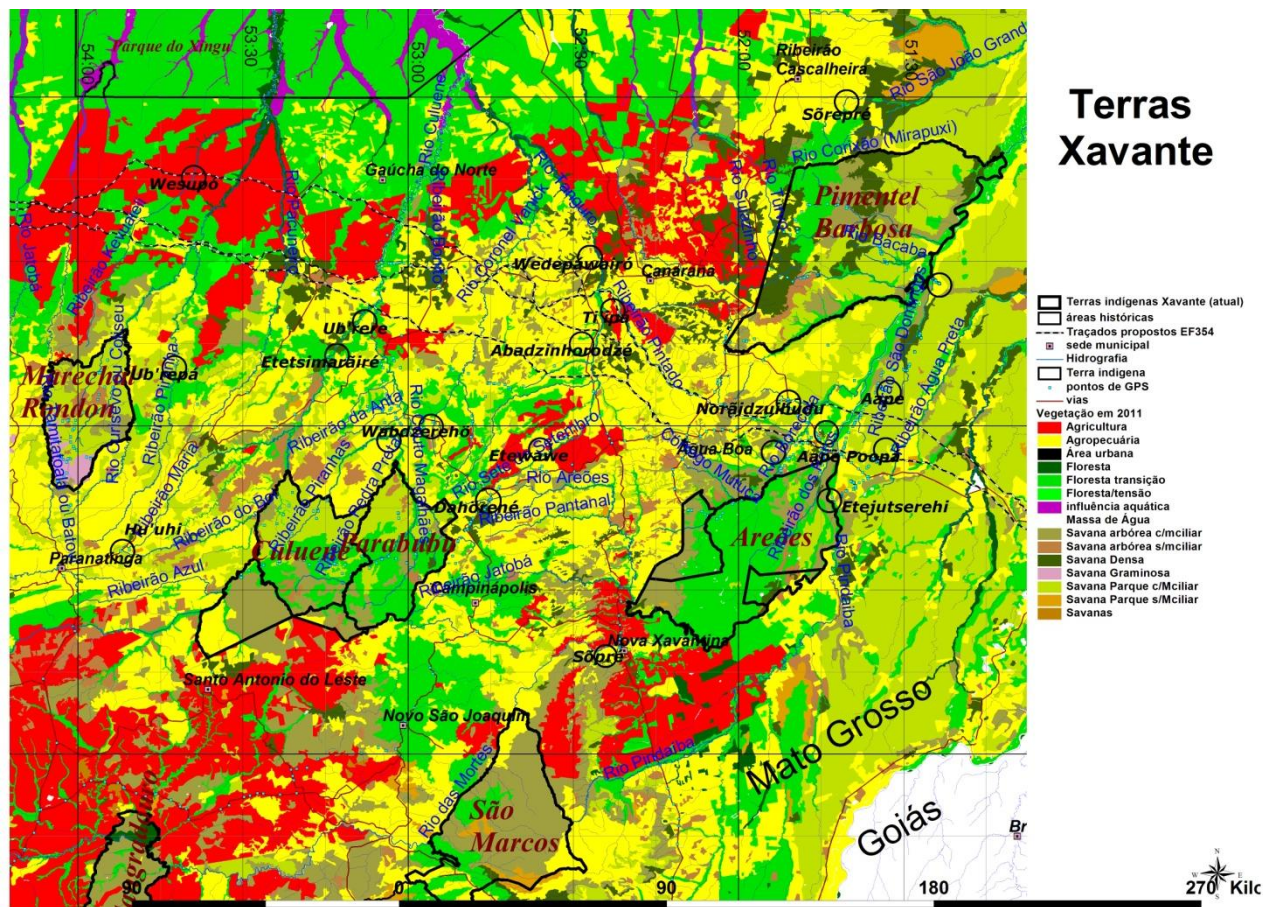


Figura 43: Território Xavante em 2011

É neste contexto regional, atual e de futuro, que se inserem o empreendimento *e os Xavante*. E, como mostrado em capítulos anteriores, o desenvolvimento do leste do Mato Grosso deu-se, historicamente, por sobre os direitos territoriais dos Xavante. Os mecanismos de consulta eram, então, unilaterais: decidia-se *pelos* Xavante em nome de uma soberania nacional que atropelava as regras legais que *eles*, os “nacionais”, haviam estabelecido.

Apontou-se que os povos xinguanos, em 1961 – e por conta de uma aliança entre a mídia nacional dominante na época e setores intelectuais influentes – conseguiriam um território contínuo, o Parque Indígena do Xingu (o *PQX*). O conceito de “parque indígena” diz, de pronto, o significado para a consciência nacional do que se queria e almejava com essa terminologia à época: um espaço (não necessariamente um *território*) onde as “tribos selvagens” pudessem viver à sua maneira, desde que controladas por heróis nacionais (os Villas Boas). Não há na imprensa da época qualquer notícia sobre os “ferozes Txicão” ou “Suyá” (ou “Yualapiti”, “Kamayurá”) etc. O que se estampa, com pompa e circunstância, é o trabalho heróico dos sertanistas – responsáveis, diga-se, por deslocar alguns destes povos de seus territórios originais para o *PQX* para “liberar” seus territórios para a colonização.

O que se quer aqui chamar a atenção é sobre a história de um povo, os Xavante, que, devido a sua resistência à ocupação de seu território, foi *punido* pelo Estado brasileiro. Abaixo, segue um resumo desta história fornecido por Gomide (2008: 188-191):

“Na região compreendida entre Aragarças até o rio das Mortes, a Expedição [Roncador-Xingu] entra em território Xavante, e este acontecimento foi amplamente divulgado pela imprensa. Após varar a Serra do Roncador, estabelecer contato com os Xavante e sede em Aragarças, a Expedição chega à região dos formadores da bacia do Xingu. Ganha então destaque a atuação dos irmãos Villas-Boas, que participam da atração dos Xavante (Menezes, op.cit.:33). O jornal “O Estado de São Paulo” registrou a Expedição Roncador Xingu, que entre os meses de junho a setembro de 1943, traz várias notícias sobre a Expedição Roncador-Xingu, os encontros com os Xavante. Estes artigos mostram as percepções sobre o sertão de Mato Grosso e sua imagem ambígua: “desertos de civilização”, “reservas de brasilidade”. As terras eram enaltecidas como “imensas”, “desconhecidas”, como “força da natureza”. Mas, é principalmente destacada ideologia dos “espaços vazios”, onde os povos indígenas e as matas foram tidos como um atraso para “desenvolvimento” e “progresso” do país. O jornal “O Estado de São Paulo”, publicou, em 1943 uma série de reportagens sobre a Expedição Roncador-Xingu, nas quais são comentadas os objetivos da colonização e conquista da região, e a conseqüente invasão dos territórios indígenas, entre estes, o território Xavante. Um dos problemas que mais preocuparam os organizadores da expedição foi o encontro com as tribos de selvagens, até agora desconhecidos, e o provável entendimento com os seus chefes e caciques. ...Os índios Chavantes, que eram tidos, até bem pouco, como inabordáveis pela gente civilizada, já tem tido entendimentos cordiais com os sacerdotes e, em particular, com essa figura sugestiva de grande catequista que é o padre Hipólito Chauvelon; e este já forneceu a expedição informações preciosas sobre a vida desses aborígenes os seus hábitos e a forma de lhes conquistar a confiança e amizade, assim como se dispõe a secundar os trabalhos que a expedição está realizando. O maior risco a que se expõem os componentes de

expedições desse gênero não é o da ferocidade do índio, nem a das feras, mas a insanidade de certas zonas sujeitas a inundações para os perigos da doença, de febres e de Impaludismo ... Devemos depositar confiança no trabalho realizado com tantas minúcias e tão belo ardor patriótico (...) e incorpora-la aos domínios da nossa pátria (O Estado de São Paulo, Terça-feira, 17 de Agosto de 1943 – apud Gomide, op. cit.: p. 189).

Sobre os objetivos da expedição disse: “E’ preciso frisar mais uma vez, de modo a não deixar lugar a nenhuma falsa interpretação, que a expedição tem objetivos não apenas desbravadores, mas principalmente colonizadores.... Os lugares atingidos serão lugares conquistados para a civilização, integrados na economia nacional.”

“Vi os Chavantes, a 150 quilômetros alem do rio das Mortes. Ao sobrevoar a aldeia, eles foram tomados de pânico, começando a correr de um lado para outro. Os índios das outras aldeias, de tribus menos famosas, mostraram menos pânico e pavor. Acredito que com mais quatro ou cinco vôos sobre a povoação, os chavantes estarão preparados para o contacto como homem civilizado. Eles são diferentes de todos os outros índios brasileiros. Não pescam. Usam apenas a caça. Tomamos todas as precauções de modo que Expedição Roncador-Xingú evite incidentes. Não haverá choques armados. Diariamente os aviões sobrevoam as aldeias de índios, orientando a Expedição ou para evita-las ou para ir ao encontro delas de acordo com as impressões dos aviadores sobre a ferocidade e espírito de reação notado nos silvícolas. Do extremo norte vai partir também outra expedição rumo ao Roncador, em cuja região se encontrará com a do sul, que já está em marcha. Este será o primeiro e grande serviço que resultará da iniciativa para o progresso do Brasil (O Estado de São Paulo, quinta-feira 19 de Agosto de 1943). Nestas reportagens também se observa um grande preconceito sobre os povos indígenas e em particular sobre os Xavante, divulgando em geral informações negativas que irão formar a opinião publica nacional, perpetuando uma imagem errônea (...). Esta era, portanto, a visão (dos brasileiros) a qual foi retomada pelos projetos. A revista “O Cruzeiro”, também divulgou grandes reportagens sobre a Expedição Roncador-Xingu e, de forma sensacionalista, sobre os Xavante.

“Os artigos primavam pela técnica fotográfica que privilegiaria as fotos de índios com autoridades visitantes, além de enfatizar a beleza física dos índios em poses e maneiras à moda civilizada (Menezes, 2000).”

A revista irá engajar-se na tarefa de dominação dos povos indígenas, defendendo, portanto, a modernização da nação. A imagem do índio “é incompatível com o modelo de nação desenvolvida apregoado pela revista (Costa, 1992:84)”. Esta autora comenta as foto-reportagens, da revista, que inicia com uma matéria sobre os Xavante:

[...] chegou a grande hora de aproveitar a inteligência dos nossos silvícolas, civilizando os para que eles deixem de ser um peso morto na vida da nacionalidade, colaborando com os progressos da civilização ... por que não civilizar o índio brasileiro? ... criar escolas para os índios, educá-los, entregar-lhes grandes fazendas, ajudá-los, dar lhes o direito de voto, transformá-los em operários, técnicos, agricultores ... o índio brasileiro é tão inteligente como o índio americano “Os Estados Unidos são modelo... e o genocídio das nações indígenas americanas é um exemplo de integração cultural.” ((Costa, op.cit.: 85))”.

Outras informações sobre os Xavante dessa época são dos irmãos Villas- Boas, integrantes da Expedição Roncador –Xingu. Declararam que percorreram o território dos Xavante durante oito meses, durante os quais os Xavante defenderam suas terras : “Tivemos diversas escaramuças com os Xavantes. Tínhamos que acampar muitas vezes às 3 da tarde para fazer paliçadas, atrás das quais

dormíamos. Porque os Xavantes chegavam à noite e metiam flechas. e tínhamos que dormir no chão. Com guarda vigiando, para dar o alerta (04/02/1979, Orlando Villas Boas ao jornal O Estado de São Paulo)”.

Neste movimento a resistência Xavante é abalada. A invasão do território Xavante ocorreu tanto pelos rios cortados por numerosas embarcações como pelos vãos rasantes sobre as aldeias que apavoram mulheres e crianças, pelo registro de Ayres da Câmara Cunha que sobrevoou uma aldeia, (a apenas vinte metros do chão, com a clara intenção de amedrontar) pode se ter uma idéia do que representou a frente pioneira aos Xavante:

...somos os primeiros a perturbar o sossego daqueles nativos bravios [...] o avião passou impetuosamente por sobre as casas e... o mundo veio abaixo. E tudo desandou em formidável correria, onde se viam mulheres com crianças às costas, correndo para o mato, guerreiros com arcs, flechas cruzavam no céu, em nossa direção, bordunas rodopiavam no ar [...] e repetidas vezes descemos quase a pique sobre as malocas [e os índios] pelos matos e cerrados dos arredores, ocultavam se mulheres e crianças (Cunha 1969:39 apud Ravagnani,1991: ?).

A FBC, também com o mesmo objetivo de colonização do centro oeste, inicia com a formação de núcleos no rio das Mortes e na Serra do Roncador, em pleno território Xavante. Este, no entanto, é considerado como um vácuo ou terra de ninguém: ‘este vácuo é o Brasil Central, que para todos os efeitos continua praticamente hoje o que era há 200 anos. E a função precípua da Fundação Brasil Central, sob o aspecto geopolítico, consiste em corrigir este estado de coisas, preenchendo o vácuo que a natureza aborrece - especialmente em matéria política; nesse assunto, não se tolera o vazio, a terra de ninguém’ (Arquimedes Pereira Lima, presidente da Fundação Brasil Central,1952 apud Menezes, 2000)”.

A “terra de ninguém” acima referida é território Xavante. Poucos povos indígenas na história recente do país foram intimidados a abandonar (ou melhor, *entregar*) parcelas vitais do seu território ameaçados por “ferramentas” tão potentes (barcos-motores, aviões, espingardas de grosso calibre, vírus da varíola, da gripe) como os Xavante o foram. Nem os Paaka-Nova, nem os Cinta-Larga, também acossados por SPI-FUNAI nos anos 1960-70 e pela geopolítica por ocupar “espaços vazios” (EF Madeira-Mamoré, para os primeiros; e BR 364, para os segundos), tiveram um território tão diminuído e ilhado²³.

Somos novos, da nova geração, já ouvimos de nossos avôs dos lugares onde andaram. Aprendemos a ler e escrever. E essa idéia perigosa do governo (ferrovia) não queremos porque ainda vivemos de nossa cultura. Essa idéia do waradzu é perigosa e não queremos. A antiga aldeia TSÕ'REPRÉ é muito falada e está fora de nossas terras. Mas é nossa um dia temos que tomar de volta porque nos pertence e do outro lado do rio de lá é APE, e nele existem coisas que é de nossa vida, e essas coisas são valiosas para nós, como ouro; é o nosso segredo²⁴. Por isso cuidamos do

²³ Para os Cinta-Larga, foram reconhecidos e regularizados 1.300.000 hectares em terras contínuas no noroeste do MT.

²⁴ Trata-se de pequeno casulo de inseto não identificado (de um lepdóptero, talvez) que os pajés encontram no *Ape* e que lhe dá o poder de cura (e de feitiço). O seu possuidor deve guardá-lo escondido e não pode jamais ser visto pelas mulheres. O xavante que sonha com ele deve fazer resguardo (abster-se de certos alimentos e de relações sexuais) e caminhar no *Ape* para encontrá-lo. Alguns informantes dizem que ele assobia chamando a

APE. Do outro lado do rio das Mortes é onde nossos avôs andavam e ainda atravessamos para caçar animais. Essas coisas nossa sempre cuidamos e vigiamos. Essas idéias que surgem sempre que troca o governo e nós não gostamos, e agora essa nova idéia que surgiu UBUNÕ'HOTEDE (= ferrovia) não queremos nesta terra, porque é muito perto que vai passar entre a nossa terra e de Areões. Não queremos que nos dividam na pressão. Por que o governo está pensando nisso agora? Para acabar com nós? Nesses lugares tem cemitério e têm animais domésticos [nossos], como os peixes. Nesses lugares, com a pescaria, vamos nos encontrando e chegando para a outra terra, Areões, e eles também. Por essa razão não queremos e nem aceitamos essa idéia do governo. Não queremos mesmo. O que vai acontecer quando forem encontrar o bando de caitetu? O trem vai trazer pra nós? Não dá; nós gostamos de pegar os animais nós mesmos. Nós estamos vivendo assim e aconselhando os nossos filhos do mesmo jeito que recebemos de nossos pais, para que nossos filhos se esforcem. A nossa cultura não pode acabar (Gravação na aldeia Etênheritipá, TI Pimentel Barbosa, 20/07/2011).

6.1 O empreendimento e a indução de investimentos na infra-estrutura regional: prognóstico dos efeitos sobre as TIs Xavante

Considerando que o empreendimento EF 354, ao reduzir os custos de produção da soja e culturas associadas (milho, milheto, sorgo, algodão), estimulará o aumento da produção destes itens nos municípios antes citados (Paranatinga, Primavera do Leste, Santo Antonio do Leste, Novo São Joaquim, Nova Xavantina, Barra do Garças, Nova Nazaré, Água Boa, Canarana e Campinápolis) - a pressão sobre as Terras Indígenas Xavante aumentará na mesma escala, como apontado no EIA do empreendimento:

No âmbito geral, o empreendimento trará alterações, positivas e negativas, significativas para toda a região. Considerando os segmentos analisados, estes sofrerão diferentes alterações com diferentes graus de magnitude e importância de impactos, de acordo com as características específicas de cada trecho ressaltadas no presente estudo.

No entanto, a ocupação histórica do estado do Mato Grosso, especialmente, não pode ser dissociada do uso do solo. Considerado uma das principais fronteiras agrícolas, o estado vem sofrendo modificações inerentes a esse tipo de atividade. Mesmo com a inadequada infra-estrutura de transporte, o estado passou a figurar entre os principais produtores de grãos do mundo. Toda a produção agrícola é escoada por meio de rodovias, sendo a utilização de hidrovias ausente ou insignificante. O incremento no custo final do produto, utilizando o modal rodoviário, é significativo, considerando todo o aporte de custos associados à produção de grãos. Diante do exposto, avalia-se que o prognóstico realizado aponta a viabilidade da implantação da Ferrovia 354, considerando, principalmente o fato de representar melhoria na infra-estrutura de transporte e no transporte de insumos e outros produtos que barateariam a produção, incrementando a competitividade do produto (grão, principalmente) nos mercados interno e externo. Considerando que barateamento dos insumos transportados pela região via ferrovia, ser um dos impactos positivos da obra, o mesmo tornará disponível para as comunidades e grupos interessados na região recursos para a orientação sustentável de seu desenvolvimento. (EIA, Conclusão: 9-3, grifo nosso).

atenção do futuro pajé. No ritual do *Wai'a*, em uma das suas fases, os pajés se reúnem fora da aldeia e mostram seus "segredos" e com eles tocam uma música. Tal casulo possui uma cavidade que se assopra como uma pequena flauta.

A localização do “porto seco” (terminal de movimentação de carga) em Água Boa, região central do território Xavante (vide abaixo, Cap. 7) trará efeitos negativos para as TIs Xavante, na medida em que induzirá o aumento do tráfego nas rodovias BR 070 e 158 e, sobretudo nas MTs 020, 129, 240, 324, 414 e 448 (ver MAPAS 08 e 09). O primeiro dos Mapas citados aponta a rota do fluxo futuro por essas rodovias até Água Boa (caso da EF 354 venha a ser implantada), considerando as áreas de cultivo já consolidadas e aquelas com aptidão para a produção de grãos, de acordo com o Zoneamento Agroecológico aprovado pelo Governo do Mato Grosso.

Como se pode constatar, as rodovias citadas (e as projetadas) recortam o território Xavante aqui considerado ou, no mínimo, tangenciam as Terras Xavante demarcadas. A EF 354, se implantada, potencializará o fluxo nas estradas mencionadas com consequências negativas para o modo de vida Xavante.

6.2 Passivos ambientais nas Terras Xavante: as estradas (BRs e MTs)

O processo de fragmentação do território Xavante até aqui exposto considerou tão somente as políticas oficiais de colonização e de ocupação dos “espaços vazios” deste território, deixando de lado as obras de infraestrutura necessárias para tanto. O conjunto destas obras (rodovias federais e estaduais, principalmente) resultou em um passivo ambiental para os Xavante ainda em negociação e que será descrito neste tópico.

BRs 158 e 070

A BR 158 foi implantada no início dos anos 1970 para ligar as cidades de Xavantina e São Felix do Xingu. No início era conhecida como *Rodovia Xavantina-Cachimbo* e sua finalidade explícita era apoiar logisticamente a implantação de grandes projetos agropecuários na Amazônia, com subsídios da SUDAM, e projetos de colonização do INCRA. Sua abertura ocorreu em um momento onde os Xavante de Pimentel Barbosa e Areões estavam concentrados na luta pelo reconhecimento e demarcação de partes de suas terras tradicionais e, pressionados, aceitaram a estrada convencidos por funcionários da FUNAI. A BR 158 tangencia as TIs Areões e Pimentel Barbosa.

A BR 070 foi implantada um pouco mais tarde, no final dos anos 1970, ligando Barra do Garças a Cuiabá e cortando as TIs Merure (Bororo) e Sangradouro (Xavante).

Durante o processo para o asfaltamento das duas BR, entre 1982 e 1987, novas negociações pouco claras foram estabelecidas entre o então DNER e a FUNAI, resultando em “compensações” em dinheiro para os Xavante e Bororo. Nenhum procedimento de licenciamento ambiental foi requerido na ocasião para o asfaltamento das duas rodovias federais, em que pese a vigência da Lei 6.938/81. Estes asfaltamentos foram realizados, em parte, com recursos financeiros obtidos por empréstimo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Para se ter uma idéia de como tal processo foi conduzido, transcrevemos um trecho do documento intitulado “Avaliação Antropológica dos Efeitos Causados pela Pavimentação da BR 070 e Indenização” solicitado pela FUNAI a especialistas do seu quadro funcional e datado de maio de 1988 (Processo FUNAI 1880/85, anexo)

*Ministério do Interior
Fundação Nacional do Índio - FUNAI*

Apresentação

Aos doze dias do mês de abril de 1988, demos início aos trabalhos de Avaliação Antropológica dos efeitos causados pela pavimentação da BR 070 nas comunidades Bororo e Xavante das Áreas Indígenas Merure, Sangradouro e São Marcos, conforme prescrito pelo item c da cláusula 6.08 do Contrato de Empréstimo firmado entre a República Federativa do Brasil e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (nº658/S.F-BR, resolução DE-127/81), datado de 25 de junho de 1982. Os trabalhos também incluíam a avaliação da questão de indenização às referidas comunidades, segundo Ordem de Serviço nº 037/Sep-Suer 2ª Região de 07/04/88.

A equipe, composta de um antropólogo e um engenheiro florestal, sob coordenação do primeiro, contou também com a participação de um técnico do DERMAT, Sr Olindo Pasinato Neto, Assessor da Superintendência de Planejamento, representando o Governo do Estado, através do Órgão Executor do Programa rodoviário do Estado de Mato Grosso.

Havíamos previsto a realização dos trabalhos a partir de três etapas ou aspectos concomitantemente, por ocasião de nossa permanência em cada uma das áreas indígenas, quais sejam:

Levantamento das benfeitorias pendentes, prescritas nos termos aditivos nºs.001 e 002/85 ao Convênio nº 057/82;

A questão da exclusão das comunidades Xavante da área Indígena São Marcos das indenizações;

*Avaliação do Impacto causado nas comunidades com a pavimentação da BR 070, para a qual havíamos preparado material (anexo nº 02) com todos os indicadores para uma análise comparativa dos dados (88-84), atendendo todas as exigências técnicas do BID.**

Entretanto, a impossibilidade de permanência dos técnicos do DERMAT conosco por mais de 5 dias levou-nos a priorizar os itens a e b acima descritos ficando o item c para darmos sequência tão logo vencêssemos a primeira etapa.

Mas, ao entrarmos em contato com as lideranças das referidas áreas indígenas para expor o objetivo de nosso trabalho e pedir a colaboração das comunidades para a sua realização, encontramos os seguintes obstáculos:

- Objeção das comunidades Xavante de Sangradouro que, retendo os formulários para realização do levantamento quantitativo sociológico, se posicionaram

contrários à realização da Avaliação Antropológica, dada a pendência do Governo do Estado do cumprimento de algumas benfeitorias prescritas no Termo Aditivo nº 002/85. Bem como pela reparação dos prejuízos sofridos por estas comunidades referente a redução das indenizações estabelecidas a partir do Termo de Acordo de 16/08/85, quando suas lideranças foram coagidas a assinar o referido Termo sob pressão de representantes do DERMAT, FUNAI e BID. Além do não cumprimento de promessas feitas por representantes do DERMAT;

- Objeção por parte dos Bororo de São José de Sangradouro e comunidades da Área indígena Merure, por se solidarizarem com os Xavantes de São Marcos e Sangradouro, bem como por julgarem-se injustiçados no processo de indenização e no não cumprimento de promessas feitas por representantes do DERMAT àquelas comunidades.

Em decorrência desses problemas, ficamos impossibilitados de realizarmos os trabalhos de Avaliação Antropológica, que se figuraram como etapa posterior ao atendimento das reivindicações encaminhadas.

Segue-se, portanto, análise das perdas e danos causados às comunidades indígenas em conseqüências da pavimentação da BR 070, da indenização, das benfeitorias pendentes e das promessas da exclusão de São Marcos das indenizações, da FUNAI e o processo de negociação das indenizações, das reivindicações das comunidades e as conseqüentes providências cabíveis.

O documento descreve ainda os montantes estipulados para as “indenizações” estabelecidos em acordos envolvendo a FUNAI, DERMAT e BID (Termo de Convênio 057/82) e o quanto os índios deixaram de receber em equipamentos e utensílios e em moeda corrente e faz uma avaliação das conseqüências dos pagamentos em dinheiro (acidentes e brigas violentas entre os xavante e bororo causados por embriaguês e disputas entre caciques – p. 07). O documento em comento finaliza (p. 16) com o subtítulo “Providências Cabíveis” onde solicita a instauração de uma “Comissão de Sindicância para apuração de possíveis irregularidades no processo de negociação entre a FUNAI, DERMAT e comunidades indígenas”, solicitando ainda a instauração de “Inquérito Administrativo após constatadas tais irregularidades”.

Em carta dirigida ao presidente da FUNAI lideranças Xavante manifestam sua discordância com relação aos procedimentos então adotados pelo DERMAT (Processo 1880/85, p. 190):

*Carta da Liderança da RI Sangradouro
19/08/85*

Aragarças-GO,

Ao Sr. Presidente da FUNAI

A Liderança de Sangradouro, abaixo subscrita, reunida na 7ª DR-FUNAI, Aragarças, no dia 19 de Agosto de 1985, na presença do Sr. José Carlos Alves-Dir. da DAI e Guilherme Corrano-Chefe da SAI, fizeram junto às autoridades competentes, a denuncia do TERMO DE ACORDO, assinado no dia 16 de Agosto de 1985 em Cuiabá, entre a lideranças de Sangradouro de Sangradouro, Meruri, e o DERMAT, por questão de indenização da estrada BR- 070 e o seu asfaltamento.

Denunciaram que o termo de acordo foi assinado sob pressão, onde os valores reivindicados não correspondem aos anseios da comunidade, mas foram impostos pela parte do governo, especialmente através do seu representante o Eng. Altair Antonio Alves. Solicitam que a quantia seja indicada ou sugerida pelo BID de acordo a indenizações semelhantes e tendo em conta que o projeto BR-070 já foi elaborado faz anos.

Igualmente pedem o desdobramento do parágrafo IV, onde após a liberação integral da verba, seguirá a liberação das obras de arte, e após o anexamento da Volta Grande, a Continuidade das Obras de Pavimentação.

A liderança está disposta a comparecer em Brasília, não mais em Cuiabá para assinar um novo termo de contrato.

Paulo Honda Tsaë'omawa

Bernardo Tseresaé

Rafael Hitsé

Domingos Mãhoro'é'õ

Após o asfaltamento das BRs, vários acidentes com vitimando pessoas xavante já ocorreram nestas BRs – e por várias ocasiões os Xavante interromperam a rodovias para protestarem, no passado e mais recentemente (em 2010 e 2011 houve duas paralizações na BR 070 motivadas por acidentes de atropelamentos vitimando dois jovens Xavante). Em 2008 um acidente de carro na BR 158 vitimou 11 (onze) Xavante – entre homens, mulheres e crianças.

Além destas rodovias federais (BRs), projeta-se para a região no entorno das Terras Xavante a abertura/complementação de três novas rodovias federais: as BRs 080, 242 e 251. A primeira interligando o Goiás até a BR 158 em Ribeirão Cascalheira no MT; a segunda interligando os pólos do agronegócio de Querência, Gaucha do Norte, Nova Ubitatã e Sorriso, possibilitando a ligação entre as BRs 158 e 163 ao norte; a terceira (BR 251) ligando outros pólos de alta produção de grãos para o sul: de Água Boa até a Chapada (Monte Verde), passando por Campinápolis e Santo Antonio do Leste.

MTs

As rodovias estaduais que já operam precariamente na região (sem asfaltamento) tenderão, em futuro próximo, a receber obras de infraestrutura adequadas. As principais, em termos da sua posição com relação às *plantations* (atuais e futuras) e logística para o “porto seco” da EF 354 em Água Boa, e que tangenciam ou circundam as Terras Xavante são as MTs 020,129, 240, 414 e 448. O governo do Mato Grosso projeta ainda outras rodovias, como a MT 110, ligando Campinápolis a Canarana; a MT 336 (cortando a TI Xavante de São Marcos) e a MT 107, interligando as cidades de general Carneiro e Nova Xavantina, contornando esta Terra Indígena (ver MAPA 09).

A observação de campo constatou que o maior volume de tráfego, hoje, na direção de Água Boa/Canarana se dá nas MTs 240-020 que interligam aqueles municípios a Paranatinga, Primavera do Leste e daí para a BR 364 pela qual se chega à ferrovia Ferro Norte e aos portos do sul-sudeste. Estas rodovias se interligam com a MT 448, que passa pelo “projeto Itaquerê”, pólo crescente de novas *plantations* na região. Caso venha ser implantado, o empreendimento EF 354 estimulará esse movimento para o sentido contrário, do sul ao nordeste do MT. A preocupação dos Xavante é que estas rodovias estaduais cortam áreas já reivindicadas por eles junto à FUNAI (*Hu’uhi, Norõtsurã, Tsoupá, Norõta*) e seccionam o *marãnbödödi* (“caminhos da mata”), projeto do povo Xavante para re-interligar as ilhas que hoje são as suas Terras Indígenas.

Processos de negociação e encaminhamentos atuais não-concluídos

Recentemente, por pressão da Associação Xavante *Warã*, a FUNAI encaminhou ao DNIT e IBAMA solicitação para intervir no Processo de Regularização da Licença de Operação das Rodovias Federais 070 e 158, com expedição de Termo de Referência para o Componente Indígena – e que engloba as TIs Xavante de Sangradouro/Volta Grande, São Marcos, Areões e Pimentel Barbosa.

Tal processo de regularização, do ponto de vista dos Xavante, implicaria várias etapas, sendo a primeira uma vistoria conjunta dos índios, DNIT e FUNAI nos trechos cortados/tangenciados pelas BRs nas TIs Sangradouro, Areões e Pimentel Barbosa – e que seria a base de um diagnóstico da situação atual a partir do qual se proporiam as medidas necessárias para a segurança dos Xavante (e dos “seus” animais silvestres).

Os representantes da Associação *Warã* acataram a expedição do TR pela FUNAI para a regularização ambiental das BRs 070 e 158 e que os órgãos públicos afetos (DNIT, IBAMA e FUNAI, além da PRF) deveriam se posicionar frente a eles quanto a: 1) discussão e implantação imediata de um plano de segurança nos trechos citados e 2) discussão de um plano de compensação a partir de um PBA a ser formulado no processo de regularização da licença de operação. Este processo teve início em outubro de 2010 e até a presente data apenas a atividade inaugural do processo (a vistoria conjunta) foi realizada, em janeiro de 2012 (entre os dias 30/1 e 2/12).

Como exposto no tópico anterior as negociações com os Xavante conduzidas por ocasião do asfaltamento das BRs 070 e 158 pelo DERMAT não se deram de modo a resolver em definitivo a questão, permanecendo aberta até os dias atuais. Tendo em vista a sinergia entre este processo e aquele da EF 354, chama-se a atenção para os riscos dos Xavante não decidirem sobre este ou qualquer outro empreendimento enquanto o governo federal não der encaminhamento a contento ao primeiro.

7 Descrição, Caracterização e Avaliação dos Impactos

A implantação da Ferrovia 354, trecho Uruaçu/GO - Vilhena/RO representará uma importante obra de infra-estrutura no Brasil e justifica-se pela melhoria no que se refere à logística de transportes nas áreas de influência do empreendimento, capaz de trazer benefícios para o mercado do agronegócio na região, além de outros segmentos comerciais.

A ferrovia facilitará o escoamento da produção, fazendo com que as mercadorias possam chegar a qualquer terminal portuário do país com mais agilidade e custos minimizados. Além disso, prevê-se que os estados envolvidos se tornarão mais atrativos às instalações de novas indústrias, estimulando, assim, o crescimento e dinamização das atividades econômicas. Esse corredor ferroviário inicia-se no noroeste do Estado de Goiás, tendo como limite leste a cidade de Uruaçu; atravessa de leste a oeste todo o Estado de Mato Grosso, acompanhando o alinhamento definido pelas cidades de Cocalinho, Lucas do Rio Verde/MT, até a cidade de Vilhena, em Rondônia (Interligação com trama férrea). A implementação de uma linha férrea ao longo desta região terá como objetivo principal o escoamento da produção de grãos para outros modais, como portos, demais rodovias de interligação, ou para outras linhas férreas com diretrizes diferentes (EIA, Conclusão: 9-2). Atualmente, os fragmentos da paisagem estabelecem que os impactos ocorram de forma ampla, não só a locais próximos às margens dos rios. Contudo, os remanescentes existentes ao longo do traçado da ferrovia, que por meio da expansão agrícola e por ações de desmatamentos e queimadas, foi se transformando e se perdendo ao longo do tempo. Dessa forma, está explícito que o avanço da atividade pecuária, e grandes áreas sendo transformadas pela agricultura, na atualidade, estão transformando grandes expansões geográficas de Cerrado e Mata Amazônica em verdadeiras clareiras (idem: 9-3).

Com relação às terras indígenas, são 29 localizadas na Área de Influência Direta do percurso da EF-354, a maior parte delas já homologadas, outras em diferentes etapas do processo de reconhecimento. No total, soma-se 7.588.428 hectares (terras da União) nos quais vivem 12 mil indígenas, população total que será impactada pela construção e funcionamento da ferrovia. (Conclusão: 9-3, grifo nosso).

7.1 Métodos e Conceitos

As terminologias e os conceitos utilizados para a caracterização e avaliação dos impactos socioambientais nas TIs Xavante aqui consideradas foram recolhidos do EIA/RIMA e adaptados quando necessário visto a concepção abrangente e subjetiva do termo “*impacto*”

quando aplicado sobre outra visão cosmológica do mundo. Os conceitos adotados para os Estudos Etnoecológicos são apresentados a seguir.

Impacto Socioambiental

Além da definição usual de “impacto socioambiental” como a de qualquer alteração no meio ambiente, independente dos seus elementos, e nas relações entre estes, incluindo também as alterações no cotidiano indígena e em sua organização social, política, cultural e econômica, provocadas pela ação humana; foi incorporada na metodologia deste estudo a percepção dos Xavante sobre as interferências e alterações ocasionadas pela implantação de empreendimentos sejam estes rodoviários, hidrelétricos ou hidroviários. Sendo assim, qualquer consequência da implantação do EF 354, que tenha sido identificada e considerada pela equipe técnica, somente foi classificada como “impacto” após as análises da percepção dos Xavante sobre cada um dos efeitos considerados.

Fases do Empreendimento

As fases do empreendimento correspondem aos períodos de tempo nos quais se insere o planejamento e implantação do EF 354. Para cada fase do empreendimento e com base nas respectivas ações prevista para cada uma, foram identificados os impactos ambientais com potencial de ocorrência. Para a avaliação dos impactos do EF 354 nas TIs Xavante, foram consideradas as seguintes etapas:

1ª Fase - Planejamento: corresponde ao período de divulgação do empreendimento, planejamento e estudos etnoecológicos, de engenharia (sondagens) e meio ambiente, que se estende desde os processos para a obtenção da Licença Prévia até a obtenção da Licença de Instalação – LI. Algumas das ações descritas para esta fase foram: trabalhos de campo, elaboração do projeto, divulgação do empreendimento e contatos e entrevistas com as comunidades locais.

2ª Fase - Implantação: corresponde ao período de construção, após a obtenção da LI, quando ocorrerá a implantação das obras de infraestrutura de apoio e das obras principais. Nesta fase estão previstas no EIA ações tais como abertura de acessos, instalação dos canteiros de obras, contratação de mão-de-obra, estabelecimento de áreas de empréstimo e bota-fora, movimentação/fluxo de caminhões/automóveis nas estradas de rodagem e melhorias eventuais nestas.

3ª Fase - Operação: se estende durante toda a operação da EF 354 a partir da obtenção da LO.

Natureza

Refere-se aos efeitos dos impactos no meio ambiente. Podem ser positivos, quando a alteração tem caráter benéfico, podendo resultar em melhorias na qualidade de vida e ambiental das comunidades indígenas em questão; ou negativos, quando a alteração apresenta caráter adverso, resultando em danos socioambientais e culturais.

Forma

De acordo com o adotado pelo EIA/RIMA trata-se da forma como se manifesta o impacto, ou seja, se é um **impacto direto**, decorrente de uma ação do empreendimento, ou se é um **impacto indireto**, decorrente de outro impacto de incidência direta. No caso deste componente indígena, no qual os impactos foram analisados por meio de “redes de impacto”, método que permite a visualização das influências e das relações entre os impactos, estes também podem ser identificados com impactos de 1ª ordem (diretos) e impactos de 2ª ordem (indiretos), de acordo com sua situação na cadeia de reações ao processo gerador do impacto direto ou primário.

Duração

Divide os impactos em temporários, permanentes ou cíclicos, ou seja, aqueles cujos efeitos se manifestam por um período de tempo determinado, ou quando os efeitos permanecem por tempo definitivo, ou ainda quando os efeitos se manifestam em determinados intervalos de tempo.

Abrangência

Este indicador está relacionado à forma de manifestação do impacto nas diferentes fases do empreendimento e ele pode ser classificado em duas categorias: local (quando seus efeitos estão restritos a determinada área), regional (quando seus efeitos se manifestam de forma ampliada em várias regiões).

Temporalidade

Este indicador permite conhecer o período da manifestação do impacto socioambiental frente às etapas de construção e operação do EF 354, organizado em três categorias: curta, média e longa, conforme descrito a seguir.

- Curto Prazo (CP) ou Imediato: quando o impacto manifesta-se no período de execução de obras e plena operação do empreendimento;
 - Médio Prazo (MP): corresponde ao período de 03 anos após a plena operação do empreendimento;
 - Longo Prazo (LP): considerado como o período de tempo de operação do empreendimento.
-

Reversibilidade

Conforme definido no EIA/RIMA a Reversibilidade indica quais dos impactos, que depois de manifestados seus efeitos, permitem que o ambiente retorne ou não às suas condições naturais. Dessa forma, os impactos são classificados em **reversíveis**, quando, depois de cessada a ação geradora do impacto, o meio pode retornar às suas condições originais, sendo adotado peso 1 para este caso, ou **irreversíveis**, quando, depois de cessada a ação geradora do impacto, o meio não retorna as suas condições originais. Cabe destacar que não foi considerado, quando da avaliação da reversibilidade do impacto socioambiental, o julgamento da eficácia da ação ambiental proposta para prevenir ou mitigar esse impacto.

Local de Ocorrência

Determina onde se dará o impacto, aqui com a relação a determinada Terra Indígena.

Probabilidade

Este Critério é utilizado para indicar a probabilidade de ocorrência do impacto frente a uma ação do empreendimento. Pode ser de ocorrência Alta quando irá ocorrer efetivamente, Média quando possui potencial de ocorrência (peso 2), e Baixa quando há uma baixa probabilidade de ocorrência (peso 1).

Importância

Refere-se ao grau de interferência do impacto ambiental sobre diferentes fatores ambientais. Ela é pequena, média ou grande, na medida em que tenha maior ou menor influência sobre o conjunto da qualidade ambiental local. Foram estabelecidas três categorias de importância do impacto socioambiental, a seguir identificadas, observando-se os indicadores anteriormente avaliados, assim como a percepção dos Xavante com relação aos impactos socioambientais.

- **Baixa:** a alteração na variável ambiental é passível de ser percebida e/ou verificada (medida) sem, entretanto, caracterizar ganhos e/ou perdas na qualidade socioambiental da área de abrangência considerada, se comparados ao cenário socioambiental diagnosticado. A ocorrência do impacto provoca mudanças de pequeno monta para o aspecto ambiental considerado, sem gerar alterações na estrutura e na dinâmica socioeconômica.

- **Média:** a alteração na variável socioambiental é passível de ser percebida ou verificada (medida), caracterizando ganhos e/ou perdas na qualidade socioambiental da área de abrangência considerada, se comparados ao cenário socioambiental diagnosticado. A ocorrência do impacto provoca mudanças de certa monta para o aspecto ambiental considerado, gerando alterações na estrutura e na dinâmica socioeconômica.

- **Grande**: a alteração na variável socioambiental é passível de ser percebida e/ou verificada (medida), caracterizando ganhos e/ou perdas expressivas na qualidade socioambiental da área de abrangência considerada, se comparados ao cenário socioambiental diagnosticado. A ocorrência do impacto provoca mudanças de significativas para o aspecto socioambiental considerado, gerando alterações significativas na estrutura e na dinâmica socioeconômica.

Magnitude

A magnitude reflete o grau de incidência de um impacto sobre o fator ambiental em relação ao universo desse fator. Esta é definida como sendo a grandeza de um impacto em termos absolutos, correspondendo ao grau de alteração da qualidade da variável socioambiental que será afetada por um determinado processo do empreendimento. Para a avaliação deste critério deve ser considerada a diferença entre a qualidade assumida por essa variável socioambiental após a atuação do processo e aquela que é observada antes de sua ocorrência. Dessa forma, a Magnitude de um determinado impacto é expressa em função aos outros critérios ambientais avaliados, sendo resultado da soma dos valores adotados para os critérios descritos acima. Igualmente será classificado em Grande, Média e Pequena.

Significância

É classificada em três graus, de acordo com a combinação dos níveis de magnitude, importância, ou seja, pouco significativo (PS), significativo (S) e muito significativo (MS). Quando a magnitude ou a importância apresentar níveis elevados, o impacto é muito significativo; quando apresentar níveis médios, é significativo e, finalmente, quando a magnitude e/ou a importância são pequenas, o impacto poderá ter pouca significância.

7.2 Descrição dos Impactos

Este capítulo foi desenvolvido a partir das informações apresentadas nos capítulos anteriores e das características de projeto da EF 354, complementado o exposto nos Estudos de Impacto Ambiental (EIA) do EF 354 em seu item *Populações Indígenas*. Dessa forma, este capítulo apresenta a identificação, caracterização e avaliação dos potenciais impactos socioambientais sobre os Auwê-Xavante advindos no caso da implantação do EF 354.

A avaliação dos impactos foi elaborada aliando o conhecimento técnico com o conhecimento que os Xavante possuem sobre o meio ambiente e a relação com os recursos naturais. Esta avaliação abrangeu todas as etapas de implantação do EF 354: Planejamento, Implantação e Operação, as quais são caracterizadas por ações específicas, com potencial de

gerar interferências no meio ambiente, conforme apresentado no Capítulo 7 do EIA do citado empreendimento.

Trata-se, portanto, neste capítulo, de caracterizar e descrever os impactos que parte dessa população indígena, os Xavante, sofrerá caso o empreendimento EF 354 venha ser implantado – pois quanto ao fato que será “impactada” parece não haver dúvida, como afirmado no EIA (citação acima).

O traçado a partir do qual se pretende definir o projeto da EF 354 cruzará importantes sítios da história Xavante e de uso atual desta população indígena, como os depoimentos e os Mapas demonstram. Os Xavante formularam estratégias para manter, ao menos em parte, o seu modo de vida frente às limitações territoriais impostas (o uso do fogo somente dentro das áreas demarcadas e as caçadas *hömônu* nas fazendas vizinhas, com ou sem permissão; pressão sobre a FUNAI para revisão das demarcações realizadas nas décadas de 1970-80). E têm conseguido adiar as intervenções mais diretas sobre o rio das Mortes (o *Öwawe*, o seu rio), como a hidrovía Araguaia-Tocantins e as UHEs de Toricoejo e Água Limpa. O projeto da EF 354, como deixam claro em alguns dos depoimentos acima apresentados, será igualmente combatido por eles, posto que o empreendimento trará impactos às terras Xavante e ao seu modo de vida, como a seguir se apresenta.

A EF 354 induzirá a expansão dos cultivos ligados ao “ciclo soja”, como aqui demonstrado – e complementando o EIA-RIMA – com todas as implicações para o território e a população Xavante que tal expansão significou no passado e tem significado nos dias atuais: perda de territórios de caça e pesca e de lugares históricos; contaminação dos rios e córregos que drenam suas terras; acirramento da dependência por bens ocidentais (e dos meios para adquiri-los, o dinheiro), deteriorização das condições de saúde, como detalharemos a seguir. A EF 354 potencializará, direta e indiretamente, mais fragmentação na paisagem do *Ró* podendo levar, se implantada, a uma piora nas condições de vida da população Xavante em todos os sentidos (ver Rede de Impactos abaixo).

O traçado atual do empreendimento colocará obstáculos da seguinte ordem na relação entre as TIs demarcadas, aqui listadas em sua ordem de importância para o modo de vida Xavante:

TI Pimentel Barbosa – TI Areões

A estrada de ferro cortará a ligação entre essas duas TIs, acarretando problemas de conectividade entre as populações de animais silvestres entre elas, em uma região onde a

atividade econômica e a ocupação são essencialmente relacionadas à pecuária. Os cerrados neste trecho abrigam grande quantidade das espécies de caça importantes para o modo de vida Xavante e as pesquisas realizadas em Pimentel Barbosa recentemente, e já citadas (Leewenberg e Fragoso), indicam que as populações da fauna ainda se reproduzem com relativa troca de genes. Há que se ressaltar ainda o quão recente as modificações da paisagem se fizeram: o município de Nova Nazaré, situado entre estas duas TIs, é um dos mais novos da região e possui seu espaço em consolidação. Diversos lugares levantados pela equipe como de uso atual e de moradia pretérita dos Xavante incidem sobre essa área. Ali se encontram as matas de baixada do rio Borecaia, desmatada e fragmentada no correr das duas últimas décadas. Pela especificidade da vegetação florestal de transição, várias espécies da flora só se encontram neste trecho, conforme apontado pelos Xavante de Areões e Pimentel Barbosa. O babaçu, os buritizais, bocauiveiros e os inajazeiros são apontados em locais específicos de coleta, devido ou à sua qualidade ou pela sua quantidade (MAPAS 10 e 11 do Caderno de Mapas, Anexo 3). O impacto da EF 354 neste trecho será muito significativo, pois além de fragmentar o fluxo da mastofauna terrestre de importância cinegética e ritual para os Xavante, trará sérias dificuldades de acesso áreas de coleta de espécies vegetais e de pesca. Há uma proposta de voltar a unir estas duas TIs em aberto na FUNAI.

TI Parabubu – TI Areões

Trata-se de uma das regiões mais citadas e densamente utilizadas no passado e no presente pelos Xavante. Pontos históricos traçam uma rota de ocupação/utilização consideravelmente densa, com relatos de eventos históricos detalhados pelos *ihi'nore* (anciãos), envolvendo conflitos com os posseiros, no passado, a caçadas rituais importantes nos dias atuais (MAPAS 12 e 13 do Caderno de Mapas). O relevo de formações tabulares com bordas abruptas onde ocorre a evolução da paisagem por escorregamento e serras isoladas, com formações diversas, é referência topográfica para localização dos *A'uwẽ* na paisagem. Trata-se de uma região de divisores de água entre bacias importantes, incluindo as nascentes dos Rios Areões, Sete de Setembro (*Petoropá*), Coronel Wanick entre outros. A região toda é conhecida como *Nõrotsurã*, que se refere aos babaçuais existentes ali com relativa abundância e que atraem mastofauna e avifauna considerável. Em função do fato da conversão dessas terras em pastagens ser muito recente, ainda é difícil apontar prognósticos para o futuro ecológico das espécies utilizadas para caça e algumas espécies podem ser mais sensíveis à fragmentação dos

habitats. Também a presença próxima da vegetação das próprias Terras Indígenas parece servir de fonte de espécies da masto/avifauna para a região, mas podem tornar-se populações isoladas pela supressão dos ecossistemas naturais do entorno.

TI Culuene – TI Marechal Rondon

As interpretações de imagens de 1984 indicam uma continuidade de vegetação na quase totalidade do espaço entre as duas TIs, o cerrado ainda prevalece, surgindo ocupações de fazendas e estradas, que indicam o uso desses cerrados para pastagem. Contudo, em 2011 a vegetação é essencialmente transformada em pastagens plantadas, substituindo a vegetação natural (MAPAS 14 e 15 do Caderno de Mapas). Um aspecto ecológico invisível para o sensoriamento remoto, mas já estudado pela literatura científica, é que a ampliação da pecuária e da ocupação por bovinocultura tende a produzir efeitos epidemiológicos na fauna nativa, com diminuição considerável das duas espécies de porcos-do-mato, caitetu e queixada (Fragoso, 2004). Embora menos estudados, podem afetar populações de outros ungulados, tais como antas (*Tapirus terrestris*) e cervos. A perda de habitat natural, onde se proliferam as espécies dessa fauna fundamentais para o modo de vida Xavante, parece ser a razão principal. Ao mesmo tempo, a diminuição da fauna nativa reduz as possibilidades de reprodução e dispersão das espécies vegetais zoocóricas, ou seja, que possuem adaptações reprodutivas associadas a animais. A perda de habitat é responsável pela menor circulação da mastofauna, embora não isolem totalmente suas populações.

Ressalta-se ainda que os Xavante destas duas TIs pertencem a um mesmo subgrupo, denominado *Oi'nhĩ'udu* e os mais velhos constantemente lembram a FUNAI do projeto de unir estas TIs.

TI Sangradouro - TI Culuene

As modificações sofridas pela paisagem entre 1984 e 2011 tornaram a TI Sangradouro a mais isolada, do ponto de vista ecossistêmico; praticamente restando estreitas matas ciliares quase sem continuidade, interligando-a ao bloco de Parabubu/Culuene. Diferentemente de outras em

que a paisagem tornou-se um mosaico de vegetações naturais e de pastagens e culturas, no caso da TI Sangradouro o norte desta área tornou-se basicamente uma grande mancha de agricultura mecanizada, que isola mais profundamente os cerrados e matas existentes nesta TI, pois os processos de cultivo são intensivos não havendo, inclusive, qualquer tempo de pousio, praticamente sucedendo uma cultura após a outra (MAPAS 16 e 17).

Portanto, a desproporcionalidade evidenciada nos Mapas acima (10,11,12, 13, 14, 15, 16 e 17) entre o estado atual da vegetação natural *versus* a agricultura dentro e fora das TIs demonstra que os Xavante praticam formas de manejo próprias da paisagem, que incluem a mobilidade territorial e o fogo. Diferentemente das opiniões ouvidas nas cidades de entorno, tal fato não se deve à preguiça ou incapacidade de executar dos Xavante, mas a uma maneira diferente de perceber o território. Os dados desafiam a abordagem de que o fogo manejado pelos Xavante é essencialmente prejudicial ao desenvolvimento dos ecossistemas naturais: o cerrado prevalece mesmo com esse tipo de manejo. Tal manejo é realçado nos depoimentos: o fogo manejado por eles permite a rebrota da vegetação. Mesmo a argumentação de que o cerrado manejado com fogo afeta irremediavelmente a fauna, parece não ser verdadeiro segundo o observado por Fragoso e Leewenberg (*ops. cits.*): a fauna tem refúgio suficiente na vegetação densa de cerrado e nas matas de galeria/ciliares, e os pequenos cursos de água com suas vegetações ciliares servindo de barreira ao avanço do fogo (as imagens satélite mostram estes eventos com clareza).

Por outro lado, a análise da cobertura vegetal dos mapas acima citados quanto a cobertura vegetal (uso do solo) permite compor o gráfico abaixo.

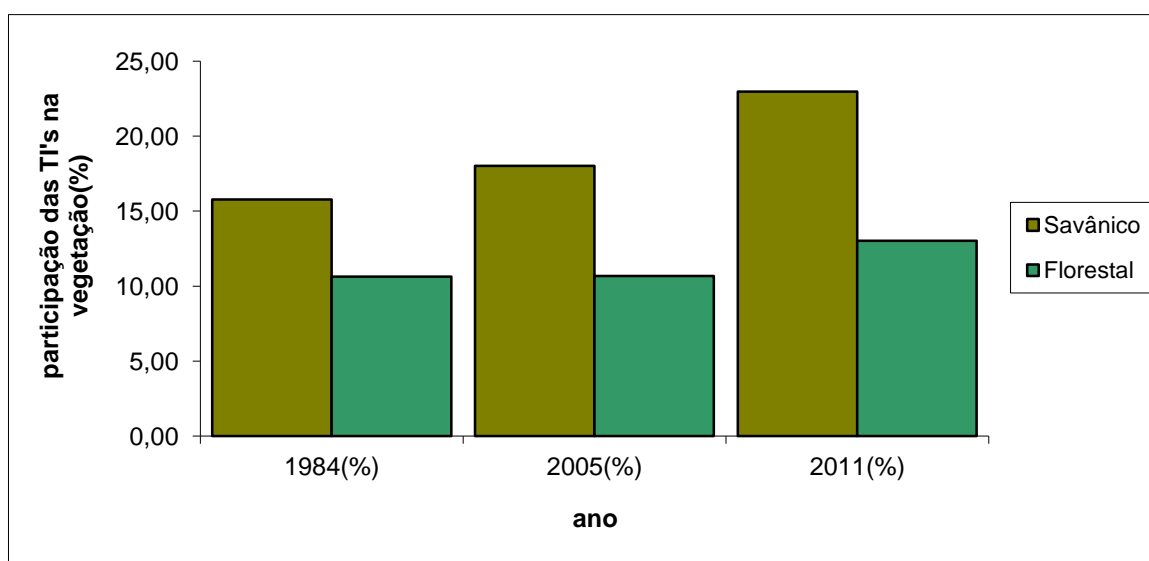


Gráfico 5: : Evolução da participação (em%) das terras indígenas na cobertura natural regional

Observa-se que a cobertura de cerrado das Terras Indígenas Xavante demarcadas representa hoje perto de um quarto da cobertura total regional, ainda que sua área represente apenas 10% da área total.

Houve uma progressão que ampliou drasticamente a participação da área antropizada na escala regional trabalhada nos últimos seis anos. Embora os dados de 1992, 1997 e 2001 sejam projeções, a curva resultante pouco interfere na informação: ela se mantinha em uma escala significativamente menor do que a verificada nos últimos seis anos.

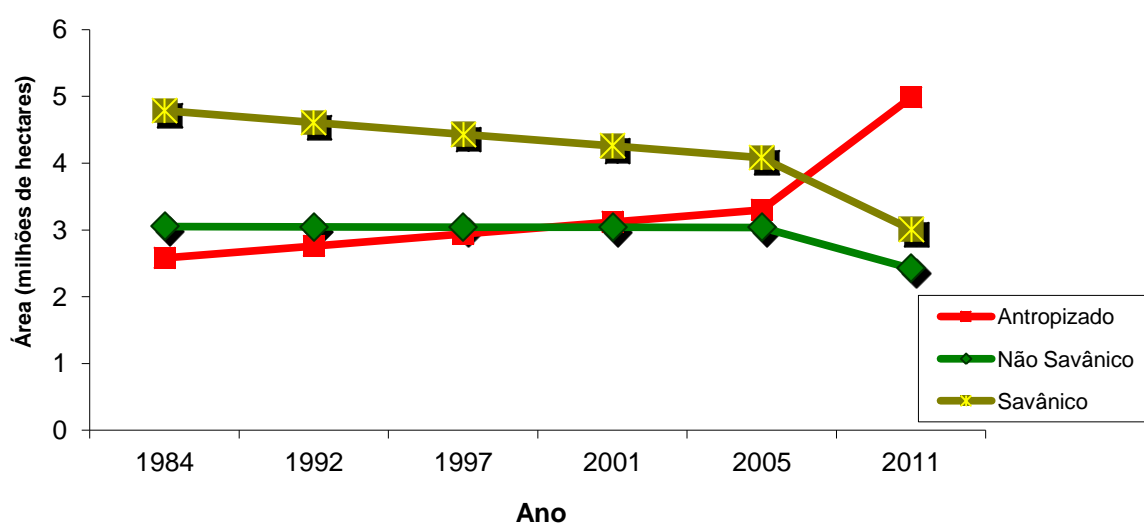


Gráfico 6: Evolução da vegetação em função da antropização (vermelho)

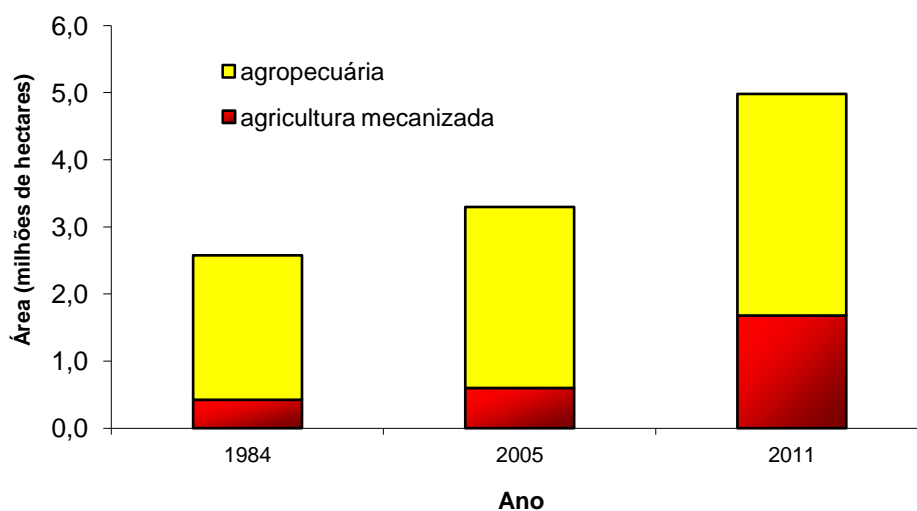


Gráfico 7: Participação de agricultura mecanizada e pecuária na supressão da vegetação

O gráfico demonstra que na região estudada a pecuária continuou crescendo mesmo com o avanço da agricultura mecanizada. Isso corrobora estudos efetuados na Amazônia de que a agricultura mecanizada não se utiliza de áreas de pastagens abandonadas, mas ambas avançam sobre os ecossistemas naturais.

A preocupação dos Xavante com o projeto da EF 354 é de perderem para sempre a possibilidade de retomada de trechos importantes do seu território deixados de fora nas demarcações dos anos 1970/80, por pressões de toda ordem, como visto no capítulo 2. Tal preocupação foi explicitada por todos os caciques e anciãos durante a apresentação destes ECI nas aldeias e com certeza esse projeto não será de fato viável sem uma longa e cansativa negociação. Este o alerta dado em alguns dos depoimentos acima transcritos.

A equipe envolvida nestes ECI ouviu em campo que os Xavante também tem seu projeto de futuro: lutar por condições que lhes permitam ensinar aos jovens, para além da escola do *waradzu*, que o contato efetivo e concreto com os cerrados é vital para a continuidade do modo de vida *a'uwẽ*. E esse contato só é possível, mostrou-se antes, por meio do *dzomõri* e do *homõnu*, no andar pelo *Ró* para entender/aprender como caçar os bichos com quais agradecerão os seus sogros e os seus “outros” parentes *a'uwẽ*; onde encontrarão seus remédios do mato para curar as doenças que os *waradzu* não conseguem curar e onde encontrarão o “segredo dos homens” que lhes dará a força para tanto.

Portanto, chama-se a atenção do empreendedor, do IBAMA e da FUNAI para o fato de que determinadas locais nas áreas diretamente afetada e de influência direta do empreendimento EF 354 possuem restrições sérias por parte dos Xavante de intervenção por terceiros. Ressalta-se ainda que não se tem conhecimento preciso, até o presente momento, de onde se localizarão as áreas de empréstimo e bota-fora do empreendimento, podendo portanto ser aumentada a área com restrições de uso pelos Xavante. Estes locais mais importantes para este povo na área de influência da EF 354 são apontados no Mapa 08 do Caderno de Mapas anexo.

Como já descrito nestes Estudos, a região do interflúvio entre os rios das Mortes e Culuene é o *lar* dos Xavante, e com isso se pode afirmar que qualquer modificação ou

interferência neste território – dada a noção de *pertencimento* que envolve²⁵– gerará conflitos, já verificados historicamente, visto que a territorialidade, para os Xavante é afirmada e marcada não apenas pelo espaço físico e nas terras demarcadas como antes explicitado.

Neste contexto é que situamos o discurso que os Xavante estão construindo em relação aos grandes empreendimentos, manifestado nos depoimentos acima transcritos, onde enfatizam que não estão dispostos a tratar as possíveis medidas mitigadoras e compensatórias deste e outros empreendimentos, como ocorreu recentemente no processo de licenciamento dos AHEs planejados para o rio das Mortes.

A questão, assim, vai além do possível impacto sobre as TIs demarcadas aqui consideradas, que define o critério dos impactos, diretos e indiretos. No caso específico da EF 354, por exemplo, os impactos são, por premissa, considerados de antemão como secundários, já que os Xavante não serão “afetados” diretamente, uma vez que as TIs estão “distantes” do leito da ferrovia. Como antes demonstrado, essa não é realidade.

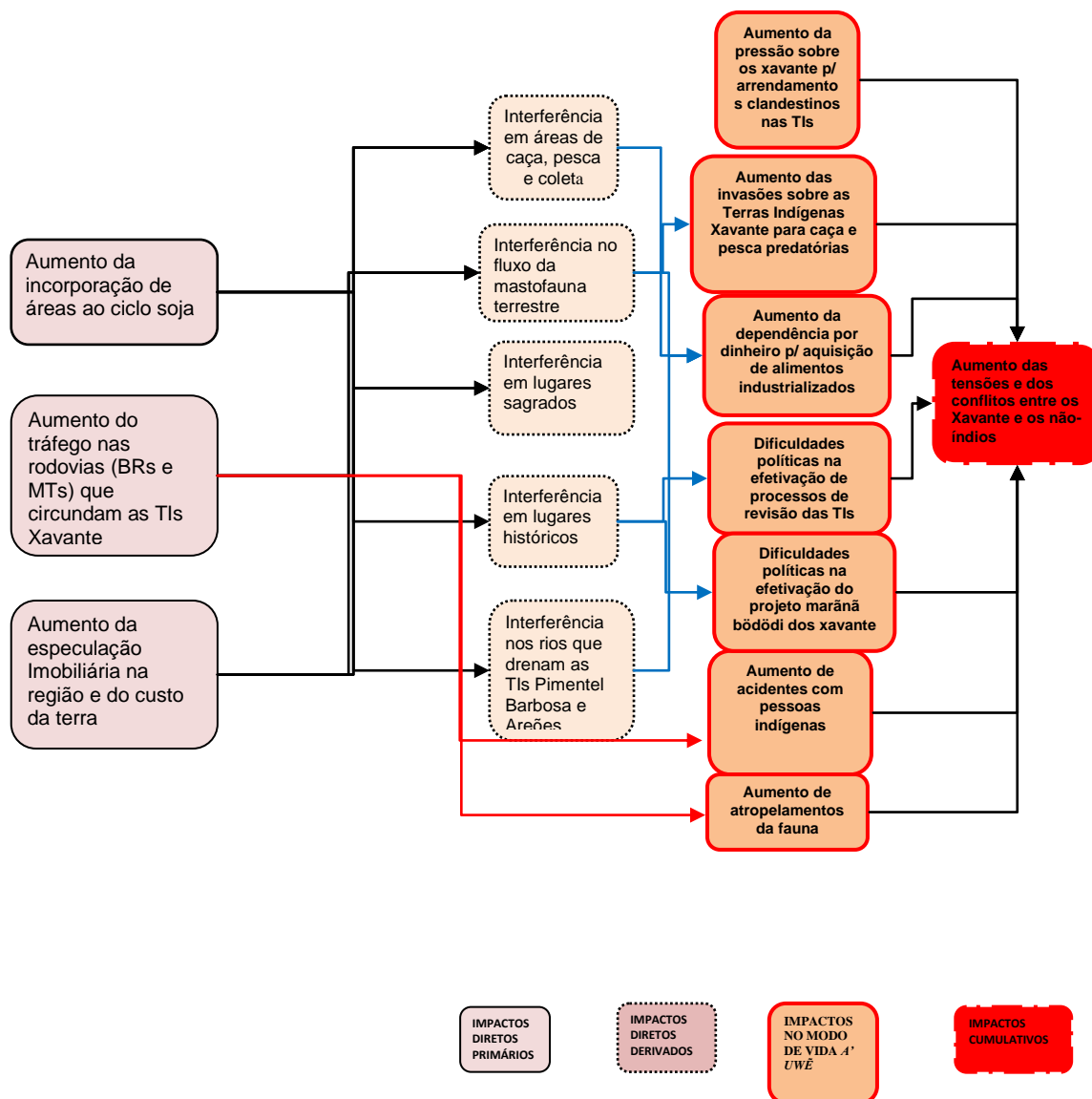
Os principais impactos ambientais previstos no caso da implantação do EF 354 serão a perda de áreas de uso histórico e cerimonial, de áreas de uso atual de caça e coleta e o desenvolvimento socioeconômico na região entre os rios das Mortes e Culuene que certamente induzirá – como previsto no EIA – e poderá acarretar alterações no uso do solo (novas áreas do *Ró* incorporadas ao “ciclo soja”). A presença de outros projetos na região, como as BRs 242, 251 e 080, o AHE de Água Limpa no rio das Mortes e as PCHs previstas para este mesmo rio ou em rios da sua bacia, potencializarão os conflitos pelos usos dos recursos naturais e as disputas fundiárias, intensificando a já delicada relação entre os Xavante e os moradores do entorno de seus territórios tradicionais.

Neste contexto, e dentro de uma realidade mais local, a utilização dos acessos ao canteiro de obras do EF 354 programados, mas ainda desconhecidos, acarretarão em perdas de

²⁵ “Esse estudo parte da noção de território evocada por Nates (2001), como ‘capacidade cultural e social de transformar um entorno físico em significação de concepção e de prática’ (NATES, 2001: 14). Essa postura analítica de perceber o território como significação nos leva a lembrar que as apropriações humanas são sempre produto de seus sistemas de valores e representações, como mencionado anteriormente. Assim, o território aqui é examinado enquanto significado. Ainda, segundo o mesmo autor, a territorialidade é sempre uma relação (idem, 2001: 161). Pode-se apontar que é uma relação de poder e, também, de diferenciação social, de *pertencimento*. Ou seja, o território pode ser formulado como uma forma de vivenciar as representações sociais sobre o espaço, através de processos de transformações identitárias de ordenamento do espaço.” (in: AAI Bacia do Araguaia: 78 www.epe.gov.br/MeioAmbiente/Documents/Bacia/RioAraguaia/AAI_Araguaia.pdf).

outras áreas de caça e coleta entre as TIs Pimentel Barbosa e Areões e ainda novos polos de atração e de desenvolvimento no entorno das demais TIs Xavante aqui consideradas. A “rede de impactos” abaixo busca demonstrar a sinergia e interligação entre os impactos identificados nestes Estudos e o Quadro 16 mostra os impactos nos meios bióticos, físico e socioeconômico correlacionando-os ao modo de vida Xavante. Considera-se ainda neste quadro o meio “sociocultural Xavante” de forma a demonstrar as suas consequências sobre as concepções socioculturais *A’uwẽ*.

Figura 44 - Rede de Impactos



Quadro 16 – Impacto Identificados

Fases da Atividade da EF -354	Impactos sobre o MEIO BIÓTICO	Consequências para o modo de vida Xavante
Operação	Alteração da dinâmica de deslocamento da mastofauna terrestre Xavante, pois a implantação da EF 354 poderá impor uma barreira ao trânsito dessas espécies, acarretando consequências para as áreas de forrageamento/reprodução das mesmas.	Desequilíbrio na oferta dos animais de caça preferenciais dos Xavante nas TIs Areões e Pimentel Barbosa.
Operação	Alteração nas populações da mastofauna terrestre provocada pelo desmatamento direto na ADA ou induzido nas AID e AII.	Desequilíbrio na oferta das espécies preferenciais dos Xavante nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon
Construção	Risco de mortandade de peixes durante a realização de obras de arte em córregos que drenam as TIs Areões e Pimentel Barbosa e em locais de pesca dos Xavante no trecho entre estas TIs.	Comprometimento da oferta de pescado favorecendo alterações no seu modo de vida (sedentarização das aldeias e desestímulo para os jovens em pescar).
Construção/Operação	Risco de inutilização de locais de pesca freqüentados pelos Xavante das TIs Pimentel Barbosa e Areões por intervenção de obras de arte nestes locais.	Comprometimento da oferta de proteína animal e possível aumento da dependência de carnes bovina e frango congelado, afetando a saúde da população Xavante das TIs Pimentel Barbosa e Areões.
Construção/Operação	Alteração no padrão de circulação da fauna em função da modificação dos seus habitats	Comprometimento da oferta de caça para os Xavante das TIs Pimentel Barbosa e Areões, favorecendo alterações no seu modo de vida
Construção/Operação	Aumento da caça e pesca predatórias em função do aumento populacional na região do empreendimento.	Aumento da concorrência e comprometimento do esforço de caça para os Xavante nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon.
Operação	Riscos de acidentes com composições carregadas com produtos químicos e consequente	Comprometimento na oferta de pescado favorecendo alterações no seu modo de vida (sedentarização das aldeias e desestímulo

	contaminação dos corpos d'água que drenam as TIs Areões e Pimentel Barbosa	para os jovens em pescar).
Fases da Atividade da EF 354	Impactos sobre o MEIO FÍSICO	Consequências para o modo de vida Xavante
Construção	SEM DADOS SOBRE ÁREAS DE EMPRÉSTIMO E BOTA-FORA	Sem estimativa
Construção	Intervenções nos rios e córregos que drenam as TIs Areões e Pimentel Barbosa	Risco de assoreamento destes corpos d'água
Fases da Atividade da EF 354	Impactos sobre o MEIO ANTRÓPICO	Consequências para o modo de vida Xavante
Construção/Operação	Especulação imobiliária por valorização dos terrenos e propriedades rurais.	Aumento da pressão para arrendamentos ilegais seja para soja ou outras cultura sobre as TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon.
Construção	Atração de migrantes - aumento populacional nos núcleos urbanos localizados no entorno das TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon em função do aumento da oferta de empregos diretos e indiretos.	Risco de aumento das invasões de pescadores e caçadores ilegais nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon: roubo de madeira e de outras espécies vegetais. Aumento da concorrência e comprometimento da oferta de caça para os Xavante e o consequente: Aumento da dependência do consumo de proteína de animais criados (carne bovina, frango congelado) desestimulando os jovens nas atividades tradicionais de caça e pesca.
Construção	Incremento do tráfego rodoviário nas rodovias que cortam/tangenciam as TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon ou que passam em seus entornos.	Risco de aumento das invasões de pescadores e caçadores ilegais nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon; roubo de madeira e de outras espécies vegetais. Aumento da concorrência e comprometimento da oferta de proteína animal para os Xavante e o consequente: Aumento da dependência do consumo de proteína animal de animais criados (carne bovina, frango congelado) desestimulando os jovens nas atividades tradicionais de caça e pesca. Aumento do risco de acidentes com indígenas nas BRs 070 e 158.

		Aumento de atropelamentos da fauna silvestre
Operação	Incorporação de novas áreas ao “complexo soja” em função da redução dos custos de produção	Pressão política adversa para a viabilização do projeto marãñã bödödi
Operação	Incorporação de novas áreas ao “complexo soja” em função da redução dos custos de produção	Pressão política adversa para a viabilização dos processos de revisão das Terras Indígenas Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon pela FUNAI
Construção/O peração	Pressão pela criação de novas Unidades de Conservação na região da bacia do rio das Mortes utilizando as compensações ambientais	Aumento da proteção sobre áreas de reprodução e dispersão da fauna com incremento da oferta de proteína animal (“caça, peixes”) nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon.
Construção/O peração	Pressão para a discussão de um Plano Diretor das bacias dos rios das Mortes, Culuene, Couto Magalhães e Batovi envolvendo lideranças Xavante.	Manutenção de importantes remanescentes de APPs e RLs no entorno das TIs Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon com a ampliação da permeabilidade das matrizes, favorecendo a circulação da fauna no interior das TIs. Manutenção de trechos de rios com suas características originais visando à manutenção dos corredores ecológicos entre TIs e outras áreas protegidas da região.
Fases da Atividade da EF 354	Impactos sobre o meio sociocultural Xavante	Consequências para o modo de vida Xavante
Planejamento/ estudos de engenharia e ambientais	Insegurança da população indígena.	Notícias desconstruídas disseminadas nas aldeias Xavante sobre “a ferrovia”, fomentando o temor na população indígena e aumentando a sua desconfiança em relação aos órgãos de governo.
Planejamento/ Estudos de Engenharia e Ambientais	Confusão e dificuldade de entendimento sobre o projeto da ferrovia	Acirramento da disputa geracional (jovens/velhos): jovens desqualificam a compreensão/ entendimento dos idosos sobre as consequências da ferrovia para o modo de vida xavante.
Planejamento/ Estudos de Engenharia e Ambientais	Expectativa de melhoria dos serviços e infraestrutura para as TIs.	Acirramento do faccionalismo interno: uns, pró-ferrovia argumentam que vai haver melhoria da infraestrutura e serviços advindos com os programas de compensação – no que são contestados por outras facções, com exemplos que estas compensações jamais beneficiaram as aldeias (casos da BRs 070 e 158 e PCH Paranatinga II).

Construção/ Operação	Alterações nos ambientes terrestres do Ró	Risco de desaparecimento de espécies medicinais e alimentícias da flora; “Insulamento” da caça terrestre pondo em risco o ethos “caçador” do povo Xavante; Diminuição das espécies de caça preferenciais dos Xavante .
Construção/ Operação	Alterações nos ambientes do Ró	Intervenção em lugares históricos nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon impossibilitando a sua retomada em projetos de revisões de terras em curso na FUNAI.
Construção/ Operação	Alteração nos ambientes do Ró	Intervenção em lugares sagrados pondo em risco a segurança cosmológica do povo Xavante nas TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon; Desqualificação do conhecimento dos “benzedores”.

7.3 Avaliação dos Impactos Identificados

“(…) as ferrovias dependem de concessão do governo federal para serem construídas e operadas. Isso ocorre, entre outras razões, devido ao fato de essa modalidade de transporte se constituir em monopólio natural. Um monopólio natural é aquele caracterizado por economias de escala, ou seja, necessita de um grande volume de produção. Esse fato faz com que haja uma necessidade de regulação mais forte o que pode implicar em distorções de preços e perda de eficiência econômica”

(UFAM-DNIT, in http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/BR-319/Documentos.pdf)

A identificação dos impactos destes Estudos partiu da constatação, explicitada na citação acima, de que uma ferrovia do porte da EF354 só é viável economicamente *se* o volume de produção previsto for compensatório. O EIA do empreendimento afirma que:

A instalação da Ferrovia 354 trecho: Uruaçu – Vilhena, objeto deste estudo, justifica-se pela melhoria no que se refere à logística de transportes, capaz de trazer benefícios para o mercado do agronegócio na região, além de outros segmentos comerciais. A ferrovia facilitará o escoamento da produção, fazendo com que as mercadorias possam chegar qualquer terminal portuário do país com mais agilidade e custos minimizados. (EIA/RIMA para Implantação da Ferrovia EF 354 – Trecho: Uruaçu/GO - Vilhena/RO 2-5 e 2-6).

Por outro lado demonstrou-se antes (p. 195 e ss) que, contrariamente ao apontado no EIA da EF 354 (“A melhoria do sistema de transporte de grãos, como consequência da instalação do empreendimento, poderá potencializar os possíveis impactos no uso e ocupação do solo. Por um lado, o empreendimento secciona algumas áreas agriculturáveis, suprimindo-as. Por outro, é possível haver pressão para o desmatamento de áreas de vegetação, objetivando o aumento das áreas produtivas. No entanto, é necessário salientar que a melhoria no setor aponta para o aumento da

produtividade de grãos com tecnologia, e não com o aumento da área” – 2-25, grifo nosso), este empreendimento tenderá a potencializar, por diminuição dos custos de produção, o aumento da área, com mais desmatamentos no entorno das TIs Xavante. Cita-se aqui novamente a conclusão do estudo do Instituto Matogrossense de Economia Agrícola (IMEA) citado à p. 195:

Em Mato Grosso há a necessidade de aumentar a eficiência a fim de competir com as demais regiões produtoras. Isto porque o maior produtor nacional também é o que tem os mais altos custos de produção, maior distância logística dos portos de escoamento e de importação de insumos, deficiências no solo que encarecem os custos de fertilização, entre outros entraves que o obrigam a aumentar a eficiência produtiva. A maneira encontrada pelos produtores de Mato Grosso foi a mesma adotada desde a colonização do Estado: crescer. O ganho de escala proporcionado pelo aumento de área [com a] diluição dos custos fixos tornou-se uma necessidade e certamente será a tendência para os próximos anos em Mato Grosso. (IMEA “Concentração da Produção de Soja em Mato Grosso” - 09 de Agosto de 2010 – grifo nosso).

E mais desmatamentos ou incorporação de pastagens para o “ciclo soja” no entorno das TIs Xavante implicarão na valorização da terra e este fator colocará sérios obstáculos à pretensão destes índios em retomar parte do seu território tradicional não contemplada nas demarcações dos anos 1979-80, como já ressaltado, aumentando os riscos de conflitos entre os Xavante e membros da sociedade regional e seus representantes políticos. Este é o principal impacto identificado nestes Estudos e a partir dele ramificam-se outros, como mostrado na Rede de Impactos acima, que poderão contribuir para a situação de conflito mencionada.

A avaliação dos impactos abaixo analisa cada uma destas ramificações impactantes para as terras indígenas, território, população e modo de vida *A’uwẽ*-Xavante. As medidas de controle e mitigação para os impactos identificados são de inteira responsabilidade da equipe técnica destes ECI-Xavante a qual avalia que poderão ser discutidas com os caciques e lideranças Xavante como condições *sine qua non* para eventual consentimento livre e informado ao empreendimento por parte dos mesmos e pré-requisito para o encaminhamento da 2ª Etapa dos ECI, conforme prevê o TR da FUNAI no item 5.2.

7.3.1 Expectativas dos Xavante sobre o Empreendimento e o setor de transportes

Os dados incluídos nos principais documentos de planejamento do setor de transportes apontam ao menos três empreendimentos modais de transportes para a região, como já salientados e descritos (p. 198 e ss). Com isso pode-se esperar uma intensificação da dinamização da economia dos setores vinculados ao “complexo soja”, o que novamente trará reflexos nos ambientes aquáticos e terrestres em uma região onde já se verifica intensa

fragmentação e conflitos pelo uso dos recursos naturais, além de uma potencial contribuição para uma provável descaracterização sociocultural da população Xavante.

Além do aspecto cumulativo da dinamização da economia do “ciclo soja” pelo conjunto de empreendimentos planejados e existentes, deve se atentar também para a relevância dos impactos gerados pelas fases de planejamento destes projetos sobre o cotidiano Xavante. As interferências geradas nas fases prévias do licenciamento ambiental muitas vezes acabam produzindo efeitos negativos sobre os povos indígenas, ocasionadas, principalmente, pelos conflitos internos sobre as decisões e pressões políticas a que estão submetidos, acarretando em uma desarticulação social e política. No caso dos Xavante este impacto é evidente e já remonta a três décadas de pressões e assédios do setor de transportes sobre eles (capítulo 6), gerando expectativas e anseios relacionados principalmente à:

- Expectativa pela ampliação da terra indígena;
- Expectativa de aumento da insegurança territorial;
- Desunião da comunidade em função de conversas isoladas com lideranças da comunidade por parte dos empreendedores e autoridades regionais;
- Confusão e dificuldade de entendimento sobre os vários projetos planejados, devido a diversas informações, por vezes incompletas, vindas das mais variadas instituições externas.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	planejamento	Reunião Geral com as Lideranças e caciques de todas as TIs Xavante com representantes da FUNAI, VALEC, DNIT e do Governo do Mato Grosso com a finalidade de pactuar-se uma agenda de negociação sobre as obras em andamento e previstas para o Leste do MT conforme dispõe o Art. 6º da Convenção 169: “A melhoria das condições de vida e de trabalho e do nível de saúde e educação desses povos (indígenas e tribais), deverá, com sua <u>participação e cooperação</u> , ser <u>prioritária nos planos de desenvolvimento econômico global das regiões que habitam (...)</u> ”.
Natureza	negativo	
Forma	direta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon.	
Temporalidade	curto prazo	
Duração	temporário	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	

Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.2 *Perda de Fragmentos Florestais no entorno das TIs e pressão sobre os recursos naturais das TIs Xavante*

A fragmentação da paisagem relacionada ao avanço do desmatamento leva à perda, em escala ampliada, de funções críticas dos cerrados, em prol de políticas de desenvolvimento regional, tais como: investimentos em infraestrutura de transporte, por exemplo, com abertura de estradas que favorecem a especulação fundiária; o aumento dos fluxos migratórios e o acelerado crescimento de cidades; a exploração madeireira e caça ilegal, além da expansão de atividades pecuárias e agrícolas, como o cultivo de grãos cuja expansão induzida pelo empreendimento, ao baratear custos de implantação/produção, potencializará a incorporação de novas áreas no entorno das TIs Xavante, como descrito anteriormente.

As terras indígenas neste contexto apresentam-se como importantes remanescentes em regiões onde a matriz é composta por áreas antrópicas, atuando muitas vezes como barreira ao avanço do desmatamento e da fronteira agrícola, especialmente na região de influência da EF 354.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	operação	1.Estabelecimento no bojo do Zoneamento Econômico-Ecológico do MT (em discussão judicial por interveniência do MPF) de preceito que iniba o desmatamento em até 15 quilômetros das Terras Indígenas 2.Criação de corredores de ligação das TIs Xavante utilizando-se as áreas remanescentes de cerrados compostas por APPs e RLs por meio de acordos previstos no Decreto 7.746 (que institui a PNGATTI) e que reza: "e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras ".
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	Entorno das TIs Areões, Pimentel Barbosa, Parabubure e Marechal Rondon.	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	

Significância	significativo	
----------------------	---------------	--

7.3.3 *Perda de áreas tradicionais relevantes para os Xavante e alteração da paisagem do Ró no trecho entre as TIs Pimentel Barbosa e Areõesatravessado pela EF 354*

Como mencionado anteriormente, diversos lugares levantados pela equipe como de uso atual e de moradia pretérita dos Xavante incidem sobre essa área. Ali se encontram as matas de baixada do rio Borecaia, desmatada e fragmentada no correr das duas últimas décadas. Pela especificidade da vegetação florestal de transição, várias espécies da flora só se encontram neste trecho, conforme apontado pelos Xavante de Areões e Pimentel Barbosa. O babaçu, os buritizais, bocauiveiros e os inajazeiros são apontados em locais específicos de coleta, devido ou à sua qualidade ou pela sua quantidade (MAPAS 10 e 11 do Caderno de Mapas, Anexo 3). O impacto da EF 354 neste trecho será muito significativo, pois além de fragmentar o fluxo da mastofauna terrestre de importância cinegética e ritual para os Xavante, trará sérias dificuldades de acesso áreas de coleta de espécies vegetais e de pesca. Há uma proposta de voltar a unir estas duas TIs em aberto na FUNAI.

Deve-se atentar ainda, e, sobretudo, que o trecho de *Ape* entre as TIs Pimentel Barbosa e Areões a ser cortado pela EF 354 é lugar privilegiado para o encontro com o “segredo dos homens” (NOTA 24, acima).

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	Instalação/operação	1.Criação de corredores de ligação das TIs Xavante utilizando-se as áreas remanescentes de cerrados compostas por APPs e RLs por meio de acordos previstos no Decreto 7.746 (que institui a PNGATTI) e que dispõe: "e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras ". 2. O trecho da EF 354 entre as TIs P.Barbosa e Areões, desde a margem esquerda do rio das Mortes até o cruzamento com a BR 158 deverá
Natureza	negativo	
Forma	direta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Areões e Pimentel Barbosa	
Temporalidade	curto prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	

Magnitude	grande	ser elevado até pelo menos 20 metros de altura do solo (leito aéreo).
Significância	Muito significativo	

A mudança acelerada do uso do solo no entorno das TIs Xavante de Parabubure e Marechal Rondon é para os habitantes destas TIs (e das demais) um impacto em seu território tradicional e vai além do impacto antrópico na área demarcada, com as consequentes tensões devido às invasões por parte de caçadores, extrativistas e madeireiros e do assédio sobre lideranças e caciques para arrendamento de partes das TIs, e da inoperância ou incapacidade do órgão indigenista em relação a esta questão, compromete para as gerações futuras a visibilidade histórica de sua ocupação.

Se esta é uma situação recorrente e presente em várias Terras Indígenas, no caso Xavante, ressaltou-se nestes Estudos, esta população indígena tem buscado um controle sobre seu território, desenvolvendo estratégias de ocupação com o desmembramento de suas aldeias, reocupação de pontos sensíveis, visando diminuir a vulnerabilidade de seu território e o uso de áreas de caça e coleta em seus territórios tradicionais situados fora dos limites das atuais TIs – com ou sem o consentimento dos ocupantes particulares atuais. Para os Xavante o “desenvolvimento” tem a ver com a possibilidade de *reprodução física*, o seu crescimento demográfico e a sua *reprodução cultural*, o modo de ser *a'uwẽ*, de existência, que se fundamenta em uma relação indissolúvel com o “meio ambiente” – o espaço do *Ró* como aqui descrito e explicado – e com o espaço social do qual este faz parte para além da terra demarcada, como se buscou demonstrar ao longo destes Estudos.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Estabelecimento pela FUNAI de Grupo Técnico para a identificação das terras tradicionais ocupadas pelo subgrupo <i>Onhiúdu</i> (hoje dispersos nas TIs Parabubu/Culuene e Marechal Rondon) no interflúvio Culuene/Batovi.
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	curto prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	

Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.4 *Perdas de áreas de uso atual de caça e coleta*

Descreveu-se em partes destes Estudos as estratégias que os Xavante se utilizam para fazer frente às limitações territoriais que lhes foram impostas pelo Estado brasileiro. As expedições de caça e coleta que realizam fora dos limites das terras indígenas demarcadas, com ou sem consentimento dos atuais ocupantes, é hoje fundamental para a reprodução física e cultural deste povo. A EF 354, se implantada, causará a perda ou implicará em restrições de acesso a estes locais, principalmente no trecho entre as TIs Pimentel Barbosa e Areões.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Criação de corredores de ligação entre as TIs Xavante Pimentel Barbosa e Areões utilizando-se as áreas remanescentes de cerrados compostas por APPs e RLs por meio de acordos previstos no Decreto 7.746 (que institui a PNGATI) e que dispõe: "e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras".
Natureza	negativo	
Forma	direta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa e Areões	
Temporalidade	curto prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.5 *Aumento do valor da terra e da especulação imobiliária e a conseqüente pressão sobre as áreas reivindicadas*

Os Xavante sabem que o seu território tradicional vai muito além daquele circunscrito nas demarcações dos anos 1970/80 e projetam recuperá-lo de alguma forma, pressionando a FUNAI a instituir Grupos Técnicos para a revisão das demarcações feitas naqueles anos. Sabem que o processo de regularização fundiária é, mais que a legitimação de sua posse e ocupação em um dado território, uma “negociação” política, onde os interesses

dos políticos e moradores locais conflitam com os seus. Empreendimentos como a EF 354, ao valorizarem, mesmo que indiretamente, o valor da terra no entorno, acabam por potencializar os entraves político-administrativos para tal revisão.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Instituição de GTs pela FUNAI para a identificação das terras tradicionais de uso, histórico e atual, dos Xavante.
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.6 Aumento do risco de acidentes com pessoas Xavante

A localização do terminal de cargas da EF 354 previsto para Água Boa certamente induzirá a intensificação do tráfego de veículos pesados nas rodovias que acessam aquele município e que tangenciam ou mesmo cortam as TIs Xavante. Como descrito no capítulo 6, vários acidentes com pessoas indígenas xavante vêm ocorrendo nos últimos anos nas BRs 070 e 158 cujos percursos levam a Água Boa e até a presente data o setor responsável (DNIT) não levou adiante as medidas de segurança pleiteadas pelos índios.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Finalizar os processos em curso de regularização ambiental das BRs 070 e 158, além dos relativos às rodovias estaduais, antes da concessão, pelo IBAMA, da LP da EF 354.
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões,	

	Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.7 *Alteração na dinâmica de deslocamento da mastofauna terrestre*

Não há estudos no Brasil que demonstrem que ferrovias constituam uma barreira ao deslocamento da mastofauna terrestre; mas certamente alguma alteração na dinâmica destes deslocamentos ocorrerá em função da interferência sistemática da EF 354, quando em operação, nos habitats desta fauna. Como apontado na p. 214, o impacto da EF 354 no trecho entre as TIs Pimentel Barbosa e Areões será muito significativo, pois pode fragmentar o fluxo da mastofauna terrestre de importância cinegética e ritual para os Xavante.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Criação de corredores de ligação entre as TIs Xavante Pimentel Barbosa e Areões utilizando-se as áreas remanescentes de cerrados compostas por APPs e RLs por meio de acordos previstos no Decreto 7.746 (que institui a PNGATI) e que dispõe: "e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras".
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	significativo	

7.3.8 *Alteração nas populações da mastofauna terrestre provocada pelo desmatamento direto na ADA ou indireto nas AID e AII.*

É ponto pacífico em alguns EIA-RIMAS de outros empreendimentos de menor porte que a EF 354, e consultados pela equipe, que “a fragmentação dos remanescentes florestais poderá causar o isolamento de algumas populações de aves e mamíferos. Pequenas populações estão sujeitas à deriva genética e, portanto mais suscetíveis a efeitos genéticos deletérios, tais como perda de flexibilidade evolutiva e depressão exogâmica. Esses fatores podem contribuir para um declínio populacional.” (SUPRAM - ASF 200.198.22.171/down.asp?x_caminho). Com descrito nestes ECI, a importância ritual das caçadas coletivas para as cerimônias de casamento vai muito além da proteína trazida, sendo fundamental para a reprodução sociocultural da sociedade Xavante. E a EF 354, em função da diminuição dos custos do agronegócio (que é o seu motivo principal) induzirá mais desmatamentos e fragmentação do Ró.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Criação de corredores de ligação entre as TIs Xavante Pimentel Barbosa e Areões utilizando-se as áreas remanescentes de cerrados compostas por APPs e RLs por meio de acordos previstos no Decreto 7.746 (que institui a PNGATI) e que dispõe: "e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras".
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	significativo	

7.3.9 *Alteração no padrão de circulação da fauna em função da modificação dos seus habitats*

A EF354 induzirá e/ou potencializará a supressão de ambientes florestais e demais ambientes do *Ró* podendo provocar a alteração da composição da fauna que ocupa esse tipo de habitat para forragear, nidificar, reproduzir, descansar ou ainda como rota de deslocamentos terrestres e aéreos ou utilizar como fonte de alimento, interferindo também em sítios de reprodução, forrageamento e abrigo da fauna. Para áreas mais abertas o impacto será pouco expressivo, mas no trecho entre as TIs Pimentel Barbosa e Areões poderá ser importante.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Criação de corredores de ligação entre as TIs Xavante Pimentel Barbosa e Areões utilizando-se as áreas remanescentes de cerrados compostas por APPs e RLs por meio de acordos previstos no Decreto 7.746 (que institui a PNGATI) e que dispõe: "e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras ".
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa e Areões	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	significativo	

7.3.10 *Risco de mortandade de peixes durante a realização de obras de arte em córregos que drenam as TIs Pimentel Barbosa e Areões e naqueles utilizados como locais de pesca dos Xavante habitantes destas TIs*

O diagnóstico apontou locais de pesca no traçado atual da EF 354 (vide MAPA 7) e mostrou a importância do rio das Mortes para os Xavante e o estado das microbacias que drenam as TIs Pimentel Barbosa e Areões. Intervenções no rio das Mortes e nas microbacias

que drenam as TIs citadas podem desencadear reações por parte dos Xavante moradores daquelas TIs e recomenda-se que só deverão ser iniciadas depois da negociação eventual sobre o consentimento dos Xavante ao empreendimento.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	O trecho da EF 354 entre as TIs P.Barbosa e Areões, desde a margem esquerda do rio das Mortes até o cruzamento com a BR 158 deverá ser elevado até pelo menos 20 metros de altura d solo (leito aéreo).
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa e Areões	
Temporalidade	curto prazo	
Duração	temporária	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	significativo	

7.3.11 Aumento da caça e pesca predatórias nas TIs Xavante em pontos de uso dos A'uwẽ em função do aumento populacional na região em função do empreendimento.

O aumento populacional na região de implantação da EF 354 poderá ocorrer em função tanto pela atração de mão-de-obra externa durante a fase de construção quanto pela absorção deste contingente finalizada a obra, dado que a obra em si aportará altos volumes de recursos nos municípios em que operará, gerando oportunidades de empregos diretos e indiretos. O EIA (6-15) aponta que:

(...) a dinamização regional, fomentada pela implementação da linha férrea é causa de desenvolvimentos pontuais, o que se reflete no aumento populacional do município e conseqüentemente das cidades-sedes. Em geral este aumento populacional é representado por setores de expansão marginais com organização distinta ao dos centros das cidades o que demanda planejamento antecipado das cidades em seus planos diretores.

Ou seja, a dinamização da economia que o empreendimento trará à região certamente acarretará, e não mencionado no EIA, *a melhoria nas estradas municipais que margeiam ou*

mesmo cortam as TIs Xavante aqui em tela. Portanto é de se esperar uma pressão sobre as TIs Xavante na utilização dos seus recursos tanto na fase de construção como de operação da EF 354.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	1.Finalizar os processos em curso de regularização ambiental das BRs 070 e 158, além daqueles relativos às rodovias estaduais e municipais, antes da concessão, pelo IBAMA, da LP da EF 354. 2.Dotar a FUNAI de meios Efetivos para o controle e Vigilância das TIs.
Natureza	negativo	
Forma	indireta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa e Areões	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	temporário	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	significativo	

7.3.12 Riscos de acidentes com composições carregadas com produtos químicos e consequente contaminação dos corpos d'água que drenam as TIs

Esta foi uma preocupação constante por parte dos Xavante em todas as reuniões realizadas com suas lideranças. Os Xavante conhecem (e discorrem sobre) os efeitos que os agrotóxicos acarretam nos seus rios e na ictiofauna, sobretudo nas TIs cercadas pelas culturas do “ciclo soja” (Sangradouro e São Marcos principalmente) – daí a preocupação com a ocorrência possível de acidentes no transporte destes insumos fundamentais para as culturas citadas (soja, algodão e milho).

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	operação	1.O trecho da EF 354 entre as

Natureza	negativo	TIs P.Barbosa e Areões, desde a margem esquerda do rio das Mortes até o cruzamento com a BR 158 deverá ser elevado até pelo menos 20 metros de altura do solo (leito aéreo). 2.Limitar ao mínimo a velocidade das composições neste trecho.
Forma	direta	
Abrangência	local	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa e Areões	
Temporalidade	incerta	
Duração	cíclico	
Reversibilidade	reversível	
Probabilidade	média	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.13 Atração de migrantes - aumento populacional nos núcleos urbanos localizados no entorno das TIs em função do aumento da oferta de empregos diretos e indiretos.

O aumento populacional urbano sempre requer a expansão da infra-estrutura referente ao saneamento básico, fornecimento de água, coleta de lixo, com o aumento da capacidade de tratamento dos resíduos e efluentes (implantação de aterros sanitários e sistemas de esgotos). Esta demanda por serviços públicos afeta diretamente o meio físico, pressionando o meio ambiente e onerando os municípios em obras necessárias. Atualmente, pela observação dos municípios, poucas são as cidades que podem absorver esta demanda em um curto espaço de tempo em função de sua capacidade arrecadatória. A diferença entre os municípios especializados em criação de gado e produção de grãos é grande, sendo favorável aos últimos (EIA, 6-15).

Além dos impactos acima identificados, deve-se esperar ainda que o aumento do contingente populacional pressione os serviços de saúde nos municípios da AID da EF 354 e onde os Xavante recebem esse e outros serviços (Água Boa, Canarana, Nova Xavantina, Campinápolis e Paranatinga). Além disso, ressalta-se que muitas famílias xavante têm moradias nestas cidades.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Instalar unidades do SUS exclusivas para o atendimento da população indígena nas sedes
Natureza	negativo	

Forma	direta	dos municípios citados.
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	média	
Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	significativo	

7.3.14 Incorporação de novas áreas ao “complexo soja” em função da redução dos custos de produção

Este impacto direto da EF 354 trará como consequência o aumento das pressões políticas sobre as pretensões dos Xavante em revisar os limites das TIs aqui consideradas na medida em que a incorporação de novas áreas por redução de custos (seja pela troca de pastagens por culturas do ciclo soja seja pela abertura de novas áreas de cerrado) poderá incidir sobre as áreas reivindicadas de *Hu'uhi*, *Isoupá* e outras.

Qualificação		Medidas de Controle Mitigação
Fase	operação	Instituição de GTs pela FUNAI para a identificação das terras tradicionais de uso, histórico e atual, dos Xavante.
Natureza	negativo	
Forma	direta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	alta	
Importância	grande	
Magnitude	grande	

Significância	Muito significativo	
----------------------	---------------------	--

7.3.15 Aumento nos conflitos entre os Xavante e não índios

A partir do exposto no diagnóstico, evidenciou-se a situação histórica e atual de conflitos dos Xavante com os não índios moradores do entorno de sua TI, especialmente àqueles relacionados ao uso dos recursos naturais e aos grandes projetos de infraestrutura regionais. Neste caso, a possível implantação do EF 354 induzirá ao aumento de atividades potencializadoras de tais conflitos, a partir de uma maior exploração da diversidade dos recursos naturais utilizados pelos Xavante, levando ao aumento de conflitos interétnicos. A EF 354 irá gerar atrativos econômicos e sociais e de logística para as atividades que utilizam a apropriação em larga escala dos recursos naturais, como as atividades de monoculturas de grãos, em contínuo avanço no entorno das TIs Xavante. Esta modificação da dinâmica social e dos usos do solo no entorno das TIs, com consequentes alterações dos modos de vida da população local e das práticas agrícolas regionais e, consequentemente nas relações interétnicas, levam às disputas pela posse das terras, motivadas por uma expectativa de um aumento do valor do hectare e das possíveis melhorias socioeconômicas induzidas pelo empreendimento.

Qualificação		Medidas de Controle e Mitigação
Fase	instalação/operação	Reunião Geral com as Lideranças e caciques de todas as TIs Xavante com representantes da FUNAI, VALEC, DNIT e do Governo do Mato Grosso com a finalidade de pactuar-se uma agenda de negociação sobre as obras em andamento e previstas para o Leste do MT conforme dispõe o Art. 6º da Convenção 169: “A melhoria das condições de vida e de trabalho e do nível de saúde e educação desses povos (indígenas e tribais), deverá, com sua <u>participação e cooperação, ser prioritária nos planos de desenvolvimento econômico global das regiões que habitam(...)</u> ”
Natureza	negativo	
Forma	direta	
Abrangência	regional	
Local de ocorrência	TIs Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure e Marechal Rondon	
Temporalidade	médio prazo	
Duração	permanente	
Reversibilidade	irreversível	
Probabilidade	alta	

Importância	grande	
Magnitude	grande	
Significância	Muito significativo	

7.3.16 Áreas de bota-fora e de empréstimo

Caso o empreendimento receba as devidas Licenças que o viabilize ambientalmente, o empreendedor deverá abster-se de utilizar áreas de empréstimo e de bota-fora nos trechos apontados no Mapa 08 do Caderno de Mapas em anexo como de interesse histórico e/ou de interesse cosmológico, como é o caso do trecho de *ape* ao sul da TI Pimentel Barbosa e norte da TI Areões, pelas razões apontadas na Nota 24 acima.

8 Análise da Viabilidade

Como caracterizado ao longo destes Estudos, a EF 354 causará impactos diretos sobre áreas de importância histórica, cosmológica e de uso atual para o povo Xavante e, neste último caso, sobretudo entre as TIs Areões-Pimentel Barbosa, e induzirá efeitos negativos sobre as terras demarcadas. Caso implantada a ferrovia imporá mais obstáculos e dificuldades (físicas e políticas) às pretensões e reivindicações territoriais dos Xavante, aumentando os riscos de conflito entre este povo e as autoridades governamentais - federais e estaduais - e fazendeiros vizinhos.

Soma-se a este quadro o fato de que representantes do governo do Mato Grosso têm expressado na mídia regional claro interesse na viabilidade desta obra, chegando alguns a considerá-la como prioritária para os planos do governo atual. Entidades privadas congregadas no movimento denominado “Pró-Logística” (*Projeto Desenvolve Mato Grosso*²⁶), por seu lado, colocaram como metas de curto prazo para sua ação lobística sobre o Governo Estadual e Federal as seguintes obras: 1) a conclusão da BR 242 até 2014; 2) implantação da Ferrovia de Integração Centro Oeste até Lucas do Rio Verde e 3) implantação e pavimentação da rodovia BR 080 da divisa do Estado até Ribeirão Cascalheira até 2014.

Alerta-se aqui que os custos, políticos e econômicos, a serem exigidos *eventualmente* pelos Xavante para a implantação da EF 354, serão altos, pelo que aferiu-se em campo, podendo colocar em risco a viabilidade deste empreendimento. Logo, o Governo do Mato Grosso terá um papel importante em eventuais negociações e deve ser informado e esclarecido da posição dos Xavante desde logo, posto que a questão dos “passivos” que o

²⁶ Integrantes: CREA-MT, FAMATO, APROSOJA, AÇÃO VERDE, ACRIMAT, AMPA, FIEMT entre outras entidades civis e do empresariado matogrossense.

Governo estadual tem para com os Xavante entrará certamente na pauta destas possíveis negociações.

Posição dos Xavante nas reuniões nas TIs para apresentação do Relatório Preliminar

Em conformidade com o Plano de Trabalho (ponto 4.10) e TDR (item 5.1.1) aprovados pela FUNAI, a equipe responsável pelos Estudos do CI-Xavante, coordenada pelo antropólogo Gilberto Azanha e integrada por Fábio Peixoto, Maurice Nilsson e Diogo Reggiani, esteve em campo no período de 24 de Maio a 07 de Junho para apresentar a versão preliminar do Relatório dos Estudos Etnoecológicos do Componente Indígena/Xavante do processo de licenciamento ambiental da EF 354 nas 05 Terras Indígenas. Foi cumprida a seguinte agenda previamente aprovada e acompanhada pela CGAM-FUNAI:

- 26/05: TI *Areões* (aldeia Tritopa)
- 28/05: TI *Pimentel Barbosa* (aldeia Tanguro)
- 31/05: TI *Parabubu* (aldeia São José)
- 02/06: TI *Culuene* (1ª. Reunião na aldeia Campina)
- 03/06: TI *Culuene* (2ª reunião na aldeia Novo Paraíso)
- 05/06: TI *Marechal Rondon* (aldeia Batovi)
- 07/06: retorno a Brasília

Esclarece-se que foi necessário realizar duas reuniões na TI Culuene devido ao número de aldeias desta terra Indígena (73) e em função da logística necessária para trazer os caciques e lideranças desta TI.

Informa-se ainda que a CGGAM fez-se presente nas reuniões na pessoa da técnica MARTHA MONTENEGRO que, por seu lado, elaborou relatório a parte e circulou lista de presença para conhecimento interno à citada coordenação da FUNAI.

As cópias das listas de presença das mencionadas reuniões e das atas assinadas extraídas das mesmas encontram-se anexadas ao presente Relatório; os originais destes estão anexadas ao presente documento.

Terra Indígena Areões

Sem contar ainda com a técnica da CGGAM que só chegaria no dia seguinte, a reunião para apresentação dos Estudos do CI foi em parte prejudicada porque o gerador da aldeia Tritopa estava quebrado. Apenas duas aldeias (*Mai're'a* e *Cachoeira*) não conseguiram ter seus representantes presentes por força de problemas com a logística, sob a responsabilidade dos Coordenadores Técnicos Locais (CTL) da FUNAI.

A apresentação, debaixo dos pés de manga de Tritopa, foi feita pelo coordenador da equipe técnica a partir de cópias impressas disponibilizadas pelo CTI aos presentes e não houve grandes questionamentos em relação aos Estudos. A apresentação durou toda a parte da manhã e pela tarde redigiu-se a Ata que foi lida e assinada pelos presentes.



Reunião na aldeia Tritopá, TI Areões

Terra Indígena Pimentel Barbosa

Todas as aldeias desta Terra Indígena mandaram seus caciques e/ou representantes para a reunião na aldeia *Tanguro* e que, a partir desta aldeia, contaria com a presença da técnica da CGGAM-FUNAI em todos os eventos subsequentes. A apresentação foi feita na escola da aldeia utilizando-se do recurso do *power-point* que havíamos preparado e que, com poucas alterações, é o mesmo que apresentamos na CGGAM-FUNAI por ocasião da nossa reunião com a VALEC. A discussão na TI Pimentel Barbosa foi mais interessante, com contribuições valiosas de alguns dos presentes no sentido de matizar melhor os impactos apresentados nos Estudos. À tarde redigiram a Ata que, depois de lida, foi aprovada e assinada pelos presentes.



Reunião na aldeia Tanguro, TI Pimentel Barbosa

Terra Indígena Parabubu

Das 53 aldeias desta TI, apenas duas grandes aldeias não mandaram seus representantes “oficiais”. A apresentação deu-se na aldeia São José onde residem os dois anciãos (Zacarias e Pedrinho) que participaram dos levantamentos de campo no ano passado. Utilizamos o *power-point* e a discussão foi a mais interessante de todas as apresentações dado que houve uma discussão entre alguns jovens que justificavam a passagem da ferrovia como uma alternativa para os “xavante conseguirem projetos” e outros, principalmente os mais velhos, contestando alegando que “nenhum projeto vai compensar os prejuízos que no futuro teremos”. Essa discussão tomou quase toda a parte da

tarde e ao final, a maioria optou por considerar os Estudos aprovados fixando na Ata a manifestação contrária ao empreendimento.



Reunião na aldeia São José – TI Parabubu

Terra Indígena Culuene (*1ª Reunião na aldeia Campinas*)

Como já observado, dado o número de aldeias nesta TI (73), a Associação Warã e a FUNAI local decidiram realizar duas reuniões nesta TI por questões de logística. A primeira foi realizada na aldeia Campinas, onde contamos também com o recurso do *power-point*. Nesta aldeia, pelo fato de que um dos representantes xavante ter sido o responsável pelo PBA da PCH de Paranatinga II, houve uma intensa discussão sobre os benefícios das medidas de compensação, com a maioria dos presentes contestando a FUNAI e o

representante citado sobre os procedimentos que “liberaram” aquela obra. A comparação entre os dois procedimentos (PCH e Ferrovia) quanto ao grau de informação e de consulta aos Xavante, foi exaustivamente discutida e determinante para a manifestação dos presentes contrária a qualquer colocação por parte do CTI, nesta etapa dos Estudos do Componente Indígena, de “medidas e programas”. A exemplo da manifestação dos representantes da TI Pimentel Barbosa, os caciques e lideranças presentes optaram por discutir se vão ou não tratar de medidas e programas na Assembleia do Povo Xavante, evento este que estava programado para realizar-se neste ano de 2012, sob auspícios da FUNAI e da SESAI em Primavera do Leste.



1ª Reunião TI Culuene, na aldeia Campinas

Terra Indígena Culuene (2ª Reunião – aldeia Novo Paraíso)

Com a presença maciça dos caciques e lideranças de todas as aldeias convocadas para o evento, esta reunião foi a mais tensa de todas porque os ânimos estavam exaltados em função dos comentários de bastidores de que tal evento também serviria para discutir o destino dos Coordenadores Técnicos Locais (CTLs) da FUNAI presentes na reunião. Boa parte da manhã foi gasta para desfazer os mal-entendidos e colocar claramente aos presentes que primeiro eles iriam se manifestar quanto aos Estudos da Ferrovia e que somente depois da Ata assinada é que discutiriam a questão das CTLs da FUNAI. Feito os esclarecimentos, a apresentação dos Estudos foi realizada e a discussão seguiu sem problemas, com os representantes indígenas se posicionando de acordo com os demais caciques e lideranças das outras aldeias presentes na reunião do dia anterior na aldeia Campinas.

Terra Indígena Marechal Rondon

A reunião de apresentação dos Estudos foi realizada na aldeia *Batovi* que contava com energia elétrica e transcorreu em um clima tranquilo, com intensa participação de jovens lideranças (professores e alunos do ensino superior). Redigida e assinada a Ata por todos os presentes, a equipe retornou a Paranatinga de onde retornou a Brasília, dando por encerrada a atividade nesta etapa do Componente Indígena do processo de licenciamento da EF 354.



Reunião na aldeia Batovi, TI Marechal Rondon

Como se observa nas Atas anexas, os caciques e líderes Xavante de todas as Terras Indígenas envolvidas se manifestaram pela aprovação do conteúdo do Relatório dos Estudos do Componente Indígena que lhes foi apresentado na 1ª Versão (Preliminar) tal como entregue à STE-VALEC e FUNAI. Todos os caciques e lideranças presentes nas reuniões nas Terras Indígenas *Areões*, *Pimentel Barbosa*, *Parabubu*, *Culuene* e *Marechal Rondon* foram unânicos em manifestar sua oposição ao empreendimento em função dos impactos apontados nestes Estudos.

Decidiram ainda nas referidas reuniões que eventuais medidas mitigadoras ou compensatórias e as linhas gerais de Programas que comporiam a 2ª Etapa dos ECI-Xavante seriam discutidos na Assembleia Geral do Povo Xavante a ser agendada pela FUNAI.

Portanto, nas reuniões acima descritas, os Xavante se manifestaram (Atas anexas) contrários ao empreendimento denominado EF 364 ou Ferrovia de Integração do Centro-

Oeste (FICO). O empreendimento é inviável em função dos impactos aqui identificados e qualificados sob a ótica do Componente Indígena Xavante.

O Termo de Referência expedido pela FUNAI por meio do Ofício nº 580/2010 (anexo) deixa claramente assentado (item 5.2, p. 07) que a 2ª Etapa destes Estudos (relativa ao Componente Indígena do PBA) somente seria efetivada constatada a viabilidade do empreendimento (sob a ótica do componente indígena, está claro). Não sendo esse o caso, sugere-se que uma nova rodada de discussão com os caciques e lideranças Xavante seja agendada pela direção da FUNAI, com o envolvimento da VALEC, em substituição à prevista “Assembleia Xavante” mencionada nas Atas anexas, com a finalidade de esclarecimentos sobre o projeto da EF 354 e outros empreendimentos que impactam as terras e o povo Xavante e com a presença das lideranças e caciques de todas as TIs Xavante e de representantes da FUNAI, VALEC, DNIT e do Governo do Mato Grosso de forma a atender o disposto no Artigo 6º da Convenção 169: “A melhoria das condições de vida e de trabalho e do nível de saúde e educação desses povos (indígenas e tribais), deverá, com sua participação e cooperação, ser prioritária nos planos de desenvolvimento econômico global das regiões que habitam” (parênteses e grifo nossos).

Bibliografia utilizada

AB'SABER, A.N. *Contribuição à geomorfologia da área dos cerrados - Simpósio sobre o cerrado*. São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda.,1971.

-----*Domínios Morfoclimáticos Atuais e Quaternários na Região dos Cerrados- Craton & Intracraton: Escritos e Documentos*, Rio Claro: IBILCE-UNESP,1981.

-----*A Amazônia: Do Discurso à Práxis*. São Paulo: Edusp, 1996.

AB'SABER, A.N & Plateberg, C. M (orgs.). *Previsão de Impactos: o Estudo de Impacto Ambiental no Leste, Oeste e Sul. Experiências no Brasil, na Rússia e na Alemanha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, 2^a ed.

AGOSTINHO, A. A., JULIO JR. H.F & PETRERE, M. "Itaipu reservoir (Brazil): impacts of the impoundment on the fish fauna and fisheries." In , I. G. Cowx (ed.), *Rehabilitation of Freshwater Fisheries*. Oxford: Fishing New Books, 1994.

AGOSTINHO A.A, MARQUES, E. E., AGOSTINHO, C.S., OLIVEIRA R.J. & RODRIGUES, J.B.M. "Fish ladder of Lajeado Dam: migrations on one-way routes?" *Neotropical Ichthyology*, 5(2):121-130, 2007

AGOSTINHO, A. A. & JÚLIO JR.H.F. "Peixes da bacia do alto rio Paraná" In Lowe-McConnell RH (ed.), *Estudos ecológicos de peixes tropicais*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 374-400

AGOSTINHO, A. A., GOMES, L.C., & PELICICE, F.M. *Ecologia e manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil*. Maringá: Eduem, 2007.

AGOSTINHO, A. A., GOMES, L.C., FERNANDEZ, D.R. & SUZUKI, H.I. "Efficiency of fish ladders for neotropical ichthyofauna." *River Research and Applications*, 18: 299-306, 2002

AGOSTINHO, C. S., AGOSTINHO, A. A, PELICICE, F.M., ALMEIDA, D.A. & MARQUES, E.E. "Selectivity of fish ladders: the first bottleneck in fish movement." *Neotropical Ichthyology*, 5(2):205-213, 2007.

AGOSTINHO, C. S., PEREIRA, C. R, OLIVEIRA, R. J, FREITAS, I. S & MARQUES, E. E. "Movements through a fish ladder: temporal patterns and motivations to move upstream." *Neotropical Ichthyology*, 5(2):161-167, 2007.

AGOSTINHO, A. A., GOMES, L. C. & PELICICE, F. M. *Ecologia e Manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil*. Maringá: EDUEM, 2007.

ALMEIDA JR., F.P *Análise das águas superficiais do rio das Almas e rio Abelhinha na Terra Indígena Xavante de Sangradouro-Volta Grande/MT: subsídios para o monitoramento Ambiental*. Rio Claro:IGCE/UNESP, 2002.

ANTONIK, M.M. O papel da queixada (*Tayassu pecari*) na manutenção da estrutura da floresta tropical. Tese de Mestrado. State University of New York. 2005.

ALTRTICHTER, M., DREWS C., CARRILLO E SÁENZ. Sex ratio and breeding of white lipped peccaries *Tayassu pecari* (Artiodactyla: Tayassuidae) in a Costa Rican rain Forest. *Rev. Biol. Tropical* 49 (1): 383-389 - 2001.

ARANDA, J. M. Importancia de los pecaries (*Tayassu* spp.) en la alimentacion del jaguar (*Panthera onca*). *Acta Zoologica de México* 62: 11-22. 1994.

ASSOCIAÇÃO XAVANTE WARÃ *Diagnóstico Etno-Ambiental da Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande*, Plano de Gestão Ambiental em Terras Indígenas.. Fundação Nacional do Meio Ambiente (FNMA), 2002.

ÁVILA, TH. Relatório “Populações Tradicionais Bacia do Araguaia”, *mimeo* 2007

BARBIERI, J. C. *Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos*. São Paulo, Ed. Saraiva, 2004.

BARRETO, G. R., HERNÁNDEZ, O. E. - Aspectos bioecológicos de los baquiros (*Tayassu tajacu* and *T. pecari*) en el estado Cojedes: estudio comparativo. Caracas: Facultad de Ciencias, Escuela de Biología, Universidad Central de Venezuela. 1988.

BIRRAUX-ZIEGLER *La Territorialité des Indiens Yamomami du Nord du Brésil: aspects ethnogeo graphiques e geopolitiques in: Ethnogeographia, L’Harmattan, 1995.*

BODMER, R. E., eds. *Manejo e Conservação de Vida Silvestre no Brasil*. MCT-CNPq, e Sociedade Civil Mamirauá, Belém, Pará, Brasil.

BODMER, R. E., Responses of ungulates to seasonal inundations in the Amazon floodplain. *J. of Tropical Ecology* 6, 191-201 - 1990.

BOTELHO, C.C. Hidrografia. *Geografia do Brasil-Grande Região Centro-Oeste*, Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

BONETTO A. A. “Fish of the Paraná system.” In Davies BR & Walker KF (eds), *The Ecology of River Systems*. Dordrecht : Dr. W. Junk Publishers.,1986, p. 573-588.

BONETTO, A. A., CASTELLO, H. P. *Pesca y piscicultura en aguas continentales de America Latina*. Washington, D. C.: Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos. Programa Regional de Desarrollo Científico y Tecnológico, 1985.

BORGES–BARTHEM, R., BRITO-RIBEIRO, M. C. L. de PETRERE, M., Jr. “Life strategies of some long-distance migratory catfish in relation to hidroelectric dams in Amazon Basin.” *Biological Conservation*, 55 (3): 339-345, 1991.

BOULINIER, T., J. D. NICHOLS, J. E. HINES, J. R. SAUER, C. H. FLATHER & K. H. POLLOCK. *Forest fragmentation and bird community dynamics: inference at regional scales*. *Ecology* 82: 1159-1169, 2001.

BRANCO, S.M. *O peixe em relação ao ambiente In: Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí-Pulição e Piscicultura: Notas sobre Poluição Ictiologia e Piscicultura*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, Instituto de Pesca-CPRN_S/A, 1972

-----*Poluição: A morte de nossos rios*. São Paulo: Ed. Ascetesb, 1983

_____ *Poluição e Piscicultura*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP e Instituto de Pesca, 1972.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA, Secretária-Geral. *Projeto RADAMBRASIL*. Folha SD.21 Cuiabá: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro: 1982. (Levantamento de Recursos Naturais, 26).

BRASIL – Ministério do Meio Ambiente. *Espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. Instrução Normativa n° 3, de 27 de maio de 2003*. Diário Oficial da União. de 28 de maio de 2003, n° 101, Seção 1. p.88-97.

BROOKS, T.M.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.; RYLANDS, A.B.; KONSTANT,W.R.; FLICK, P.; PILGRIM, J.; OLDFIELD, S.; MAGIN, G. & HILTON-TAYLOR, C. *Habitat loss and extinction in the hotspots of biodiversity*. *Conservation Biology*, 16: 909-923, 2002.

BUNT, C.M. “Fishway entrance modifications enhance fish attraction.” *Fisheries Management and Ecology*, 8: 95-105, 2001.

CARRARA, E. *Tsi Tewara: um vôo sobre o cerrado Xavante.* (Vol. I e II). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, 1997.

-----*Estudo de Impacto Ambiental - EIA Hidrovia: Araguaia-Tocantins* (Trecho: Rio das Mortes). Dezembro 1997.

CAROSFELD, J. “Evolução da questão de passagem para peixes: similaridades entre o Canadá e o Brasil.” In *Projeto Peixes, Pessoas e Águas. Mecanismos de Transposição de Peixes Brasileiros.* World Fisheries Trust, 2004.

CAROSFELD, J. & HARVEY B. “Fishes of the floods”. In J. Carosfeld, B. Harvey, C. Ross, & A. Baer (eds.), *Migratory Fishes of South America: Biology, Fisheries and Conservation Status.* Victoria: World Fisheries Trust/World Bank/IDRC, 2003, p. 3-11.

CARRILLO, E., Saenz. J. C e Fuller. T. K. 2002. Movements and activities of white-lipped peccaries in Corcovado National Park, Costa Rica. *Biological Conservation*, 108:317-324.

CASTRO DE OLIVEIRA, B. *Cultura e Natureza: um exemplo entre os Xavante da TI Sangradouro/Volta Grande-MT - Espaço e Cultura.* UERJ - RJ. n.23. p. 18-32. jan/jun de 2008.

COIMBRA Jr, C. E.A ; SANTOS, R. V; ESCOBAR, A. L (organizadores). *Perfis de Saúde Indígena. Tendências Nacionais e Contextos Locais a partir do caso Xavante, Mato Grosso.* Editora Fiocruz/ Abrasco. Rio de Janeiro, 2003.

CRAWSHAW, P. G. Jr. 1995. Comparative ecology of ocelot (*Felis pardalis*) and Jaguar (*Panthera onca*) in a protected subtropical forest in Brazil and Argentina. PhD.Thesis, University of Florida

CUNHA, MANUELA CARNEIRO et alli. *História dos Índios no Brasil. Dois Séculos e Meio de História Xavante.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DEJALON, D. G., MONTES, C., BARCELO, E., CASADO, C. & MENES, F. “Effects of hydroelectric scheme on fluvial ecosystems within the Spanish Pyrenees.” *Regulated Rivers*, 2: 479-491, 1988.

DESCOLA, Ph *Estrutura e Sentimento: a relação com o Animal na Amazônia*, MANA no. 4(1) 23-45, RJ, 1998

-----*A Selvageria Oculta*, In NOVAES, A (Org), *A Outra Margem do Ocidente*, Cia das Letras, 1999

-----*As Lanças do Crepúsculo: relações Jivaro na Alta Amazônia*, Cosac-Naify, São Paulo, 2006.

DIAMOND, J. M. & MAY, R. M.... *Island biogeography and the design of natural reserves*. pp. 163-186. In May, R. M. (ed.). *Theoretical ecology: principles and applications* (First Edition), Blackwell, Oxford, 1976.

DUGAN, P.J., BARLOW, C., AGOSTINHO, A. A, BARAN, E., CADA, G.F., CHEN, D., COWX, I.G., FERGUSON, J.W., JUTAGATE, T., MALLEN-COOPER, M., MARMULLA, G., NESTLER, J., PETRERE, M., WELCOMME, R.L., WINEMILLER, K.O., *Fish Migration, Dams, and Loss of Ecosystem Services in the Mekong Basin*. Royal Swedish Academy of Sciences - *AMBIO* 39:344–348, 2010

EISENBERG, J. F., Redford, K. H. The contemporary mammalian fauna. In: Eisenberg, J. F., Redford, K. H. (Eds.), *Mammals of the Neotropics*, Vol. 3, the central Neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil. The University of Chicago Press, Chicago, pp. 49-522 - 1999.

EMMONS, L. H., 1990. *Neotropical rainforest mammals, a field guide*. The University of Chicago Press, Chicago.

EPE-Engevix, Avaliação Ambiental Integrada da alternativa selecionada. Vol. X, Apêndice F. 2009.

ESTES, J. A. 1996. Predators and ecosystem management. *Wildlife Society Bulletin* 24: 390-396.

FAHRIG, L. *Effects of habitat fragmentation on biodiversity*. *Annu. Rev. Ecol. Syst.* 34: 487-515, 2003.

FERNANDEZ, D.R., AGOSTINHO, A.A, BINI, L.M. & PELICICE, F.M. “Diel variation in ascent of fishes up in an experimental fish ladder at Itaipu Reservoir: fish size, reproductive stage and taxonomic group influences.” *Neotropical Ichthyology*, 5(2):215-222, 2007.

FERRAZ, G.; RUSSELL, G.J.; STOUFFER, P.C.; BIERREGAARD Jr., R.O.; PIMM, S.L. & LOVEJOY, T.E. . *Rates of species loss from Amazonian forest fragments*. PNAS, 100: 14069-1407, 2003.

FERRAZ, I e MENDONÇA, P. *Relatório de identificação da TI Marãiwatsede*. Brasília, DAF/FUNAI, mimeo, 1992.

FIGUEIROA, E. *Convenção 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais*, *in* Garzón, B. (Org), DOC ISA 12, São Paulo, 2009

FRAGOSO, J. M. 1997. Queixadas e palmeiras na Ilha de Maracá. Pg 270-283 em C. V . Padua e R. E. Bodmer, Editores. *Manejo e Conservação da vida Silvestre no Brasil*. MCT-CNPq- Sociedade Civil de Mamirauá.

-----1998a. Home range and movement patterns of White-lipped peccary (*Tayassu pecari*) herds in the northern Brazilian Amazon. *Biotrópica*, 30 (3): 458-469.

-----1998b. White-lipped peccaries and palms on the Ilha de Maraca. In: W. Milliken & J.A. Ratter. (Eds.) *Maraca: The biodiversity and environment of an Amazonian Rainforest*, pp. 151-163. Royal Botanical Garden, Edinburgh.

-----1999. Perception of scale and resource partitioning by peccaries: behavioral causes and ecological implications. *Journal of Mammalogy* 80:993-1003.

FRAGOSO, J. M. V.; SILVIUS, K. M.; PRADA, M. *Manejo de fauna na Reserva Xavante Rio das Mortes: cultura indígena e método científico integrados para conservação*. Brasília: WWF. v.4. 68p., 2000.

FREIRE, C. A. *Sagas sertanistas: práticas e representações do campo indigenista no séc. XX* - Rio de Janeiro, Tese (doutorado) – UFRJ/ MN/ Programa de Pós-graduação em Antropologia Social UFRJ/MN/PPGAS, 2005.

GALLOIS, D. *Terras Ocupadas? Territórios? Territorialidades?* In: O desafio das sobreposições Terras Indígenas & Unidades de Conservação, ISA, 2004.

GIACCARIA, B. & HEIDE, A. *Xavante A'uwẽUptabi: Povo Autêntico*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1972.

GODINHO, H.P., GODINHO, A.L., FORMAGIO, P.S & TORQUATO, V.C. “Fish ladder efficiency in a southeastern Brazilian river.” *Ciência e cultura* 63-67, 1991.

GOMIDE, M. L. *MARANÃ BÖDÖDI - A territorialidade Xavante no Ró*. Tese de doutorado. Departamento de Geografia Humana, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2008.

GOODLAND, R e FERRI, M.G. *Ecologia do Cerrado*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1979.

GORE, J. A. “Hydrological change.” In Callow, P. & Petts, G. E. (eds.), *The rivers handbook. Hydrological and ecological principles*. Massachusetts: Blackwell Science, 1994, p:33-54.

_____. “Reservoir manipulations and benthic macroinvertebrates in a prairie river.” *Hydrobiologia*, **55**: 113-123, 1977.

GOULDING, M., SMITH, N. J. H., MAHAR, D. J. *Floods of fortune: ecology & economy along the Amazon*. New York: Columbia University Press, 1996.

GUERRA, J. T. & CUNHA, S. P. *Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.

HARRIS, L. D. *The fragmented forest: island biogeographic theory and the preservation of biotic diversity*. Univ. Chicago Press, Chicago, 1984.

HAHN, L, ENGLISH, K.K., CAROSFELD J., SILVA, L.G.M., LATINI, J.D., AGOSTINHO, A.A. & FERNANDEZ, D.R. “Preliminary assessment of fish passage through the Itaipu Canal using radio-telemetry techniques.” *Neotropical Ichthyology*, **5**(2):103-108, 2007.

HAHN, L. *Deslocamento de peixes migradores no rio Uruguai e Canal Lateral de Migração da barragem de Itaipu*. Tese de Doutorado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007.

HAYWARD, G. F.; PHILLIPSON, J. *Community structure and functional role of small mammals in ecosystems*. In: STODDART, D. M. (Ed.). *Ecology of small mammals*. London: Chapman and Hall. p. 135-211., 1979.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Almanaque Socioambiental 2005*. São Paulo: ISA, 2004

IUCN. **2011** *Red List of Threatened Species*. IUCN Species Survival Commission, Gland, Suíça e Cambridge, Reino Unido. Disponível em <// <http://www.iucnredlist.org/> > (acessado em outubro de 2011).

JÁCOMO, A.T.A. 2004. Ecologia, manejo e conservação do queixada *Tayassu pecari* no Parque Nacional das Emas e em propriedades rurais de seu entorno. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 28 pp.

JEPSEN, N., KOED, A., THORSTAD, E.B. & BARAS, E. “Surgical implantation of telemetry transmitters in fish: how much have we learned?” *Hydrobiologia* **483**: 239-248, 2002.

KAYSER, B. *As divisões do Espaço Geográfico nos Países Subdesenvolvidos*, Orientação, São Paulo, IGEOG-USP, 4: 25-30, 1969 (trad. De Nelson Lacorte).

KEUROGHLIAN, A. 2003. The response of peccaries to seasonal fluctuations in an isolated patch of tropical forest. PhD Dissertation. University of Nevada, Reno. 158 pp.

KILTIE, R. A., 1980. Seed predation and group size in rain forest peccaries. Ph.D. dissertation. Princeton Univ. Princeton, New Jersey.

KILTIE, R. A., TERBORGH, J., 1983. Observations on the behavior of rain forest peccaries in Peru: why do white-lipped peccaries form herds? *Z. Tierpsychol.* **62**, 241-255.

LEEUWENBERG, F. *Manejo de fauna cinegética na Reserva Indígena Xavante de Pimentel Barbosa, estado de Mato Grosso, Brasil.* Pp 233-238 in C. Vallardes-Padua and R.E. Bodmer, 1997a.

LEEUWENBERG, F. *Manejo adaptado para fauna cinegética en reservas comunales indígenas: El ejemplo Xavante.* Pp. 119-128 in T. G.Fang, R. E. Bodmer, R. Aquino and M. H.Valqui, eds. *Manejo de Fauna Silvestre en la Amazônia.* UNEP/University of Florida/UNDPGEF/In. 1997b.

LEEUWENBERG, F. *Análise Etno-Zoológica e Manejo da Fauna Cinegética na Reserva Indígena Xavante Rio das Mortes, aldeia Tenitipa, Mato Grosso, Brasil.* CPI/Brazil/WCI;WWF/Ga, Mato Grosso, 1994.

-----*Diagnóstico de caça e manejo da fauna cinegética com os índios Xavante, aldeia Etenhiritipá. Relatório 1991/1993.* Centro de Pesquisa Indígena. mimeo, Mato Grosso, 1995.

LEONEL, M. *A morte social dos rios: conflito, natureza e cultura na Aamazônia,* IAMA – Estudos/Ecologia, São Paulo, Ed. Perspectiva-FAPESP, 1998.

LIMA, D. & GOMIDE, M. L. *Relatório Projeto Petrobras, Associação Xavante Warã, 2005, mimeo.*

LIMA, J.E.S. *Projeto Mapas Hidrogeológicos. Folha Monte Azul, MG. CPRM, Brasília, 1992.*

LOPES, A.S. *Solos Sob Cerrado: características, propriedades e manejo.* Piracicaba: Ed. Instituto da Potassa & Fosfato, Instituto Internacional da Potassa, 1983.

LOPES DA SILVA, A. *Nomes e Amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê - Antropologia 6, FFLCH-USP, São Paulo, 1986.*

-----*Xavante: Casa, aldeia, chão, terra, vida.* In: Sylvia C. Novaes (org.), *Habitações Indígenas.* São Paulo: Editora Nobel, 1983.

LOPES, C.M., ALMEIDA, F.S., ORSI, M.L., BRITTO, G.C., SIROL, R.N. & SODRÉ, L.M.K. “Fish passage from Canoas Complex – Paranapanema River: Evaluation of genetic structure maintenance of *Salminus brasiliensis* (Pises, Characiformes).” *Neotropical Ichthyology*, 2007.

MAKRAKIS & SUZUKI, H. I. “Patterns of Colonization in Neotropical Reservoirs, and Prognose on Aging.” In Tundisi, J. G. & Straskrabas, M. (eds.), *Theoretical Reservoir Ecology and its Applications*, 1999.

MAKRAKIS, S., CAVICCHIOLI-MAKRAKIS, M., WAGNER, R.L., DIAS, J.H.P. & GOMES, L.C. “The fish ladder of the UHE Sergio Motta (Porto Primavera) Dam: is it an appropriate tool to mitigate impacts?” *Neotropical Ichthyology*, 2007a.

MAKRAKIS, S., GOMES, L.C., CAVICCHIOLI-MAKRAKIS, M & FERNANDEZ, D.R. “The Canal de Piracema at Itaipu Dam as a fishpass mechanism.” *Neotropical Ichthyology*, 2007b.

MALLEN-COOPER, M. & STUART, I. G. “Optimising Denil fishways for passage of small and large fishes.” *Fisheries Management and Ecology*, **14**: 61-71, 2007.

MARCH, I. 1996. El pecari labiado (Tayassu pecari). In: Oliver. W. L. R. (ed). Pigs, peccaries, and hippos: status survey and conservation action plan. Gland, Switzerland. IUCN. 56 pp.

MARGARIDO, T. C. C. 2001. Aspectos da história natural de *Tayassu pecari* (Link, 1795) (Artiodactyla, Tayassuidae) no Estado do Paraná, Sul do Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 109 pp.

MARIMON, B. *Estrutura, composição florística e etnobotânica de floresta monodominante no Vale do Araguaia*. Mato Grosso. UNB: Instituto. de Ciências Biológicas, 1998.

MARINHO-FILHO, J., RODRIGUES, F.H.G. & JUAREZ, K.M. *The Cerrado Mammals: Diversity, Ecology, and Natural history. In The Cerrados of Brazil: ecology and natural history of a Neotropical Savanna* (P.S. Oliveira & R.J. Marquis, Org.). Ed. Columbia University Press, New York, p.266-284., 2002.

MAYBURY-LEWIS, D. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1984.

MAYER, J. J., WETZEL, R. M., 1987. *Tayassu pecari*. *Mammalian Species* 293, 1-7.

MAYER, J. J., e BRANDT P. N. 1982. Identity, distribution, and natural history of the peccaries, Tayassuidae. Pp. 433-455, In: *Mammalian biology in South America* (M. A. Mares e H. H. Genoways (eds). Spec. Publ. Ser., Pymatuning Lab. Ecol., Univ. Pittsburgh, 6: 1-539.

MEDEIROS, S. *O dono dos sonhos: um estudo das narrativas do índio Xavante Jerônimo Tsawe*, Dissertação de Mestrado- FFLCH/USP, 1999.

MENDEZ, E., 1970. Los principales mamíferos silvestres de Panama. Zool. Lab. Commemorativo Gorgas, Ciudad de Panama, Panama.

MILNER-GULLAND, E.J.; BENNETT, E.L. & SCB, T. *Wild meat: the bigger picture. Trends in Ecology and Evolution*, 18: 351-357, 2003.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade na Amazônia brasileira – Brasília: MMA/SBF, 2001.

MÜLLER, R.P. “Mensagens visuais na ornamentação corporal Xavante”. In Lux Vidal (org.), *Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética.*, São Paulo: Estudio Nobel/EDUSP, 1984 .

-----“Ornamentação Corporal Xavante: código simbólico e expressão artística.”
In *Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros*. Ministério da Cultura /FUNARTE,1985.

NOMURA, H. *Dicionário dos peixes do Brasil*. Brasília: Ed. Editerra, 1984.

NÚCLEO DE CULTURA INDÍGENA. *Wamreme Za'ra, Nossa palavra: mito e história do povo Xavante*. São Paulo: SENAC, 1998.

ODUM, E. P. *Ecologia*. São Paulo: Ed. Interamericana, 1985.

OLDANI, N., MINOTTI, P., RODRIGUEZ, R., DELFINO, R. & BAIGÚN, C..
“Incidencia de factores ambientales en la abundancia y distribución de peces del río Paraná y su relación con los sistemas de transferencia de la represa de Yacyretá.” *Natura Neotropicalis* **32**(1): 41-48, 2001.

OLIVEIRA, A. U. *A fronteira Amazônica Mato-Grossense: Grilagem, Corrupção e Violência*. Tese de Livre Docência. Depto. de Geografia Humana. Vol. 1 e 2. FFLCH, Universidade de São Paulo, 1997.

OLMOS, F. 1993. Diet of sympatric brasilian caatinga peccary (Tayassu tajacu e T. pecari). *Journal of tropical Ecology*, 9:255-258.

OMS: *Padrões internacionais para a água de alimentação*. Trad. Rui Hugo do Rosário. Macau: Ed. Leal Senado, 1974.

PERES, C.A. *Synergistic effects of subsistence hunting and habitat fragmentation on amazonian forest vertebrates*. *Conservation Biology*, 15: 1490-1505. 2001.

PERES, C. A., 1996. Population status of white-lipped and collared peccaries in hunted and un hunted Amazonian forests. *Biological Conservation*, 77, 115-123.

PERRY, S.A. & PERRY, W.B. “Effects of experimental flow regulation on invertebrate drift and tranding in the Flathead and Kootenai Rivers, Montana, USA.” *Hydrobiologia*, **134**: 171-182, 1986.

PETREIRE-JR, M. “Fisheries in large tropical reservoirs in South America.” *Lakes & Reservoirs: Research and Management*, **2**: 111-133, 1996.

POFF, N. L., J.D. ALLAN, M.B. BAIN, J. R. KARR, K. L. PRESTEGAARD, B. D. RICHTER, R. E. SPARKS & J. C. STROMBERG. "The natural flow regime: a paradigm for river conservation and restoration." *Bioscience*, **47** (11): 769 – 784, 1997

POSEY D. & ELISABESTIKY, E. *Conceito de animais e seus espíritos em relação a doenças e suas curas entre os índios Kayapó da aldeia Gorotire*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, vol 7(1), Belém)PA), 1991.

RAVAGNANI, O.M. *A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos*, Faculdade de Ciências Sociais, UNESP, Araraquara(SP), 1991.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROCHA, E. C.; DALPONTE, J. C. *Composição e caracterização da fauna de mamíferos de médio e grande porte em uma pequena reserva de Cerrado em Mato Grosso, Brasil*. Revista *Árvore*, v.30, n.4, p.669-678, 2006.

ROCHA, E.C.; SILVA, E. *Composição da mastofauna de médio e grande porte na Reserva Indígena "Parabubure", Mato Grosso, Brasil*. R. *Árvore*, Viçosa-MG, v.33, n.3, p.451-459, 2009.

RURIÕ, L. e BIASE, S. H. *Daró IdzôÚhu Watsuú - A História da Aldeia Abelhinha*. São Paulo: Ed. Master Book, 2000.

SÁ, C. *Aldeia de São Marcos: transformações na habitação de uma comunidade Xavante*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1982.

SALES, P.N. *"Pressão e resistência: Os índios Tembê-Tenete-hara do alto rio Guamá e a relação com o território"*. Belém: UNAMA. 1999.

SANO, E. E.; ROSA, R.; BRITO, J. L. S.; FERREIRA, L. G. *Mapeamento semidetalhado do uso da terra do Bioma Cerrado*. Pesquisa Agropecuária Brasileira, vol. 43, n. 1, p. 153-156, 2008.

SANTILLI, M. "Propostas para uma Nova Política Indigenista". In: Carlos Alberto Ricardo (editor), *Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

SANTOS, E. *Peixes da água doce : Vida e costumes dos peixes do Brasil*. Bejo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Rev. Ed. São Paulo – EDUSP, 2002.

SANTOS, S.S.M. *Degradação Ambiental e seus efeitos sobre os seres vivos e Materiais*. R.G.B_ vol. 48, n 4, pp.31-45, 1987.

SÃO PAULO. *Mapeamento da vulnerabilidade e risco de poluição das águas subterrâneas no estado de São Paulo*. São Paulo: IG/CETESB/DAEE, 1997.

SATO, Y., CARDOSO E. L, AMORIM J. C. C. *Peixes das lagoas marginais do São Francisco a montante da represa de Três Marias (Minas Gerais)*. Brasília: Codevasf, 1987.

SBARDALOTTO, P. *Do primeiro encontro com os Xavante a demarcação das suas reservas*. Missão Salesiana, Campo Grande, 1996.

SCHALLER, G. B. 1983. Mammals and their biomass in a Brazilian ranch. *Arq. Zool*, 31:1-36.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. Coordenadoria de Educação Ambiental. *A Qualidade das águas: Manuais Ambientais*. São Paulo, março 1987

SEABRA, O. e MARTINS, S. M. A cidade sem infância no universo pioneiro da soja. In *Revista Travessia*, n. 15 jan/abr, 1993, p.19-21

SEWELL, G.H . *Administração e controle da Qualidade ambiental*. São Paulo: EDUSP/ CETESB, 1978.

SHAFER, C. L. *Nature reserves: island theory and conservation practice*. Smithsonian Institution Press, Washington. 1990.

SILVA, A.B. et al.. *Estudo hidrogeológico do carste da Jaíba, norte de Minas Gerais*. In II Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. Salvador, 1982.

SILVEIRA, L. 1999. Ecologia e conservação da comunidade de carnívoros do Parque Nacional das Emas, GO. Tese de Mestrado defendida na Universidade Federal de Goiás.

SNIKI, S . *Introdução: em busca de alternativas sustentáveis no processo de reestruturação global do sistema agroalimentar no domínio dos cerrados*, in Shiki S. - Sustentabilidade do sistema agroalimentar nos cerrados: entorno de Iraí de Minas. Uberlândia: EDUFU, 2000.

SOULÉ, M. E. ed.. *Viable populations for conservation*. Cambridge Univ. Press, Cambridge. 1987.

SOWLS, L. K. 1997. *Javelins and other peccaries: their biology, management, and use*. Texas A e M University Press. College Station. 20 ed. 325 pp

SUZUKI, J. C. Mato Grosso: na frente de ocupação, a determinação histórica da produção do espaço. In: 54^a Reunião Anual da SBPC, 2002, Goiânia. Anais/Resumos da 54 Reunião Anual da SBPC, 2002

TAYLOR, P.W. & ROBERTS, S.D. “Clove oil: An Alternative Anaesthetic for Aquaculture.” *North American Journal of Aquaculture*, **61**:150-155, 1999.

TROPMAIR, H. *Biogeografia e Meio Ambiente*. Rio Claro: UNESP 3^a edição, 1989.

TUNDSI, J. G., MATSUMARA-TUNDISI, T., CALIJURI, M. C. “Limnology and management of reservoirs in Brazil.” In Straskaba, M., Tundisi, J.G, Duncan, A. (eds.). *Comparative reservoir limnology and water quality management*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

VIEIRA F.o, J.P.B. *Problemas da aculturação alimentar dos Xavante e Bororo* - Revista de Antropologia, 24, FFLCH/USP, 1981

VIVEIROS DE CASTRO, E.B. *Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio*, MANA 2(2), RJ - 1996

-----*A Inconstância da Alma Selvagem e outros Ensaios de Antropologia*, Cosac-Naify, São Paulo, 2002.

WINTER, J.D. “Designing Telemetry Studies and Other Technical and Analytical Considerations.” In *Proceedings of the 15th International Symposium on Biotelemetry, Juneau, Alaska, USA, International Society on Biotelemetry*, Eiler JH, Alcorn DJ & Neuman MR (eds.). Wageningen: The Netherlands, 2000.

WOLSTEINS, A.R.P.; LIMA, E.M.; AMARAL, E.F.; BRAZ, E.M.; PINHEIRO, F.L.N.; FRANKE, I.L.; SANTOS, M.H. dos; SILVA, R.F. *Metodologia para o planejamento*,

implantação e monitoramento de projetos de assentamentos sustentáveis na Amazônia. Rio Branco: Embrapa-CPAF/AC/Incra/Funtac, 1998.

WRIGHT, R. (org) *Transformando os Deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil.* UNICAMP.